

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CASSANDRA SALTON CORADIN

CLORINDO TESTA:
A ARQUITETURA DA BIBLIOTECA NACIONAL
BUENOS AIRES, 1961-1996

PORTO ALEGRE
2009

CASSANDRA SALTON CORADIN

CJORINDO TESTA:
A ARQUITETURA DA BIBLIOTECA NACIONAL

BUENOS AIRES, 1961-1996

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA A OBTENÇÃO TÍTULO DE MESTRE PELO PROGRAMA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA – PROPAR,
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ORIENTADOR: CLÁUDIA PIANTÁ COSTA CABRAL

PORTO ALEGRE

2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, José Omar e Merilde Maria
Ao meu irmão, Cassiano

Dedico, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do PROPAR – UFRGS

Aos amigos e professores Carlos Hübner

Dalton Bernardes

Julio Ramos Collares

Luis Carlos Macchi Silva

Nara Helena Naumann Machado

Aos meus amigos Diogo Sant'Anna

Luciane Giacomet Barbosa

Maura Coradin Pandolfo

Mônica Luce Bohrer

Ao meu namorado Mauricio Porta Dalmás

À arquiteta Ana María Esther Miyno

E, especialmente, a minha orientadora Cláudia Piantá Costa Cabral

RESUMO

Clorindo Testa ocupa lugar de destaque no panorama da arquitetura argentina. Dada a sua longa produção arquitetônica - que se estende até a atualidade -, pode-se afirmar que a mesma é composta por fases distintas. Para exemplificar o primeiro período de sua carreira, destacam-se as obras que impulsionaram o seu reconhecimento profissional, tanto na Argentina, quanto internacionalmente, sendo elas: o Centro Cívico de Santa Rosa (1955-1976), o Banco de Londres (1960-1966) e a Biblioteca Nacional (1961-1996).

O presente trabalho tem por objetivo principal a análise sistemática do projeto da Biblioteca Nacional e de sua inserção urbana, assim como a apresentação dos momentos que compõem a história dessa edificação. Além disso, pretende-se apresentar Clorindo Testa e sua arquitetura nos primeiros anos de sua carreira, através de uma aproximação dos outros dois projetos supracitados, que também representam essa fase.

ABSTRACT

Clorindo Testa has occupied a remarkable place in Argentinean architecture. Given his extensive architectonic production – which has been extended until today –, one can say it has distinct phases. As examples from the first period of his career, we can highlight the works that have driven his professional acknowledgement both in Argentina and over the world: Santa Rosa Civic Center (1955-1976), Bank of London (1960-1966), and the National Library (1961-1996).

This work aims at systematically analyzing the project of the National Library and its urban insertion, as well as presenting the moments that have composed the history of this building. Besides that, we intend to present Clorindo Testa and his architecture in the early years of his career, through an approximation to the other two projects above mentioned, which are also representative of that phase.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CLORINDO TESTA.....	27
2.1. BIOGRAFIA	29
2.2. O “BETÓN BRUT” NA ARQUITETURA DE CLORINDO	37
2.2.1. CENTRO CÍVICO DE SANTA ROSA:1955-1976	43
2.2.2. BANCO DE LONDRES: 1960-1966	69
3. BIBLIOTECA NACIONAL	109
3.1 ANTECEDENTES, A FUNDAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA NACIONAL	111
3.1.1 A “QUINTA UNZUÉ”.....	115
3.2. DO CONCURSO À CONSTRUÇÃO: 1960 – 1992.....	119
3.2.1. O CONCURSO	119
3.2.2. DO ANTEPROJETO VENCEDOR AO PROJETO EXECUTIVO	129
3.2.3. O INÍCIO DAS OBRAS	201
3.2.4. O TÉRMINO DA CONSTRUÇÃO	219
4. CONCLUSÃO.....	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	235
ANEXOS	243

1. INTRODUÇÃO

Clorindo Testa ocupa lugar de destaque no panorama da arquitetura argentina. Forma-se arquiteto em 1948, na Universidade de Buenos Aires, e trabalha durante o ano seguinte no desenvolvimento do plano diretor da cidade, quando viaja para Itália onde procura aprimorar seu talento para a pintura. Retorna a Buenos Aires e participa de seu primeiro concurso de anteprojetos para a Câmara Argentina da Construção, em 1951. Vencedor, inicia uma seqüência de projetos, inclusive para concursos, sendo em muitos premiado.

Dada a longa produção arquitetônica de Testa - que se estende até a atualidade -, pode-se afirmar que a mesma é composta por fases distintas. No primeiro período de sua carreira, ficam evidentes as relações com a obra de Le Corbusier, expressadas através das semelhanças formais e de caráter funcional, além do uso expressivo do concreto armado aparente.

Fazem parte dessa fase as obras que garantiram a Clorindo Testa o reconhecimento da crítica de arquitetura argentina e internacional e que, coincidentemente, são também as obras que o próprio arquiteto considera de maior destaque dentro de sua trajetória arquitetônica: O Centro Cívico de Santa Rosa (1955-1976), o Banco de Londres e América do Sul (1960-1966) e a Biblioteca Nacional (1961-1996).

O estudo tem como foco principal o caso da Biblioteca Nacional. A solução arquitetônica do edifício foi escolhida por meio de um concurso de anteprojetos, realizado em 1961, cujo vencedor foi o projeto desenvolvido por Clorindo Testa, com a colaboração de Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga. A Biblioteca foi inaugurada 31 anos depois, contudo, somente em 1996 teve todas as suas dependências disponíveis para a comunidade.

A dissertação procura remontar a história projetual da Biblioteca Nacional, da ocasião do concurso ao desenvolvimento do projeto executivo e à realização da obra. Os procedimentos de investigação utilizados envolveram, além da pesquisa bibliográfica, a consulta



Fig. 01. Banco de Londres, vista da esquina das Ruas Bartolomé Mitre e Reconquista. (Fonte: Acervo da autora. Junho 2007.)



Fig. 02. Centro Cívico de Santa Rosa La Pampa, vista geral em 2005. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., **Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX.** Buenos Aires, Clarín, 2005.)

aos arquivos de Clorindo Testa e da própria Biblioteca Nacional, onde se teve acesso às bases desse concurso e às plantas baixas originais do projeto executivo de todos os pavimentos da edificação. Destaca-se que algumas plantas baixas, assim como elevações e corte, já haviam sido publicadas, mas não se encontrou publicado todo o conjunto de plantas baixas que compõem o projeto executivo desenvolvido em 1966. Sendo assim, para o entendimento global do projeto da Biblioteca Nacional, bem como para oferecer como material de consulta à comunidade, foi desenvolvido o redesenho das mesmas.

Desta forma, a pesquisa tem por objetivo principal a análise sistemática do projeto da Biblioteca Nacional e de sua inserção urbana, assim como a apresentação dos momentos que compõem a história dessa edificação.

Como objetivo secundário, pretende-se apresentar Clorindo Testa e sua arquitetura nos primeiros anos de sua carreira. Para tanto, far-se-á uma aproximação dos outros dois projetos que também representam essa fase: o Centro Cívico de Santa Rosa e o Banco de Londres.

Foram levantados diversos estudos críticos sobre a obra de Testa. Existem dois livros específicos que apresentam a trajetória do arquiteto e suas principais obras. São eles: *Clorindo Testa Architects*, de Manuel Cuadra, publicado em 2000, e *Clorindo Testa – pintor y arquitecto*, de Jorge Glusberg, publicado em 1999, que foram tomados como referência no desenvolvimento deste trabalho. Além da apresentação da vida e obra de Testa, as publicações comentam aspectos relacionados ao contexto arquitetônico dos anos que envolvem sua carreira e os antecedentes, e apresentam, também, a sua carreira artística.

Cabe destacar a revista *Summa*, número 183/184, de 1983, que foi desenvolvida especialmente para a apresentação da obra de Clorindo. Marina Waisman foi a responsável pela publicação que compila além de artigos sobre o arquiteto e sua produção, uma entrevista feita por Oriol Bohigas com Testa e apresenta ainda uma cronologia de todos os projetos desenvolvidos pelo arquiteto até aquele momento, sendo ilustrados e apresentados por meio de plantas baixas, cortes, perspectivas e fotos das obras concluídas. Entre os artigos encontram-se: *La obra de Testa: propuesta para una lectura*, de Marina Waisman, que faz uma abordagem crítica sobre a obra do arquiteto, apresentando diversos projetos, entre eles o Banco de Londres, a Biblioteca Nacional, o Centro Cívico de Santa Rosa e o Centro Cultural Recoleta; e o artigo de Alberto Petrina, *El imperio de los sentidos*, que segue os mesmos moldes do anterior, apresentando a carreira e obra de Testa.



Fig. 03. Vista da Biblioteca Nacional desde a Rua Áustria. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

No que concerne às interpretações gerais do conjunto da obra de Clorindo, pode-se citar como material referencial, o artigo publicado por Roberto Segre: *O realismo mágico na arquitetura argentina*, na revista *Arquitectura e Urbanismo*, de janeiro de 2003, e Fernando Diez em *Viaje al interior de Clorindo Testa*, na *Arqtexto* (UFRGS), volume 8, 2006.

Sobre a Biblioteca Nacional, objeto principal deste estudo, destacam-se algumas publicações que apresentam de modo mais abrangente e esclarecedor aspectos relevantes à edificação. Neste sentido, no que se refere à documentação do projeto arquitetônico, em especial, do projeto executivo desenvolvido por Clorindo Testa e seus colaboradores Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga, em 1966, destaca-se a revista *Summa*, número 11, de abril de 1968. Ela apresenta o memorial descritivo do projeto, as plantas baixas do projeto executivo - exceto as dos três subsolos, assim como a planta da Hemeroteca, da Escola de Bibliotecários e uma planta do térreo na mesma escala das demais -, um corte longitudinal e duas elevações, sendo uma delas voltada para a Av. del Libertador e a outra para a Rua Áustria.

Ressalta-se que alguns materiais que compuseram o anteprojeto desenvolvido na ocasião do concurso, em 1961 - a maquete, uma perspectiva e a planta baixa do pavimento térreo - podem ser encontrados no livro desenvolvido por Rolando H. Schere, *Concursos 1825 - 2006*, publicado pela *Sociedad Central de Arquitectos*, em Buenos Aires, 2008. Este livro compila textos e documentos de concursos públicos desenvolvidos na Argentina entre os anos 1825 e 2006.

Sobre o projeto estrutural da Biblioteca Nacional - desenvolvido em conjunto com o projeto executivo de 1966 -, destaca-se o material apresentado na revista *Construcciones*, número 262, de novembro e dezembro de 1976. Neste, primeiramente, é apresentado o projeto estrutural desenvolvido para a edificação por meio de um texto. Posteriormente, tendo em vista que nesta data a obra se encontrava em desenvolvimento, são apresentados aspectos construtivos referentes a sua execução, assim como algumas imagens da mesma.

Entre os textos críticos mais relevantes para o entendimento do concurso de anteprojetos desenvolvido para a escolha do novo prédio para a Biblioteca Nacional, em 1961, destaca-se a revista *Materiales*, número 1, publicada em 1982, que reúne os seguintes artigos: *Alpargatas no. Libros si*, de Francisco Lienur; *Simbolismo y Modernidad*, de Fernando Aliata, *El sistema de concursos*, de Anahí Ballent, e *El proyecto tardo-romantico de la cultura em la Argentina moderna*, de Jorge Mele. Estes textos fazem referência

não só ao projeto vencedor, mas apresentam também os demais premiados, além de aspectos referentes ao sistema do concurso proposto.

Para entendimento da história da Biblioteca, assim como esclarecimentos dos acontecimentos mais recentes sobre a edificação, destaca-se o texto desenvolvido pela arquiteta responsável pelo Patrimônio Histórico da Biblioteca Nacional, Ana María Esther Miyno, e seu colega Pablo Javier Sanmarti: *Un edificio para la Biblioteca Nacional*, publicado em agosto de 2005, no *Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos*, em Buenos Aires.

Referente aos artigos monográficos tratando de obras específicas do arquiteto, ressaltam-se as publicações sobre as obras que se inserem no início da carreira de Testa e que foram escolhidas para serem apresentadas no presente estudo: o Centro Cívico de Santa Rosa e o Banco de Londres.

Sobre o Centro Cívico de Santa Rosa, destacam-se os artigos produzidos por Cláudia Cabral, sendo eles: *Notes on the Unfinished Modern Monument: Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa*. In: *Proceedings of the 10th International Docomomo Conference. The Challenge of Change. Dealing with the Legacy of the Modern Movement*. Rotterdam, IOS Press, 2008, *Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)*. In: VII Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. *Anais do VII Seminário Docomomo Brasil. O moderno já passado, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitetura*. Porto Alegre: PROPARG-UFRRGS, 2007, e *Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963*. In: II Seminário Docomomo Sul, 2008, Porto Alegre. *Concreto. Plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul americano*. Porto Alegre: PROPARG/UFRRGS, 2008.

Sobre o Banco de Londres, destacam-se os seguintes artigos: *Memorandum latinoamericano: la ejemplaridad arquitectónica de lo marginal – La selva de piedra: Banco de Londres, Buenos Aires, Argentina, 1958-1966*, publicado por Carlos Eduardo Comas, na revista *2G*, número 8, em 1998, que apresenta o Banco sob um ponto de vista crítico, além de relacionar e questionar aspectos relevantes do projeto; o texto desenvolvido por Horacio Reggini - um dos engenheiros responsáveis pelo cálculo estrutural do Banco de Londres -, *Structural engineering solution for the building of the Bank of London & South America in Buenos Aires*, publicado pelo Departamento de Engenharia Civil do Massachusetts Institute of Technology – Cambridge; e o artigo desenvolvido pelo engenheiro José Manuel Pedregal, *Sobre la concepción estructural del Banco de*

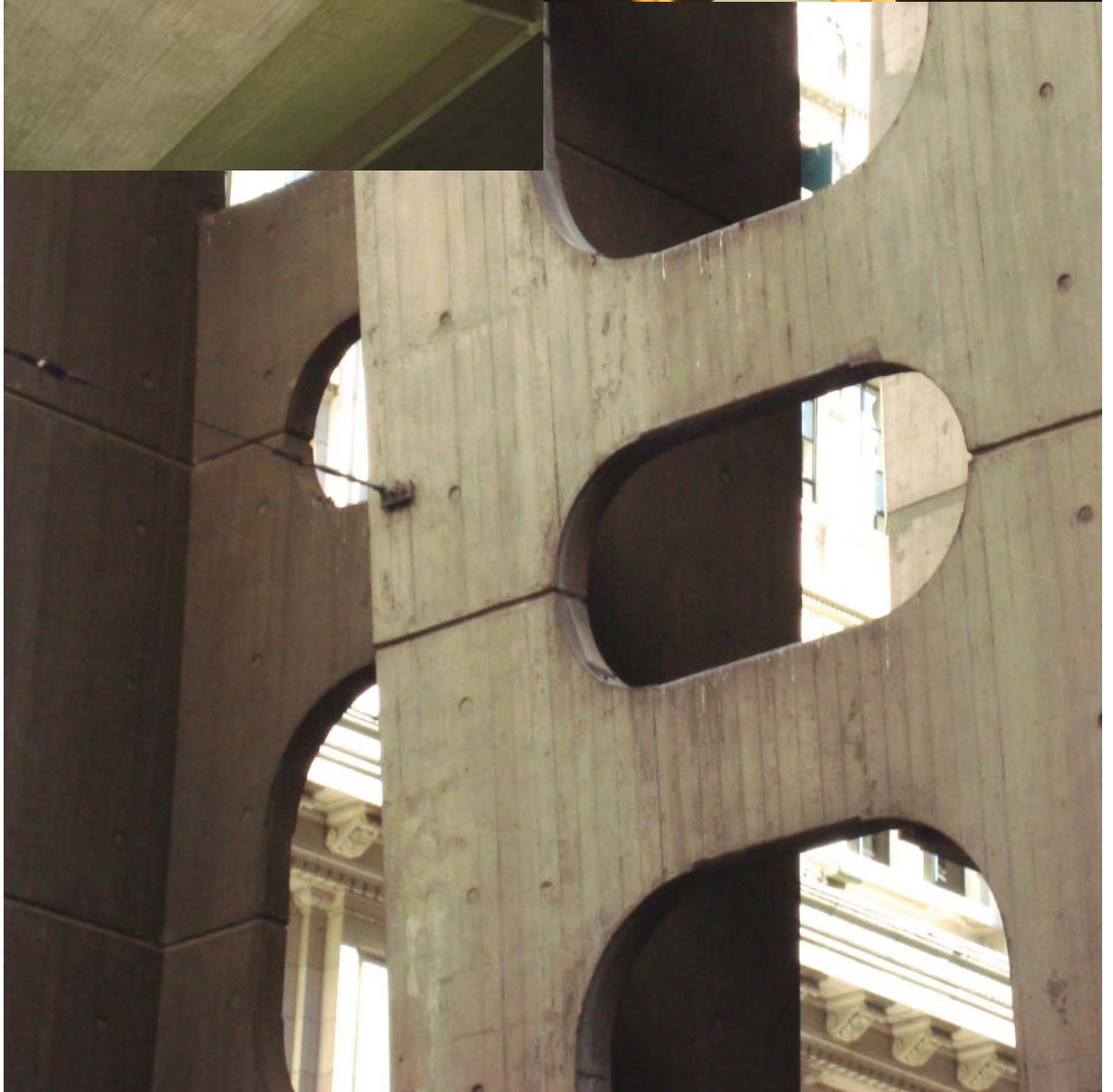


Fig. 04. Centro Cívico de Santa Rosa La Pampa. Cobertura espacial da esplanada. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., **Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX.** Buenos Aires, Clarín, 2005.)

Fig. 05. Banco de Londres. Detalhe da malha externa de concreto. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 06. Biblioteca Nacional. Detalhe exterior (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Londres, publicado na revista *Summa*, número 6/7, em 1966, onde desenvolve uma apresentação dos aspectos tectônicos e estruturais do Banco.

No âmbito geral da pesquisa sobre a arquitetura argentina foi tomado como referência, principalmente, o livro de Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*, publicado em 2001, que traça uma linha de pensamento sobre a construção da modernidade na Argentina compreendida entre os anos 1880 e 2000.

Ressalta-se que a complementação do material bibliográfico, disponível nas bibliotecas e livrarias locais, envolveu a consulta de bibliotecas na capital argentina. Sendo assim, realizaram-se duas viagens para coleta e pesquisa de materiais, assim como para formação de um acervo fotográfico próprio. Nessas ocasiões, se tornou possível a realização de uma entrevista com o arquiteto Clorindo Testa e com um dos engenheiros responsáveis pelo cálculo estrutural das abras aqui desveladas, Horacio Reggini.

Em junho de 2007, foi feita a primeira viagem a Buenos Aires, onde foram visitadas as bibliotecas da Sociedade Central de Arquitetos (SCA); do Conselho Profissional de Arquitetura (CPAU); da Faculdade de Arquitetura, Desenho e Urbanismo da Universidade de Buenos Aires (FADU-UBA) e a própria Biblioteca Nacional.

Destaca-se que, neste momento, além de ampliar a bibliografia sobre o tema, teve-se acesso às bases do concurso da Biblioteca, objeto principal desse estudo, mas também das bases dos outros dois projetos que serão apresentados: Banco de Londres e Centro Cívico de Santa Rosa.

Posteriormente, tendo sido concluída a revisão bibliográfica deste material, em maio de 2009, uma segunda visita foi feita a Buenos Aires. Nesta ocasião, o objetivo da investigação não se focava tanto na consulta às bibliotecas, apesar de todas elas terem sido revisitadas, mas sim no contato com profissionais que participaram do desenvolvimento dos projetos – o arquiteto Clorindo Testa e o engenheiro responsável pelo cálculo das mesmas, Horacio Reggini. As entrevistas foram realizadas nos escritórios dos profissionais, ambos localizados em Buenos Aires, nos dias seis e sete de maio de 2009, respectivamente. Também nesta visita à cidade, foi executado o levantamento fotográfico das duas obras localizadas na mesma – a Biblioteca Nacional e o Banco de Londres -, bem como a apuração de dados pertinentes ao desenvolvimento do trabalho.

Sendo assim, o presente trabalho fica dividido basicamente em dois capítulos principais: primeiramente, tratar-se-á da vida e obra do arquiteto – e artista – Clorindo Testa, enfatizando principalmente, a sua formação como arquiteto, suas influências e precedentes arquitetônicos. Neste, também serão apresentadas as obras cujas características parecem formar um conjunto de idéias e composições almejadas nos primeiros anos de sua carreira: o Centro Cívico de Santa Rosa, e o Banco de Londres; posteriormente, far-se-á uma análise sistemática do projeto da Biblioteca Nacional e de sua inserção, além de remontar sua história projetual.



Fig. 07. Clorindo Testa, em seu escritório, explicando sua obra à autora do presente trabalho, em 5 de maio de 2009.

2. CLORINDO TESTA

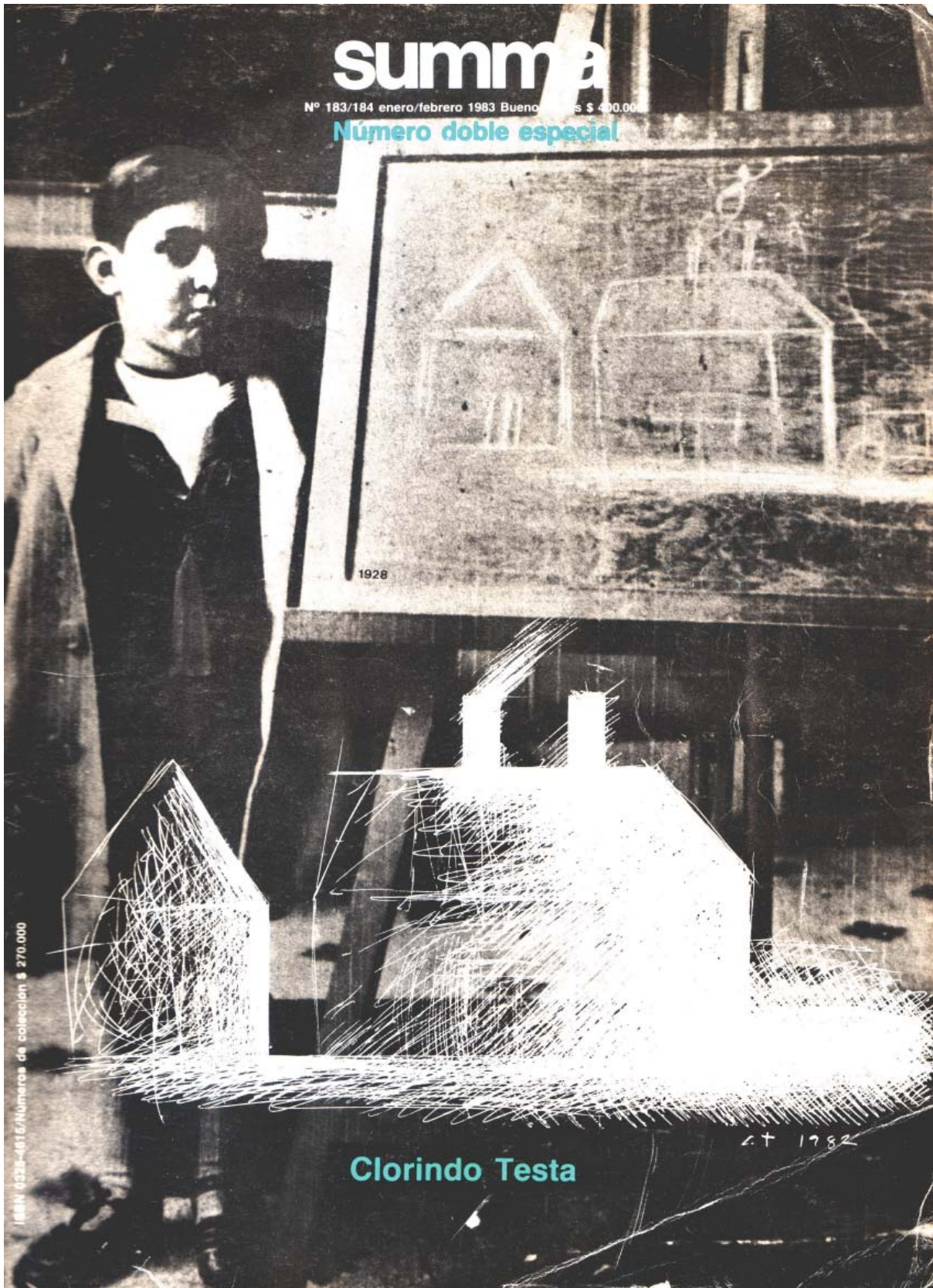


Fig. 01. Capa da revista Summa, número 183/184 de 1983. Clorindo Testa aos 6 anos de idade.

2.1. BIOGRAFIA

Clorindo Testa nasce em 10 de dezembro de 1923, na cidade de Nápoles na Itália.

Seu pai, Giovanni Andrea Testa, residia em “Ceppaloni”, uma vila de cinco mil habitantes no Vale Caudino, doze quilômetros da capital da província de Benevento. Emigra para a Argentina em 1911, com vinte e sete anos, e retorna para sua terra para defendê-la na Primeira Guerra Mundial. Em 1920, volta a Buenos Aires e segue seus estudos para tornar-se médico. Um ano depois, casa-se e, juntamente com sua mulher grávida, volta para Itália em 1923, “pois meu pai, talvez por romantismo, queria que eu nascesse na Itália”,¹ assinala Clorindo Testa, que é registrado em Ceppaloni, mas nasce em Nápoles, dadas as qualidades da estrutura médica local. Três ou quatro meses depois a família retorna à Argentina.²

A família da mãe de Testa, Esther Manuela García, vivia em um vilarejo próximo de Santiago de Compostela. Seu avô emigra para a Argentina em 1880, e se estabelece em Santa Rosa, capital da província de La Pampa. Em 1910, a família García se transfere para a capital portenha e uma década depois, Esther se encontra com Giovanni.³

Aos quatorze anos, com o auxílio de ferramentas que lhe foram presenteadas, Testa começa a construir pequenos barcos. Este hobby o induz a ingressar na Universidade Nacional de La Plata para seguir a carreira de Engenharia Naval, contudo, tempos depois se interessa pela Engenharia Civil e ingressa neste curso na Universidade de Buenos Aires. Descontente, ao final do primeiro ano do curso, resolve estudar na Escola de Arquitetura, em 1942, “um pouco por casualidade”, segundo ele mesmo - “sem estar seguro que seria realmente o que eu iria gostar de fazer”.⁴

1. GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.12.

2. CUADRA, M. **Clorindo Testa Architects**. Rotterdam: NAI Publishers, 2000.p.15.

3. Idem.

4. GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.12.

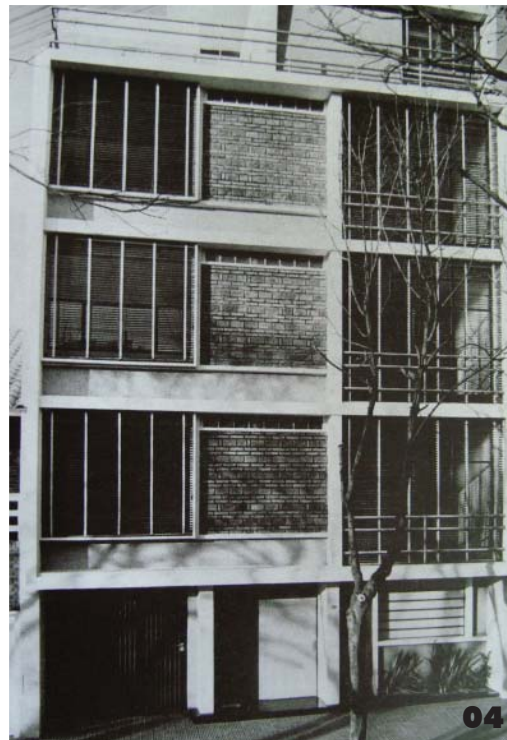
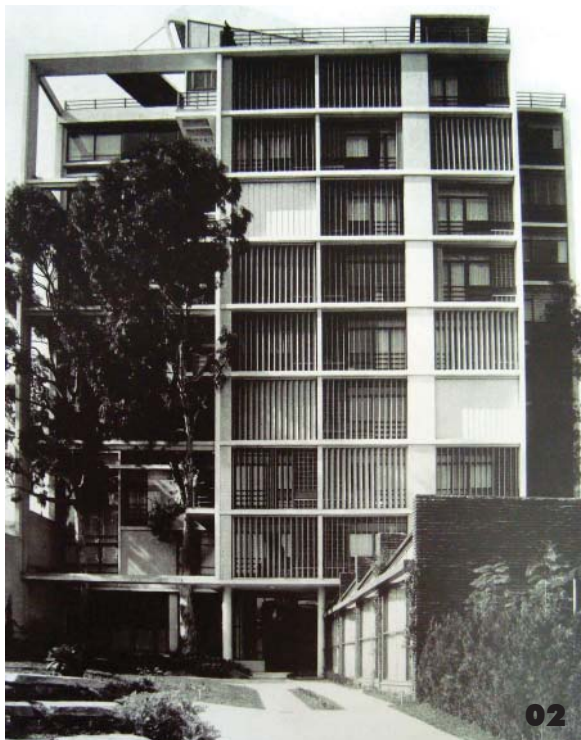


Fig. 02. Edifício "Los Eucaliptos", de Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan. Buenos Aires. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)
Fig. 03. Casa sobre o Rio, de Amâncio Williams. (Fonte: disponível em www.newtownblues.wordpress.com)
Fig. 04. Edifício na Rua O'Higgins, de Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan. Buenos Aires. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)
Fig. 05. Casa Curuchet. La Plata, Argentina. (Fonte: Acervo da autora. Junho 2005).
Fig. 06. Vista frontal da casa Berlingieri, de Antonio Bonet. (Fonte: Hitchcock, Henry-Russell. *Latin american architecture since 1945*, New York, Moma, 1955.)

Sabe-se que nesses anos, cujo contexto engloba o final da Segunda Guerra Mundial, muitos debates enfatizam o desenvolvimento de uma nova arquitetura, dentro de uma discussão sobre o uso racional das formas e, principalmente, dos meios técnicos disponíveis. Neste momento surgem na Argentina profissionais que, segundo Francisco Bullrich⁵, poderiam ser enquadrados como uma primeira geração de arquitetos modernos do país, cujos trabalhos estariam datados, principalmente, entre os anos 40 e 50. Posteriormente, surgiria uma segunda geração.

Como exemplo da primeira geração, o autor coloca em destaque o Grupo Austral cujos componentes são: Antonio Bonet, Jorge Ferrari Hardoy, Juan Kurchan, Itala Fulvia Villa, Hilario Zalba, Amancio Williams, Mario Roberto Alvarez, Jorge Vivanco, entre outros; além do escritório SEPPA, formado por Federico Peralta Ramos, Santiago Sánchez Elia e Alfredo Agostini. Segundo Liernur, quando se afirma que esses arquitetos iniciaram a história da arquitetura moderna argentina, exagera-se; contudo, não se erra substancialmente.⁶

Amancio Williams é, provavelmente, o que mais produz dentro desta primeira geração, embora sua obra construída seja pouco extensa. Entre os seus projetos executados, um dos mais conhecidos é “Casa sobre o rio”, em Mar del Plata, onde vale-se do uso do concreto para sintetizar a forma arquitetônica e a estrutura. Williams também desenvolve a execução do projeto da casa para o Dr. Curuchet, em La Plata, projetada por Le Corbusier⁷. Segundo Liernur, o arquiteto francês desenvolve o projeto preocupando-se com as condições físicas pré-existentes e com o tecido urbano local, procurando estabelecer uma integração de termos antagônicos, tais como interrupção e continuidade, agressão e respeito.⁸

O Grupo Austral merece destaque nesse contexto argentino. Em 1939, desenvolve o manifesto “Voluntad y acción”, publicado pela revista “Nuestra arquitectura”. Neste texto, o grupo reconsidera, principalmente, a ortodoxia funcional moderna e o uso de repetidas formas, como se fossem fórmulas de edificar. Além disso, compartilham a sen-

5. BULLRICH, F. **Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana**. Barcelona: Editorial Blume, 1969. p.30.

6. LIERNUR, J. F. **Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001.p.229.

7. Williams segue no acompanhamento da obra até 1953, quando passa o encargo ao arquiteto, residente em La Plata, Simón Ungar. (fonte: LIERNUR, J. F. **Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001.p.255.)

8. LIERNUR, J. F. **Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001.p.255.

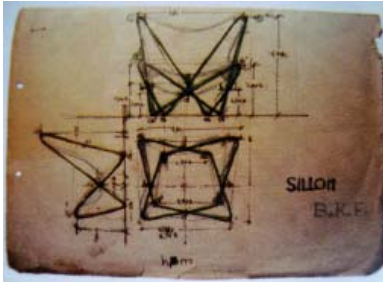


Fig. 07. Croquis da Poltrona BKF, também conhecida como "Butterfly", desenvolvida por Antonio Bonet, Juan Kurchan e Jorge Ferrari-Hardoy. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)



Fig. 08. Juan Kurchan na poltrona BKF. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)

sação de separação entre a arte e a vida e entre a arquitetura e a sociedade.

Segundo Liernur⁹, o Grupo Austral teve como objetivo uma transformação da arquitetura. Seus integrantes estavam convencidos de que isso exigiria organizar um vasto conjunto da economia e da cultura, capazes de mobilizar a opinião pública e de gerar novos programas, novas formas de ocupação do espaço e uma acelerada modernização dos sistemas produtivos. A existência formal do grupo se prolonga entre setembro, outubro de 1937 e julho de 1941. A dissolução do grupo acontece pouco a pouco, sem deixar que houvesse uma conclusão formal.

Enfatiza-se o estreito vínculo entre os arquitetos que compunham o Grupo Austral e Le Corbusier. Entre os anos de 1938 e 1939, o arquiteto francês desenvolve o novo Plano Diretor de Buenos Aires com o auxílio de Kurchan e Hardoy, contudo, com o início da Segunda Guerra o projeto fica em "stand by". Somente em 1947 os arquitetos Antonio Bonet, Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan retomam os estudos do Plano Diretor da cidade, contando com a assessoria de Ernesto Rogers. Entre outros colaboradores do projeto estava o recém formado arquiteto Clorindo Testa.¹⁰

Testa estava trabalhando na "Oficina del Plan Regulador" quando a Universidade de Buenos Aires o convida para uma viagem de estudos na Itália. O convite foi inesperado, pois somente os dez melhores alunos do curso seriam convidados, e seu

9. LIERNUR, J. F. *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001. p.229.

10. BULLRICH, F. *Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana*. Barcelona: Editorial Blume, 1969. p. 30.

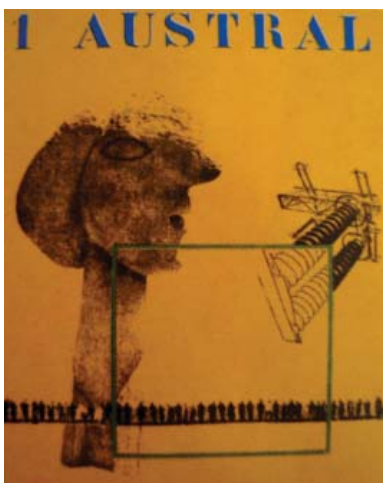


Fig. 09. Capa do suplemento “Austral”, publicado na revista “Nuestra arquitectura”. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)



Fig. 10. Vista frontal do Parador La Solana, em Punta Ballena, de Antonio Bonet. (Fonte: Jorge Francisco Liernur, *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires, 2001.)

nome não constava nesse grupo. Sendo assim, o grupo parte em 1949 e retorna a Buenos Aires três meses depois. Contudo, Testa não volta com seus colegas, e estende sua estadia na Europa por dois anos. Ele aproveita para visitar sua avó, em Ceppaloni, e, posteriormente, vai para Roma, onde passa maior parte de seu tempo. Viaja para vários destinos, como França e Espanha, mas, segundo ele mesmo, não detém-se ao estudo da arquitetura todo o tempo, simplesmente a digeriu ao observá-la.

Nesses tempos, Testa desenvolve uma série de desenhos com temas de trens abandonados e antigos vilarejos. Ele não faz qualquer curso de arte, somente desenha o que vivencia na Europa. Contudo, a ambição de Testa como pintor começa a ser mais aguçada quando ele encontra Ramón Vásquez Molezún. Ambos compartilham o amor pelas artes e viagens e em uma delas, Testa produz seus primeiros desenhos artísticos, onde representa mais que imagens de viagens, mas visões alternativas de locais visitados, propostos com a sua verdade e assinatura pessoal.

Em uma das viagens, os jovens vão a Veneza, onde encontram Ernesto Rogers, com quem Testa havia trabalhado anos antes em Buenos Aires, na “Oficina del Plan Regulador”. Rogers convida-o para trabalhar no escritório dele, o BBPR, em Milão. Três meses depois, Testa vai para Milão, juntamente com seu amigo espanhol, onde desenvolve alguns trabalhos como arquiteto e produz desenhos artísticos profissionalmente. Mas relembra o convite feito por Rogers somente quando retorna a Buenos Aires. Acredita que seu inconsciente fez a escolha de sua vida, que foi voltar para a Argentina, pois

se tivesse se lembrado do convite de Rogers, talvez o tivesse aceitado e até, quem sabe, se estabelecido definitivamente por lá.

Entre esses encontros e desencontros, pode-se falar que especialmente um foi de grande importância para ele. Em Roma, Testa encontra Frans Van Riel. Entusiasmado com os desenhos de Testa, Van Riel o convida para expor na galeria de arte de seu pai, em Buenos Aires. Sendo assim, retorna a Buenos Aires em 1951 e, no ano seguinte, faz sua primeira exposição na galeria.

Testa expõe seus desenhos no outono de 1952, com alguns óleos, nos quais prevalece o figurativismo. Pontes, máquinas, gasômetros e antenas, aparecem pintadas sobre telas com simplicidade e precisão. No ano seguinte, apresenta sua segunda amostra na mesma galeria, valendo-se do mesmo figurativismo, contudo, expresso por gruas, botes, bicicletas, ventiladores, etc. Segundo Glusberg¹¹, Testa manteve-se adepto aos motivos de maquinários, no entanto os grafismos começam a inserir uma concepção menos descritiva. A partir de então, o artista decide se afastar da figuração em busca das formas abstratas.

Por volta de 1957, Testa suprime de seus quadros todo e qualquer vestígio figurativo e começa a abrir mão do uso da cor. O uso das cores branca, preta e cinza ficam, definitivamente, evidenciadas em sua produção a partir de 1960. Nesses anos, ganha importantes prêmios, como o 1º lugar na Bienal de Punta del Este, em 1957. Um ano mais tarde, recebe distinção com medalha de ouro na Exposição Universal de Bruxelas, e integra o “Grupo de los Cinco o Independientes” com José Antonio Fernández Muro, Sarah Grilo, Miguel Ocampo e Kasuya Sakai. O grupo expõe uma mostra coletiva, em 1960, no Museu Nacional de Belas Artes. Em 1961, Testa recebe o “Premio Internacional Torcuato Di Tella” e em 1965, é laureado na “II Bienal Latinoamericana Kaiser”, de Córdoba.

Ressalta-se que, concomitantemente ao desenvolvimento de sua produção artística, Testa se mantém na carreira arquitetônica. De modo geral, Glusberg¹² afirma que tanto a arte, quanto a arquitetura, são para Testa duas vias concorrentes de entendimento e conhecimento, de expressão e comunicação. Para o autor, a ideologia de Clorindo consiste em criar espaços onde a arte pode viver no homem e o homem pode viver na arquitetura. Assim, a arte e a arquitetura se retro-alimentando. Complementa seu pen-

11. GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.13.

12. GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.17.



Fig. 11. Clorindo Testa. (Acervo da autora. Maio 2009.)

samento definindo os espaços projetados pelo arquiteto como, em última instância, espaços éticos, onde as formas estéticas se encontram animadas por um espírito de liberdade, ousadia, paixão, e crítica. E continua:

“Pode-se dizer que para Testa a alternância entre arte e arquitetura não existe, pois ele faz arte em arquitetura e arquitetura em arte. É o trânsito inventivo e constante por um território único, indivisível, próprio. Assim, em sua consciência imaginativa, as representações arquitetônicas e as artísticas ocupam o mesmo lugar, de maneira sucessiva mas também simultânea.”⁹

E, fortalecendo esse parecer, segundo Rosa Maria Ravera:

“Testa é um pintor, mas não mais de cavalete, sua pintura parece ser como uma inscrição que tanto pode depositar-se sobre uma tela, em papéis, em um complexo projeto arquitetônico, ou em um bloco de desenho. A pintura não fica limitada ao objeto pictórico concebido como um quadro e se estende ao desenho, ao projeto, a arquitetura e ao objeto”.¹³

Tratando-se da carreira do arquiteto Clorindo Testa, ao retornar da Itália, em 1951, ele se agrega à Direção de Urbanismo do município, vinculada com o “Plan Regulador”. Mas, com o vai-e-vem da política argentina, o plano não segue em frente. Tempo depois, une-se a três amigos - e também arquitetos -, Boris Dabinovic, Francisco Rossi e Augusto Gaido, que lhe propõem montar uma equipe para participar do concurso para a sede da Câmara Argentina da Construção. Obtêm o primeiro prêmio em 1951. A partir daí, iniciam uma seqüência de projetos juntos e em 1953, recebem o terceiro lugar pelo “Centro de vacaciones para cinco mil personas”; em 1954, o quarto lugar pelo projeto para o Município de Córdoba, entre outros.¹⁴

13. RAVERA, R.M. in GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.17.

14. Ver cronologia das Obras/projetos de destaque de Clorindo Testa nos primeiros anos de sua carreira, em anexo.



Fig. 12. Centro Cívico de Santa Rosa. Palácio Legislativo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 13. Biblioteca Nacional. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

2.2. O “BETÓN BRUT” NA ARQUITETURA DE CLORINDO

A valorização do concreto aparente surge como principal característica das obras de Clorindo Testa, projetadas no início de sua carreira. Neste sentido, acredita-se que a cada novo projeto desenvolvido pelo arquiteto, valendo-se do uso do material, ele avança seus estudos sobre o mesmo, principalmente no que tange aos princípios de resistência e plasticidade, culminando em projetos onde a forma, a estrutura e a funcionalidade se ajustam e criam edificações de caráter próprio.

Segundo Liernur, o concreto armado havia substituído o ferro como material estrutural entre os anos 30 e 40, graças à consolidação da produção nacional de cimento e à hegemonia das grandes empresas alemãs na indústria da construção argentina.¹⁵ Quando contextualiza os acontecimentos dos anos 50 e 60, Liernur explica de que modo o brutalismo constituiu uma interessante saída para a situação econômica desfavorável, um “caminho intermediário entre a renúncia regionalista e o eficientismo internacionalista”, sendo capaz de diminuir os interesses em vanguardismos tecnológicos e encorajar respostas mais adequadas às limitações locais.¹⁶

Contudo, ressalta-se que, como se sabe, o termo “brutalismo” está longe de configurar um conceito unânime, uma vez que diferentes atribuições lhe são conferidas. Não cabe a esse estudo uma discussão sobre essa aceção, mas considera-se válida uma breve aproximação no que tange ao seu uso relacionado aos primeiros projetos do arquiteto Clorindo Testa.

Durante o desenvolvimento do estudo sobre o tema “brutalismo”, Zein¹⁷ explora as definições e as desembaralha em ordem cronologicamente direta. Nesta aproximação, a autora trata como “primeiro brutalismo”, o desenvolvido por Le corbusier no período pós Segunda Guerra Mundial, a partir da *Unité d’Habitation* de Marselha, prolongan-

15. LIERNUR, J. F. *Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad*. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001. p.220.

16. Idem. p. 257.

17. ZEIN, R. V. *Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)*. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq084/arq084_00.asp

do-se nessa última fase de sua arquitetura. Nesta acepção, o termo “Brutalismo” seria designativo do uso do *béton brut*, concreto aparente - “*cujas possibilidades plásticas são potencializadas por meio de um conjunto característico de pequenos e macro detalhes.*”¹⁸ Essa seria, de fato, a denominação original, ou primeira, dada ao termo brutalismo, como admite o próprio Reyner Banham¹⁹. Contudo, segundo a autora citada anteriormente, não se aplica essa acepção, “primeiro brutalismo”, como tendência,



Fig. 14. Banco de Londres (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

18. ZEIN, R. V. **A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 193-1973**. Tese de doutoramento, PROPAR-UFRGS, 2005. p.14.

19. BANHAM, R. **The new brutalism: ethic or aesthetic?** Londres: Architectural Press, 1966.



Fig. 15. Palácio da Assembléia, Chandigarh. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr)



Fig. 16. Secretariado, Chandigarh. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr)



Fig. 17. Unite d'Habitation, Marseille. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr)



Fig. 18. Convento La Tourette, Eveux-sur-l'Arbresle. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr)

mas como exemplo que determina variadas concepções na atividade arquitetônica na segunda metade do século XX. Para ela, a utilização de uma superfície de concreto armado aparente seria muito pouco para conformar uma tendência, tão pouco um estilo, já que nem mesmo esse requisito seria fixo, havendo sido confirmadas obras ditas brutalistas, por exemplo, em alvenaria de tijolos. Contudo, demonstra a possibilidade das obras conformarem um conjunto e assim acredita que não parece ser difícil admitir e indicar algumas obras “brutalistas”, dadas as características arquitetônicas e construtivas.²⁰

Dessa maneira, o termo segue sendo usado e valorizado:

Para dizer de outra maneira, pode-se simplesmente afirmar, com base nos fatos, que determinadas obras serão brutalistas, apenas e suficientemente porque parecem ser; e que o que determina sua aproximação e inserção na tendência não é sua essência, mas sua aparência, não é seu íntimo, mas sua superfície, não são suas características intrínsecas, mas suas manifestações extrínsecas.²¹

Dado o exposto, prefere-se afirmar que os projetos desenvolvidos por Testa nos primeiros anos de sua carreira, são inspirados na obra de Le Corbusier, ou então, que se valem do exemplo da arquitetura do francês, pós Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, o uso do concreto aparente e a exploração deliberada da textura do material, reforçada pelas linhas marcadas pelas formas - além das semelhanças formais e o caráter funcional - são as principais características dessa inspiração, não

20. ZEIN, R. V. **Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado).** Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq084/arq084_00.asp p.9.

21. Idem. p.10.

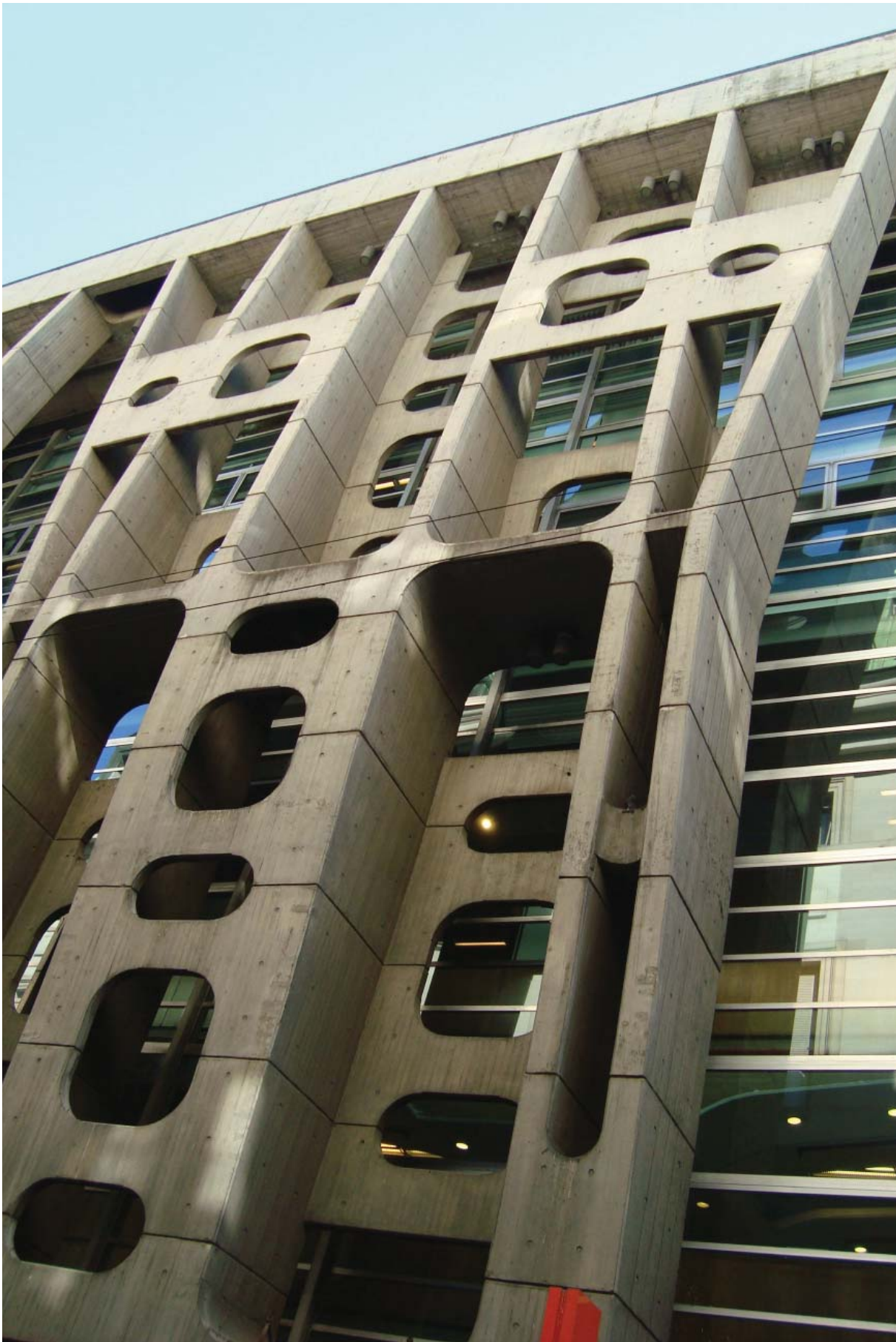


Fig. 19. Banco de Londres. (Fonte: Acervo da autora. Junho 2007.)

somente na edificação propriamente dita, como nos elementos urbanos que a rodeiam. Dessa maneira, quando for feito o uso do termo “brutalista”, no decorrer do texto, referindo-se a uma das três obras analisadas, lê-se: uso do “*béton brut*”.

Para exemplificar a arquitetura desenvolvida por Clorindo Testa no primeiro período de sua carreira, destacam-se as obras que impulsionaram o seu reconhecimento profissional, tanto na Argentina, quanto internacionalmente. Estas são também as obras mencionadas por Testa como mais relevantes na sua trajetória arquitetônica, sendo elas: o Centro Cívico de Santa Rosa (1955-1976), o Banco de Londres (1960-1966) e a própria Biblioteca Nacional (1961-1996).



Fig. 20. Cobertura Espacial. Praça Coberta. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

2.2.1. CENTRO CÍVICO DE SANTA ROSA: 1955-1976 ²²

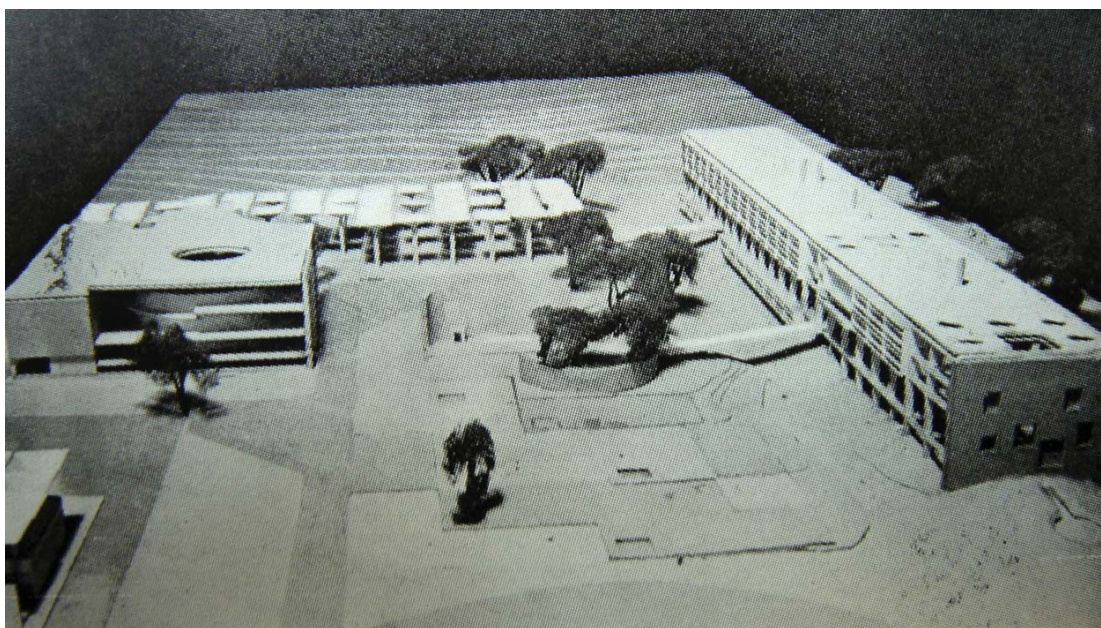


Fig. 21. Clorindo Testa, Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, maquete do concurso. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)

Em 1955, as autoridades da província de La Pampa, recém convertida em província, organizam um concurso para o desenvolvimento de um anteprojeto para o Centro Cívico de Santa Rosa, sendo o objeto principal do concurso a edificação para a Casa de Governo e Ministérios. Ressalta-se a preocupação por parte dos promotores do concurso, com um espaço aberto que deveria ser criado, o qual, segundo as bases, deveria ser um *“amplo espaço aberto e livre de trânsito para as concentrações de*

22. Esta parte da dissertação está baseada nos seguintes artigos: CABRAL, C., CORADIN, C. **Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)**. In: *Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)*. In: VII Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. Anais do VII Seminário Docomomo Brasil. O moderno já passado, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitetura. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007; CABRAL, C. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963**. In: II Seminário Docomomo Sul, 2008, Porto Alegre. Concreto. Plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul americano. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2008; e CABRAL, Cláudia Costa. **Notes on the Unfinished Modern Monument: Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa**. In: Proceedings of the 10th International Docomomo Conference. The Challenge of Change. Dealing with the Legacy of the Modern Movement. Rotterdam, IOS Press, 2008, p. 11-16.

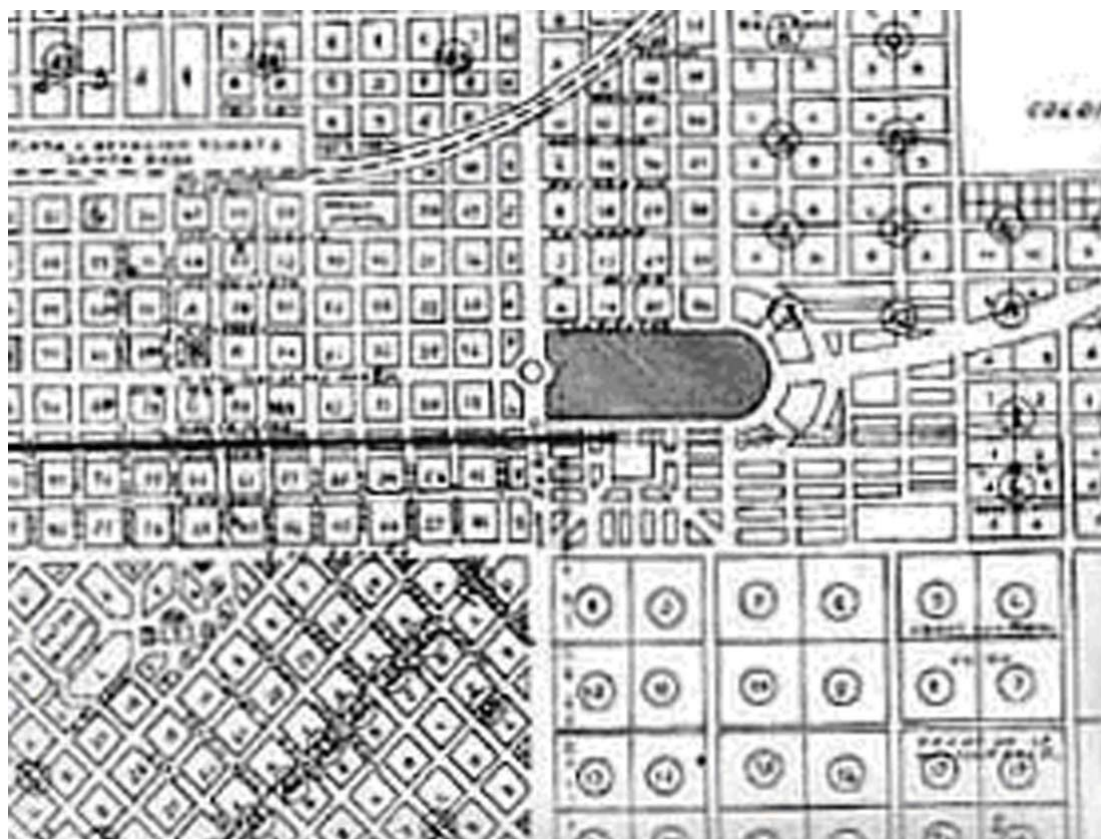


Fig. 22. Setor da planta cadastral acompanhando as bases do concurso, com o terreno do Centro Cívico destacado. (Fonte: Concurso de Anteproyectos para la Casa de Gobierno. Ministerio de Gobierno y Obras Públicas, Gobierno de la Provincia de La Pampa, Sociedad Central de Arquitectos, 1955.)

caráter patriótico, para 10.000 pessoas"²³. Além disso, solicitavam uma zonificação adequada do terreno, com o objetivo de localizar, em futuro próximo, outros edifícios, tais como: um núcleo de atividades culturais - museu, auditório, cinema, conservatório, salas de exposições, etc. - e as sedes dos poderes, Legislativo e Judiciário.

Os terrenos destinados para a construção do Centro Cívico estavam situados sobre o limite da zona urbana de Santa Rosa, contudo, se mantinham alinhados geometricamente à quadrícula regular do traçado da cidade e conformavam um polígono retangular. Este polígono correspondia a oito quadras do traçado da cidade, mas ainda não estava parcelado, e localizava-se sobre o eixo da Ruta Nacional Número 5, estrada que liga Santa Rosa à Buenos Aires. Segundo o edital do concurso, a Dirección de Viabilidad Nacional havia proposto um projeto para a bifurcação da Ruta Nacional neste

23. Concurso de Anteproyectos para la Casa de Gobierno. Ministerio de Gobierno y Obras Públicas, Gobierno de la Provincia de La Pampa. Sociedad Central de Arquitectos, 1955.p. 8.

trecho, fazendo com que a mesma contornasse os terrenos destinados ao Centro Cívico. Destaca-se que, ao adentrar a cidade, a Ruta Nacional é renomeada para Avenida General San Martín, constituindo a artéria mais importante da cidade.²⁴

Os trabalhos são recebidos no dia 21 de Novembro de 1955, na sede da Sociedade Central de Arquitetos, pelo arquiteto assessor do concurso, Hirsz Rotzait, totalizando dezessete projetos. Um sorteio define os jurados por parte da Sociedade Central de Arquitetos e por parte dos concorrentes ao concurso. Sendo assim, o júri é integrado pelos seguintes senhores: Senhor Ministro de Governo e Obras Públicas da Província de La Pampa, representado pelo arquiteto Alberto Sierra, subsecretário de Obras Públicas; o engenheiro civil Eduardo Luis Alsina, diretor geral de Obras Públicas da



Fig. 23. Durante o ato de distribuição dos prêmios do Concurso para a Casa de Governo da Província de La Pampa, faz uso da palavra o presidente da Sociedade Central, arquiteto Federico A. Ugarte. A sua direita, em primeiro plano, se encontra o interventor da Província de La Pampa, Dr. Martín R. Garmendia. A sua esquerda, o arquiteto Enrique Gracia Miramón; a senhora esposa do ministro de Economia da Província de La Pampa, Dr. Marzo; o arquiteto Fernando Tiscornia, diretor geral da Secretaria de Obras Públicas e Urbanismo da Municipalidade; o arquiteto Luis Jorge Fourcade, secretário de Arquitetura e Urbanismo do Município, e o arquiteto Eduardo J. Sarrailh. (Fonte: Boletín da Sociedade Central de Arquitetos. n. 6, abril de 1956.)

24. Idem.

Província de La Pampa; o arquiteto Jorge Vivanco, representante dos concorrentes ao concurso; o arquiteto Juan Manuel Borthagaray, representante da Sociedade Central de Arquitetos, e, por fim, o arquiteto César V. Jannello, representantes da Sociedade Central de Arquitetos.²⁵

Os acontecimentos políticos atrasam o andamento do concurso, que é retomado apenas em 1956, quando são entregues os prêmios:

Primeiro Prêmio: Trabalho do arquiteto Clorindo Testa;

Segundo Prêmio: Trabalho dos arquitetos Eithel Federico Traine, Horácio Alfredo Lobo e Federico Hernán Lerena;

Terceiro Prêmio: Trabalho do engenheiro civil Hector G. Postiglione;

Quarto Prêmio: Trabalho do arquiteto Eduardo J. Sarrailh e arquiteta Odília E. Suarez;

Menções Honrosas: Trabalho da arquiteta Elsa Tainá Larrauri, arquiteto Osvaldo P.M. Priotti e arquiteto José Quiroga Mayor, e trabalho do arquiteto Raúl Rodolfo Rivarola.²⁶

Clorindo Testa havia se apresentado sozinho ao concurso, contudo, tendo sido escolhido o seu projeto em primeiro lugar, estabelece parceria com Boris Dabinovic, Augusto Gaido e Francisco Rossi, para desenvolver ajustes no anteprojeto, de acordo com as necessidades do governo local.²⁷

São três os elementos arquitetônicos construídos que compõem essa primeira fase do Centro Cívico, entre 1955 e 1963: a Casa de Governo e Ministério, a Estação Terminal de Ônibus e o pátio semi-coberto:

“Posicionando-se na Av. General San Martín, avenida central de acesso ao Centro, e olhando para leste, pode-se visualizar à direita a Casa de Governo e à esquerda uma pequena estação terminal de ônibus, que se integrarão no futuro através de uma rua para pedestres

25. *Boletín de la Sociedad Central de Arquitectos*. n. 5, março de 1956.

26. *Idem*.

27. Os três arquitetos não participaram do desenvolvimento do anteprojeto do concurso, pois haviam assinado, ao lado de outros arquitetos argentinos, um documento no qual se impugnava a realização do concurso antes da aprovação de um plano diretor para a cidade de Santa Rosa. Dessa maneira, ficavam impedidos de participar do concurso. (Fonte: Relatos de Clorindo Testa para Cláudia Cabral, em 25 de julho de 2008; reforçados à autora durante uma entrevista em 6 de maio de 2009).

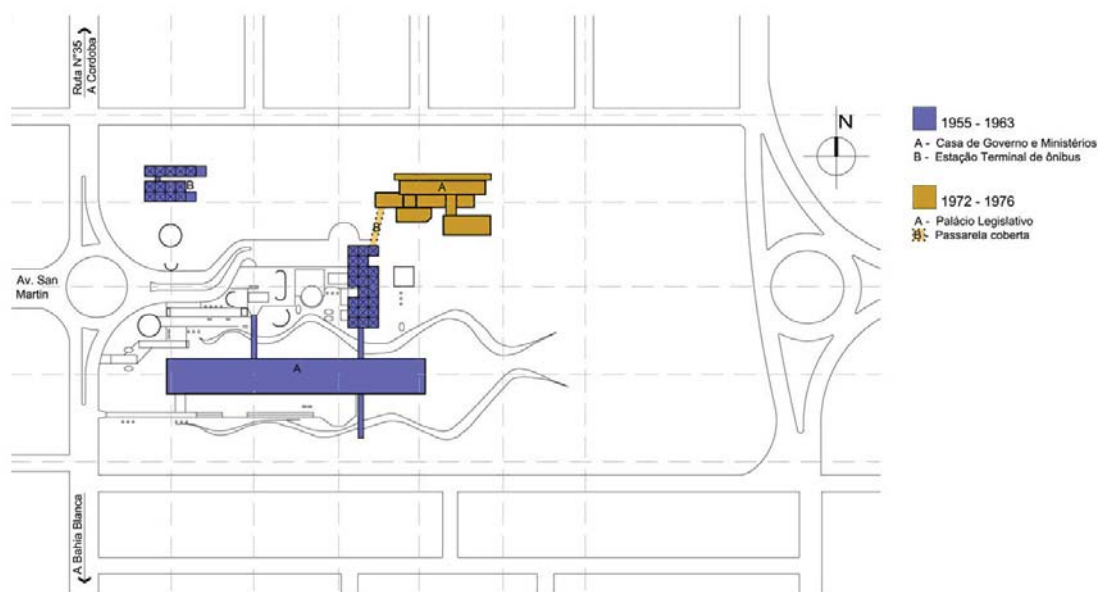


Fig. 24. Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, esquema da primeira fase (1955-1976). (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas.)

aos Palácios Legislativos, Tribunais, Centro de Cultura, até alcançar a atual galeria coberta em forma de parabolóides hiperbólicos.”²⁸

O elemento principal da composição do concurso é o edifício da Casa de Governo e Ministérios, desenvolvido como uma barra autônoma de 180 metros de comprimento e 23 metros de largura. Seu programa é composto, principalmente, pelo gabinete do governador e suas dependências e pelos seguintes ministérios: Ministério de Governo e Obras Públicas, Ministério de Economia e Assuntos Agrários, Ministério de Assuntos Sociais. No entanto, além destas funções principais, completam a edificação, uma biblioteca, salão de atos, agência bancária e demais dependências de serviços.

“Com orientação norte-sul, a barra de quatro pavimentos se estende paralela ao lado maior do terreno, no sentido perpendicular às curvas de nível. Apesar de afastada com relação aos alinhamentos urbanos, se vê coordenada com o traçado regular de Santa Rosa, prolongando o eixo da Av. San Martín. Não obstante afinidades confessas com o brutalismo corbusiano, não se trata da barra sob pilotis. Embora o declive seja pouco acentuado (2,5%), a grande extensão do bloco permite o aproveitamento da diferença de cota entre um extremo e outro do terreno, utilizando-se, segundo a memória descritiva do projeto, a “hoya” natural(cova, buraco) existente no terreno nessa posição. Essas condições de

28. “Casa de Governo de La Pampa”. Memorial descriptivo del projeto. **Summa**. Buenos Aires: n.2, out. 1963. p.41.



Fig. 25. Praça de Acesso ao Centro Cívico de Santa Rosa. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

Fig. 26. Centro Cívico de Santa Rosa. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

implantação permitiram a criação de um pavimento parcialmente em subsolo com relação ao nível da rua, sobre o qual se destaca uma planta intermediária, de caráter público, projetada como uma faixa permeável, acessível desde o exterior através de rampas e virtualmente estendendo o interior do edifício do recinto do centro cívico.”²⁹

O nível público, elevado em relação ao terreno, é denominado “nível zero”. No “nível +1”, localizam-se o Ministério de Governo e o de Obras Públicas. No “nível +2”, o Ministério de Economia e Assuntos Agrários. Sob o “nível zero”, localizam-se o Ministério de Assuntos Sociais, a garagem do governador, sala da Guarda Policial do Governo, com seu depósito de armas e dormitórios (no extremo oeste do edifício). No extremo leste, se localizam as oficinas correspondentes a Direção Geral de Renda. No “nível -2” se encontram as instalações de infra-estrutura, tais como: caldeiras para o sistema de ar condicionado, reservatórios, salas de máquinas, depósitos e arquivos.³⁰



Fig. 27. Centro Cívico de Santa Rosa La Pampa, vista geral em 2005. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)

“Em planta, todas as partes do programa ajustam-se à geometria retangular da barra e à regularidade da trama estrutural. Não obstante, variações espaciais e ênfases específicas são obtidas através do uso de pé-direito duplo e do próprio trabalho de fachada.

A estrutura resistente em concreto armado define quatro linhas de pilares no sentido do comprimento da barra, sendo as duas linhas exteriores coincidentes com a fachada. Os elementos fixos do programa – serviços, elevadores, escadas, portarias controladas – estão localizados no intervalo central, liberando para os demais usos as duas faixas periféricas, iluminadas e ventiladas diretamente. No pavimento de acesso, essa distribuição oportuniza uma galeria contínua, aberta e transitável, como um prolongamento discretamente elevado das áreas públicas exteriores. Neste nível estão localizados os dois amplos vestíbulos, espaços que atravessam vertical e horizontalmente o edifício e ordenam os acessos ao nível inferior e aos dois pavimentos superiores.”³¹

29. CABRAL, C. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963.** Porto Alegre: Docomomo 2008. p.9.

30. “Casa de Governo de La Pampa”. Memorial descriptivo del projeto. **Summa.** Buenos Aires: n.2, out. 1963. p.42.

31. CABRAL, C., CORADIN, C. **Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006).** Porto Alegre: Docomomo 2007. p.12.

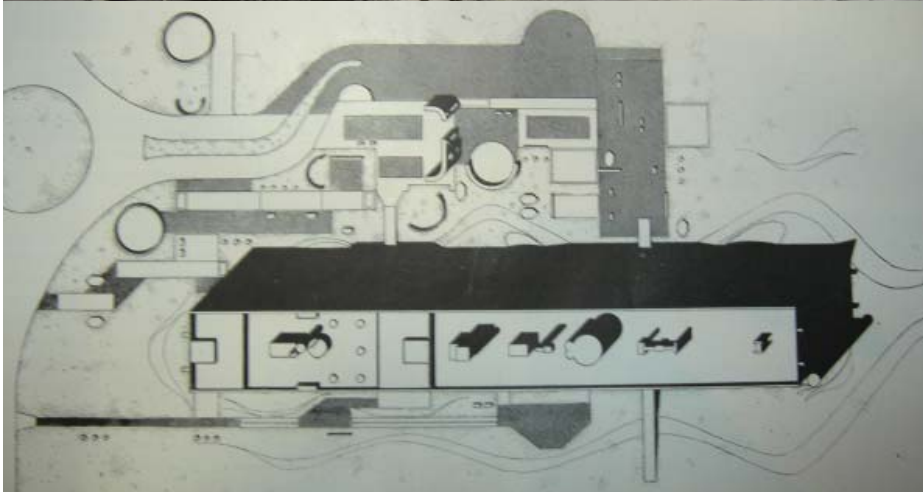


Fig. 28. Vista desde o terraço da Casa de Governo. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)

Fig. 20. Clorindo Testa, Casa de Governo, implantação. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)

Fig. 30. Clorindo Testa, croquis do Centro Cívico de Santa Rosa. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)

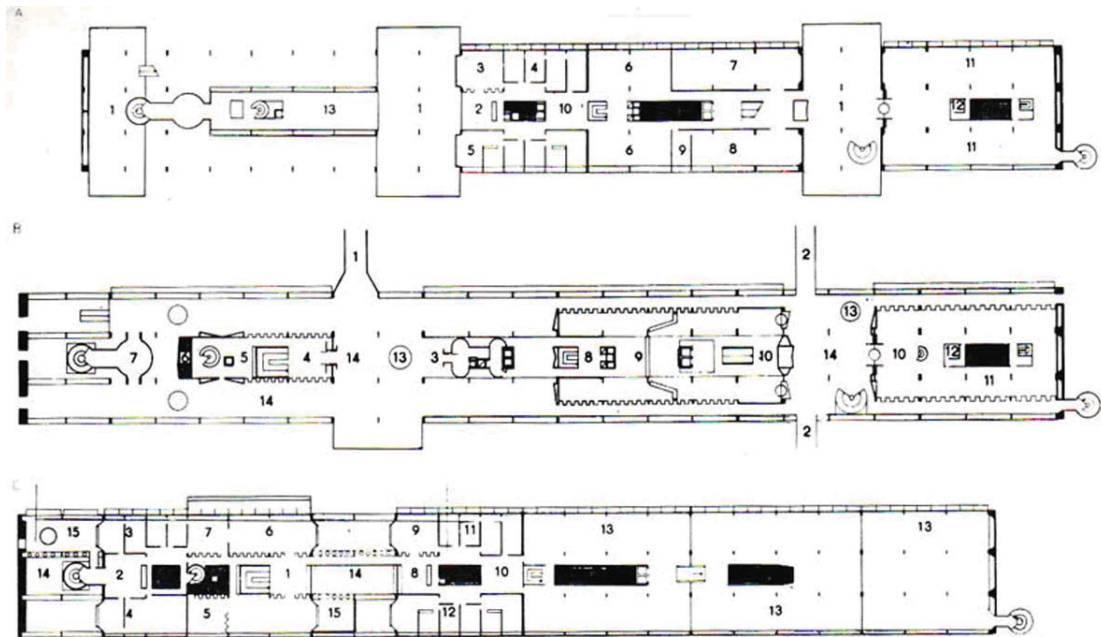


Fig. 31. Casa de Governo, plantas. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 183-184, 1983.)

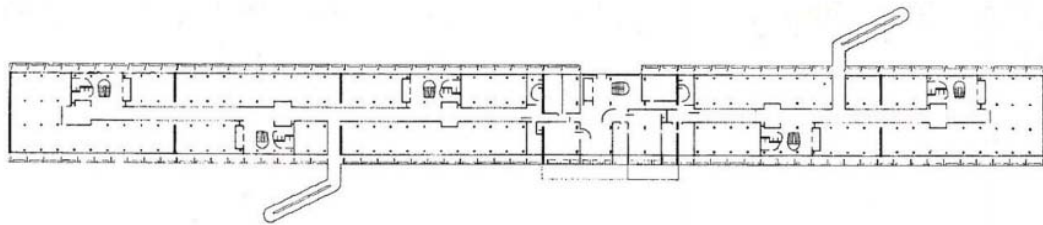


Fig. 32. Le Corbusier, Secretariado, Chandigarh, 1950-1958. (Fonte: Le Corbusier et son atelier rue de Sévres 35, Oeuvre Complète 1957-1965, Zurich, Les Editions d'Architecture, 1965.)

Cabe ressaltar a influência que o arquiteto Le Corbusier teve sobre a obra de Clorindo Testa, e, neste sentido, a familiaridade da Casa de Governo com o edifício do Secretariado de Chandigarh. No entanto, segundo Cabral, há alguns aspectos a relativizar, sendo um deles a escala entre essas edificações:

"se a profundidade é semelhante – entre 22 e 24 metros –, o edifício do Secretariado é mais longo, em seus 240 metros, e mais alto, com nove pavimentos. Embora a proporção horizontal se mantenha, a relação entre profundidade e altura é distinta, e o Secretariado é mais uma placa do que uma barra."³²

32. CABRAL, C. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963.** Porto Alegre: Docomomo 2008. p.12.



Fig. 33. Secretariado, Chandigarh. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.fondationlecorbusier.asso.fr.)



Fig. 34. Casa de Governo e Ministérios. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)

Além da diferença de proporção, outro aspecto destacado por Cabral refere-se à relação entre o sistema estrutural e a distribuição do programa. Ambos os sistemas estruturais se dispõem de modo que linhas de pilares liberam três faixas longitudinais acompanhadas por grelhas de concreto nas fachadas paralelas a estas. No entanto, a distribuição dos serviços, assim como dos elementos fixos do programa e o sistema de circulação gerados, são distintos:

“Le Corbusier dispõe a circulação na faixa central da estrutura, e os núcleos de serviço sobre as duas faixas laterais, alternadamente à direita e à esquerda. Testa, como visto, inverteu esta situação. O movimento de pedestre não é favorecido no nível térreo, parcialmente em subsolo, mas conduzido pelas rampas diretamente ao pavimento de acesso, desenhado com a intenção de produzir uma galeria periférica, transitável, suavizando a presença massiva do edifício. Conexões verticais, serviços e vestíbulos fechados recuam para a faixa central, de modo que também nos pavimentos superiores,



Fig. 35. Le Corbusier, detalhe da fachada do edifício do Secretariado, Chandigarh. (Fonte: Willy Boesiger, Le Corbusier, 1980.)

Fig. 36. Clorindo Testa, detalhe da fachada da Casa de Governo, Santa Rosa, La Pampa. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)



Fig. 37. Le Corbusier, terraço de cobertura do edifício do Secretariado, Chandigarh. (Fonte: Willy Boesiger, Le Corbusier, 1980.)

Fig. 38. Clorindo Testa, terraço de cobertura da Casa de Governo, Santa Rosa, La Pampa. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)

o que Le Corbusier desenhou como corredor contínuo e livre tem aqui densidade. Na faixa central da estrutura da Casa de Governo há uma sucessão de eventos construídos: formas sólidas que correspondem a núcleos de serviços sucedem a vazios que funcionam como expansões verticais da visão, finalizando com a grande escada circular de acesso às dependências administrativas do governador.

Os percursos horizontais duplicam-se em alas de circulação paralelas, mas reunidas a intervalos regulares, de modo que de tanto em tanto o edifício recupera a condição de transparência no sentido transversal, à despeito da densidade de sua faixa interior e das fachadas em concreto.”³³

Destaca-se, também, desse primeiro concurso, o uso das coberturas espaciais compostas por abóbodas quadrangulares invertidas com apoio central cruciforme, utilizadas tanto para a Estação Terminal de Ônibus, localizada na aresta noroeste do terreno, quanto no pátio semi-coberto ao lado da Casa de Governo.

Manuel Cuadra³⁴ encontra um precedente para as “sombriñas” do Centro Cívico na obra do arquiteto argentino Amâncio Williams, referindo-se aos projetos para o Hospital de Corrientes (1948-1953). Segundo Cabral³⁵, o desenho de Williams para uma estação de serviço em Avellaneda (1954-1955) sugere um recurso compositivo seme-

33. Idem.

34. CUADRA, M. **Clorindo Testa Architects**. Rotterdam: NAI Publishers, 2000.

35. CABRAL, Cláudia P. da Costa. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963**. Porto Alegre: Docomomo 2008.



Fig. 39. Cobertura Espacial. Praça Coberta. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)

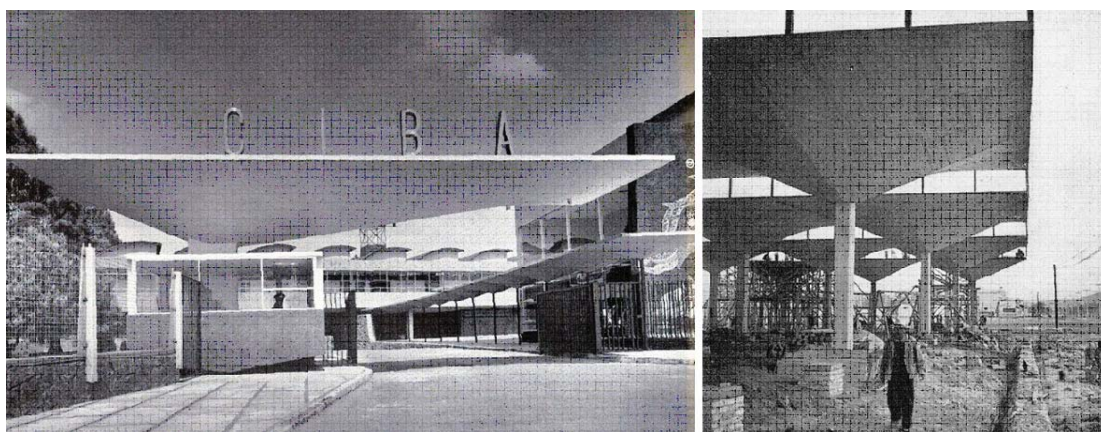


Fig. 40. Félix Candela, Laboratórios Ciba (com Alejandro Prieto). (Fonte: Henry_Russel Hitchcock, Latin American Architecture since 1945, New York, Moma, 1955.)

Fig. 41. Mercado de Insurgentes, México, 1953-1954. (Fonte: Henry_Russel Hitchcock, Latin American Architecture since 1945, New York, Moma, 1955.)

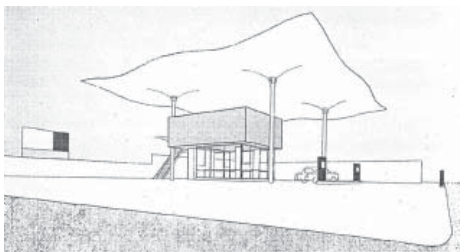


Fig. 42. Amancio Williams, projeto para uma estação, Avellaneda, 1954-1955. (Fonte: Roberto Fernández, *Desert and Selva: from Abstraction to Desire. Notes on the Regionalist Dilemma in Latin American Architecture*, Zodiac n. 8, 1992.)



Fig. 43. Clorindo Testa, Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, maquete do concurso. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)



Fig. 44. Palácio da Assembléia, Chandigarh. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.content.lib.washington.edu.)

lhante àquele usado por Clorindo Testa no Terminal de Santa Rosa, com a sugestão da grande cobertura flutuando sobre a pequena edificação e as áreas de embarque. A autora coloca, também, que no que concerne às definições mais específicas e na solução estrutural, as sombrinhas de Testa parecem mais próximas das projetadas por Félix Candela, desde 1952, no México. Tal afirmação é embasada pelo trabalho de Aimond sobre os parabolóides hiperbólicos.³⁶

Dado o exposto, o Centro Cívico fica configurado, principalmente, por esses três elementos arquitetônicos – Casa de Governo, pátio semi-coberto, e Estação Terminal de Ônibus – até 1972, quando inicia a construção do Palácio da Legislatura, que leva quatro anos até a conclusão de sua obra.

Destaca-se que no desenvolvimento do concurso de 1955, Testa apresenta uma proposta para este Palácio, cuja solução projetual de planta quadrada fica facilmente percebida na maquete publicada pela revista Summa, de 1963. Segundo Cabral, essa organização se aproximaria daquela empregada por Le Corbusier em Chandigarh, contrastando a lienaridade do edifício do Secretariado com a planta quadrangular do Palácio da Assembléia.³⁷

Segundo a mesma autora citada anteriormente, no projeto executado para o Palácio da Legislatura “*prevaleceu a idéia de uma*

36. Ver Colin Faber, **Las estructuras de Candela**, México: Compañía Editorial Continental, 1970, p.51. O referido trabalho: F. Aimond, **Etude Statique des Voiles Travaillant sans Flexion**.

37. CABRAL, C., CORADIN, C. **Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)**. Porto Alegre: Docomomo 2007. p.15.



Fig. 45. Estação Terminal. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

Fig. 46. Cobertura Espacial. Praça Coberta. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 47. Casa de Governo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos, Buenos Aires.)



Fig. 48. Palácio Legislativo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

*solução articulada, na qual se podem identificar as peças componentes*³⁸. E complementa seu pensamento afirmando que a base para a organização funcional, assim como na Casa de Governo, é feita por faixas, mas estas, agora, correspondem com volumes retangulares variáveis, dispostos em paralelo.

Destaca-se, principalmente, nesse projeto, a presença marcante da grelha de concreto descolada da edificação, utilizada principalmente como sistema de proteção climática:

“O efeito de sobreposição (neste caso, sim, semelhante à proposta corbusiana para a Assembléia de Chandigarh) é reforçado pelo deslocamento da grelha com relação ao eixo dos pilares. Ao contrário do que ocorre nas fachadas da Casa de Governo, as grelhas são independentes da estrutura portante, formando uma segunda trama espacial, que se sobrepõe à modulação produzida na fachada pelos elementos verticais e horizontais da estrutura resistente do edifício. Essas grelhas são usadas também para definir os espaços de aproximação e ingresso ao edifício, seja a ‘plazoleta’ de acesso, ligada à praça coberta por uma galeria, ou o estacionamento na face norte.”³⁹

38. Idem.

39. Idem.

Sendo assim, sobre essas primeiras intervenções sobre o Centro Cívico de Santa Rosa:

“Testa defende explicitamente o uso do concreto bruto, aparente. “Todos os materiais foram tratados com o critério mais simples e honesto em seu uso próprio”- explicava; em variações de textura, contrastes de luz e sombra foram explorados como recurso arquitetônico, mas “evitando-se em geral o uso da cor como solução para este logro.”⁴⁰ Dessa maneira, dadas as diferenças programáticas e, sobretudo dimensionais entre as construções q compõem o centro cívico, a conotação plástica e material do concreto aparente se mostra como um recurso unificador do conjunto. Essa afirmação pode ser verificada a partir das fotografias tomadas do Centro Cívico, publicadas no segundo número da revista Summa em 1963, pelas imagens mostradas por Francisco Bullrich em 1968, ou por Bayon e Gasparini em 1977, mostram um conjunto variado, porém harmônico, em que a nudez do concreto bruto funciona como um tema geral de composição executado em diferentes modulações, das superfícies ásperas dos parabolóides da cobertura central às tramas variadas da fachada da Casa de Governo. Além disso, a utilização do concreto como sistema construtivo, referindo-se à concepção tipológica, enaltece ao menos duas situações características do desenvolvimento da arquitetura moderna internacional e latino-americana: a barra repetitiva e a grande cobertura espacial.”⁴¹

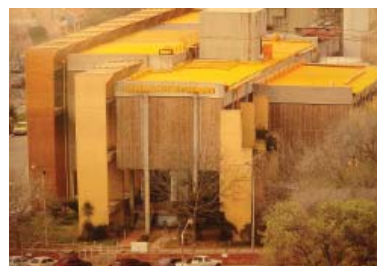


Fig. 49. Clorindo Testa, com Augusto Gaido, Francisco Rossi, Héctor Lacarra. Palácio da Legislatura, Santa Rosa, La Pampa. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)



Fig. 50. Palácio da Legislatura, fachada norte. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)

Posteriormente, em maio de 1980, é promovido um segundo concurso de anteprojetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, cujo projeto era proposto com o intuito de aprimorar o funcionamento do Poder Administrativo da Província de La Pampa, assim como suprir algumas necessidades emergentes junto do Ministério de Obras Públicas, do Poder Judiciário e de ordem cultural. Junto a esses três pontos principais, e tendo em vista o crescimento da demanda por transportes urbano e regional, solicitam uma

40. “Casa de Governo de La Pampa”. Memorial descriptivo del projeto. *Summa*. Buenos Aires: n.2, out. 1963. p.39.

41. CABRAL, Cláudia P. da Costa. *Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963*. Porto Alegre: Docomomo 2008. p.8.



Fig. 51. Casa de Governo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

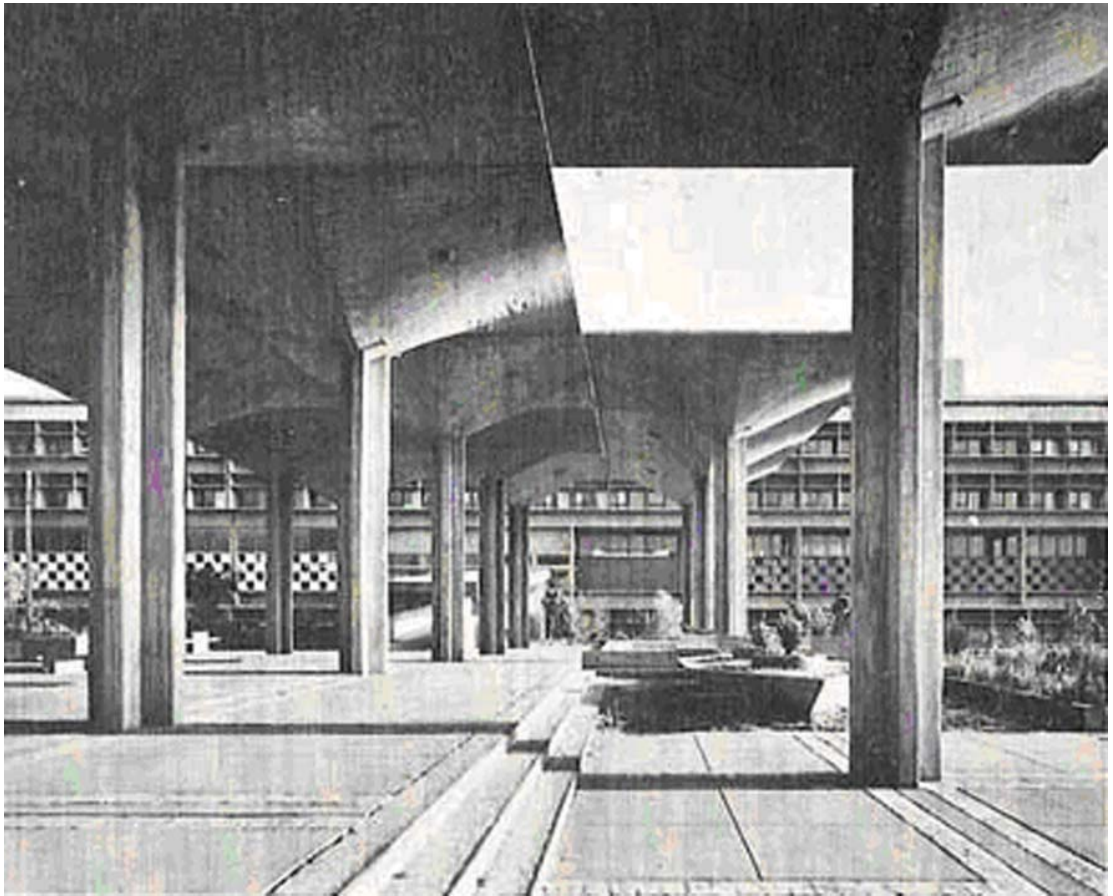


Fig. 52. Clorindo Testa, com Boris Dabinovic, Augusto Gaido e Francisco Rossi , Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa: Casa de Governo e Praça Coberta. (Fonte: Damian Bayón, Paolo Gasparini, Panorámica de la Arquitectura Latino-Americana, Unesco, Editorial Blume, 1977.)

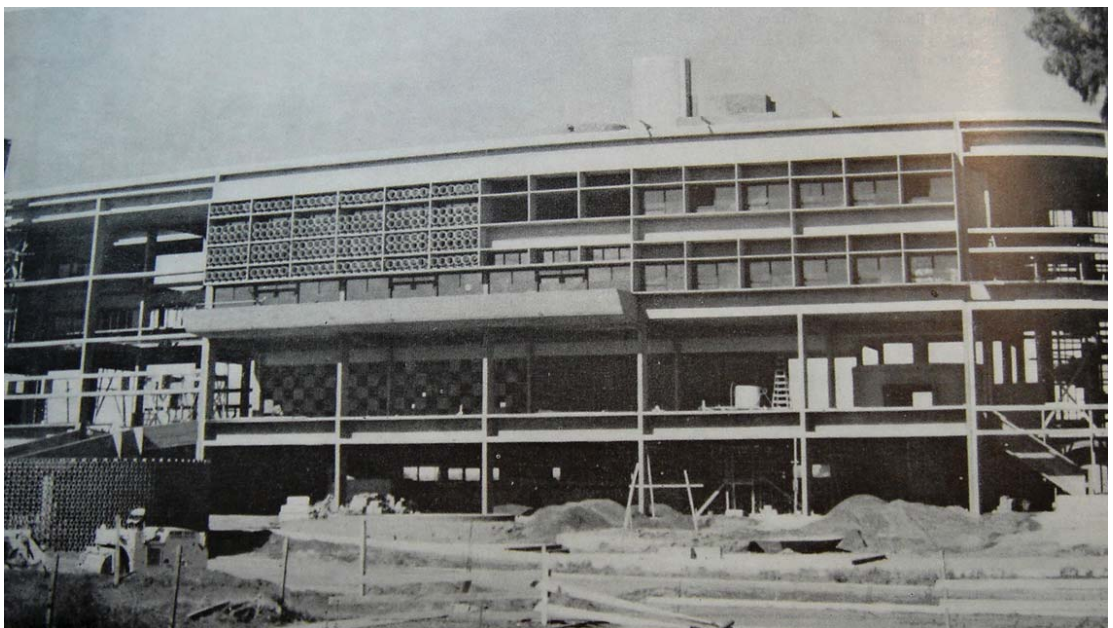


Fig. 53. Casa de Governo e Ministérios em construção. (Fonte: Summa, Buenos Aires, n. 2, 1963.)



Fig. 54. Casa de Governo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 55. Casa de Governo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 56. Palácio Legislativo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 57. Palácio Legislativo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 58. Cobertura Espacial. Praça Coberta. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)

proposta de reformulação da Estação Terminal de Ônibus de Santa Rosa. Testa vence o concurso novamente, no entanto, o projeto não é construído.

Além dessa intervenção proposta nos anos 80, Testa completa a sua trajetória sobre o Centro Cívico de Santa Rosa com a inclusão da Biblioteca da Legislatura, projetada em 2004 e concluída em 2006.

Vale destacar, nesse momento, uma das semelhanças existentes entre a Biblioteca Nacional e o Centro Cívico de Santa Rosa: ambas atravessam um largo período da vida profissional de Clorindo, mas, de certo modo, ele se comporta de modo distinto em cada caso. Em La Pampa, a proposta apresentada no concurso de 1980, se desobriga

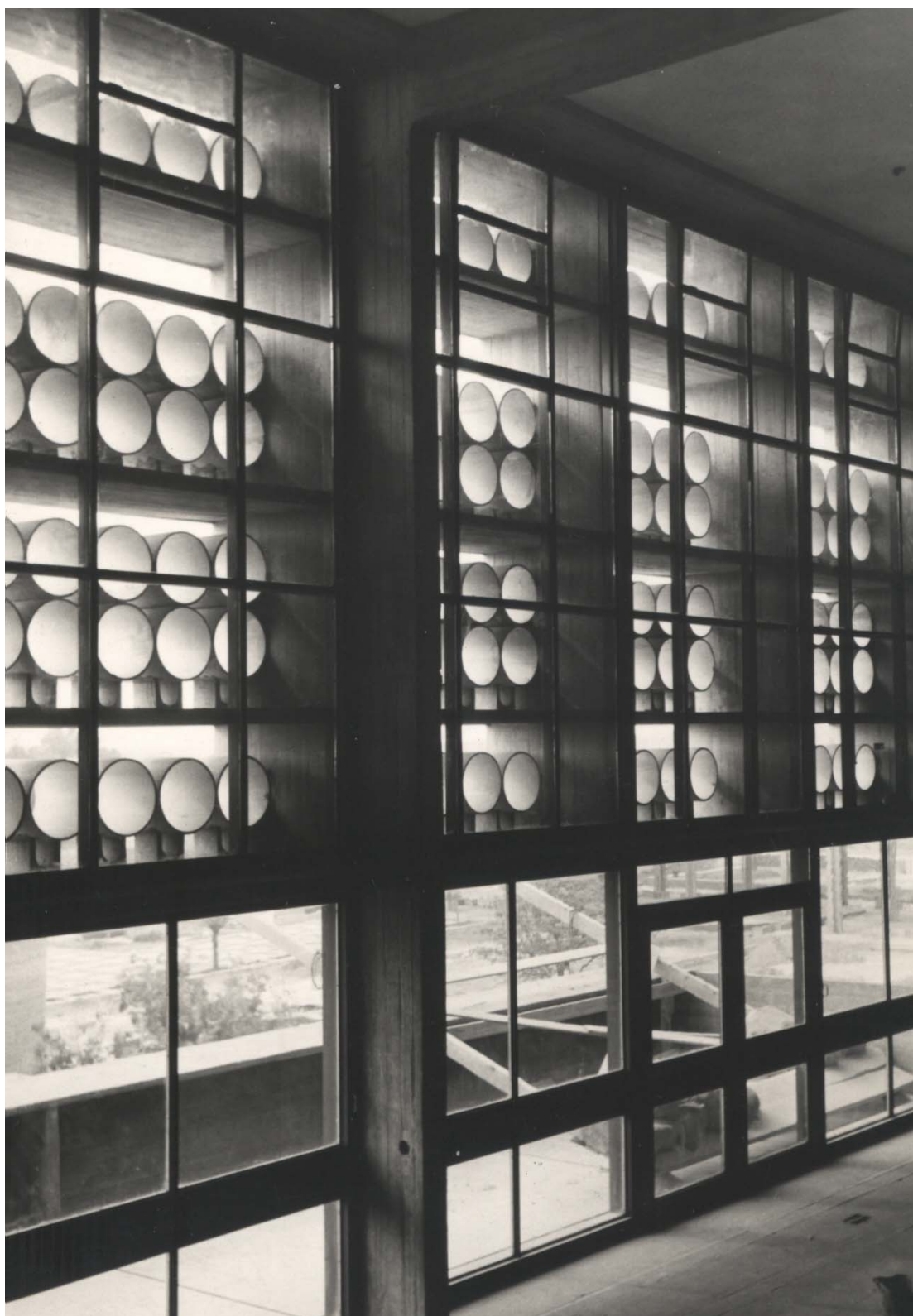


Fig. 59. Detalhes construtivos da Casa de Governo. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 60. Casa de Governo. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 61. Estação Terminal. (Fonte: Sociedad Central de Arquitectos. Buenos Aires.)



Fig. 62. Detalhes construtivos da Casa de Governo. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 63. Detalhes construtivos da Casa de Governo. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 64. Detalhes construtivos da Casa de Governo. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

de seguir utilizando o mesmo repertório de estratégias e elementos de arquitetura empregados na primeira fase. Clorindo faz em La Pampa nos anos 80 – e no projeto para a Biblioteca da Legislatura - projetos fundamentalmente diferentes dos anteriores, que, inclusive, estabelecem contrastes com a primeira fase. Já na Biblioteca Nacional, a situação será completamente diferente, pois ele irá assumir a idéia de que deve continuar o mesmo projeto por todos os anos de seu desenvolvimento, assumindo todas as conseqüências dessa decisão.⁴²

42. Sobre o Centro Cívico ver especialmente: CABRAL, C., CO-RADIN, C. **Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)**. In: *Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)*. In: VII Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. Anais do VII Seminário Docomomo Brasil. O moderno já passado, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitetura. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 2007; CABRAL, C. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963**. In: II Seminário Docomomo Sul, 2008, Porto Alegre. Concreto. Plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul americano. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2008; e CABRAL, Cláudia Costa. **Notes on the Unfinished Modern Monument: Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa**. In: Proceedings of the 10th International Docomomo Conference. The Challenge of Change. Dealing with the Legacy of the Modern Movement. Rotterdam, IOS Press, 2008, p. 11-16.

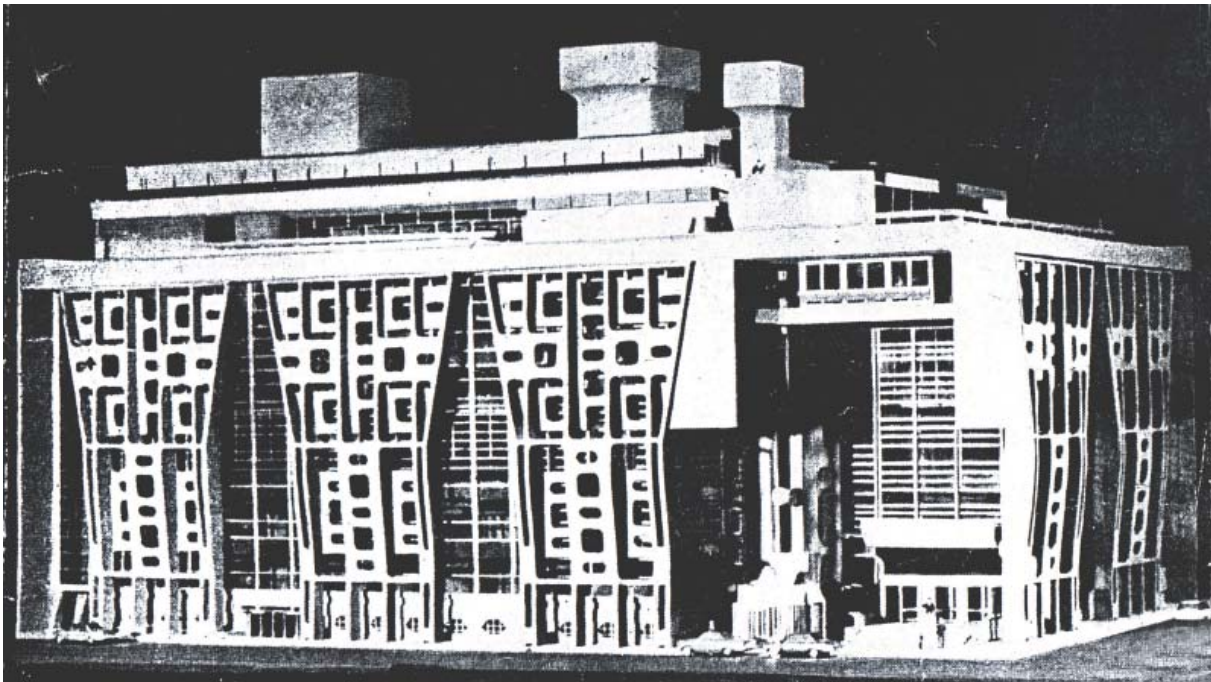


Fig. 65. Maquete. Banco de Londres. (Fonte: Construcciones. n.191, 1964.)

2.2.2. BANCO DE LONDRES: 1960-1966

Com o objetivo de substituir a antiga sede do Banco de Londres e América do Sul em Buenos Aires, datada de 1867, é proposto, em janeiro de 1960, um concurso de caráter privado para o projeto da nova sede central, a ser instalada no mesmo terreno da antiga, localizado na esquina das Ruas Reconquista e Bartolomé Mitre.

Quatro importantes escritórios de arquitetura argentinos são convidados para concorrer ao concurso e recebem do Banco um programa de necessidades completo que inclui a quantidade e qualidade dos espaços requeridos, as funções a serem cumpridas e os serviços com os quais o edifício devia contar.

Cabe destacar que neste programa se fazia menção também a outros temas, geralmente, não mencionados em concursos semelhantes, como critérios a serem considerados no desenvolvimento da concepção arquitetônica, no que concerne à aparência da edificação, validada através de certas simbologias; questões relacionadas à flexibilidade dos recintos; aspectos vinculados à manutenção dos materiais, entre outros.

A direção do banco considera que o projeto de Clorindo Testa e Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos e Alfredo Agostini – escritório SEPR - , não é somente o que melhor resolve os aspectos funcionais e tectônicos, mas também se adéqua aos princípios simbólicos propostos. Sendo assim, seis anos depois, em agosto de 1966, inaugura-se a edificação, cuja principal característica encontra-se na concepção estrutural, destacada pelo uso escultórico e funcional do concreto armado.

Assim como já foi exposto, o edital do concurso para o Banco de Londres e América do Sul enfatiza aspectos pouco usuais em outros concursos. Consta nas bases a necessidade de um edifício para a nova sede central do Banco de Londres e América do Sul, que transmitisse a integridade, eficiência e confiança – características presentes nas operações do banco – “por meio de uma expressão arquitetônica clara e concisa, que não recorresse a imagens do passado, nem a clichês atuais que logo se

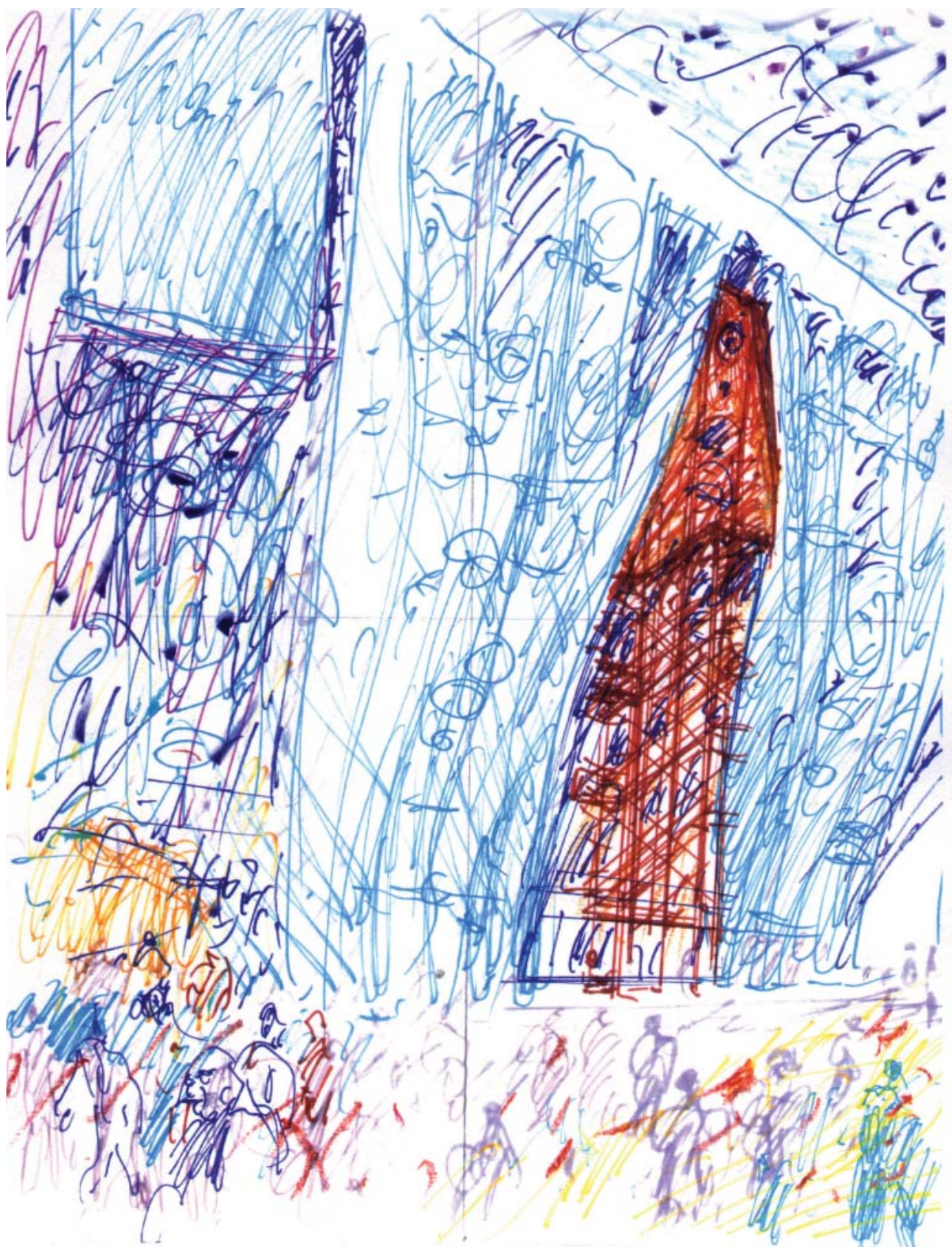


Fig. 66. Croquis de Clorindo Testa sobre o Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

Fig. 67. Croquis de Clorindo Testa sobre o Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

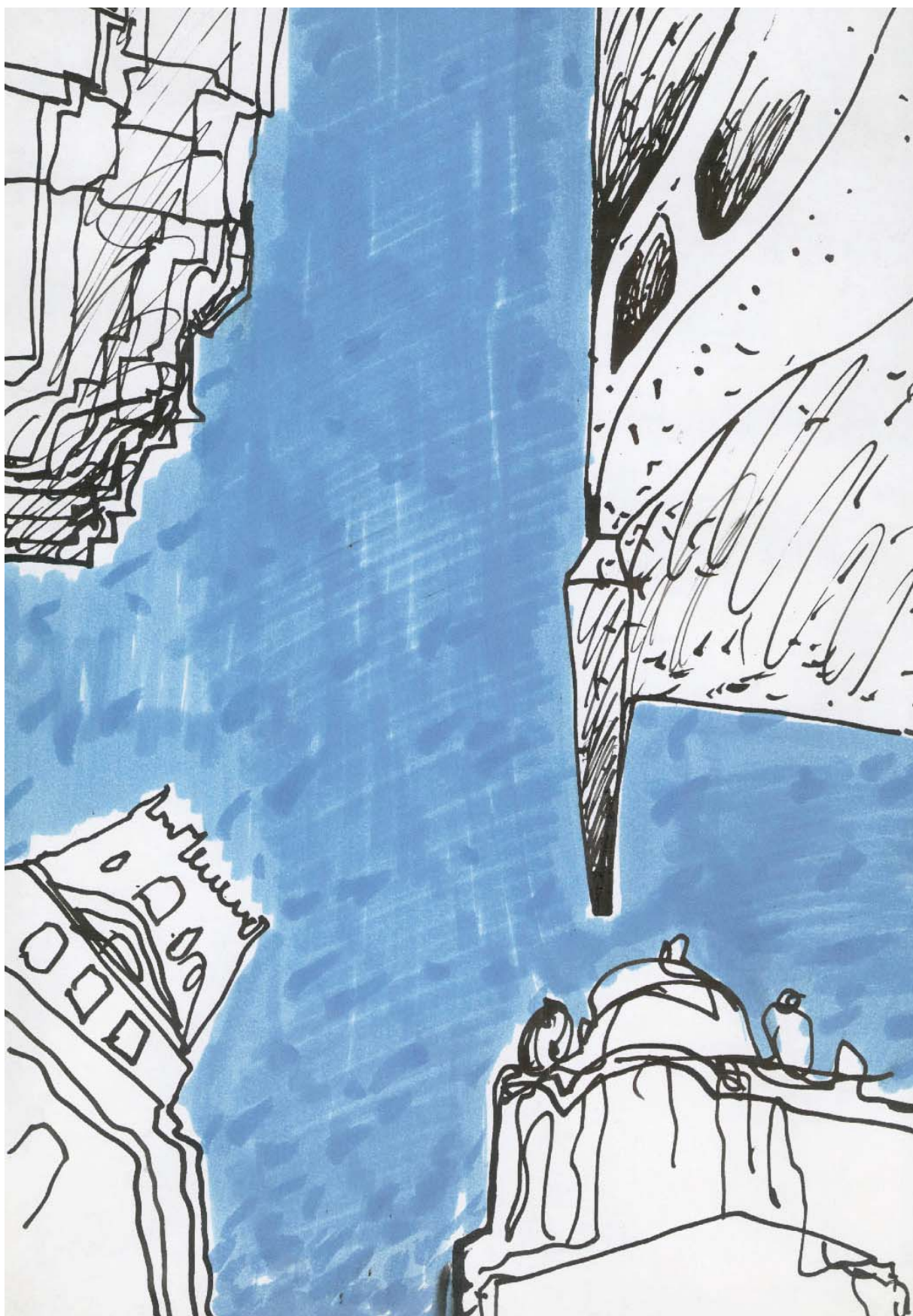




Fig. 68. Banco de Londres -1959-1966. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

tornariam antiquados⁴³. Esses valores representam o imaginário desenvolvimentista daquela época, quando o país está carregado de otimismo e confiança, baseados na capacidade técnica, no profissionalismo, na inovação, na exportação de recursos locais e na liberdade em que são encarados os ideais de desenvolvimento político, econômico e cultural. Toda a proposta projetual para o Banco de Londres se vincula a esse imaginário, que busca uma nova expressão local no contexto da modernidade do pós-guerra.⁴⁴

Além das questões simbólicas, as bases exigem flexibilidade nas distribuições das funções com o mínimo possível de pilares no interior dos recintos e estabelecem, como condicionante, o cuidado com futuras manutenções dos revestimentos escolhidos, assim como a exigência de um sistema de ar condicionado e de absorção de ruídos, entre outras instalações.⁴⁵

Para definição do partido arquitetônico, os arquitetos valem-se, principalmente, de duas premissas projetuais. Uma delas refere-se ao zoneamento da edificação, onde fica estabelecida a necessidade de um espaço interior integrado, dividido entre uma zona privada, e outra de uso público. Esta última se estabelece através da continuidade visual desde o interior até o exterior. Ambas as considerações resultam no esquema estrutural proposto, onde a malha ciclópica de concreto - que permite a integração visual, desde o interior até as ruas adjacentes - sustenta uma caixa oca, definida internamente por bandejas suspensas e robustas escadas. Este "continuum" espacial, largamente focado através da conexão dos níveis e da retórica formal, é fortalecido pela composição arquitetônica formulada, que dilata a dimensão apertada das ruas externas e absorve a circulação dos pedestres na esquina, como, segundo o autor, uma referência à "Loggia dei Lanza florentina"⁴⁶.

Bohigas⁴⁷ pergunta a Clorindo Testa sobre os conceitos implícitos nesta obra:

43. Trecho das bases do concurso para a nova sede central do Banco de Londres e América do Sul, em Buenos Aires, Argentina. (Fonte: **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.28.)

44. GONZALEZ, M.B. **Guías de Arquitectura Latinoamericana - Buenos Aires**. Buenos Aires: Clarín, 2008. p.95.

45. Trecho das bases do concurso para a nova sede central do Banco de Londres e América do Sul, em Buenos Aires, Argentina. (Fonte: **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.28.)

46. TESTA, C. in BOHIGAS, O. "Un profesional sin angustia: Entrevista a Clorindo Testa". **Summa**. Buenos Aires: n.183/184. jan/fev 1983. p.37.

47. BOHIGAS, O. Loc. cit.



Fig. 69. Banco de Londres. Detalhe da malha externa de concreto. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

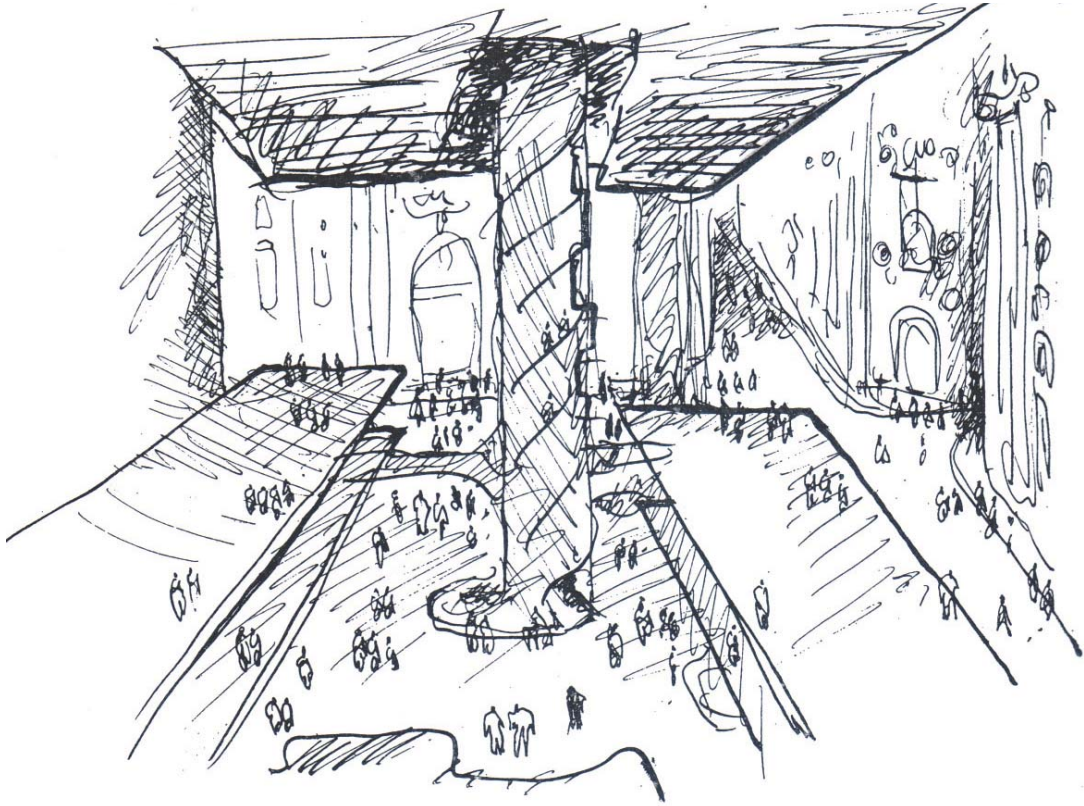


Fig. 70. "...o grande espaço interno, disposto em uma série de planos sobrepostos, atua como uma grande praça coberta, que ultrapassa seus limites e se encontra com as fachadas das edificações vizinhas, como se a paisagem interior fosse como uma penetração da paisagem urbana..." (Fonte: Summa. n°6/7, dez.1966.)

"Queríamos integrar a edificação na cidade, porém, pensando que quando a obra estivesse terminada, talvez, o edifício ao lado poderia ter sido demolido. A cidade é um elemento vivo, que vai se alterando, contudo, devem-se ter certos condicionantes. No Banco de Londres não nos importou conservar o estilo da construção contigua, pois da mesma maneira, o nosso edifício poderia desaparecer algum dia. Almejamos, sim, que essas ruas tão estreitas se ampliassem de repente. Por isso fizemos esse grande vazio da esquina, para que facilitasse o acesso ao banco."⁴⁸

Testa lembra que a partir do momento em que inicia o projeto do Banco, juntamente com Agostini, concluem que o mesmo deveria se apresentar como uma praça coberta, pois se localizaria numa região central de Buenos Aires, caracterizada por ruas bastante estreitas - cerca de dez metros de largura.

48. TESTA, C. in BOHIGAS, O. Loc. cit.

Neste sentido, Comas⁴⁹ coloca:

“A despeito do que disse seu autor, o Banco de Londres não é nem poderia ser, fenomenologicamente, uma praça, e parte de seu mérito é evidenciar isto tipológica e figurativamente. Se o envoltório de vidro se associa à idéia de banco transparente, amável e sem segredos, as placas e grades do exterior a desmistificam, reintroduzindo a uma “terribilitá” mais verdadeira e conseqüente: um concreto que reluz como pedra e encarcera como jaula.”



Fig. 71. Banco de Londres. Entorno Urbano. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 72. Banco de Londres. Entorno Urbano. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

Externamente, a obra se apresenta como uma grande estrutura de concreto armado que contrasta com as tradicionais construções bancárias que a rodeiam -“um edifício inserido na cidade de modo quase brutal, com vontade de transformação, contudo, entendendo a estrutura urbana e dialogando com ela”⁵⁰. Neste sentido, segundo Bullrich⁵¹, houve a preocupação por parte dos arquitetos de estabelecer uma perspectiva constante nas ruas adjacentes à edificação, respeitando e aceitando a rua-corredor.

Internamente, comportando um volume de 80.000m³, o Banco se detém a uma concepção funcional básica: um espaço único onde se diferencia a área pública da privada e que atua, em relação com o espaço exterior, como se fosse um prolongamento das ruas adjacentes. É dividido

49. COMAS, C. E. “Memorandum latinoamericano: la ejemplaridad arquitectónica de lo marginal - La selva de piedra: Banco de Londres, Buenos Aires, Argentina, 1958-1966”. **2G**. Barcelona: n. 8, 1998, p. 140.

50. BOHIGAS, O. “Un profesional sin angustia: Entrevista a Clorindo Testa”. **Summa**. Buenos Aires: n.183/184. jan/fev 1983. p.37.

51. BULLRICH, F. **Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana**. Barcelona: Editorial Blume, 1969. p. 49.

em três subsolos e seis níveis superiores, além do pavimento de acesso que está conformado por um vazio na esquina, o qual dilata a dimensão apertada das ruas Bartolomé Mitre e Reconquista, absorve a circulação dos pedestres e facilita o acesso à edificação.

Segundo Comas:

“O acesso ao interior do Banco implica a passagem pelo vestíbulo e um giro que permite tanto descobrir a extensão horizontal da grande sala como aperceber-se de sua expansão vertical através dos interstícios entre as lajes e entre as lajes e as paredes de vidro. O contraste entre a estreites das ruas adjacentes é enorme, e se acompanha de uma forte sensação de descompressão e alívio, análoga à que se experimenta ao chegar à uma clareira após uma caminhada na selva fechada.”⁵²

Com uma superfície coberta total de 28.727m², 45 metros de extensão sobre a Rua Bartolomé Mitre e quase 75 metros sobre a Rua Reconquista, a edificação possui uma solução estrutural que afirma os ideais arquitetônicos propostos. Graças à malha externa de concreto que auxilia na sustentação da caixa oca, onde bandejas suspensas e robustas escadas definem o espaço interior, desenvolve um ambiente unificado que estabelece uma relação visual direta com o exterior, e conforma uma colunata perimetral externa, que expressa o caráter do conjunto.

52. COMAS, C. E. “Memorandum latinoamericano: la ejemplaridad arquitectónica de lo marginal - La selva de piedra: Banco de Londres, Buenos Aires, Argentina, 1958-1966”. **2G**. Barcelona: n. 8, 1998, p. 140.



Fig. 73. Banco de Londres. Entorno Urbano. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 74. Banco de Londres. (Fonte: GLUSBERG, J. Clorindo Testa – pintor y arquitecto. Buenos Aires: Summa+books, 1999.)

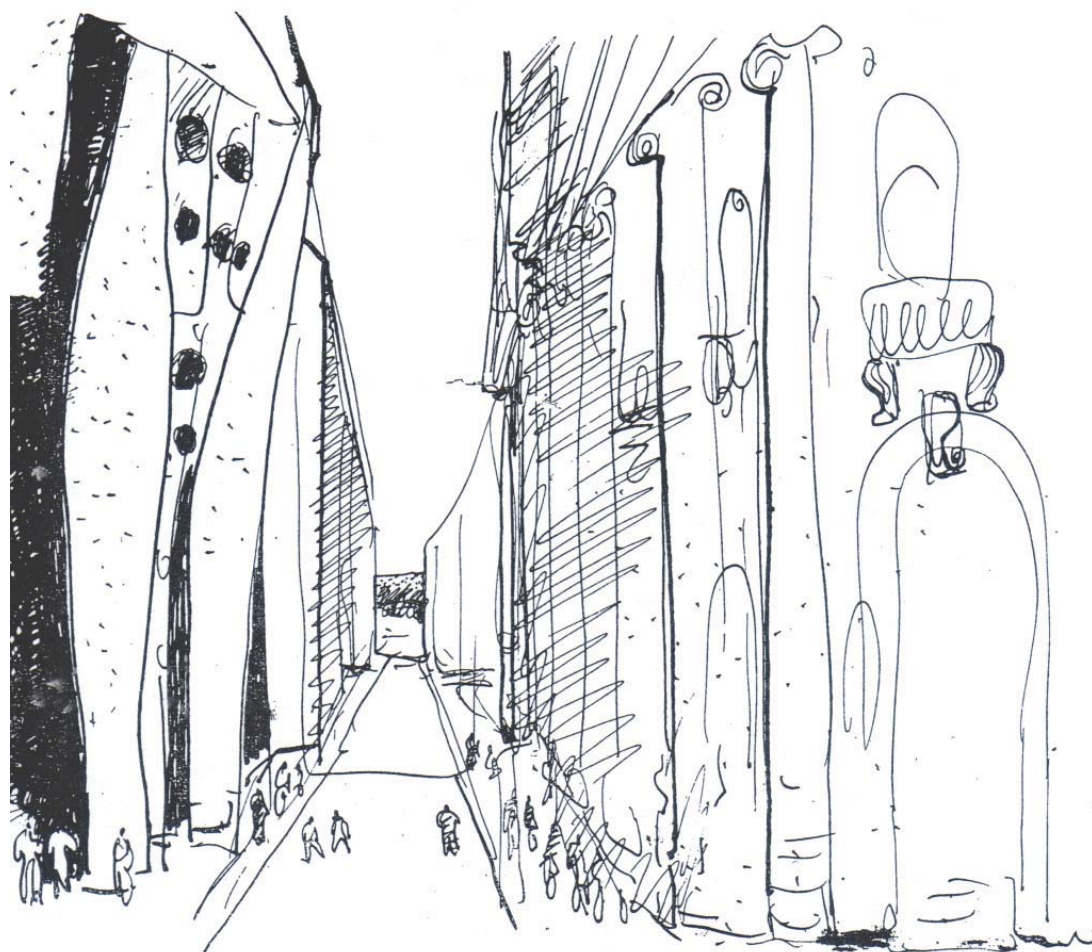


Fig. 75. "Como se a zona pública fosse como um prolongamento das estreitas ruas adjacentes..." (Fonte: Summa. n.º6/7, dez.1966.)

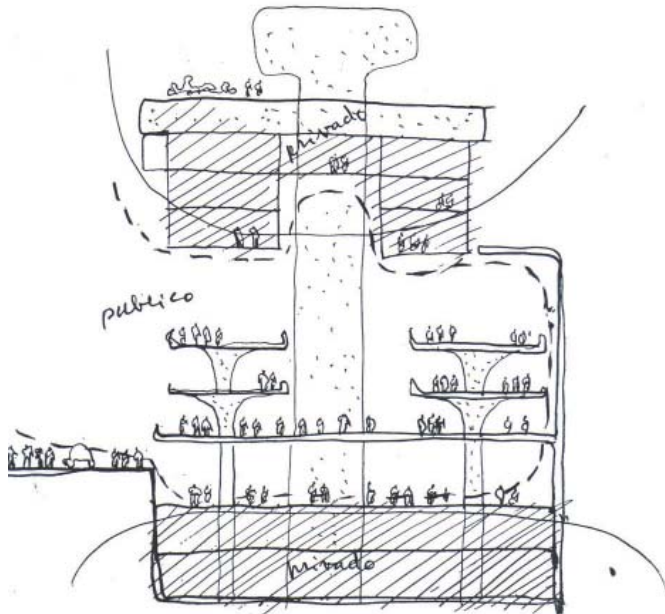


Fig. 76. "O edifício funciona dentro de um espaço único e este espaço está dividido em uma zona privada e uma zona pública..." (Fonte: Summa. n.º6/7, dez.1966.)



Fig. 77. Através da ampla esquadria, a rua se prolonga no espaço interno. (Fonte: GLUSBERG, J. Clorindo Testa – pintor y arquitecto. Buenos Aires: Summa+ books, 1999.)



Fig. 78. Banco de Londres. Espaço interior unificado. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Fig. 79. Banco de Londres. Malha externa de concreto. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Dos seis níveis que fragmentam o espaço interno unificado do Banco, os dois primeiros se destinam ao atendimento do público, juntamente com o andar térreo e o primeiro subsolo; os demais pavimentos são de uso interno.

O início da construção do Banco fica marcado com a demolição da antiga sede central, em maio de 1961. Maior esforço se concentra na demolição dos antigos cofres, pois não é permitido o uso de explosivos. Se tratando de área central da cidade, onde existem muitas edificações antigas e históricas, julgaram arriscado o uso dos mesmos. A empresa contratada para a demolição e escavação foi a "Agromartin, De Leo y Franchini" e para a construção das cortinas de concreto do subsolo, a "Sebastián Maronese e Hijos". Em 24 de março de 1962, é colocada a pedra fundamental do edifício e a construção, propriamente dita, é iniciada em 15 de dezembro de 1962. O primeiro ano de obra abarca a construção dos três subsolos e dos tesouros, empregando-se dois turnos de trabalho diário, de nove horas cada um, com uma média diária de 600 a 700 pedreiros.⁵³

Durante o ano de 1964, a estrutura de concreto exterior é elevada até a altura da cobertura principal, 26 metros sobre o nível da rua. O peso da estrutura da cobertura, cerca de 4.500 toneladas, fica sustentada por meio de um andaime composto por uma estrutura tubular de ferro, onde são utilizados, aproximadamente, 140.000 metros de canos. Em janeiro de 1965, conclui-se o conjunto de vigas da cobertura, dispostas lado a lado. Com toda a caixa estrutural externa executada, são suspensas, com tensores fixados na cobertura, as quatro lajes superiores. O trabalho segue com a construção das duas grandes vigas que se estendem entre as duas torres de circulação vertical.⁵⁴

Na estrutura de concreto armado, executada pela empresa construtora "Crivelli, Cuenya y Goicoa", e calculada pelo escritório "Ingenieros Consultores Fernández Long y Reggini", destaca-se a estimativa de utilização de 15.000m³ de cimento e 2.000 toneladas de aço para o concreto armado.⁵⁵ A extraordinária qualidade de sua confecção e os esforços demandados para sua execução, torna de grande interesse a análise da sua estrutura.

Tal concepção estrutural define um claro exemplo de uma planta livre, com as inúmeras possibilidades de organização que tal solução permite. Em linhas gerais,

53. "Banco de Londres y America del Sur". **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.35.

54. *Idem*

55. "Exponentes del potencial de nuestra industria de construcción. La nueva sede del Banco de Londres y América del Sur". **Construcciones**. Buenos Aires: n.191, 1964. p.564.



Fig. 80. Banco de Londres. Empresa constructora "Crivelli, Cuenya y Goicoa". (Fonte: Acervo da autora. Junho 2007.)



Fig. 81. Banco de Londres. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)

o projeto é concebido como um grande espaço unificado, organizado mediante seis bandejas. As duas primeiras destinadas ao uso público e os quatro níveis seguintes destinados ao uso interno do Banco. Todas elas estão dispostas em dois grupos paralelos. Contudo, as quatro últimas se encontram suspensas mediante cabos tensores fixados na cobertura.

Ainda que com as dificuldades de tal envergadura, o térreo – cota +2,18 metros – e os três subsolos obedecem a um esquema estrutural relativamente simples. Estas lajes, unidas à cortina perimetral, em concreto armado, que envolve todo o volume subterrâneo, constituem um volume rígido que, com critérios, é utilizada como receptor de cargas da estrutura superior, formada por dois sistemas estaticamente independentes.

Um dos sistemas se materializa nas lajes dos pavimentos +5,92 metros e +9,66 metros - constituindo um conjunto de bandejas que se apóiam em vigas tubulares de 18 metros de comprimento e que alojam os dutos de ar condicionado. Estas bandejas ficam em balanço de 7,00 metros para cada lado da viga, sendo a área de influência por apoio na ordem de 250m². A presença de condu-

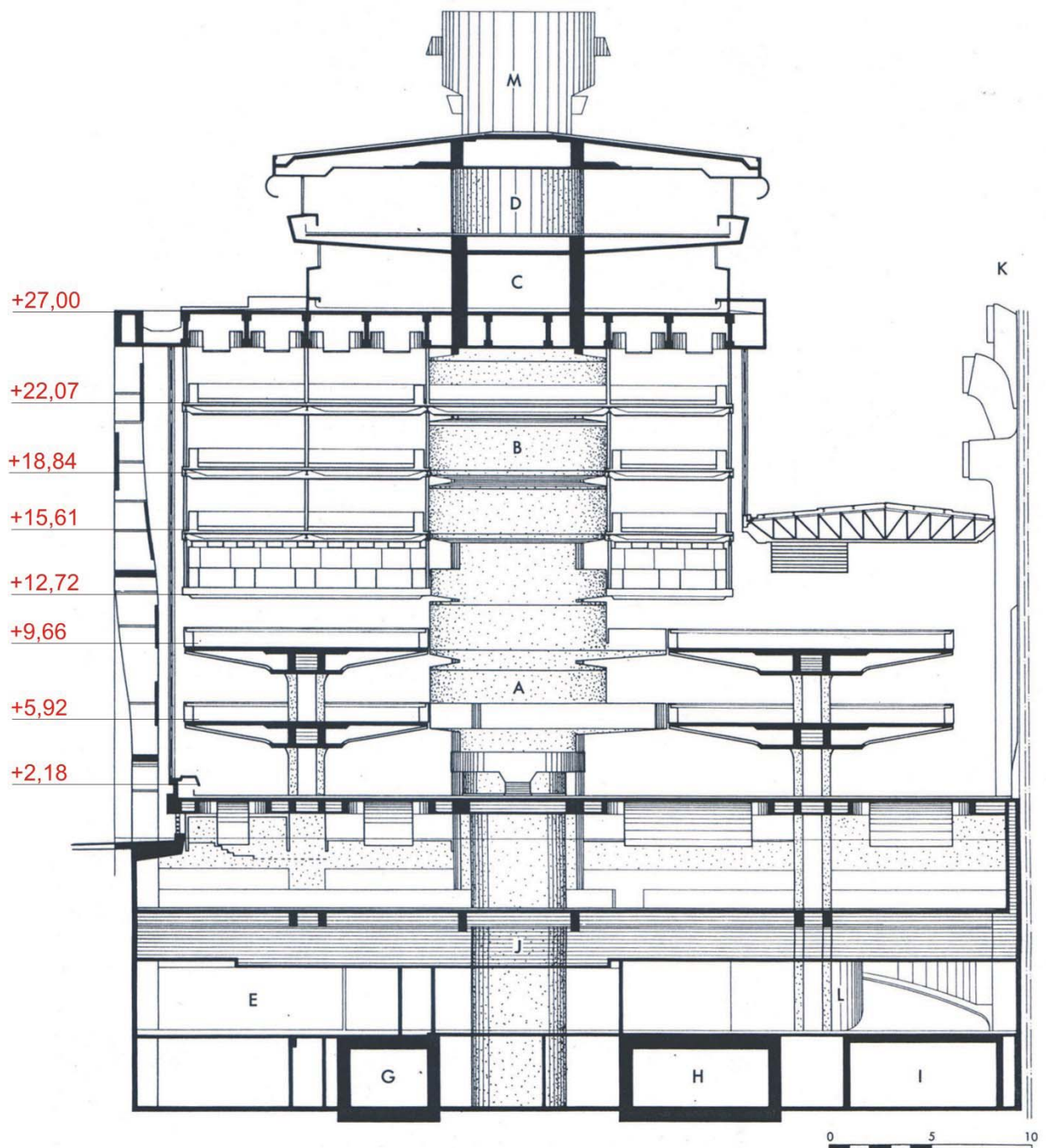
tos verticais encostados na alma das colunas, em forma de duplo T, que atravessam as lajes na proximidade de seus pontos de apoio, cria fortes concentrações de tensões em zonas nas quais foi difícil materializar a correta colocação da armadura e a concretagem. Problema este que obrigou os engenheiros a realizar um estudo analítico da questão.⁵⁶

O outro sistema estrutural ao qual faz-se referência é constituído por um conjunto de vigas, lado a lado, na cota +27,00 metros – cobertura -, que se apóiam sobre as colunas

56. PEDREGAL, J.M. "Sobre la concepción estructural del Banco de Londres". *Summa*. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.47.



Fig. 82. Detalhes dos interiores do Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Corte Transversal

A. Níveis com alto fluxo de público B. Níveis com baixo fluxo de público C. Refeitório diretoria D. Refeitórios E. Central de computadores G. Tesouro principal H. Tesouro de reserva I. Tesouro de títulos J. Distribuição horizontal do sistema de ar condicionado K. Exaustão e tomada de ar para sistema de ar condicionado L. Estacionamento M. Reservatório e casa de máquinas

Fig. 83. Corte Transversal. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, nº65, abr., 1984.)

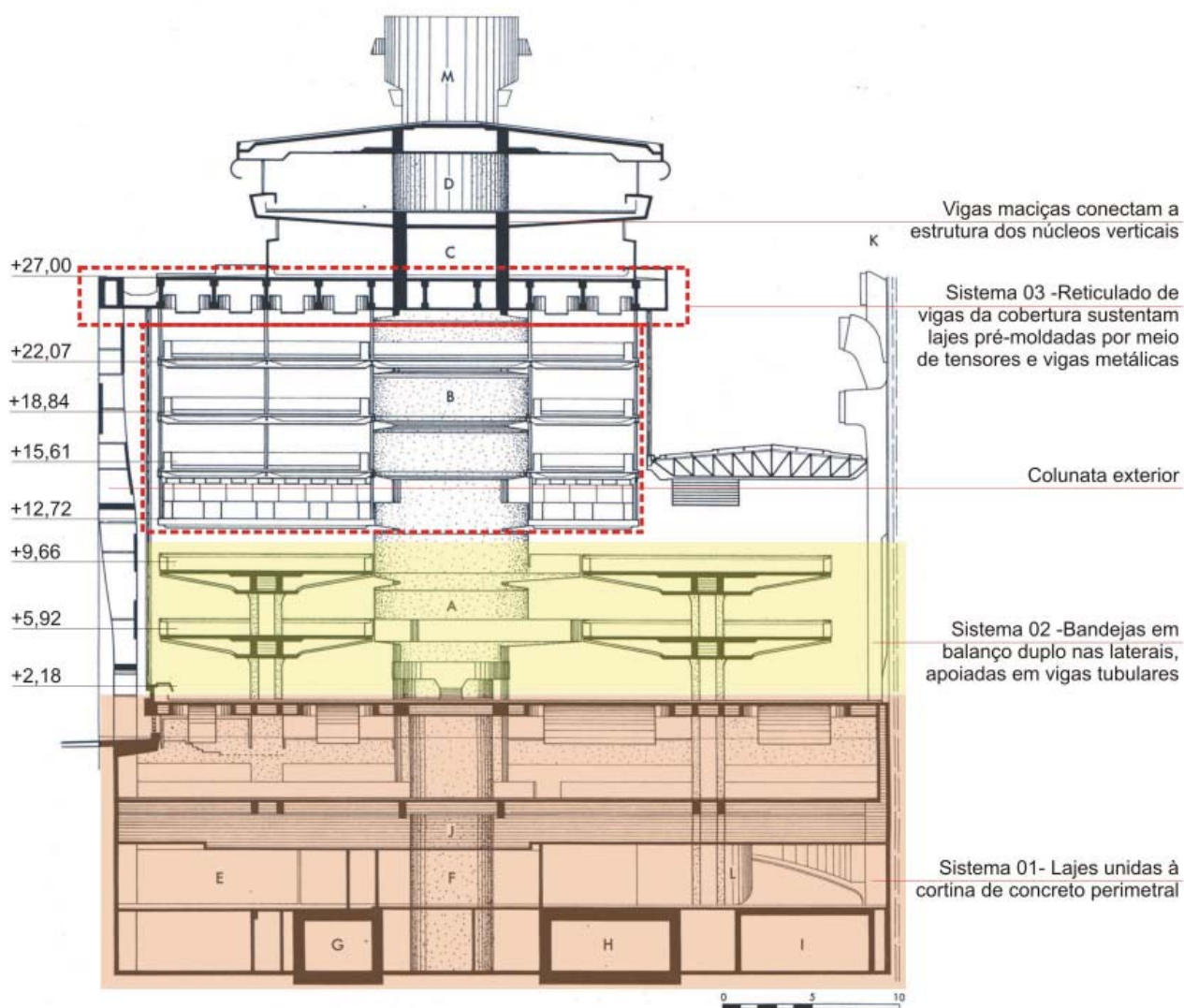


Fig. 84. Corte transversal demonstrando os sistemas e elementos estruturais. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, nº65, abr., 1984.)

presentes na fachada, sobre um pórtico - localizado no extremo sul da fachada interior - responsável pela estabilidade transversal, e nos dois grupos de circulação vertical.

As lajes +12,72 metros; +15,61 metros; +18,84 metros e +22,00 metros são os pavimentos destinados ao uso interno do Banco, que estão dispostos em dois grupos paralelos e se encontram suspensos mediante cabos tensores fixados no reticulado de vigas citadas anteriormente. A suspensão das lajes foi executada por meio de tensores e vigas metálicas, seguindo um módulo de 3,00 x 6,00 metros. Como trata-se de lajes pré-fabricadas de concreto, cada módulo corresponde a dois elementos de 1,50 x 6,00 metros. Dessa forma, cada laje produz um peso aproximado 1.800kg e completam um total de 4.000m² de superfície.⁵⁷

57. Idem

O módulo de três metros foi aplicado tanto no desenho das colunas exteriores, quanto nas vigas da cobertura. Sobre esta, duas grandes vigas maciças conectam a estrutura dos núcleos verticais e auxiliam na sustentação de parte da carga da cobertura.

As colunas presentes nas fachadas sofrem grandes esforços de compressão, por isso foi utilizado um concreto de tipo B350 e, para o restante da obra o B225.⁵⁸ Assim mesmo, essas colunas são interligadas umas nas outras, em diversos níveis, por meio de diafragmas verticais para, deste modo, confirmar a rigidez do sistema. A colunata perimetral cumpre, segundo os arquitetos, três funções fundamentais: de elemento estrutural de sustentação da cobertura; de máscara protetora dos reflexos do sol no interior da edificação; de expressão escultural da força e simbolismo previsto para o caráter do edifício. Por trás das colunas, apoiadas independentemente em uma estrutura de alumínio, estão os fechamentos transparentes, desenvolvidos com vidros térmicos para amenizar a carga térmica incidente na edificação.⁵⁹

A excelente imagem das superfícies de concreto aparente é conquistada especialmente pelo cuidado sobre a execução das formas - onde 60% das mesmas são confeccionadas no local - e pela utilização da relação entre a água e o cimento relativamente alta. Assim, o uso do vibrador de concreto é dispensado, uma vez que a utilização do mesmo em concretos pouco pastosos pode produzir a desagregação dos componentes do mesmo. A alta resistência buscada não poderia ser conseguida por meio de um aumento exagerado na dosagem do cimento, pois seriam aumentados, também, os inconvenientes derivados das retrações do mesmo.⁶⁰

Dadas as condições especiais de apoio do reticulado de vigas superior (cota +27,00) não são feitas juntas de dilatação nas mesmas, apesar de suas grandes dimensões – um dos lados do reticulado mede 75 metros. Os engenheiros optam por estudar as cargas normais de seus planos, além das produzidas pela ação das variações de temperatura⁶¹.

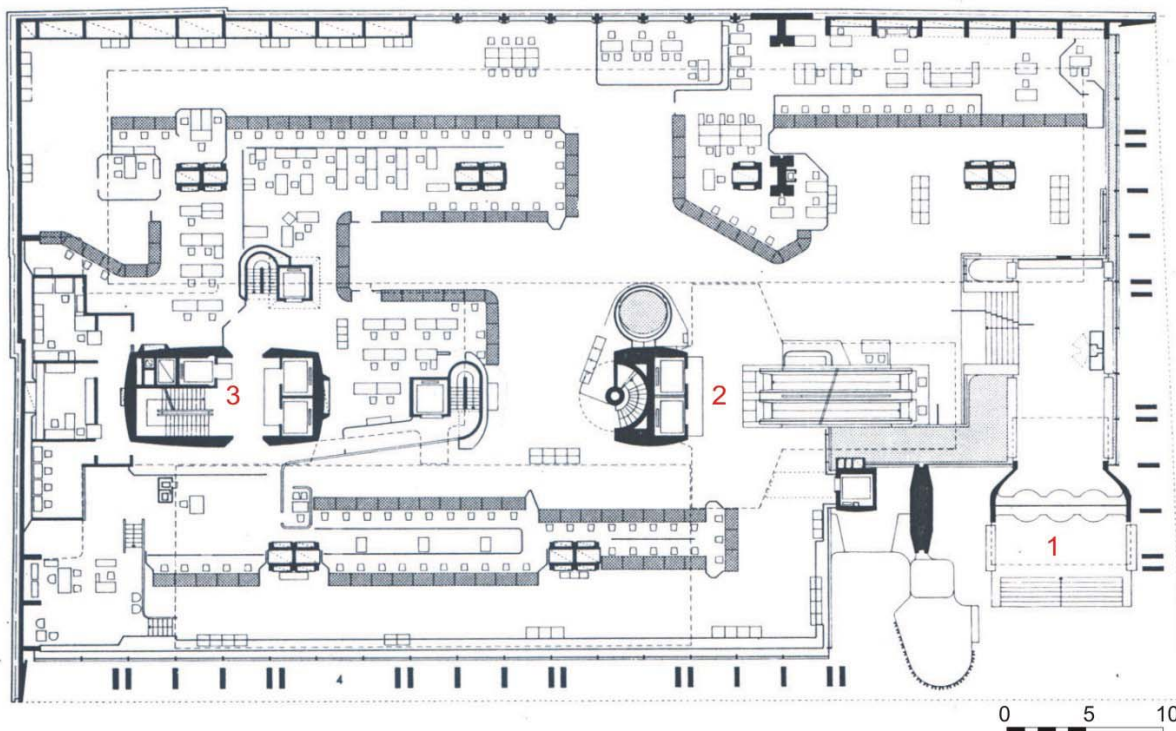
As formas metálicas são bastante utilizadas na obra, graças à versatilidade, resistência e duração ilimitada. Além disso, possuem um sistema auto-limpante e, devido a sua facilidade de transporte podem ser utilizadas progressivamente em diferentes partes da obra, eliminando quase totalmente as formas de madeira. Além do exposto, permitem

58. Idem

59. "Banco de Londres y America del Sur". **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.35.

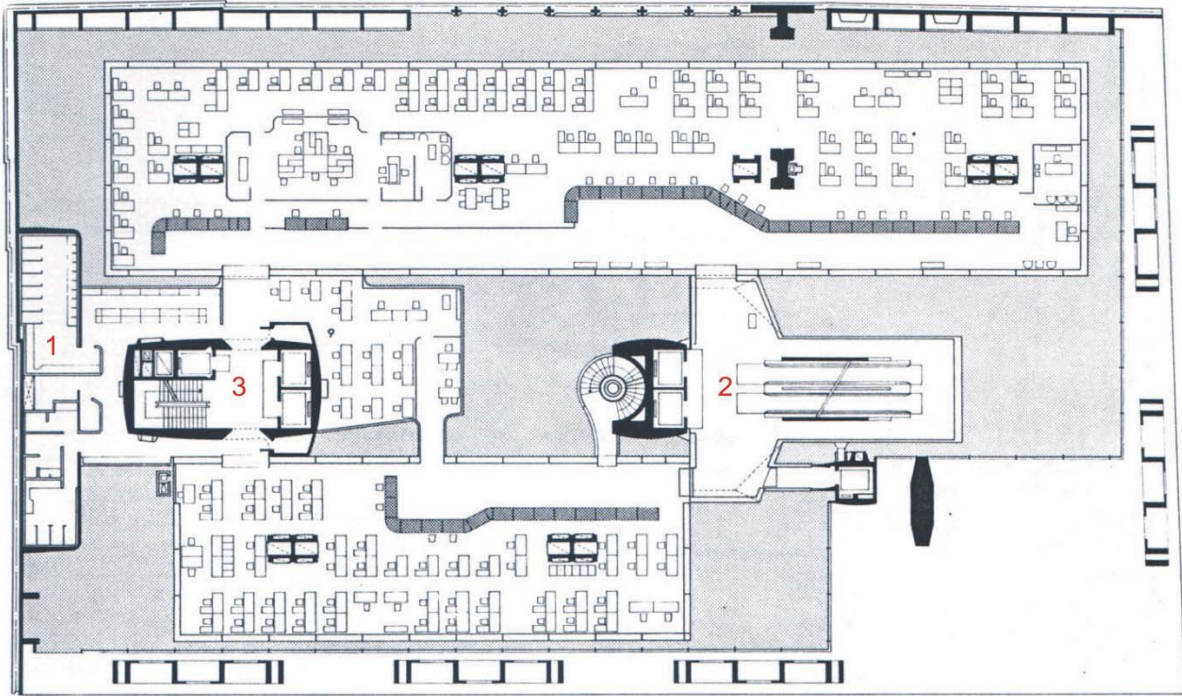
60. PEDREGAL, J.M. Loc.cit.

61. Idem



Planta Baixa Térreo (+2,18m)

1.Acesso Principal 2.Circulação vertical pública 3.Circulação vertical funcionários



Planta Baixa Bandejas (+5,92;+ 9,66m)

1.Serviços 2.Circulação vertical pública 3.Circulação vertical funcionários

Fig. 85. Planta Baixa Térreo. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, n°65, abr., 1984.)

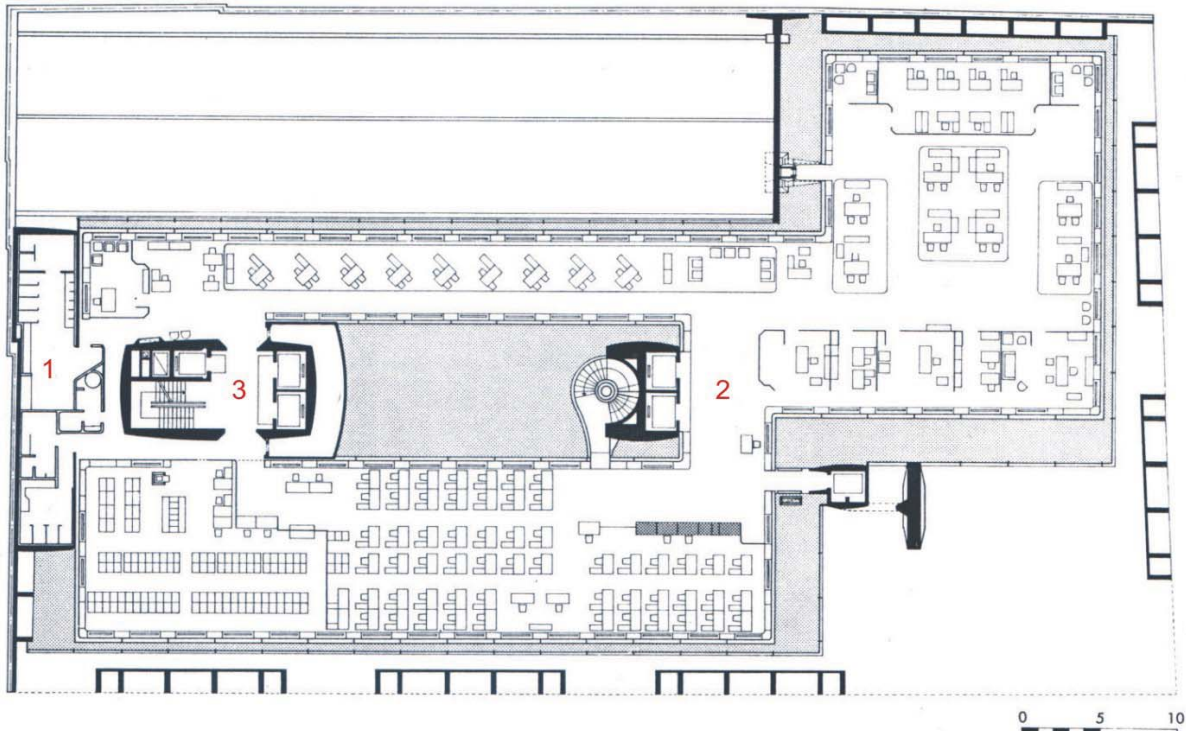
Fig. 86. Planta Baixa bandejas +5,92m; +9,66m. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, n°65, abr., 1984.)



Fig. 87. Detalhes dos interiores do Banco de Londres. (Fonte: Summa. n°6/7, dez.1966.)

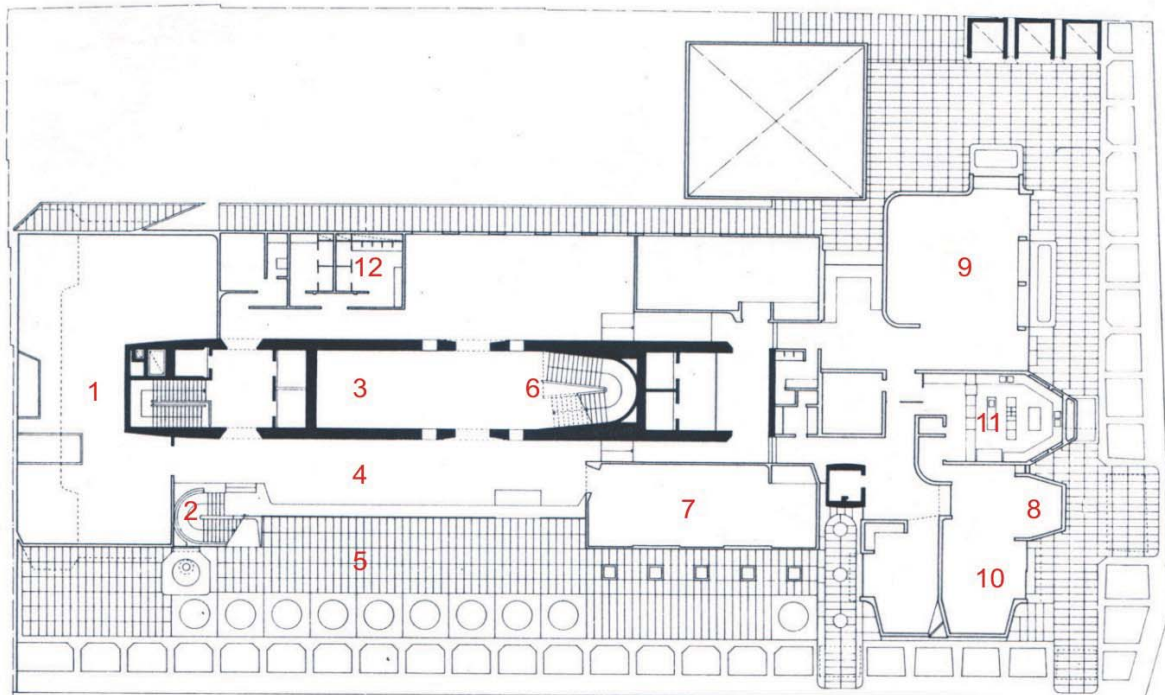


Fig. 88. Detalhes dos interiores do Banco de Londres. (Fonte: Summa. n°6/7, dez.1966.)



Planta Baixa Bandejas suspensas (+12,72; +15,61; +18,84; +22,07m)

1.Serviços 2.Circulação vertical pública (baixo fluxo) 3.Circulação vertical funcionários



Planta Baixa Cobertura (+27,00m)

1.Sala de máquinas 2.Escada de acesso a cobertura- gerentes 3.Biblioteca funcionários
4.Estar funcionários 5.Terraço 6.Escada de acesso a cobertura-funcionários 7.Sala de reuniões 8.Bar 9.Refeitório gerentes 10.Refeitório principal 11.Cozinha 12.Serviços

Fig. 89. Planta Baixa bandejas suspensas +12,72m; +15,61m; +18,84m; +22,07m. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, nº65, abr., 1984.)

Fig. 90. Planta Baixa cobertura +27,00. (Fonte: Desenho da autora sobre as referências publicadas na revista GA Books, nº65, abr., 1984.)

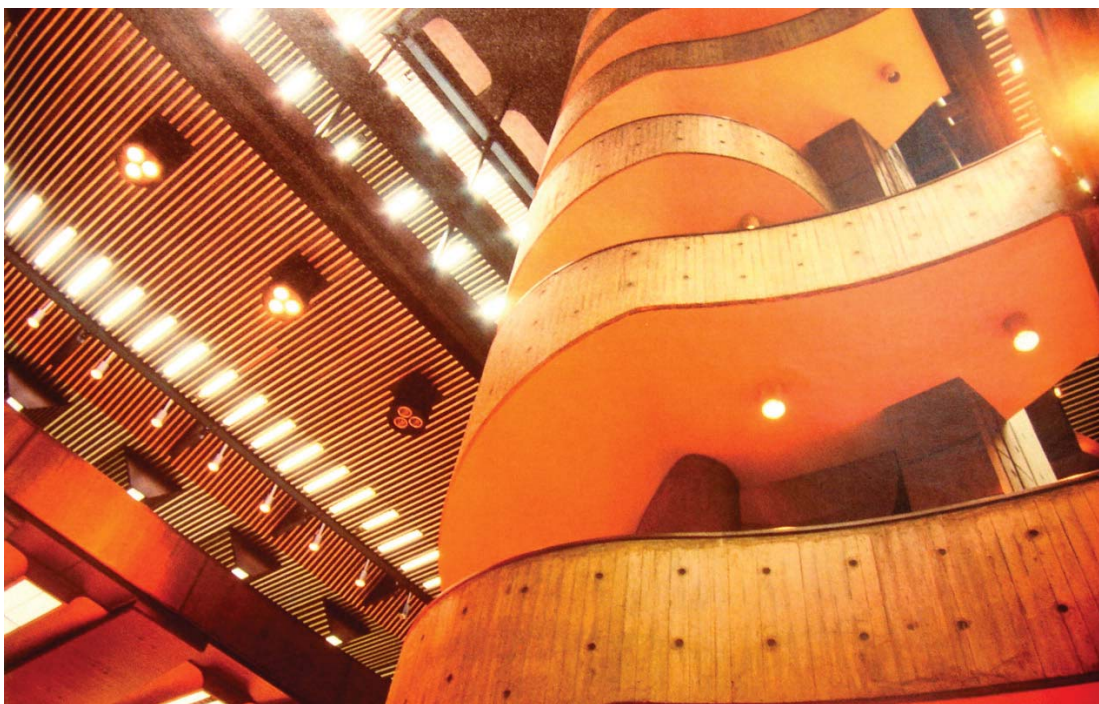


Fig. 91. Detalhes dos interiores do Banco de Londres. (Fonte: Berto Gonzalez Montaner, ed., Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX. Buenos Aires, Clarín, 2005.)



Fig. 92. Banco de Londres. Volume que cobre o acesso ao Banco. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

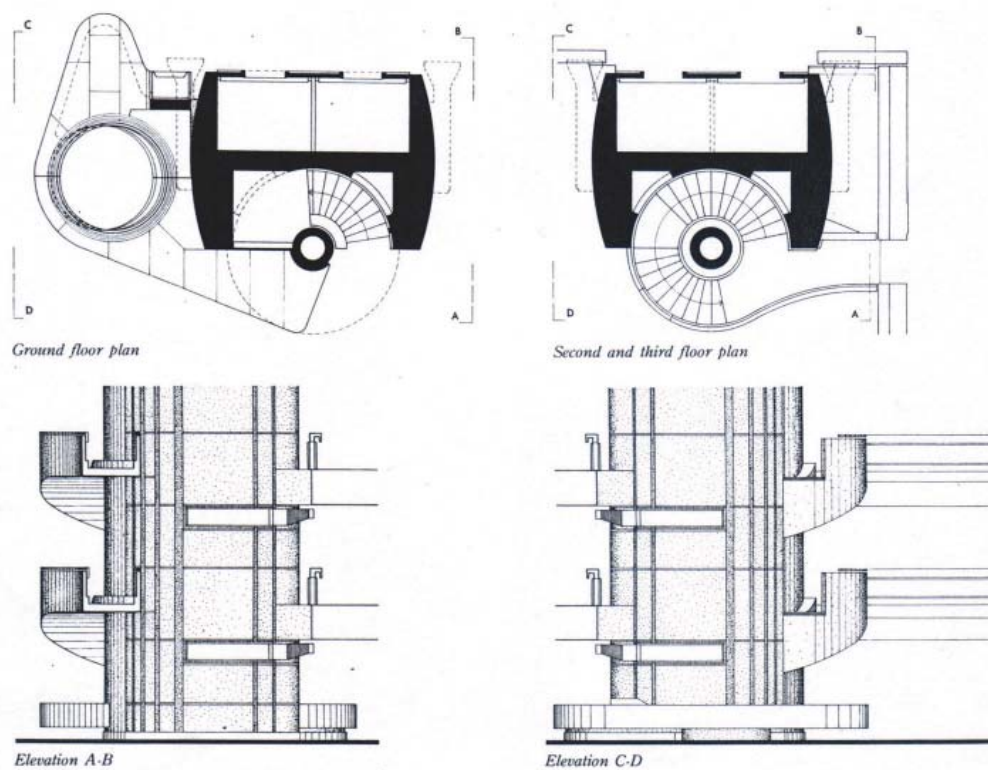


Fig. 93. Vista da escada de uso público. (Fonte: GLUSBERG, J. Clorindo Testa – pintor y arquitecto. Buenos Aires: Summa+ books, 1999.)



Fig. 94. Detalhe da escada de uso público. (Fonte: GA Books, n°65, abr., 1984.)

uma montagem rápida, que não necessita de mão de obra altamente especializada. São utilizadas as formas da marca Acrow, produzidos pela Acrow Argentina S.A., com licença da Acrow Engineers de Londres.⁶²

O alto custo das estruturas de concreto armado projetadas para garantir os vãos livres e a flexibilidade exigida pelo programa de necessidades do Banco de Londres, além dos anseios sobre a imagem arquitetônica desejada, é compensado – segundo os próprios arquitetos – pela simplificação da decoração e acabamentos. A maior parte do concreto armado fica aparente, sem qualquer acabamento além de um verniz transparente, utilizado no exterior, ou das zonas onde o mesmo foi colorido.⁶³

Praticamente todos os materiais empregados na construção são de origem local, tendo sido importado somente o imprescindível, como os vidros, aços especiais, máquinas para o sistema de ar condicionado, além dos revestimentos de madeira e o mobiliário para o setor da presidência, que resguardam, com suas linhas clássicas e severas, a antiga tradição do Banco.⁶⁴

Desde um ponto de vista formal e construtivo torna-se destacável a imaginação empregada para resolver cada um dos múltiplos detalhes construtivos dos elementos interiores e exteriores desta obra. Nesta ampla busca de soluções construtivas e formais, se agrega a preocupação pelo encontro dos materiais corretos e pelo tratamento das cores e iluminação.

A apreciação da obra acabada é uma prova de que todos os problemas foram devidamente estudados, além dos ajustes desenvolvidos entre as necessidades da obra e os técnicos. As emendas das formas, confeccionadas com peças elásticas nas suas extremidades, refletem a preocupação sobre os detalhes da obra, que por menor que sejam, não são deixados de lado. Sendo assim, o resultado final deve, principalmente, ao modo como são resolvidos esses pequenos elementos. Ressalta-se aqui a grande competência do mestre de obras alemão Enrique Kempfer, que executou a obra do Banco. Tanto o arquiteto Clorindo Testa, como o engenheiro Horacio Reggini, lembraram do modo cuidadoso com que o mestre desenvolvia a obra, detendo-se a estudar os pequenos detalhes projetados para que o resultado final fosse o melhor possível.⁶⁵

62. Idem

63. "Banco de Londres y America del Sur". **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966. p.40.

64. Idem. p. 42.

65. Foi feita uma entrevista com o arquiteto Clorindo Testa, em 6 de maio de 2009, e com o engenheiro Horacio Reggini, em 7 de maio de 2009. Ambas em Buenos Aires.

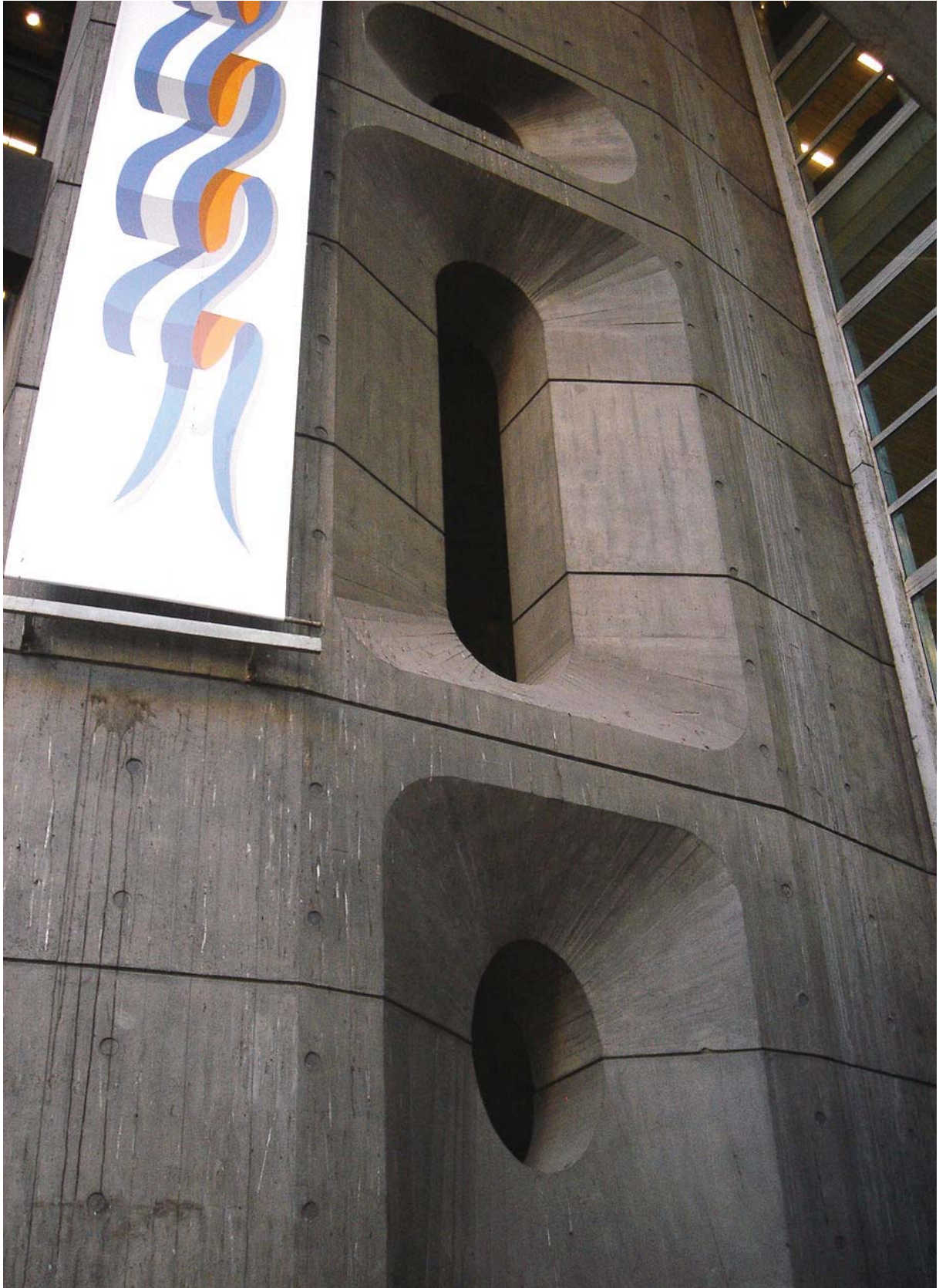


Fig. 95. Banco de Londres. Estrutura de concreto exterior. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 96. Banco de Londres. Extensão de 75 metros sobre a Rua Reconquista. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

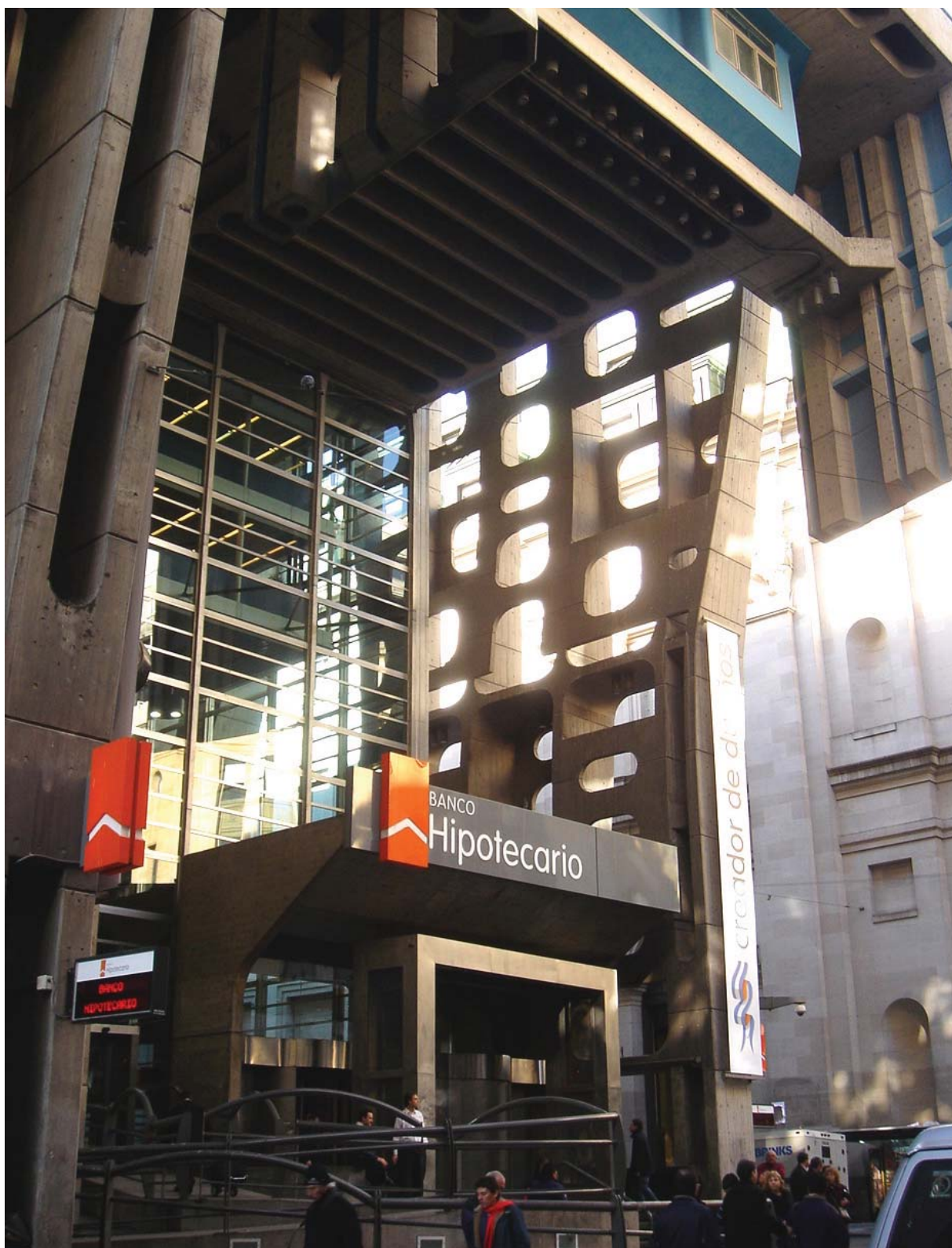


Fig. 97. Banco de Londres, vista do acesso ao Banco, na esquina das Ruas Bartolomé Mitre e Reconquista. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Na realidade, nesta obra, não se pode falar de um projeto estrutural, mas de um difícil estudo realizado por engenheiros para dar solução estável a um projeto fortemente marcado pela intenção formal. Neste caso, ao invés de buscar soluções que ocultassem os elementos portantes, como foi utilizado em algumas épocas, se faz o mesmo, mas com a intenção de mostrá-los.

Uma aproximação sobre a concepção estrutural dos detalhes executados, de suas instalações e dos inumeráveis planos que compõem o desenho de cada uma das partes do Banco de Londres e América do Sul, permite extrair proveitosos aspectos técnicos e estéticos. Esta situação constitui um dos numerosos valores desta obra, fruto de condições excepcionais que são produzidos raramente, e contém elementos possíveis de serem incorporados a um acervo comum, enriquecendo nossa experiência conjunta como criadores.

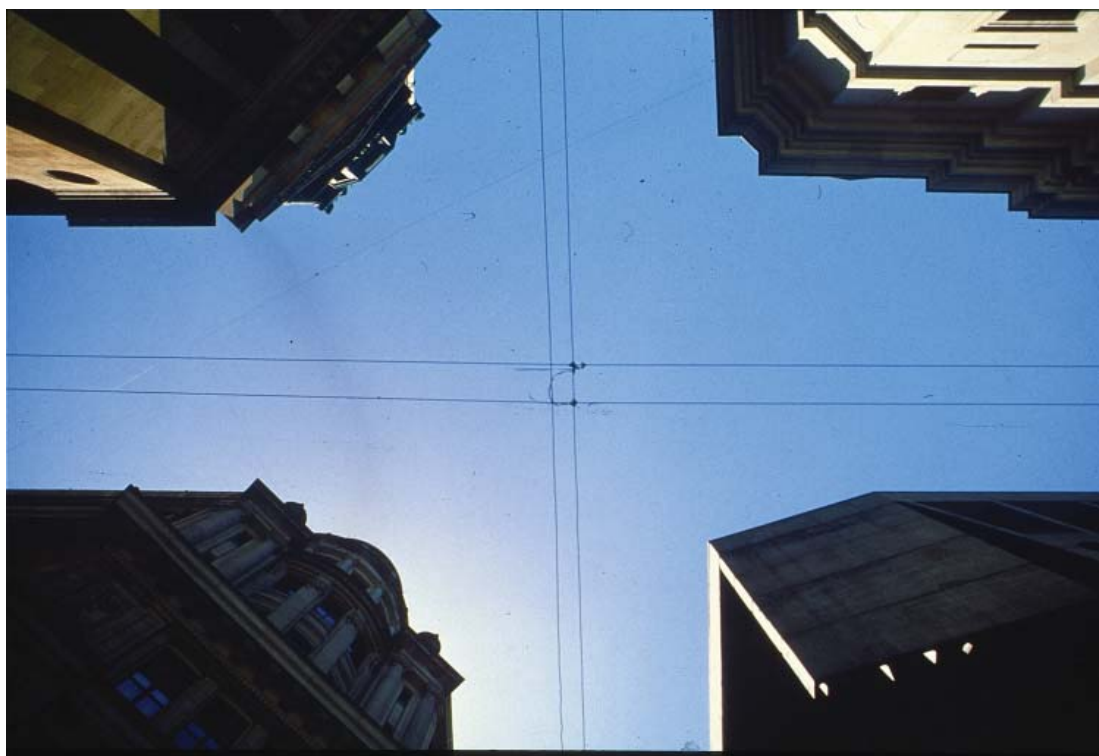


Fig. 98. O Banco de Londres e o contexto arquitetônico na esquina das Ruas Bartolomé Mitre e Reconquista. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

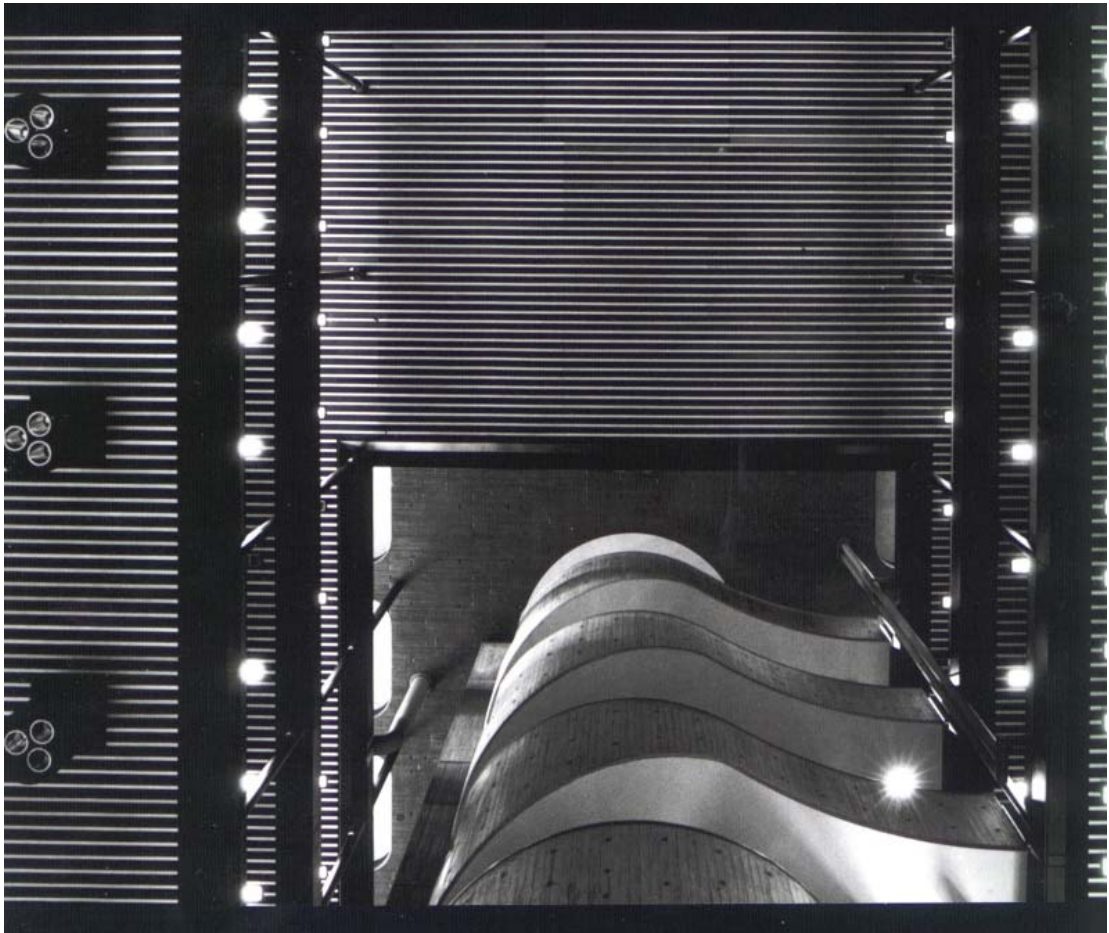
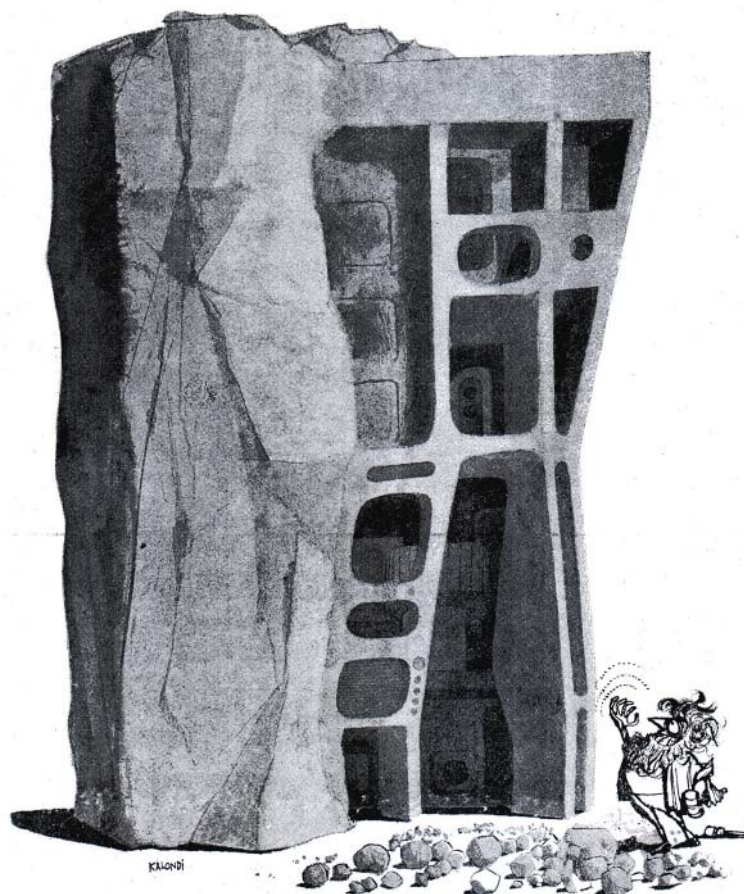


Fig. 99. Detalhes dos interiores do Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

Segundo Cuadra⁶⁶, nesse projeto, em comparação com o projeto da Casa de Governo de Santa Rosa, Testa avança claramente um passo na sua arquitetura ao ressaltar a noção de mega estrutura no plano urbano. Entretanto, segundo o autor, essa noção é ainda mais clara no projeto da Biblioteca Nacional, porque além de se apresentar como uma mega estrutura coesa, pode explorar ainda mais a espacialidade e a forma, por estar inserida em um terreno aberto.

66. CUADRA, M. **Clorindo Testa Architects**. Rotterdam: NAI Publishers, 2000. p.27.



- Parla!!

Fig. 100. Caricatura do Banco de Londres. (Fonte: Summa. n°6/7, dez.1966.)



Fig. 101. Banco de Londres. Detalhe das esquadrias entre os pilares que conformam a colonata perimetral.
(Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 102. Banco de Londres. Detalhe da colunata perimetral. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

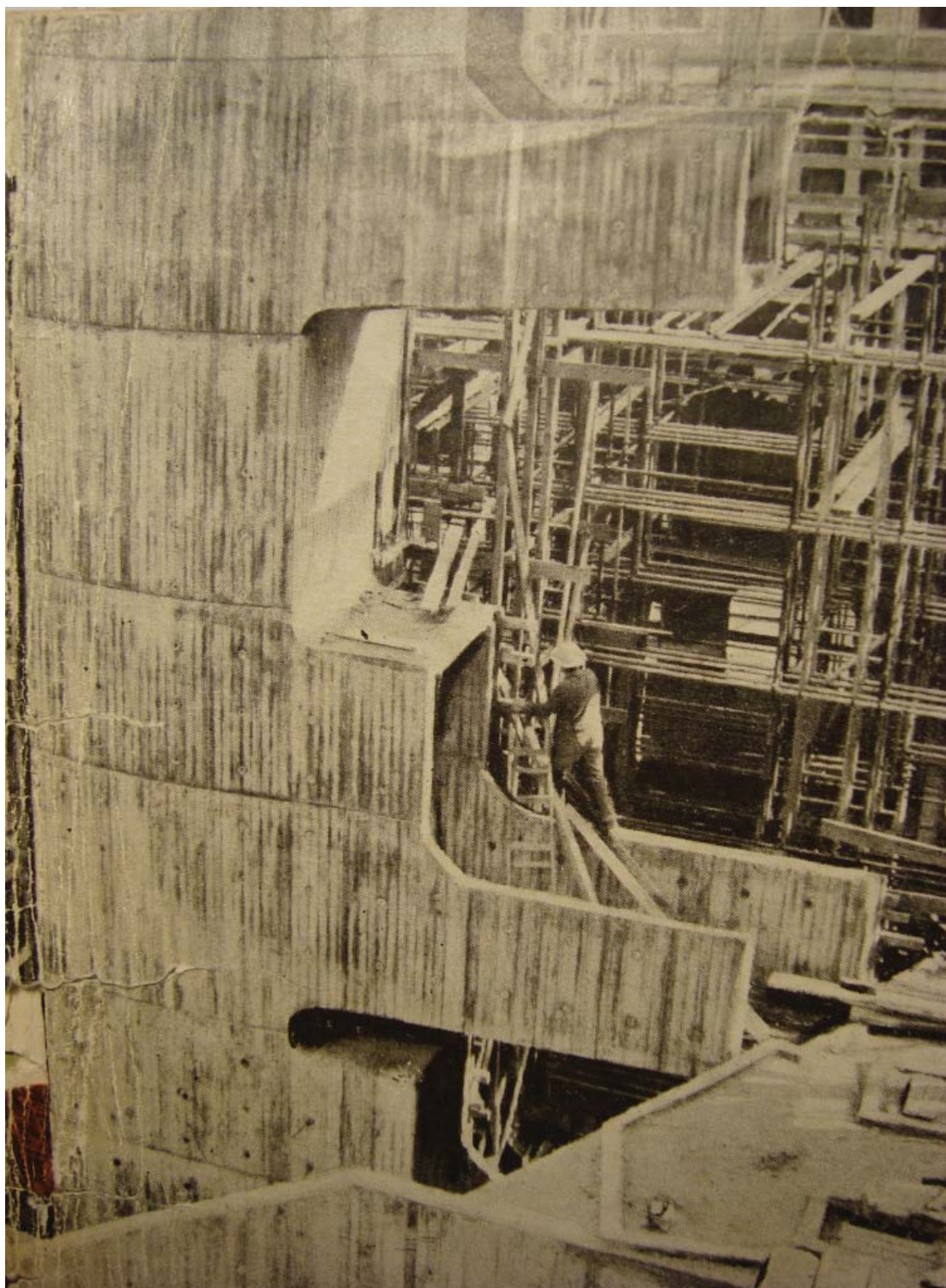


Fig. 103. Banco de Londres, em construção. (Fonte: Construcciones. n.191, 1964.)

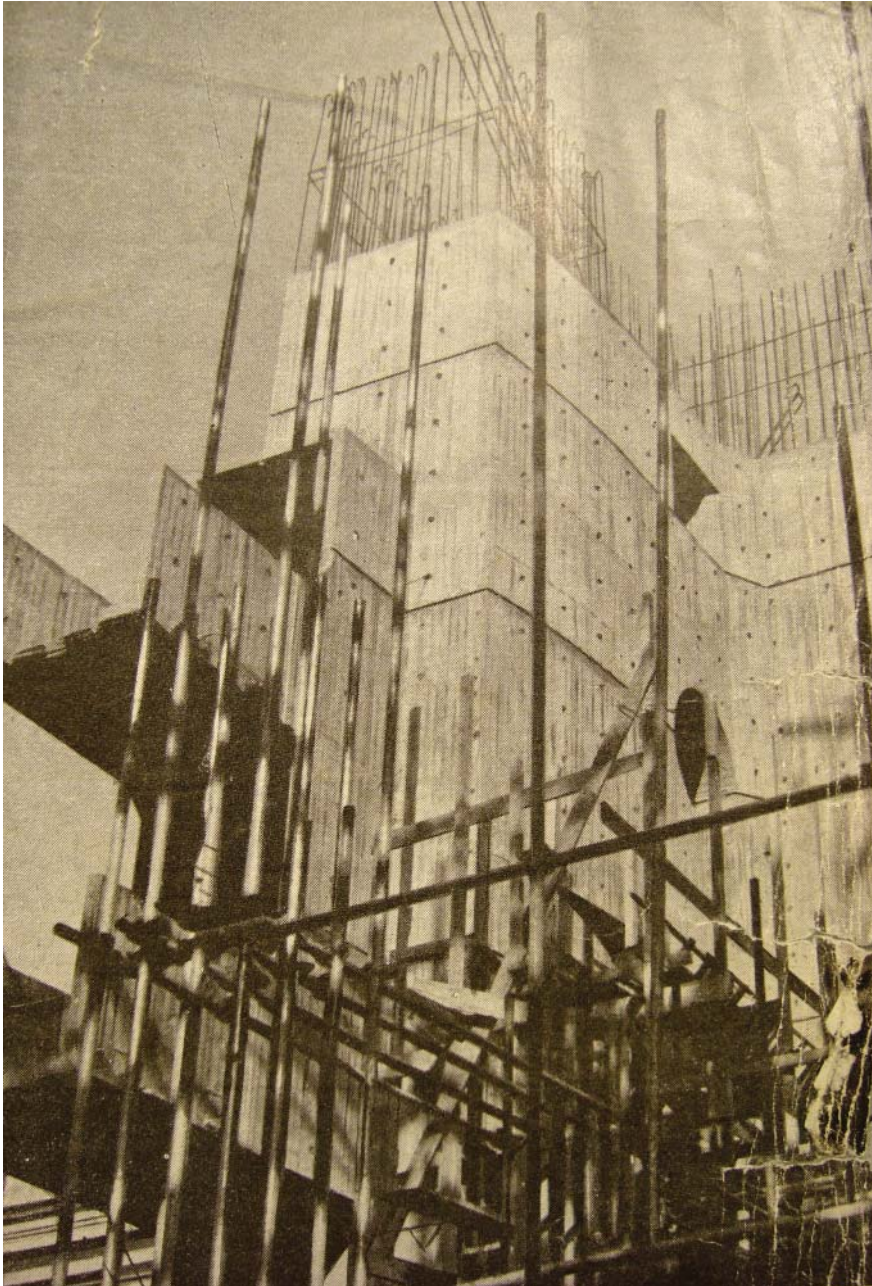


Fig. 104. Banco de Londres, em construção. (Fonte: Construcciones. n.191, 1964.)

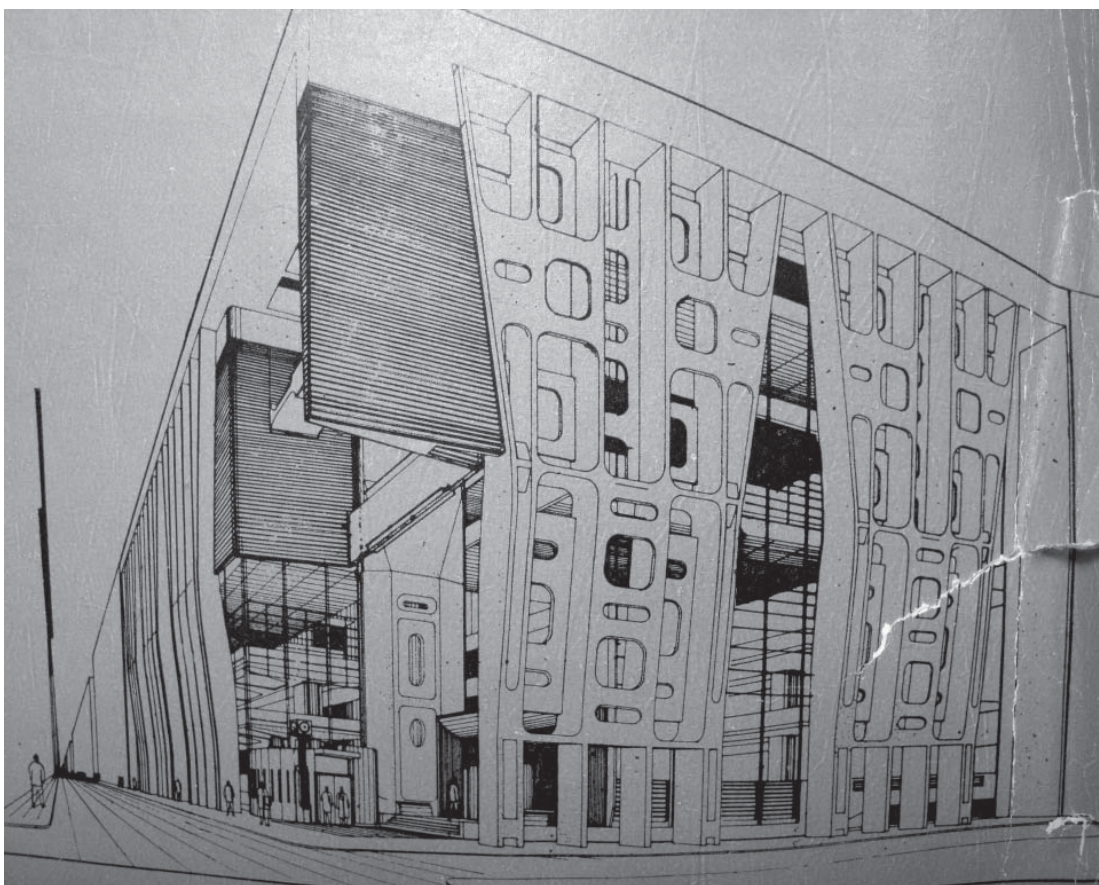


Fig. 105. Banco de Londres, perspectiva externa. (Fonte: Construcciones. n.191, 1964.)

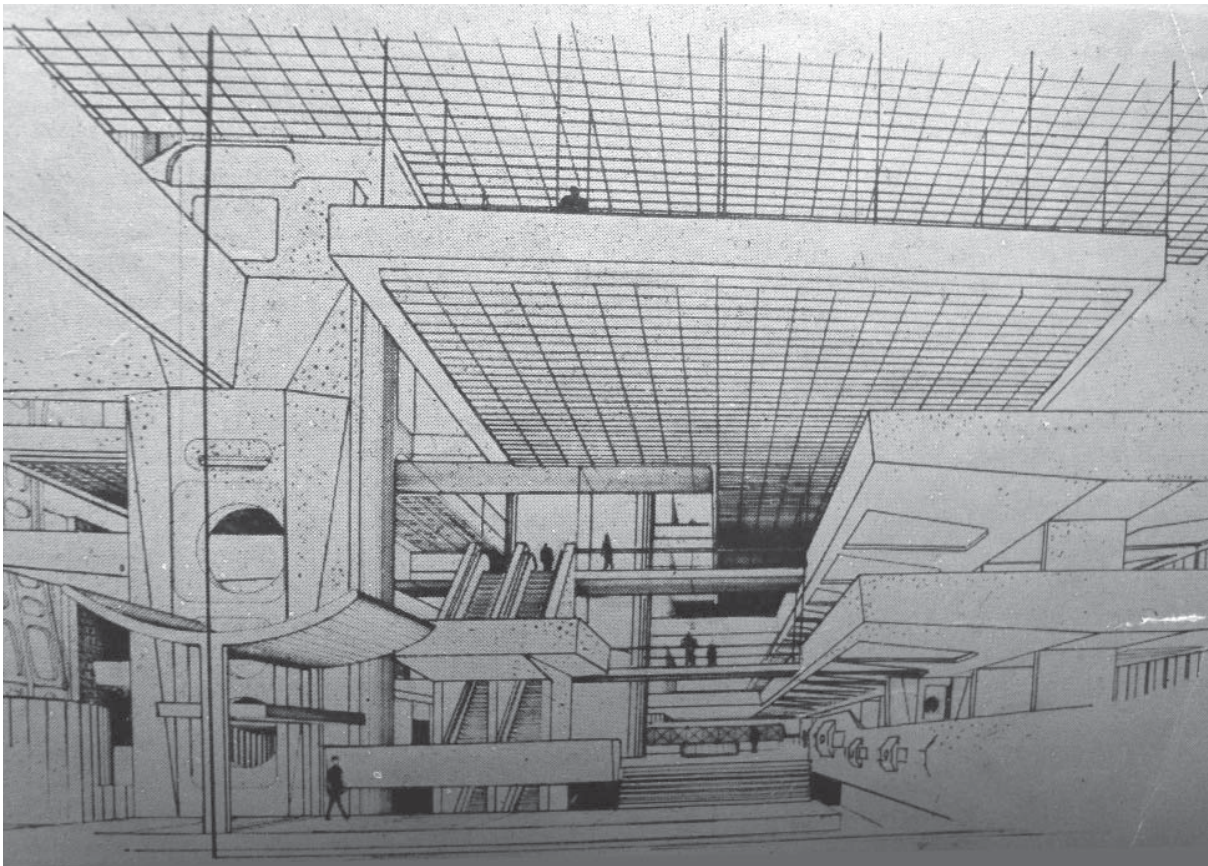


Fig. 106. Banco de Londres, perspectiva interna. (Fonte: Construcciones. n.191, 1964.)



Fig. 107. Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

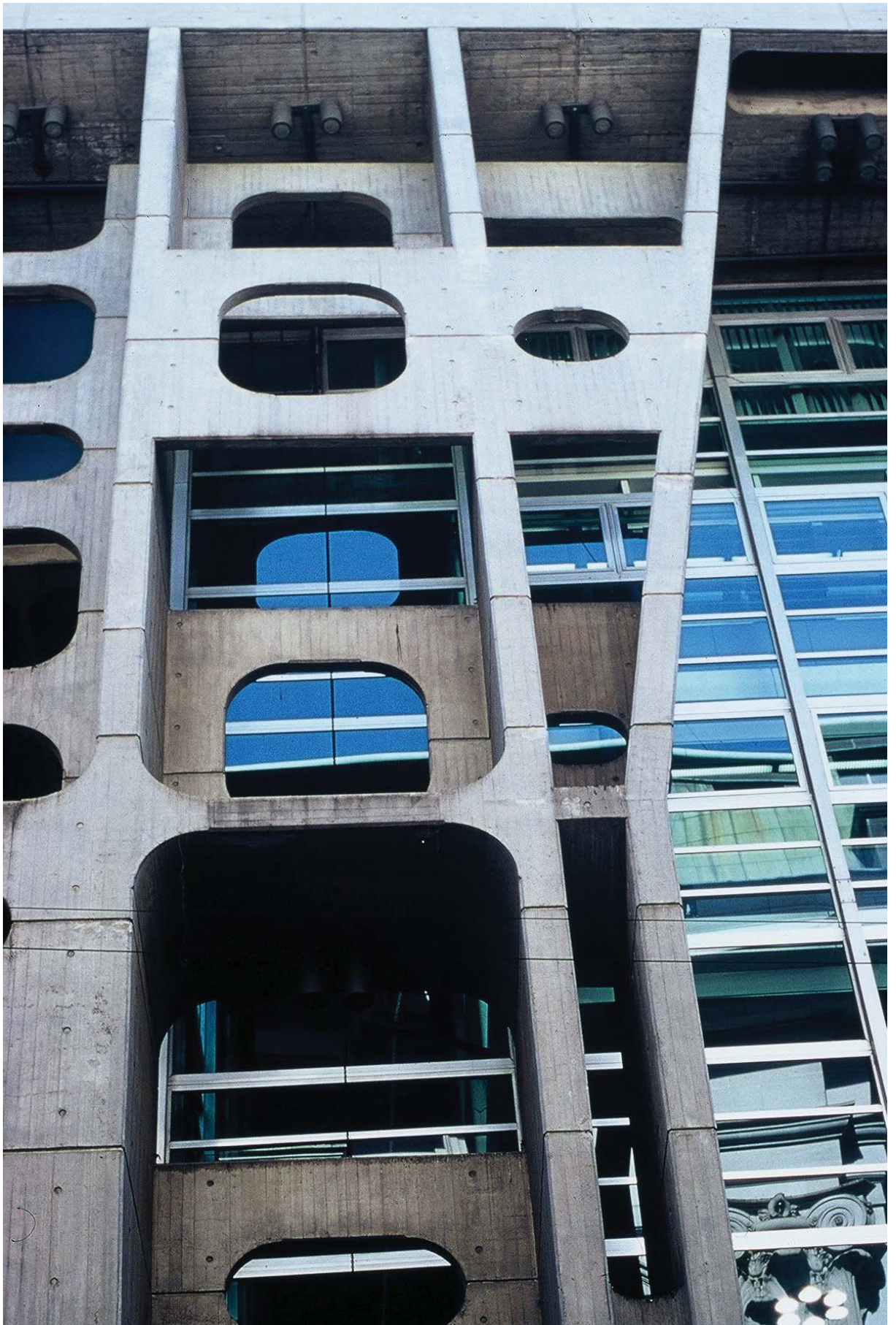


Fig. 108. Banco de Londres. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

3. BIBLIOTECA NACIONAL



Fig. 01. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

3.1 ANTECEDENTES, A FUNDAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA NACIONAL

No ano de 1810, diversos acontecimentos marcaram a história da Argentina. Entre eles destaca-se a Revolução de Maio, um movimento de caráter social e político que visava a emancipação do vice-reinado do Prata. Diante do desejo de independência da Espanha e da criação de uma nação livre e independente, três posicionamentos distintos se confrontavam. Uns queriam a independência imediata, a qualquer custo. Outros, mais conservadores, assinalavam a importância de manter-se sob o manto espanhol frente às incertezas dos acontecimentos na Europa. E um terceiro grupo acreditava na independência, mas não considerava aquele momento propício, dado o desenvolvimento dos fatos no velho continente. Sendo assim, em 25 de maio de 1810, foi constituída em Buenos Aires a Primeira Junta, órgão de caráter colegiado, que visava discutir as proposições para o povo e somente em 1816, durante a Semana de Maio, a revolução culminou com a Independência da Argentina.¹

Contudo, particular interesse reside no ano de 1810, por ter sido nele decidido, através decreto da Primeira Junta de Governo da Revolução de Maio, a criação de uma biblioteca de caráter público para agrupar o acervo cultural produzido no país, além de outros documentos. A notícia se torna pública em 13 de setembro de 1810, através de uma nota no jornal “La Gazeta de Buenos Ayres”:

“(...) A Junta resolveu formar uma Biblioteca Pública, para que se facilite aos amantes das letras um recurso seguro para aumentar seus conhecimentos (...). A Junta resolveu fomentar esse estabelecimento, e espera que os bons patriotas ajudem nos gastos de estantes e demais custos inevitáveis, sendo que as quantias serão recebidas na Secretaria de Governo; nomea-se desde agora como bibliotecários o Dr. Don Saturnino Segurola e ao reverendo Reverendo Padre Fray Cayetano Rodriguez, (...) e nomeia-se igualmente por protetor dessa Biblioteca o Secretário de Governo Dr. Don Mariano Moreno (...)”²

Portanto, em 7 de setembro de 1810, inicia-se o desenvolvimento da Biblioteca Pública e somente em 16 de março de 1812, a mesma é inaugurada na “Manzana de

1. Disponível em www.pt.wikipedia.org e em www.argentina.gov.ar

2. **La Gazeta de Buenos Ayres**, 13.09.1810.

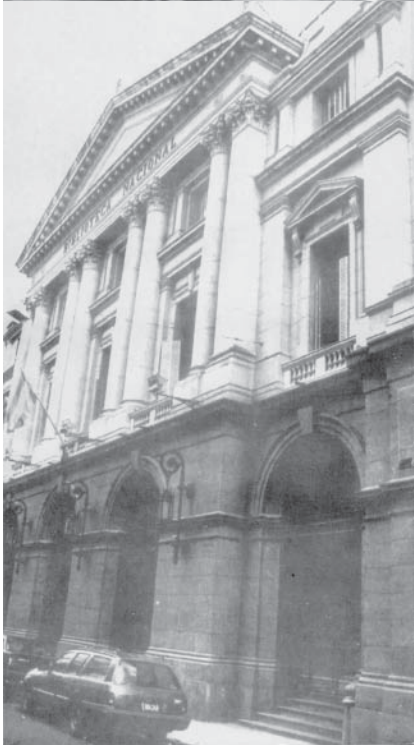


Fig. 02. "Manzana de las Luces". (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 03. Prédio na Rua México, nº 564. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 04. Sala de Leitura da Biblioteca Nacional, localizada no prédio na Rua México nº 564. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



Fig. 05. José Edmundo Clemente, Jorge Cocos Lescano, Jorge Luis Borges y Angel Batistessa, discutiendo sobre a necessidade de agilizar a construção do novo edifício para a Biblioteca Nacional. (Fonte: La Razón, 18 de fevereiro de 1961.)

las luces”, uma casa do século XVIII, localizada na esquina das Ruas Moreno e Peru. Ressalta-se que a denominação Biblioteca Nacional somente passa a ser utilizada depois de 1880, - ano que marca a federalização da cidade de Buenos Aires - quando a biblioteca pública é entregue à Nação. Os primeiros livros que compuseram o acervo faziam parte de uma biblioteca que o Bispo Manuel Azamor y Ramirez doou ao Cabildo Eclesiástico em 1796. Para aumentar a quantidade de livros no local, a Junta faz um pedido através de ofício, ao reitor do “Colegio de San Carlos”, para que sejam doados os livros que pertenciam à Companhia de Jesus, expulsa do território Argentino em fevereiro de 1767.³

A Biblioteca Nacional permanece na “Manzana de las luces” durante noventa anos, sendo transferida, em 1901, para um novo prédio - originalmente construído para a Loteria Nacional, pelo arquiteto italiano Carlos Morra - na Rua México, nº 564. Sendo assim, em 27 de dezembro de 1901, é inaugurada a nova Biblioteca Nacional.⁴

Destaca-se que todas as edificações, onde foram dispostas as dependências da Biblioteca Nacional, não haviam sido projetadas para tal fim. Deste modo, no início da década de 40, se insiste na proposição de uma sede efetivamente elaborada para

3. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. “Un edificio para la biblioteca nacional”. *Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos*. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.

4. “Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional”. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963. p.7.

ela e, inclusive, em tal ocasião, um projeto é formulado.⁵ Porém, somente a partir do golpe de 1955, o processo adquire um novo impulso e no ano do sesquicentenário de sua criação, o Poder Executivo, através do decreto N° 6.123, de 31 de maio de 1960, destina um terreno para a construção do prédio para a Biblioteca Nacional. No mesmo ano, o Senhor Ministro da Educação e Justiça da Nação, através da Resolução N° 5.033, de 12 de julho, propõe um concurso de anteprojetos para a solução arquitetônica do edifício.⁶

Cabe ressaltar o esforço do então diretor da Biblioteca Nacional, Jorge Luis Borges, que, por decreto, foi instituído para o cargo em 21 de outubro de 1955, onde permanece até final de março de 1973. Essa direção dá impulso para a construção da nova edificação e propicia a fundação da Escola Nacional de Bibliotecários, estabelecida por decreto em 1956.⁷

5. LIERNUR. P. "Alpargatas no.Libros si. Para una critica: Concurso Nacional de Anteproyectos – La Biblioteca Nacional". **Revista Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982. p.14.

6. "Concurso de Anteproyectos para la construccion del edificio de la Biblioteca Nacional". **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963. p.7.

7. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construccion del edificio de la Biblioteca Nacional**. Buenos Aires: junho de 1961. p.32.

3.1.1 A “QUINTA UNZUÉ”



Fig. 06. “Paseo Recoleta”, em frente ao Centro Cultural Recoleta e “Iglesia del Pilar”. (Fonte: acervo da autora. Junho 2007.)

O terreno escolhido para a construção da nova edificação para a Biblioteca Nacional encontra-se no Bairro Recoleta, em cujo caráter se podem perceber grandes valorizações paisagísticas e simbólicas.⁸ Em meados de 1871, em virtude de uma epidemia de febre amarela, a burguesia portenha começa a se estabelecer na zona da Recoleta, dada a quantidade de árvores e ar puro que o local oferecia. Antes disso, vivia na zona mais ao sul da cidade, próxima ao centro fundacional.⁹ O “Âmbito da Recoleta”,

8. Neste bairro encontram-se algumas das edificações mais antigas da cidade. Como exemplo pode-se citar a Igreja del Pilar cujo projeto foi desenvolvido entre os anos 1706 e 1732, juntamente com Convento de la Orden de los Franciscanos Recoletos, atual Centro Cultural Recoleta. Em 1821 constrói-se o Cemitério da Recoleta, localizado nas proximidades das edificações citadas anteriormente.

9. Ressalta-se que Buenos Aires aparece na cena americana em 1536, fundada em 3 de fevereiro por Pedro de Mendoza, com o nome de “Nuestra Señora del Buen Ayre”. A cidade é abandonada, arrasada pelos índios, e refundada em 11 de junho de 1580 com o nome de “Ciudad de la Santísima Trinidad y Puerto de Nuestra Señora del Buen Ayre”. Esta “refundação” é atribuída a Juan de Garay e caracteriza as origens físicas da cidade atual. Posteriormente a cidade acaba por adotar o nome de Buenos Aires. Garay aplica de maneira fiel as leis espanholas, as chamadas “Leis das Índias”. Estas por sua vez, correspondiam a um corpo legal que através de uma descrição textual exemplificava um modelo de desenho urbano. O traçado aplicado adapta-se facilmente ao meio natural da cidade, pois esta se apresenta como uma planície. O tecido urbano de Buenos Aires é configurado a partir da “praça maior”, a Praça da Vitória, atual Praça de Maio, sendo conformado por um retângulo quadriculado com dezesseis quadras de frente e nove de profundidade, orientados pelos pontos cardeais. Cabe ressaltar que diferentemente de outras cidades latino-americanas fundadas por espanhóis, a localização da “praça maior” não é centralizada nas terras disponíveis e, sim, mais ao sul. Algumas quadras depois da praça “central”, a quadrícula se desmembra e se configura como um cinturão de “quintas” que

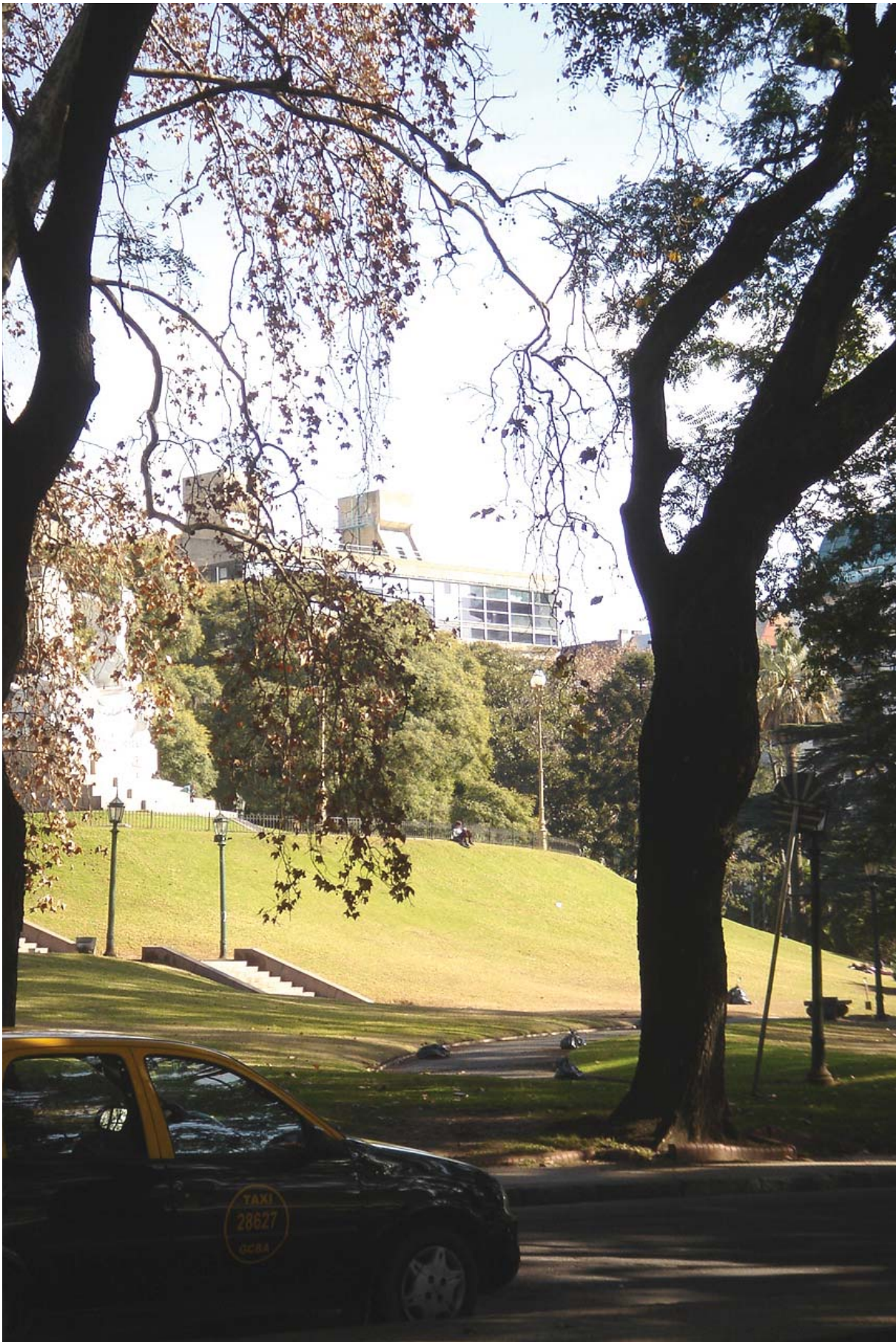


Fig. 07. Mediações da Biblioteca Nacional. (Fonte: acervo da autora. Junho 2007.)

como era conhecido, estava configurado como um cinturão de “quintas” que envolvia a cidade. Esse fragmento urbano era uma de suas rotas de entrada e apresentava uma paisagem atrativa, principalmente por sua topografia e visuais apreendidas do rio.¹⁰

O momento de particular consolidação da cidade e do Bairro Recoleta ocorre em 1880, quando a cidade é declarada Capital da República. Neste momento, desenvolve-se um projeto progressista na gestão do Intendente de Alvear, que busca a “europeização” e modernização do país. O projeto modernizador se coloca em marcha e as principais reformas são centradas na remodelação da Praça de Maio; no projeto da Avenida de Maio; na abertura das diagonais Norte e Sul; na qualificação da trama urbanística com as avenidas Santa Fé, Córdoba, Corrientes, Belgrano, Independência e Caseros; no calçamento de grande parte das ruas da cidade e na criação de praças e passeios, como o “Paseo Recoleta”. Neste momento, surgem os palacetes construídos nas quintas e rodeados por jardins, especialmente ao modelo francês.¹¹

Entre essas quintas, a “Quinta Unzué” - que pertencia ao Sr. Mariano Unzué e sua esposa, Mercedes Baudrix - merece especial destaque nessa pesquisa. Com a morte de Elena Unzué, - filha de Mariano e Mercedes - o terreno e o casarão, construído no local em 1887, passam para suas filhas, mas são expropriados em 1936, durante o governo do General Agustín P. Justo.¹² Sendo assim, ambos são declarados por lei de utilidade pública e na reunião nº 57 da Câmara de Deputados, realizada em 21 de janeiro de 1937, depois de longas discussões sobre a necessidade ou não de adquirir a mansão para residência presidencial, é sancionada pela Câmara a lei 12.352, do ano de 1936, que estabelece:¹³

“Art. 1. Declara-se de utilidade pública o imóvel localizado na Av. Alvear, quarteirão compreendido entre as Ruas Agüero e Áustria, de propriedade particular, conhecido pela denominação de “Quinta Unzué”. Declara-se, igualmente de utilidade pública o resto do quarteirão.

envolve a cidade. (Fonte: RIAL, H. V. **Buenos Aires 1880- 1930 – La capital de um império imaginário**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1996.)

10. RIAL, H. V. **Buenos Aires 1880- 1930 – La capital de um império imaginário**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1996.

11. Disponível em www.arquitectura.com

12. “Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional”. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963. p.7.

13. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. “Un edificio para la biblioteca nacional”. **Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos**. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.



Fig. 08. “Quinta Unzué”, Eva Perón na residência presidencial. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Art. 2. Autoriza-se o Poder Executivo a expropriar os imóveis a que se refere o artigo anterior, devendo imputar-se da presente lei os gastos que derivem da execução da mesma.”

O Presidente General Juan Domingo Perón e sua esposa se instalam na residência presidencial. Neste local, morre Eva Perón, em 1952. A residência é demolida em 1956, durante a presidência do General Pedro Eugenio Aramburu.¹⁴

14. Idem

3.2. DO CONCURSO À CONSTRUÇÃO: 1960 – 1992

3.2.1. O CONCURSO¹⁵

Em 31 de maio de 1960, através do decreto nº6.123, destina-se para a construção do novo edifício para a biblioteca, o terreno onde se localizava um solar de propriedade fiscal na capital federal. Trata-se de um trecho da “Quinta Unzué”, localizada no quarteirão entre a Avenida del Libertador e a Avenida Las Heras e as Ruas Áustria e Agüero. A forma do terreno se apresenta como um trapézio, com base maior de 274,45 metros sobre a Rua Agüero, e a menor, de 176 metros, sobre a Rua Áustria e altura de 96,34 metros sobre a Avenida Las Heras.¹⁶ Sobre a Avenida del Libertador, em sua face não ortogonal, possui 120 metros e apresenta um elevado talude gramado.

Destaca-se que, desde o momento em que o concurso é proposto até hoje em dia, as vias adjacentes ao terreno se configuram de maneira diferenciada entre elas, tanto por aspectos de dimensionamento viário, quanto pelas tipologias que as mesmas concentram. As duas ruas que se prolongam no sentido longitudinal do terreno, Ruas Áustria e Agüero, possuem características próprias de bairro, estabelecendo relações quase como uma rua corredor, onde, lado a lado, edificações residenciais configuram o espaço urbano e, em alguns momentos proporcionam pequenos comércios no térreo. Contudo, destaca-se que nas proximidades da Av. del Libertador, a Rua Agüero não apresenta qualquer edificação e estabelece intensa relação entre o talude gramado presente no terreno da Biblioteca e a “Plaza Mitre”. Ao caminhar por esse espaço, é possível perceber a continuidade espacial e visual das áreas verdes presentes na região.

A Av. Las Heras apresenta características semelhantes às Ruas Agüero e Áustria no que concerne às tipologias arquitetônicas presentes, contudo, o desenvolvimento de áreas comerciais se demonstra mais efetivo. Além disso, com dimensões mais amplas do que

15. Em anexo, as bases oficiais do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional.

16. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional.** Buenos Aires: junho de 1961. p.58.

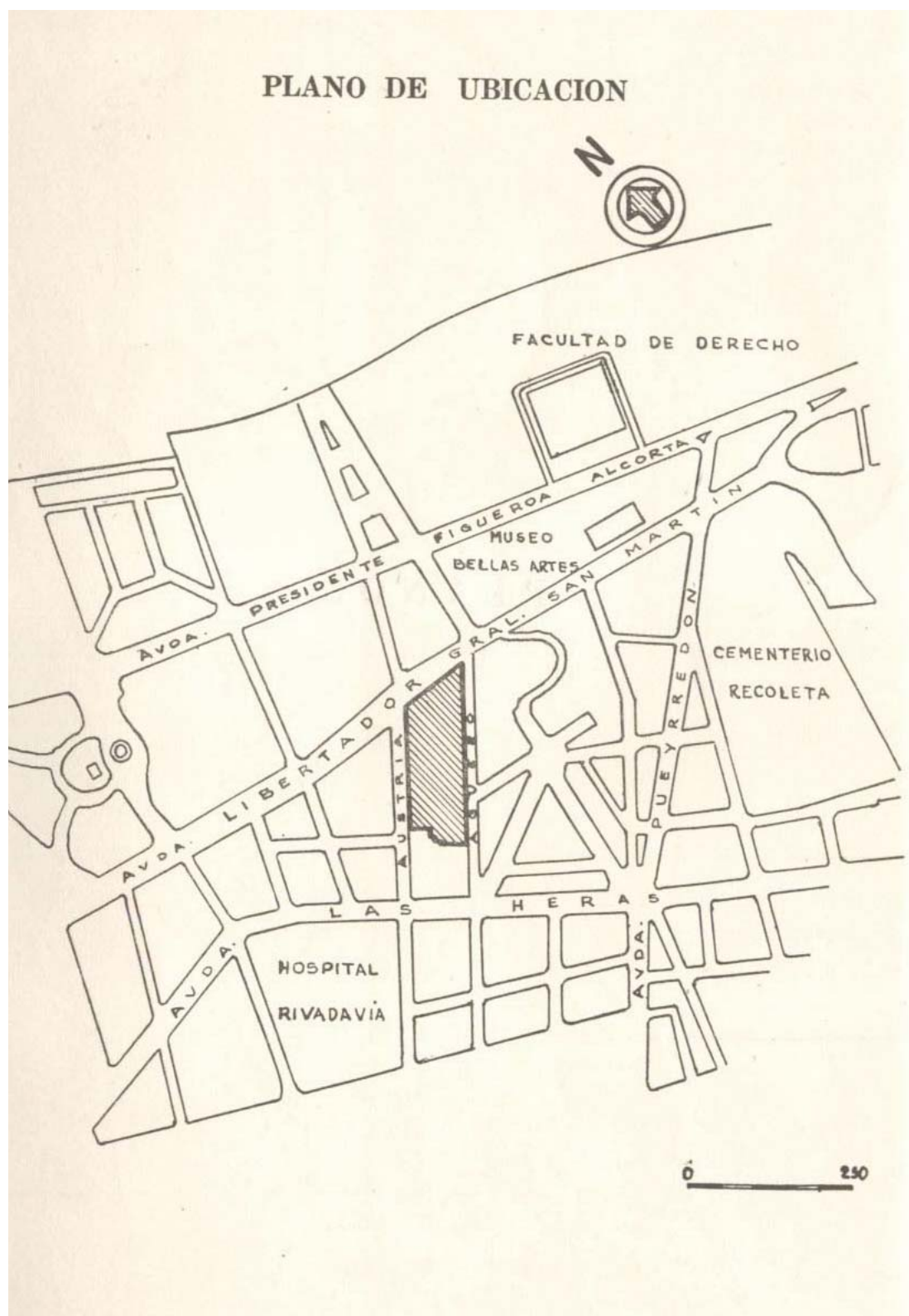


Fig. 09. Planta de Localização, e fração do terreno destinado para o projeto da nova edificação para a Biblioteca Nacional. (Fonte: Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional. p.58 e 59.)

(1) Fracción reservada para emplazamiento del edificio de la Biblioteca Nacional

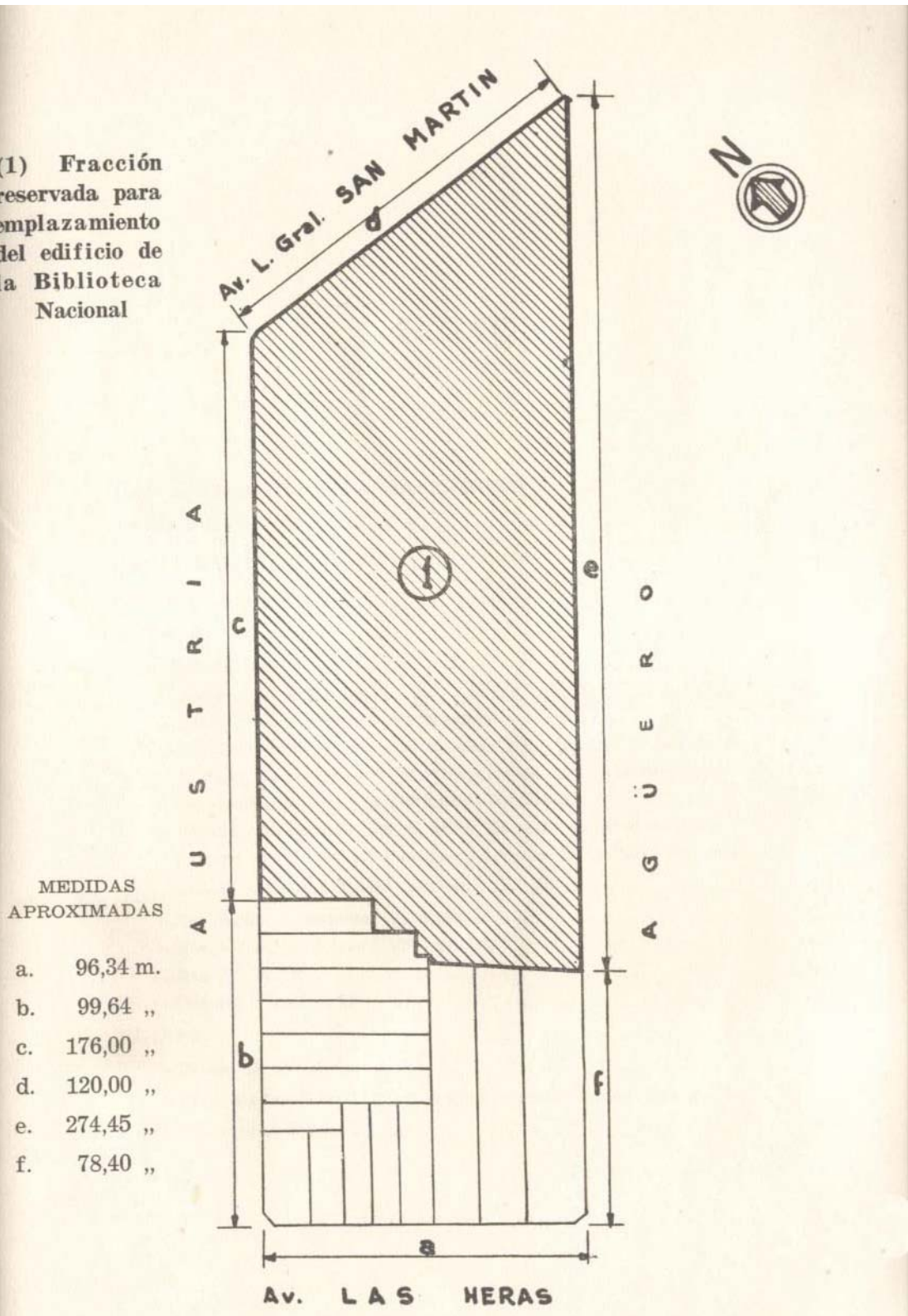




Fig. 10. Vista desde o Parque Thays para a Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 11. Vista desde a cobertura da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

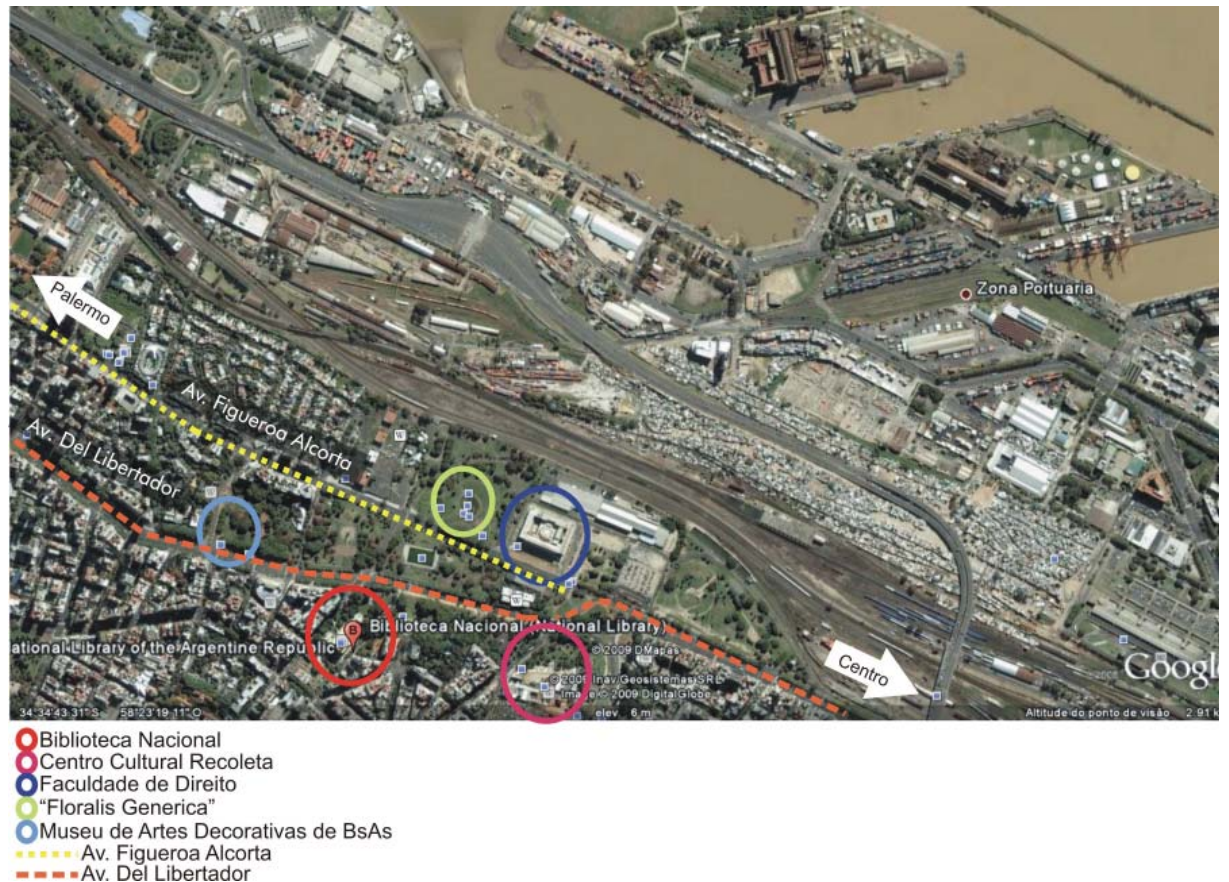


Fig. 12. Proximidades da Biblioteca Nacional. (Fonte: Google Earth. Outubro 2009.)

as ruas citadas anteriormente, comporta, inclusive, a movimentação de transportes públicos, tais como ônibus e lotações.

A Av. del Libertador se configura como uma via expressa, de alto tráfego, que interliga as proximidades da região central da cidade aos bairros como Recoleta, Palermo, entre outros. Diante dessa intensa avenida, nas proximidades do terreno da Biblioteca Nacional, vê-se uma grande massa vegetal que se estende desde as mediações do Centro Cultural Recoleta, passando pelo Parque Thays - que adjacente a Avenida Figueroa Alcorta, abriga a Faculdade de Direito e, atualmente, a escultura urbana "Floralis Genérica" – até mediações do Museu de Artes Decorativas de Buenos Aires. Cabe destacar que, graças à manutenção das áreas verdes e à construção de poucas edificações sobre estas, assegura-se a amplitude visual até o Rio da Prata, principalmente desde o talude elevado do terreno da Biblioteca.

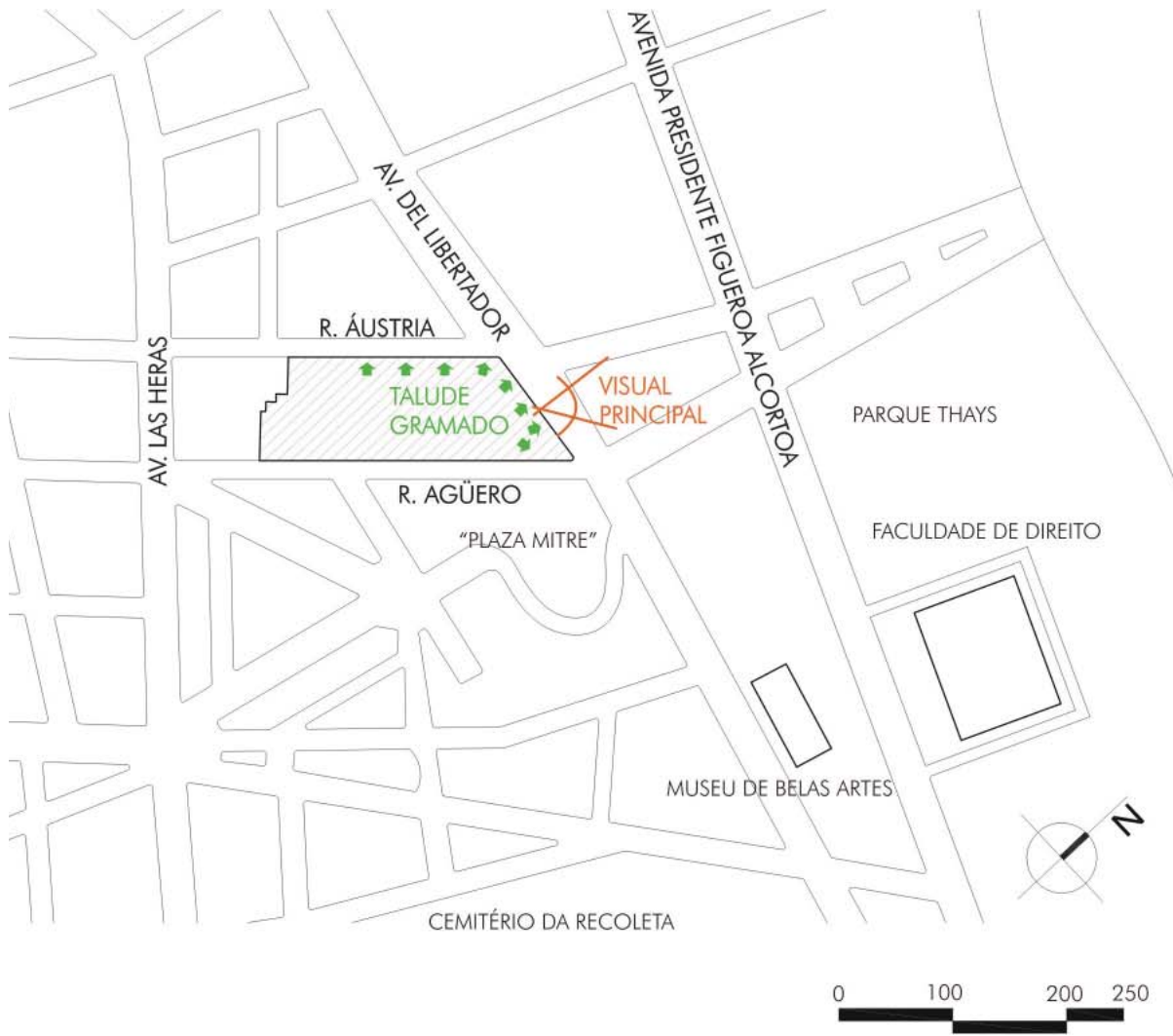


Fig. 13. Estudos sobre o terreno da Biblioteca Nacional. (Fonte: Desenho da autora sobre material apresentado nas bases do concurso em 1971. Maio 2009.)

O terreno apresenta uma configuração longitudinal, cujas maiores dimensões se desenvolvem a sudeste e noroeste, contudo, a visual mais interessante proporcionada pelo mesmo se encontra entre o norte e nordeste. As maiores declividades em relação às ruas adjacentes se encontram sobre a Av. del Libertador – onde apresenta um talude gramado - e sobre a Rua Áustria. As outras vias apresentam uma pequena diferença nas linhas topográficas, entretanto mantêm características mais próximas às esboçadas pelo terreno.

Em julho de 1960, o Ministro da Educação e Justiça da Nação propõe um concurso de anteprojetos para a solução arquitetônica do edifício da nova Biblioteca Nacional. Neste momento, também é constituída uma Comissão de Assessoramento e Consulta para assegurar uma boa coordenação dos assuntos referentes à elaboração do projeto da edificação.¹⁷ As bases do concurso e o programa são aprovados pelo decreto nº 3661, de 5 de maio de 1961, e o concurso é aberto em 27 de junho do mesmo ano - patrocinado pela Federação Argentina de Sociedades de Arquitetos e pela Sociedade Central de Arquitetos - , com previsão de término em exatos seis meses, mas acaba sendo prorrogado até o dia 12 de abril de 1962.

O programa prevê para a biblioteca propriamente dita, basicamente, a necessidade de uma ampla sala de leitura – *“parte mais nobre do edifício porque é nesse local que a Biblioteca presta o serviço de difusão cultural a que se esta designada”* -, vinculada a uma *“sala de referência”* – *“chave funcional do edifício, sendo sua missão controlar e dar referências ao público, entregar e receber todas as obras depositadas na casa”*¹⁸ -, entre outras salas especiais. E prevê, ainda, espaços destinados para exposições culturais, um setor para diretoria e administração, e um depósito geral- *“o elemento básico da Biblioteca por excelência que deve assegurar a conservação e custódia do patrimônio cultural que fique integrado com a Sala de Referência e o Salão Principal de Leitura, formando uma unidade funcional completa que dará caráter e sentido ao edifício”*. Além disso, pretende-se instalar no local uma Escola Nacional de Bibliotecários, - *“uma unidade docente completa, e independente dos demais serviços da Biblioteca Nacional, exceto do Diretor e do Vice diretor, dos quais depende diretamente. O movimento de alunos e professores não deve interferir nas atividades gerais do edifício; contudo, a Biblioteca própria da escola deverá ter fácil acesso para a Sala de Referência”*.

17. *“Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional”*. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963. p.7.

18. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional**. Buenos Aires: junho de 1961. p.15 a 21.

Ressalta-se a preocupação por parte dos promotores do concurso com uma possível – e previsível - ampliação, principalmente, dos depósitos de livros e com a manutenção das características paisagísticas do local:

“o projeto deve ser encarado funcionalmente e com as previsões lógicas de um uso em permanente crescimento e evolução. Assim como, para valorizar e aproveitar as características urbanísticas e arquitetônicas do sítio, assegurando a salvaguarda do espaço verde, do barranco e dos valores botânicos existentes”.¹⁹

No que tange às considerações das superfícies, as bases referem-se às consideradas mínimas, pois o programa para a biblioteca é apresentado sem limites ou obstáculos, uma vez que se sustentava o conceito: “a criatividade na produção cultural, não pode ser forçada.”²⁰ Sendo assim, os promotores do concurso preferem deixar a cargo dos arquitetos que desenvolveriam o projeto da nova sede da biblioteca, a descoberta de uma melhor utilização do terreno e a organização funcional a mesma.

Propunham a apresentação dos trabalhos com plantas de localização na escala 1:200, onde deveriam estar demonstrados os acessos e as principais relações da edificação com os espaços exteriores e os jardins circundantes. Exigiam a presença de plantas de todos os pavimentos, mostrando as superfícies funcionais do projeto, e cortes e fachadas na mesma escala. Entretanto, as fachadas principais deveriam ser apresentadas na escala 1:100, juntamente com um memorial descritivo do projeto.²¹

Em 12 de abril de 1962, são recebidos vinte e oito projetos para a análise dos jurados e, em 30 de julho de 1962, é premiado o anteprojeto que viria a ter sua obra concluída três décadas depois.²²

19. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional.** Buenos Aires: junho de 1961. p.6.

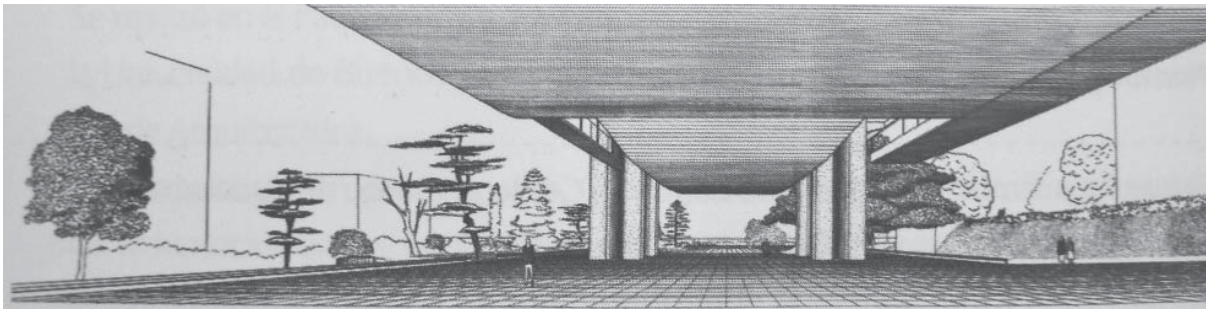
20. BALLENT, A. “Para una crítica: Concurso Nacional de Anteproyectos – La Biblioteca Nacional”. **Revista Materiales.** Buenos Aires: n.1, 1982. p.29

21. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional.** Buenos Aires: junho de 1961.

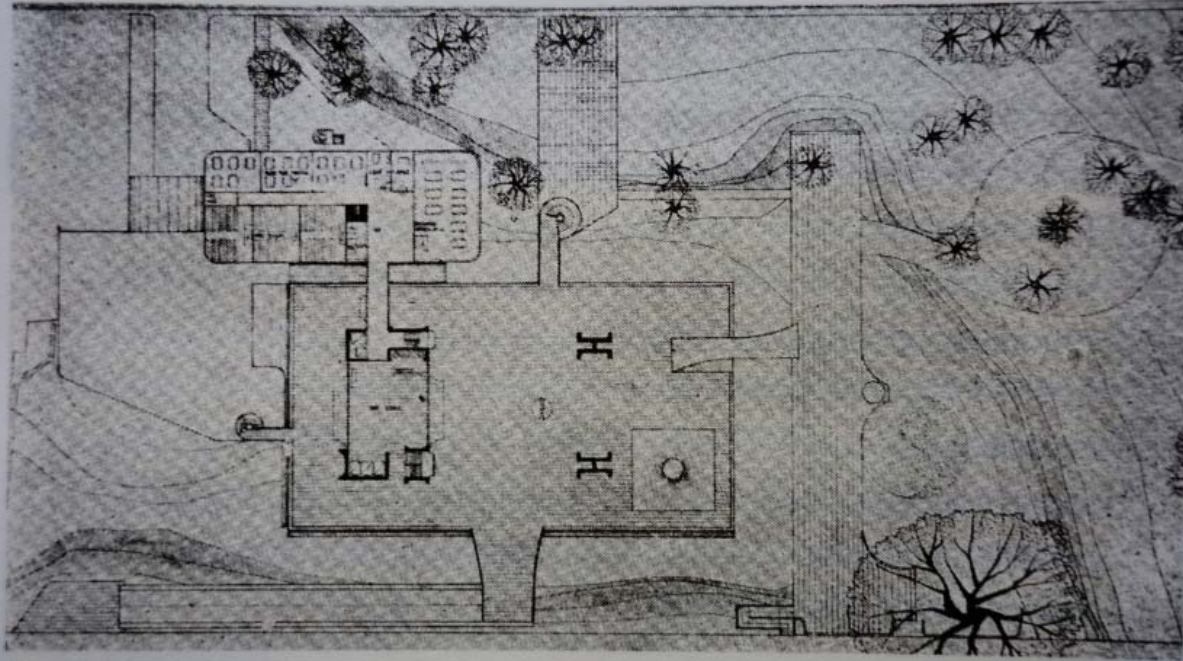
22. Ver em anexo a apresentação dos projetos premiados, assim como das menções honrosas, e o parecer completo do júri para os três primeiros colocados.



Fig. 14. Biblioteca Nacional. Croquis de Clorindo Testa. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)



Perspectiva de Francisco Bullrich.



Planta baja.



Fig. 15. Perspectiva de Francisco Bullrich para o anteprojeto proposto para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

Fig. 16. Planta Baixa do pavimento térreo. Anteprojeto proposto por Testa e seus colegas para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

Fig. 17. Maquete apresentada por Testa e seus colegas na ocasião do concurso de anteprojeto para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

3.2.2. DO ANTEPROJETO VENCEDOR AO PROJETO EXECUTIVO

A conjugação dos elementos naturais do terreno - tais como topografia, entorno urbano e elementos vegetais -, e o programa de uma biblioteca com o porte desta, acrescido da dificuldade de futuras ampliações, geram conflitos projetuais, principalmente de ordem funcional, dado o emaranhado de programas paralelos que devem se encaixar; e de ordem estética, pois os promotores do concurso almejavam um resultado cuja plástica fosse inovadora, sem, contudo, destruir as características paisagísticas e urbanas do local.

Sendo assim, os jurados consideram que o anteprojeto dos arquitetos Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga não somente resolve os aspectos funcionais e tectônicos, como também é o que melhor se adéqua ao terreno.

No que concerne à implantação, os arquitetos propõem a elevação do corpo principal da edificação, liberando o solo para a passagem das pessoas e para que as mesmas possam capturar todas as imagens e sensações presentes nesse local naturalmente arborizado, assim como de seu entorno urbano, sem que houvesse a presença de grandes barreiras visuais.

“O autor guiou-se primordialmente pelo critério de respeitar as características existentes no terreno e do entorno, valendo-se de uma impecável implantação do edifício que se localiza em um espaço sem ocupar o terreno. (...) O espaço exterior mantém seu caráter de protagonista da composição: atravessa livremente o edifício e está sempre presente em todos os ambientes principais desde os quais se domina, por meio de amplas visuais, a paisagem circundante.”²³

Plasticamente, o projeto se desenvolve mediante uma esplanada semi-enterrada – onde se localiza a hemeroteca - de onde quatro robustos pilares emergem e que, por sua vez, elevam um corpo prismático retangular. Este abriga quatro pavimentos, sendo

23. “Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional”. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963. p.8.



Fig. 18. Biblioteca Nacional. Croquis de Clorindo Testa. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

dois para salas de uso geral e outros dois para o grande salão principal de leitura e suas dependências. Sob esse corpo elevado, um volume - composto de três formas prismáticas – é suspenso mediante tensores metálicos. Nele, se encontram a administração, a direção, o auditório e a sala de exposições.

Segundo os arquitetos, a configuração volumétrica da obra deveria constituir numa expressão clara das funções que cada uma das partes desempenhasse dentro do conjunto, de modo que a leitura da forma, a partir do exterior, fosse clara para compreensão da organização interna da edificação.²⁴

Destaca-se a solução dada aos depósitos de livros - dispostos em três subsolos -, cujas futuras ampliações estavam entre as principais preocupações dos promotores do concurso:

“O desenvolvimento dos depósitos em três subsolos amplos se considerou como uma excelente solução, dado que sua máxima profundidade apenas excede o nível da calçada da Avenida Libertador e possibilita uma fácil ampliação no sentido longitudinal. Neste aspecto o júri recomenda que no projeto executivo se estude o crescimento independente do depósito da biblioteca, e da hemeroteca, dada as diferentes características técnicas que ambos serviços possuem.”²⁵

Desse anteprojeto escolhido na ocasião do concurso, poucos materiais gráficos foram encontrados. Basicamente, têm-se as imagens da maquete desenvolvida, uma perspectiva e a planta do pavimento térreo. Sendo assim, para o desenvolvimento da análise sistemática da edificação e de seus elementos componentes, far-se-á uso do material referente ao projeto executivo, desenvolvido por Clorindo Testa e seus colegas. No entanto, anteriormente a isso, cabe destacar algumas considerações frente aos demais anteprojetos premiados neste concurso.

Recebe segundo lugar a proposta de Javier Sanchez Gomez e Justo Jorge Solsona, tendo como colaborador Carlos Libedinsky e Flora Manteola. Os arquitetos apresentam um projeto criativo, tanto por sua forma - livre e de características singulares -, quanto pelos materiais e tecnologias utilizadas. Trata-se basicamente de uma cobertura tensionada única, onde, abaixo dela, se desenvolvem distintas atribuições. Contudo, tal composição formal demandaria um suporte técnico, estrutural e construtivo que talvez

24. “Edificio de la Biblioteca Nacional”. *Summa*, Buenos Aires: n.11, p.49, abril, 1968.

25. “Concurso de Anteproyectos para la construccion del edificio de la Biblioteca Nacional”. *Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos*. Loc.cit.

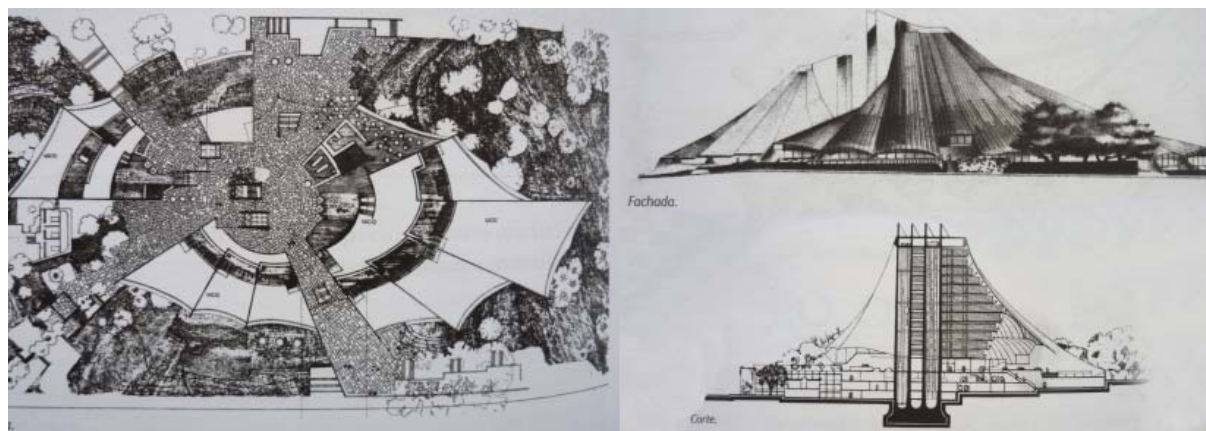


Fig. 19. 2º Prêmio do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

não estivesse à disposição naqueles tempos. Essa é a principal crítica dos jurados, além de julgarem inadequada a resolução das questões para possíveis ampliações. Neste aspecto, os arquitetos estimaram um número máximo de exemplares a ser depositado – seis milhões – e propuseram plantas baixas que poderiam ser construídas independentemente, ou seja, à medida em que se fizesse necessária a ampliação, os pavimentos – descolados da grande cobertura tensionada – seriam construídos. Os jurados acreditam que tal resolução causaria uma espacialidade interna desproporcional, enquanto todos os pavimentos ainda não estivessem construídos. Quanto aos aspectos funcionais, os arquitetos propuseram a separação da edificação em dois organismos autônomos, sendo um a Biblioteca e o outro a hemeroteca, com um acesso centralizado, vinculado a uma torre de circulação vertical. Contudo, tal segmentação entre as principais funções da edificação seria mais clara internamente, pois no seu exterior estariam vinculadas pela cobertura, mantendo uma unidade formal.

Outro projeto que surge em meio aos vinte e oito apresentados, e que recebe o terceiro prêmio, é o proposto pelos arquitetos Raul Rodolfo Rivarola e Mario Francisco Soto. Nesta proposta, o terreno sofre intensas modificações, a ponto de descaracterizar a concepção original, principalmente no barranco defronte à Av. del Libertador. Dentro da proposta projetual apresentada, segundo os próprios jurados, poderia ser considerada válida tal remodelação do terreno, no entanto, essa nova forma estabelecida pelos concursantes, apresentava certa irrealidade frente ao contexto local. Externamente, a expressão plástica – enaltecida pelo rigor estrutural e construtivo – se desenvolve através de uma série de volumes integrados e correlacionados com uma torre, cuja principal

função seria depositar os materiais da biblioteca e da hemeroteca. Essa distribuição verticalizada do depósito recebe críticas negativas por parte dos jurados, principalmente pela quantidade de pavimentos que geraria. Além disso, tal situação demandaria um grande número de funcionários para um bom funcionamento. E, apesar da enaltecida plasticidade apresentada pela proposta, segundo os jurados, far-se-ia necessária maior coerência no que concerne à altura estabelecida no pavimento de acesso.

A proposta do arquiteto Mario Roberto Alvarez, juntamente com seus colaboradores, Eduardo T. Santoro, Leonardo S. Kopiloff e o engenheiro Atílio D. Gallo, recebe o quarto prêmio do Concurso. Neste anteprojeto, dois volumes prismáticos regulares, paralelos e vinculados entre si, compõem a solução projetual. Ambos estabelecem diferenças com relação ao tamanho, sendo o menor proposto para a hemeroteca e outro maior para a biblioteca propriamente dita bem como para a escola de bibliotecários. Através de um rigor estrutural e técnico, apresenta uma forma clara e se dispõe no terreno de modo a não ocupar toda a extensão do mesmo. Esta preocupação em salvaguardar

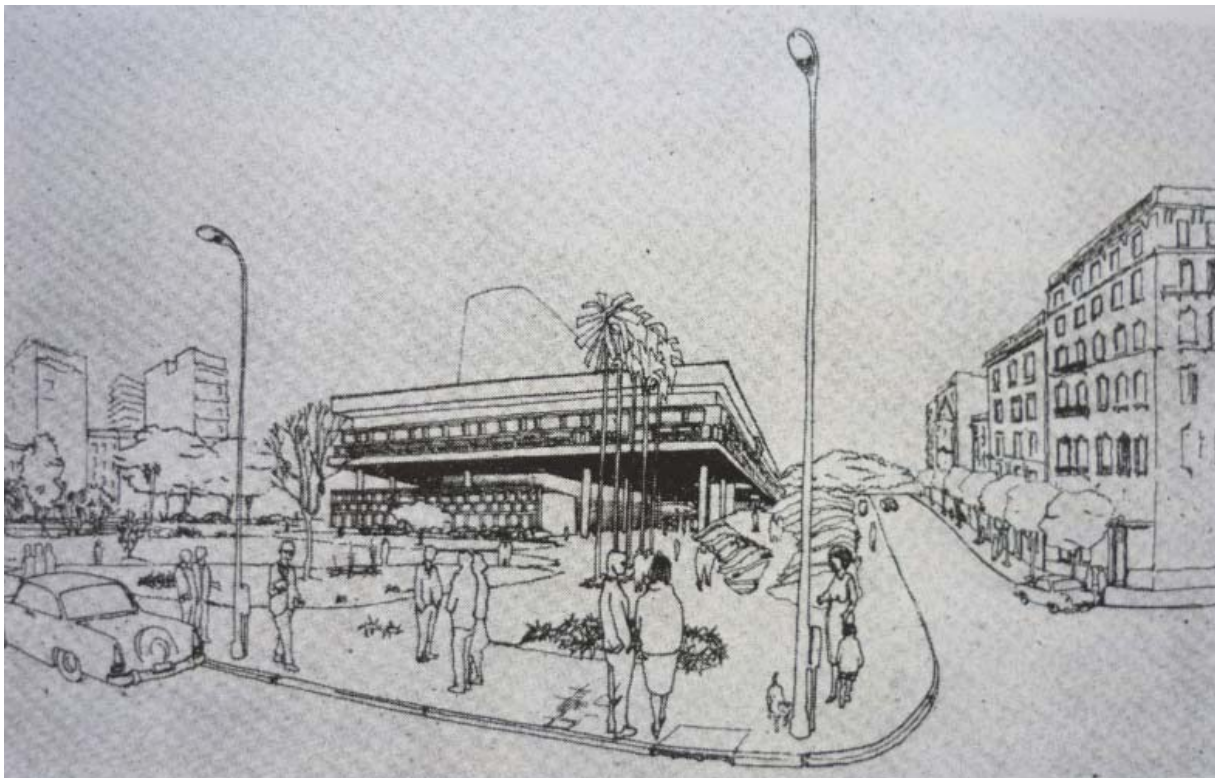


Fig. 20. 3º Prêmio do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

extensas áreas verdes, inclusive o barranco, é um ponto favorável da proposta, pois segue as proposições das bases do concurso. Contudo, ao desenvolver uma entrada única para todas as funções da Biblioteca, - pela Avenida del Libertador - gera dificuldades de acessibilidade e locomoção para os usuários. Os jurados avaliaram de modo negativo, também, a solução proposta para ampliação dos depósitos de livros, localizados no térreo da edificação. Tal situação seria feita lateralmente em relação ao terreno, indo de encontro às ruas Agüero e Áustria, criando, assim, dois paredões sobre as fachadas das ruas.

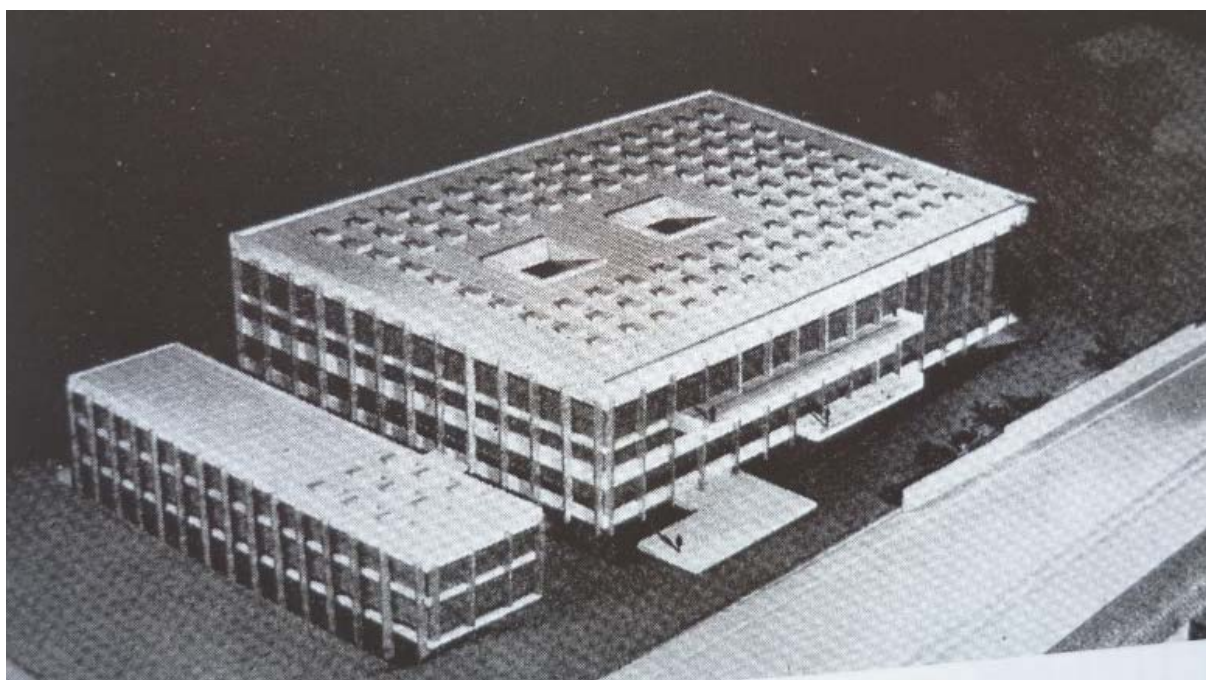


Fig. 21. 4º Prêmio do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

Retomando a explanação sobre o anteprojeto vencedor, desenvolvido por Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga, destacam-se as considerações apresentadas para a formulação do projeto executivo do prédio da Biblioteca Nacional.

Seguindo orientações dos jurados e da própria diretoria da Biblioteca, seria preciso ampliar, neste anteprojeto vencedor, algumas áreas, principalmente de uso comum,

além de alterar outras. Outro ponto que necessitaria de revisão seria o sistema de brises que protegia a sala de leitura, pois se alegava que o mesmo estava em uma escala inadequada e dificultava a visão para o exterior da edificação. Da mesma forma, a definição da cobertura ainda não estava plenamente resolvida.

Requereram, também, o estudo dos adequados níveis sonoros e lumínicos, conjuntamente com a resolução dos sistemas termomecânicos. Parecia-lhes importante, ainda, a adequação de alguns aspectos estruturais – e formais -, pois da maneira como se apresentava a edificação na ocasião do concurso, o corpo elevado pelos robustos pilares acabava desvirtuando o sentido dos grandes apoios, que parecia despendar muita força para suportar algo que não dava impressão de requerer tanto esforço.²⁶

Destaca-se que durante a seleção do anteprojeto mais adequado para o prédio da Biblioteca, é convidado pelo Ministro da Educação e Justiça da Nação, o Dr. Luis R. Mac'Kay, o professor Dr. Keyes D. Metcalf – “librarian emeritus”, da Universidade de Harvard – em caráter de consultor da Direção Geral de Arquitetura e Trabalhos Públicos. Sendo assim, em novembro de 1962, o Dr. Keyes D. Metcalf remete a resposta referente à consulta com observações sobre alguns aspectos funcionais do anteprojeto vencedor. Julga particularmente interessante rever os seguintes aspectos:²⁷

“1- Espaço intercolúnios: recomenda ajustar-se “com relação às medidas do arquivo de livros” de modo tal que as colunas fiquem localizadas em locais convenientes, sem interferir na capacidade de estantes, nem obstruindo as circulações.

2- Estantes do arquivo: menciona 4 tipos diferentes de estantes, recomendando o método tradicional sempre que o valor do metro quadrado do edifício não seja muito alto e não justifique o maior aproveitamento do espaço com a utilização de estantes compactas móveis – de custo substancialmente mais elevado.

3- Elevadores: recomenda ao menos quatro elevadores – ainda que de menor capacidade cada um – e não somente os três apresentados no anteprojeto.

4- Rampas entre o 5° e 6° Pavimentos: teme que seja muito inclinada e que a circulação dos leitores por ela gere ruídos para os que estiverem nas mesas de leitura.”

26. “Edifício de la Biblioteca Nacional”. *Summa*, Buenos Aires: n.11, abril, 1968. p.54.

27. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. “Un edificio para la biblioteca nacional”. *Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos*. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.



Fig. 22. Vista aérea. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Sendo assim, em 26 de maio de 1966, os arquitetos Clorindo Testa, Alicia Cazzaniga y Francisco Bullrich remetem ao engenheiro Luis Antonio Bonet, diretor da Direção Geral de Arquitetura e Trabalhos Públicos do Ministério da Educação, a documentação correspondente ao Projeto Executivo do novo edifício da Biblioteca Nacional, acrescido dos ajustes propostos sobre o anteprojeto premiado.²⁸

A imagem atual da Biblioteca Nacional refere-se basicamente a esse projeto executivo, contudo, algumas modificações foram feitas no seu interior para adequar-se às necessidades atuais. Afinal, o projeto desenvolvido entre 1961 e 1962, ajustado em 1966, somente teria seu uso corrente nos anos 90. Neste sentido, por exemplo, podem-se citar as adaptações requeridas pelo sistema de informática desenvolvido para o melhor funcionamento da Biblioteca, recurso esse que

não estava presente entre as necessidades na ocasião do concurso de 1961. Mas essas adaptações não alteraram a imagem do projeto executivo de 1966. Houve adaptações, mas não modificações de caráter formal do projeto executivo.

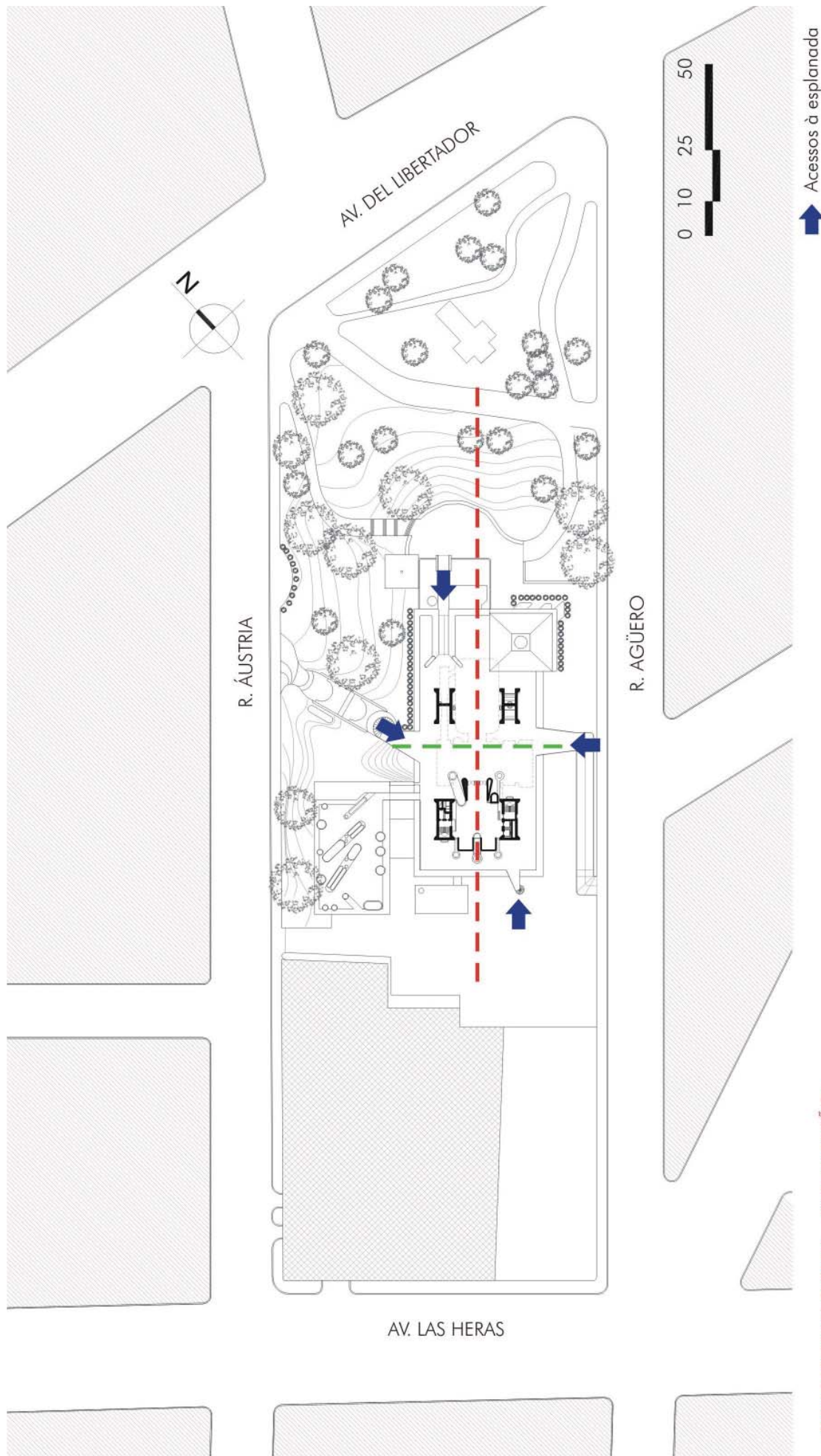
Reforça-se, novamente, que para desenvolver a análise do projeto da Biblioteca, serão vislumbradas as publicações referentes a esse projeto executivo desenvolvido em 1966 já que, referente ao anteprojeto entregue na ocasião do concurso, teve-se acesso a poucos elementos gráficos.

A implantação apresentada pelo projeto vencedor se desenvolve a partir de um eixo longitudinal dominante do terreno, sem, contudo, se implantar de modo simétrico a ele. Promove-se um maior afastamento desde a localização da edificação até a Rua Áustria, para facilitar o acesso à esplanada, coberta por meio de uma escada de linhas

28. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. "Un edificio para la biblioteca nacional". **Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos**. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.



Fig. 23. Biblioteca Nacional. Vista desde a Rua Áustria. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



BIBLIOTECA NACIONAL _ IMPLANTAÇÃO

Fig. 24. Estudos sobre a implantação da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

sinuosas - acompanhando as expressões naturais do terreno -, que apesar de vencer uma altura elevada, se demonstra convidativa, tanto pelos patamares criados desde a rua, quanto pelo seu desenho, onde a exploração da plasticidade do concreto se faz clara. E, desde a Rua Agüero, onde se percebe uma maior aproximação da edificação em relação à rua, é proposta uma ampla rampa de pedestres - paralela ao sentido longitudinal da esplanada coberta. Ambos os acessos citados se encontram alinhados pelo eixo transversal da grande esplanada coberta.

Outros dois acessos são conformados, legitimando, assim, a facilidade na aproximação da edificação desde todas as ruas adjacentes. Uma rampa com declividade aceitável para cadeirantes é proposta defronte à Av. del Libertador. Esta garante a acessibilidade universal da Biblioteca. Para alcançá-la, o pedestre, ou o cadeirante, pode transcorrer o talude gramado por caminhos que convergem a um pequeno mirante disposto em frente à edificação. A partir deste, uma rampa conduz à esplanada.

Na outra extremidade da esplanada, a qual encerra esta plataforma de acesso, encontra-se uma escada helicoidal que, além de atender a sua função, se expressa como uma escultura urbana. Nas mediações desta escada, encontra-se um pequeno restaurante – não projetado por Clorindo Testa - e uma praça denominada “Plaza del lector” - cujo desenho também não é do arquiteto-, que configura o acesso ao terreno da Biblioteca desde a Av. Las Heras. No entanto, esse acesso não foi pensado desde a formulação do anteprojeto, pois esse trecho do quarteirão – que compreende a “Plaza del lector” - não fazia parte do terreno disposto para a construção da Biblioteca nos tempos do concurso.

Cabe ressaltar que nos quatro pontos em que se promovem o percurso de acesso à esplanada, amplia-se a capacidade visual para o entorno urbano - seja ele edificado, ou natural-; além disso, indica-se uma progressão rumo à entrada da edificação, desde as ruas adjacentes. Em outras palavras, promove-se uma “promenade architecturale”.

O acesso principal ao interior da Biblioteca está localizado de modo centralizado ao terreno e com relação à esplanada. No entanto, em relação à edificação propriamente dita, é posicionado no seu eixo longitudinal, entre os dois grandes apoios traseiros. Entende-se que Testa prioriza essa localização para que o usuário, ao ingressar a esplanada coberta, possa obter um domínio visual do espaço e, assim, facilitar a identificação do volume de acesso, localizado no plano de fundo. Além disso, valendo-se do mesmo sentido de percepção e entendimento do local, ao sair da biblioteca o usuário contempla uma paisagem franca e ampla do espaço coberto e do entorno urbano.



Fig. 25. Vista desde a "Plaza del Lector". (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 26. Escada de acesso à esplanada desde a Rua Áustria. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 27. Escada de acesso à esplanada desde a Rua Áustria. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 28. Escada de acesso à esplanada, localizada paralelamente à Av. Las Heras. (Fonte: Acervo da autora, Maio 2009.)



Fig. 46. Estrutura suspensa – 1º e 2º pavimentos. (Fonte: Acervo da autora. Junho 2007.)



Fig. 30. Escada de acesso à esplanada desde a Rua Áustria. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 31. Vista da esplanada. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Os volumes que tocam a grande esplanada se restringem aos quatro grandes apoios e ao paralelepípedo regular solto que configura o hall. Ao adentrar esse prisma, lateralmente se encontram as escadas e elevadores, tanto dos usuários da Biblioteca, quanto dos funcionários, localizados no interior das “patas traseiras”²⁹. Já nas “patas dianteiras”, se dispõe os dutos de ar condicionado, rede elétrica, entre outras atribuições técnicas.

Internamente, a edificação é projetada com quatro subsolos - atingindo uma profundidade um pouco abaixo do nível da Avenida del Libertador -, sendo os três inferiores para depósito - 25.000 m² de depósitos, com uma capacidade de 3.000.000 volumes - e o outro para a hemeroteca, semi-enterrado - com capacidade para 500.000 exemplares de revistas e jornais.³⁰ Tal distribuição funcional enterrada é bem recebida pelos jurados do concurso, dada a facilidade de uma possível ampliação no sentido

29. Destaca-se que a nomenclatura de “patas” para os apoios surge de uma brincadeira a qual comparava a forma da Biblioteca com a de um animal, um cliptodonte.

30. “Edifício para la Biblioteca Nacional”. *Construcciones*, Buenos Aires: n.262, nov.dez, 1976. p.6.

longitudinal do terreno. Além disso, quando os enormes depósitos são colocados em subsolo, ocupa-se menor superfície do terreno com construções, possibilitando uma melhor manutenção da massa verde existente.

Do grande terraço coberto - esplanada de acesso à edificação - livre de barreiras e com oito metros de altura no trecho mais baixo, emergem quatro apoios que sustentam um corpo elevado, que é dividido, internamente, em quatro níveis. Nos dois níveis inferiores - 3º e 4º pavimentos - se encontram salas especiais, entre elas a Sala do Tesouro, cuja atribuição é guardar o acervo de livros raros e obras especiais. Nos dois níveis superiores - 5º e 6º pavimentos - estão a sala de leitura, para 400 leitores, o hall de acesso e a sala de referência. Uma rampa suspensa por tensores metálicos conecta os dois níveis superiores, cujo pé-direito é duplo na parte central da sala de leitura.



Fig. 32. Acesso ao interior da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

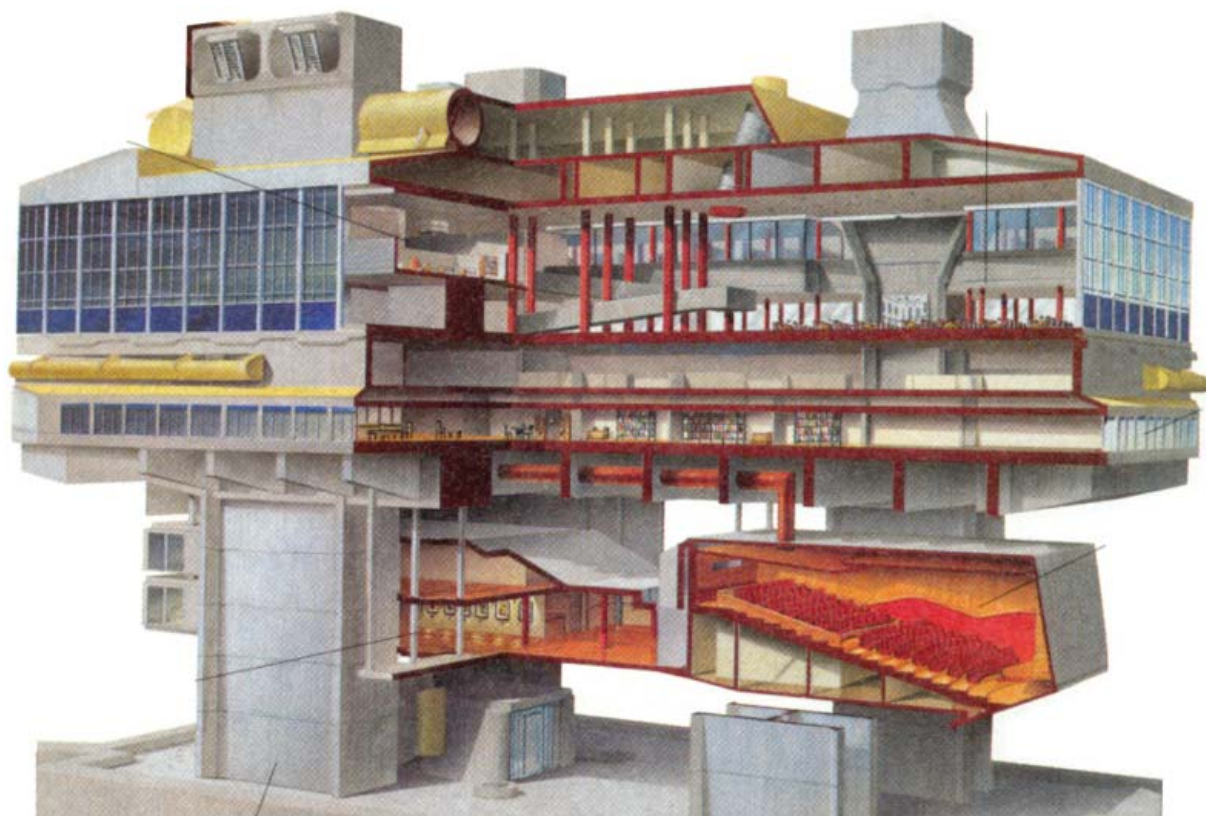


Fig. 33. Corte explodido da Biblioteca Nacional. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Nestes últimos pavimentos, externamente, é projetado um sistema de brises fixos para amenizar a incidência solar sobre os ambientes, visto que o fechamento externo destes pavimentos é uma ampla esquadria metálica, acrescida de vidros transparentes. No 3º pavimento, apesar do fechamento externo ser uma esquadria com as mesmas características supra-citadas, os arquitetos não propuseram um sistema de proteção solar, pois julgaram desnecessário.

Suspenso sob corpo elevado, vê-se um volume composto de três formas prismáticas. No primeiro, defronte a Avenida del Libertador, encontra-se um auditório para 300 pessoas. No centro, encontra-se uma cafeteria, um terraço aberto e um espaço de exposições. Por fim, na extremidade traseira, o terceiro volume aloja a direção da biblioteca e o setor administrativo.

Dentro do programa da Biblioteca Nacional, ressalta-se ainda a importância da Escola Nacional de Bibliotecários. Nas bases do concurso, é enfatizada a necessidade da independência de fluxo de alunos e funcionários e dos usuários da Biblioteca. Contudo, exigiam a facilidade de acesso desde a escola até a sala de Referência. A edificação é proposta no mesmo nível da Hemeroteca – primeiro subsolo –, mas encontra-se fora da projeção do corpo elevado da biblioteca. Sua posição no terreno está paralela a Rua Áustria, junto à lateral noroeste do prédio da biblioteca. Pela posição da Escola



Fig. 34. Vista aérea. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

no terreno, sua cobertura funciona como uma expansão da esplanada de acesso à Biblioteca – terraço coberto -, contudo, conforma um terraço totalmente aberto, com a presença de elementos fixos, tais como bancos, que se conjugam com os volumes da iluminação zenital presente nos ambientes da escola.

Em entrevista a Jorge Mario Jáuregui³¹, Testa afirma que o tema da ordem na composição de um projeto arquitetônico, deve ser obtido através do confronto entre as necessidades do projeto com o que o lugar permite e condiciona - pré-existências naturais ou construídas, por exemplo -, sempre numa tensão entre o que se deseja e o que existe; cria-se como um “problema produtivo”, onde a intenção e pré-existências vão estabelecendo um contraponto, mas de modo ordenado.

Conforme o próprio arquiteto:

31. JÁUREGUI, J.M. “Entrevista com Clorindo Testa”. **PROJETO Design**. São Paulo: n.273, nov. 2002. p.9.



Fig. 35. Vista da cobertura da Escola de Bibliotecários. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

“No caso da Biblioteca Nacional, os quatro grandes pilares em forma de tubos que suportam o corpo do edifício alojam as escadas e elevadores, permitindo configurar um grande espaço coberto aberto como uma espécie de praça pública que constitui o acesso à Biblioteca. No volume superior se encontram as funções administrativas, as salas de exposições, o foyer do auditório, a cafeteria e as salas de leitura com vista sobre a paisagem. Os livros que são a parte pesada do programa estão no subsolo. Desta forma, a ordem funcional se manifesta na composição do edifício.”³²

Acredita-se, portanto, existirem três pontos de destaque da proposta projetual de Testa e seus colegas: a criação da esplanada coberta de acesso, a qual propicia ao público um espaço de deleite e contemplação das áreas verdes existentes no terreno; a elevação do Salão de Leitura, de onde se pode apreender uma visão privilegiada da paisagem do Rio da Prata e do contexto urbano; e a perspicácia na proposição dos

32. TESTA, C. in JÁUREGUI, J.M. “Entrevista com Clorindo Testa”. **PROJETO Design**. São Paulo: n.273, nov. 2002. p.9.



Fig. 36. Proximidades da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2007.)

Fig. 37. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 38. Vista da Biblioteca desde a rampa de acesso pela Rua Agüero. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 39. Estrutura suspensa – 1º e 2º pavimentos. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

depósitos enterrados, possibilitando a ampliação dos mesmos sem alteração no volume edificado.

Neste momento vê-se propício comentar como os depósitos das bibliotecas, no decorrer dos anos, sofrem alterações de ordem funcional. Segundo Pevsner³³, os locais onde se armazenavam o acervo bibliográfico das bibliotecas monásticas e catedráticas, anteriores ao século XIV, raramente eram edificações próprias para tal fim. O nome mais usual para denominar uma biblioteca – local onde o acervo era disposto - era “armarium”. Estes eram dispostos no coro dos mosteiros ou na parede oeste do claustro, ao lado do transepto da igreja. Contudo, se todos os nichos do transepto estivessem ocupados, eram construídas edificações abobadadas para abrigar os livros.³⁴ Posteriormente, em meados do século XII, quando criadas as Universidades, as bibliotecas acadêmicas mereciam papel de destaque. Ressalta-se a biblioteca da Universidade de Paris, na Sorbona, fundada em 1254. Neste local, os livros ficavam dispostos em atril – espécie de mesa alta com inclinação, onde os livros eram colocados abertos – e não em armários. Esse modo de armazenar os livros foi bastante difundido na Inglaterra. Contudo, evidentemente, esta maneira requeria muito espaço livre.³⁵

Por volta do século XVII, surge a “nova invenção”, uma nova forma de dispor os livros na biblioteca. Denomina-se “sistema mural” e caracteriza-se por estantes colocadas ao longo das paredes, proporcionando uma amplitude espacial na sala de leitura. Somente nesse momento, a sala de leitura passa a receber maior ênfase que os próprios móveis que a compõe. No entanto, tal disposição torna-se pouco funcional, pois se faz necessário o uso de escadas para alcançar os livros colocados nas estantes mais altas, além de tornar-se perigoso, se consideradas as possibilidades de queda. Sendo assim, adaptou-se a essa disposição galerias a meia altura.

Até meados do século XIX o uso do sistema mural, que encobria de livros as paredes que circundavam a sala de leitura, era muito utilizada. No entanto, com o aumento dos acervos, alguns viram a necessidade de separar a sala de leitura do espaço propício para armazenamento dos livros.³⁶ Mas o antigo sistema permaneceu em uso.

33. PEVSNER, N. **Historia de las tipologias arquitectonicas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S.A., 1979. p. 107.

34. Idem. p.108.

35. Idem. p.110.

36. PEVSNER, N. **Historia de las tipologias arquitectonicas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S.A., 1979. p.125



Fig. 40. Biblioteca Sainte Geneviève. Henri Labrouste. (Fonte: PEVSNER, N. Historia de las tipologias arquitectonicas. Barcelona, 1979.)



Fig. 41. Biblioteca Sainte Geneviève. Henri Labrouste. (Fonte: PEVSNER, N. Historia de las tipologias arquitectonicas. Barcelona, 1979.)

Como exemplo dessa permanência, destaca-se a Biblioteca Sainte Geneviève, em Paris, de 1843-1850, projetada por Henri Labrouste.³⁷

No entanto, a separação do acervo da sala de leitura, se transforma em uma constante nas bibliotecas construídas no decorrer do século XX. Como exemplo, pode-se mencionar um dos maiores destaques dessa tipologia nesses anos: a Biblioteca em Viipuri, de Alvar Aalto. Projetada no início dos anos 30, trabalha com a presença da iluminação zenital na sala de leitura principal, mas, ao invés de utilizar uma clarabóia no centro da sala, vale-se de diversos pontos de captação de luz. Outra inovação cabe à disposição funcional dos depósitos principais, separados da sala principal de leitura.

Sendo assim, não cabe a Testa os méritos da descoberta de uma nova forma de dispor a tipologia, contudo, é inegável a perspicácia da proposta ao separar a sala de leitura do depósito de livros, enterrando-o. Neste momento, o projeto agrega uma vantagem que consiste na possibilidade de ampliação dos depósitos sem interferir na atividade da biblioteca e sem alterar a configuração visual do edifício, tal como sugeria as bases do concurso. Além disso, ao propiciar a elevação da sala de leitura e dispor amplas esquadrias para seu fechamento externo, valoriza o contexto urbano em que se insere.

Além dessas qualidades intrínsecas no projeto arquitetônico e em sua funcionalidade, destaca-se, também, o projeto estrutural desenvolvido para a edificação. Este surge lado a lado com o anteprojeto apresentado no concurso, mas sofre adequa-

37. Idem. p.126.

ções no decorrer do processo de elaboração do projeto executivo. Na realidade, pode-se dizer que o projeto estrutural é, basicamente, o próprio projeto arquitetônico, tendo em vista que o material estrutural utilizado, o concreto armado aparente - cuja plasticidade, textura e poder estrutural permitem a criação e conjunção de diversas composições formais -, é utilizado em todas as superfícies da edificação. No entanto, destaca-se o uso de tensores metálicos para suspensão do volume que abriga o 1° e 2° pavimento da edificação, além dos utilizados na sustentação do 6° pavimento. E, também, o uso de divisórias leves para organizar os espaços internos.

A estrutura definida para a Biblioteca é baseada em uma composição cuja flexibilidade nos usos é reconhecida, dada às distintas alternativas para os interiores, permitindo a resolução funcional de cada caso em particular.

Nos três subsolos inferiores são utilizadas lajes de 3.90 x 5.70 metros, sem vigas, que se apóiam em colunas. Ressalta-se a horizontalidade obtida nesses pavimentos, pois possui 130 metros de profundidade e 60 metros de largura em planta baixa e um pé-direito livre de 2.40 metros. No nível da hemeroteca, o sistema de colunas suporta vigas transversais com lajes. Para sustentação lateral e apoio para o perímetro externo do subsolo, é proposta uma cortina de concreto, em cuja face externa aplica-se uma membrana de alumínio e manta asfáltica para conter infiltrações.³⁸

Os quatro grandes apoios colaboram, de certa maneira, na sustentação das lajes do subsolo,



Fig. 42. Biblioteca Nacional de Paris. Sala de Leitura. Henri Labrouste. (Fonte: PEVSNER, N. Historia de las tipologias arquitectonicas. Barcelona, 1979.)

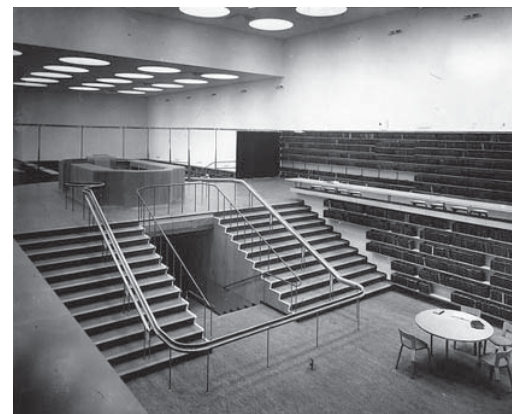


Fig. 43. Biblioteca em Viipuri, de Alvar Aalto. (Fonte: Disponível em www.alvaraalto.fi/viipuri)



Fig. 44. Biblioteca em Viipuri, de Alvar Aalto. (Fonte: Disponível em www.alvaraalto.fi/viipuri)

38. "Edifício para la Biblioteca Nacional". **Construcciones**, Buenos Aires: n.262, nov.dez, 1976. p.6.



Fig. 45. Biblioteca em Viipuri, de Alvar Aalto. (Fonte: Disponível em www.alvaraalto.fi/viipuri)

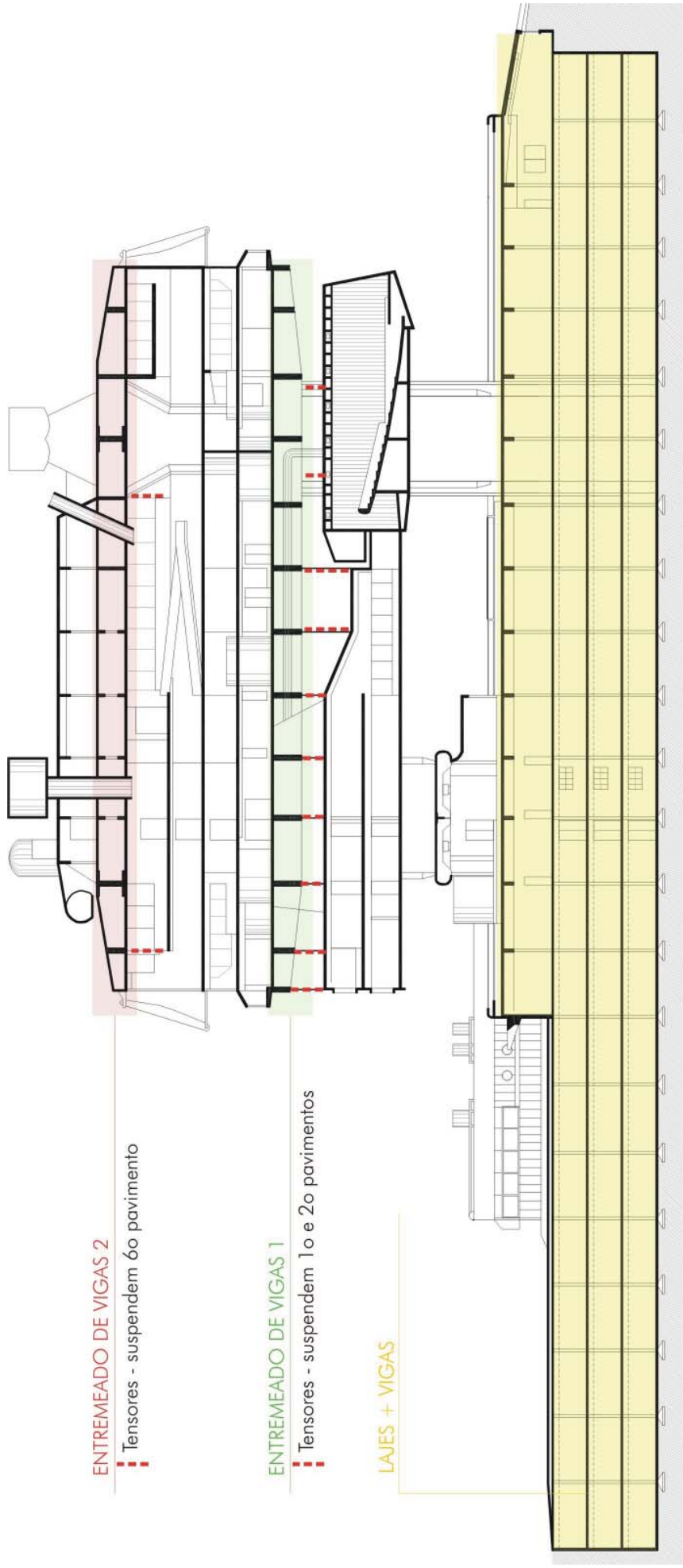
contudo, conformam um sistema independente, cuja principal função estrutural é a sustentação do corpo elevado. Todas as circulações verticais estão localizadas nos dois apoios traseiros, todavia, tanto estes quanto os frontais alojam dutos elétricos, de ar condicionado, entre outros sistemas técnicos. Dessa maneira, integra-se a estrutura e os serviços complementares de modo a unificar ambas as solicitações. De certo modo, o perfil e a seção dos apoios é resultado desta integração.³⁹

A uma altura de 16.49 metros sobre o nível do terraço, os quatro apoios sustentam um grande plano estrutural - conformado por duas grandes vigas longitudinais e nove vigas transversais – que por sua vez, sustentam a partir de tensores metálicos, os volumes sob o corpo elevado, constituído por dois pavimentos. Além disso, nesse plano estrutural, se apóiam colunas que sustentam as lajes do 3º e 4º pavimentos, sendo

39. “Edificio de la Biblioteca Nacional”. *Summa*, Buenos Aires: n.11, abril, 1968. p.50.



Fig. 46. Estrutura suspensa – 1º e 2º pavimentos. (Fonte: Acervo da autora. Junho 2007.)



BIBLIOTECA NACIONAL_ CORTE LONGITUDINAL

Fig. 47. Esquema estrutural. (Fonte: Desenho da autora.)

duas linhas de colunas alinhadas pelos eixos longitudinais dos grandes pilares e outras duas linhas entre eles, também no sentido longitudinal, estabelecendo distâncias transversais equivalentes. As bordas ficam livres de apoios.⁴⁰

A uma altura de 32.40 metros sobre o nível do terraço, os quatro apoios sustentam outro plano estrutural, a partir do qual ficam suspensas, por meio de tensores metálicos, as lajes do 6º pavimento. Desta maneira, no 5º pavimento – 1º pavimento da sala de leitura -, não se encontram outros apoios além dos quatro principais, definindo, assim, um grande espaço unificado. Este segundo plano estrutural mencionado também é constituído por duas grandes vigas longitudinais, que se apóiam nas quatro patas e são enrijecidas pelo auxílio de uma série de vigas transversais.⁴¹

Os quatro grandes apoios recebem uma carga de 8 toneladas cada um. Sendo assim, foi necessário descarregar esse esforço sobre 52 estacas de 1.20 metros de diâmetro e 25 metros de profundidade. Contudo, cada apoio requereu uma fundação cuja utilização de concreto ascende 200 m³, com 13 estacas vinculadas por uma base.⁴² Destaca-se que a realização da obra exigiu a escavação de 100.000m³ de terra e a manutenção, de modo permanente, de um sistema de drenagem e bombeamento d'água, uma vez que o nível das fundações dos depósitos se encontrava um metro abaixo do nível do lençol freático.⁴³

Este projeto estrutural desenvolvido para o prédio da Biblioteca valoriza a textura do concreto aparente – “Betón Brut”-, onde as marcas das formas sobre as superfícies, plasticamente esculpidas, geram texturas semelhantes, porém em variados sentidos e formatos. No que concerne à plasticidade do material, pode-se perceber que Testa explora suas possibilidades ao máximo. Cria formas e volumes que, em um primeiro momento, parecem conformar uma escultura sem pretensão funcional, no entanto, basta uma aproximação sobre o projeto para perceber a coerência existente entre as funções programáticas e as formas adotadas para as mesmas. Assim, a forma inovadora alia-se aos quesitos funcionais para garantir um bom funcionamento da edificação. Neste mesmo sentido, destacam-se alguns detalhes construtivos que compõem os elementos arquitetônicos tanto no interior, quanto no exterior da Biblioteca.

40. Idem. p.52.

41. Idem

42. “Edificio para la Biblioteca Nacional”. **Construcciones**, Buenos Aires: n.262, nov.dez, 1976. p.13.

43. Idem. p.6.



Fig. 48. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 49. Implantação. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

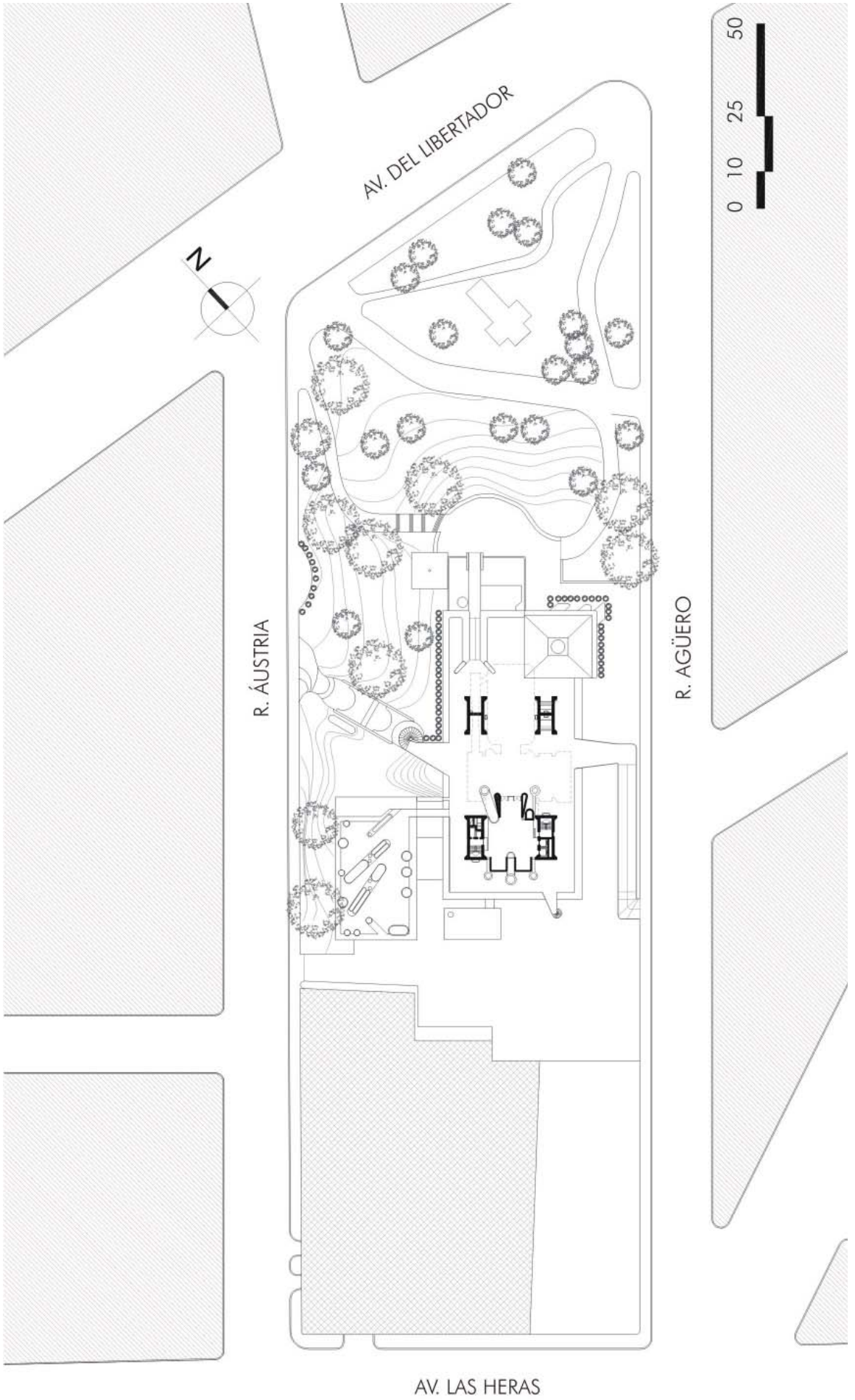




Fig. 50. Terceiro Subsolo da Biblioteca Nacional. Depósito de livros. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 51. Planta Baixa do Terceiro Subsolo da Biblioteca Nacional. Depósito de livros. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

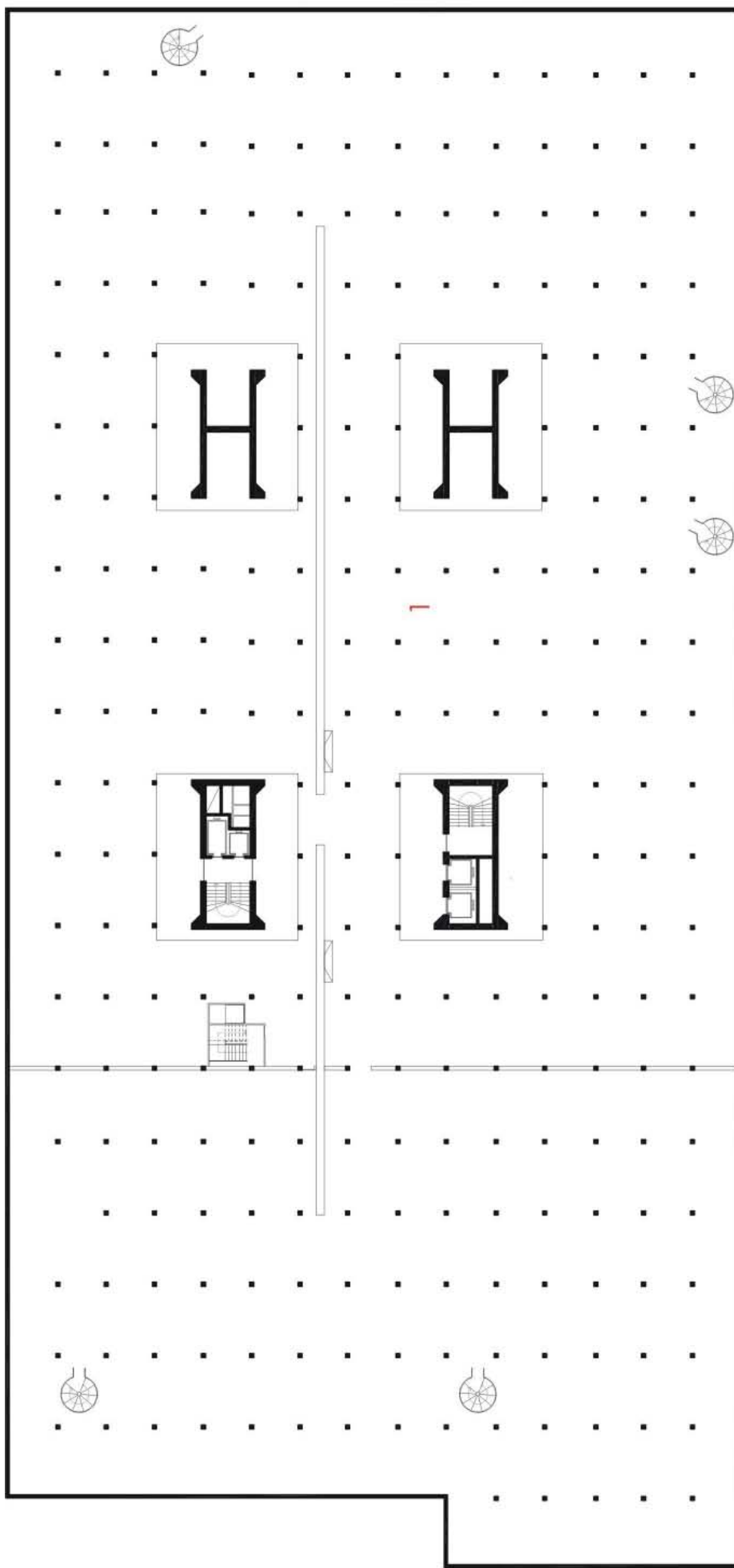
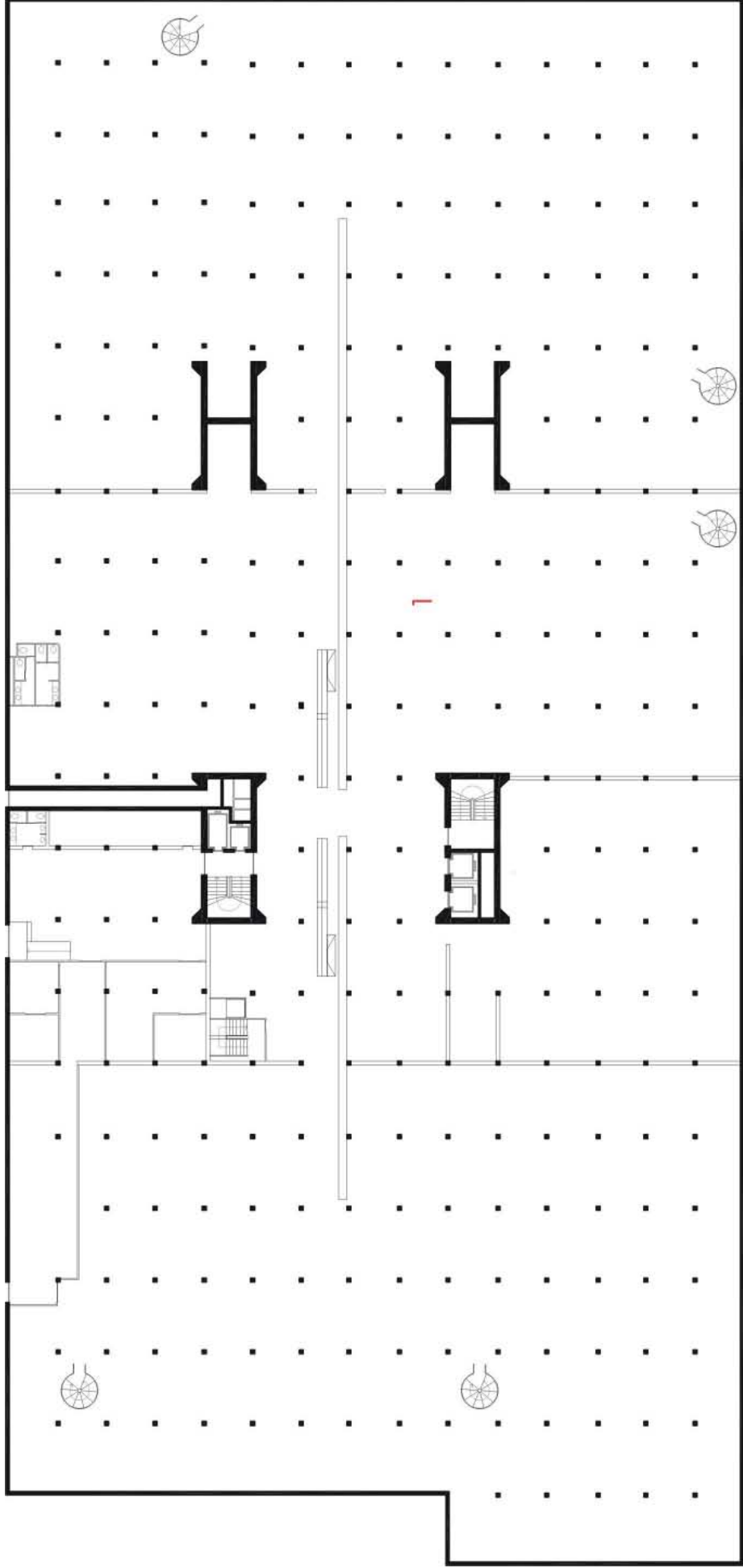




Fig. 52. Segundo Subsolo da Biblioteca Nacional. Depósito de livros. (Fonte: Acervo da autora, Maio 2009.)

Fig. 53. Planta Baixa do Segundo Subsolo da Biblioteca Nacional. Depósito de livros. (Fonte: Desenho da autora, Maio 2009.)



BIBLIOTECA NACIONAL
1. Depósito de livros

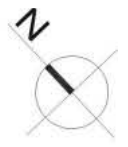
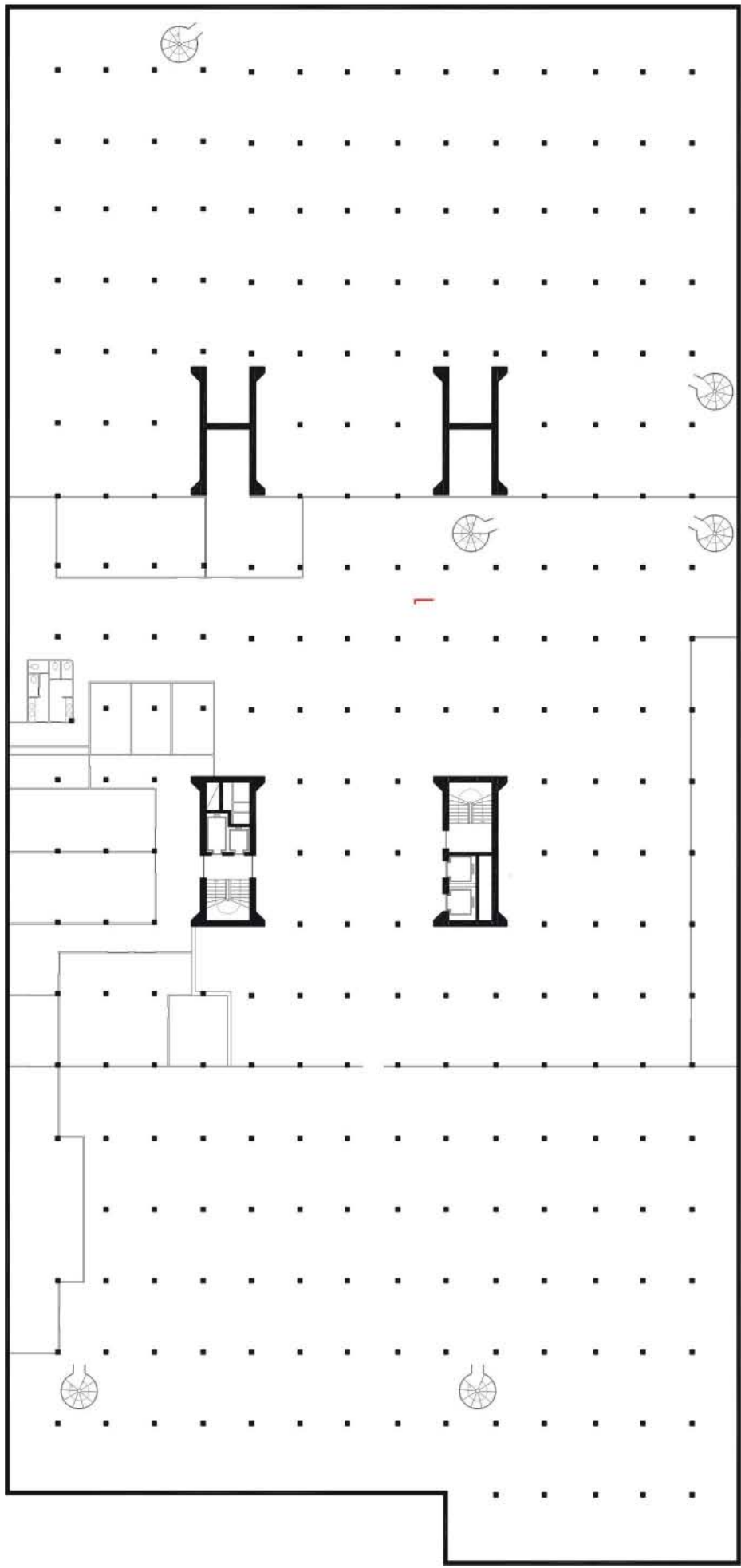




Fig. 54. Estantes do depósito de livros. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 55. Planta Baixa do Primeiro Subsolo da Biblioteca Nacional. Depósito de livros. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)



BIBLIOTECA NACIONAL
1. Depósito de livros

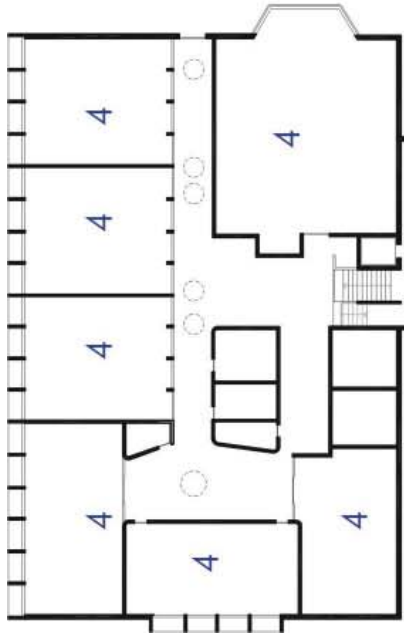


Fig. 56. Hemeroteca. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 57. Hemeroteca. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 58. Hemeroteca. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 59. Planta Baixa da Hemeroteca e Escola de Bibliotecários. Pavimento semi enterrado. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)



**BIBLIOTECA NACIONAL
HEMEROTECA ESCOLA DE BIBLIOTECÁRIOS**

- 1. Sala de leitura 2. Serviços Hemeroteca
- 3. Acesso Escola de Bibliotecários 4. Salas de aula

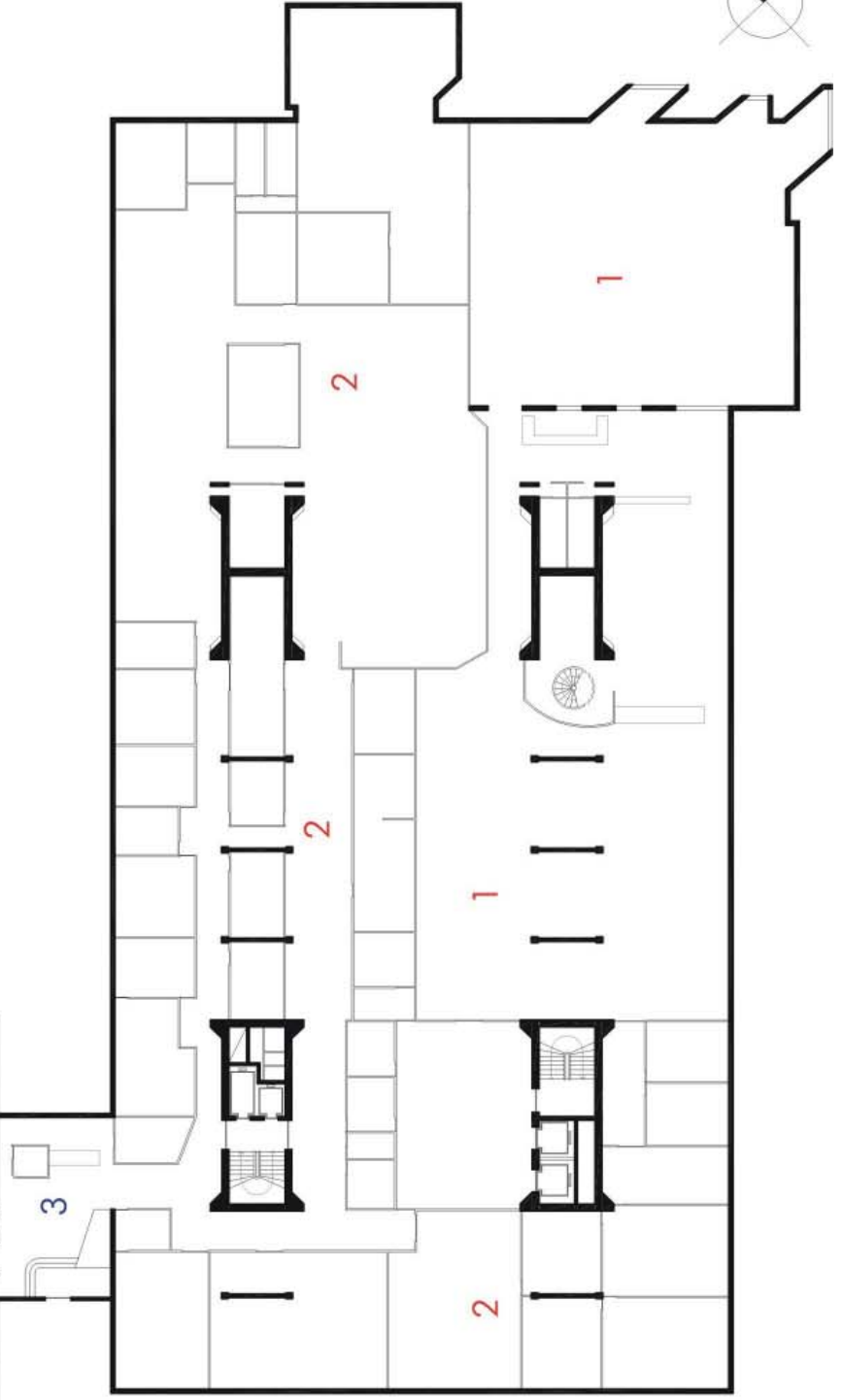
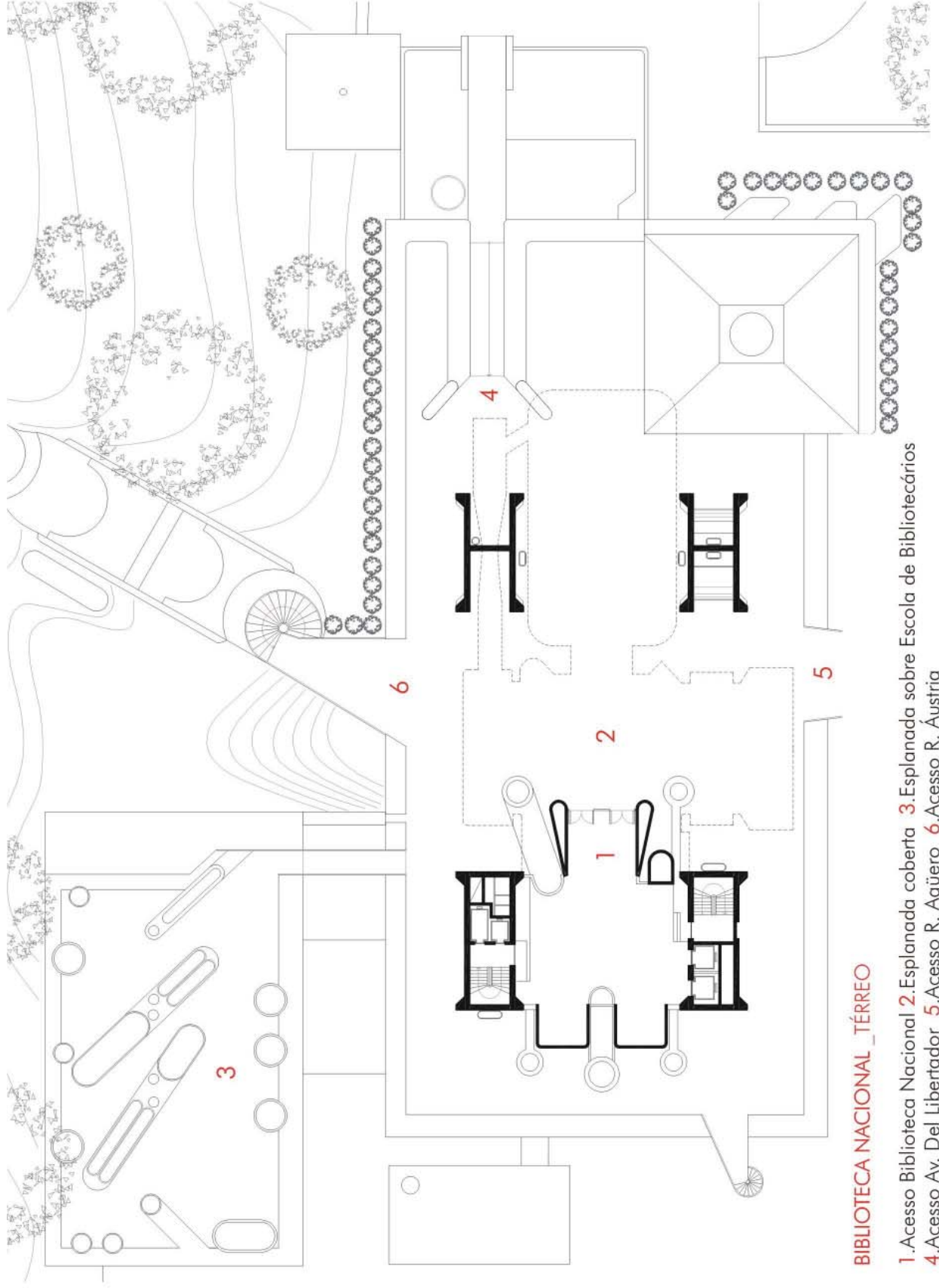




Fig. 60. Esplanada. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 61. Planta Baixa Térreo. Esplanada. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)



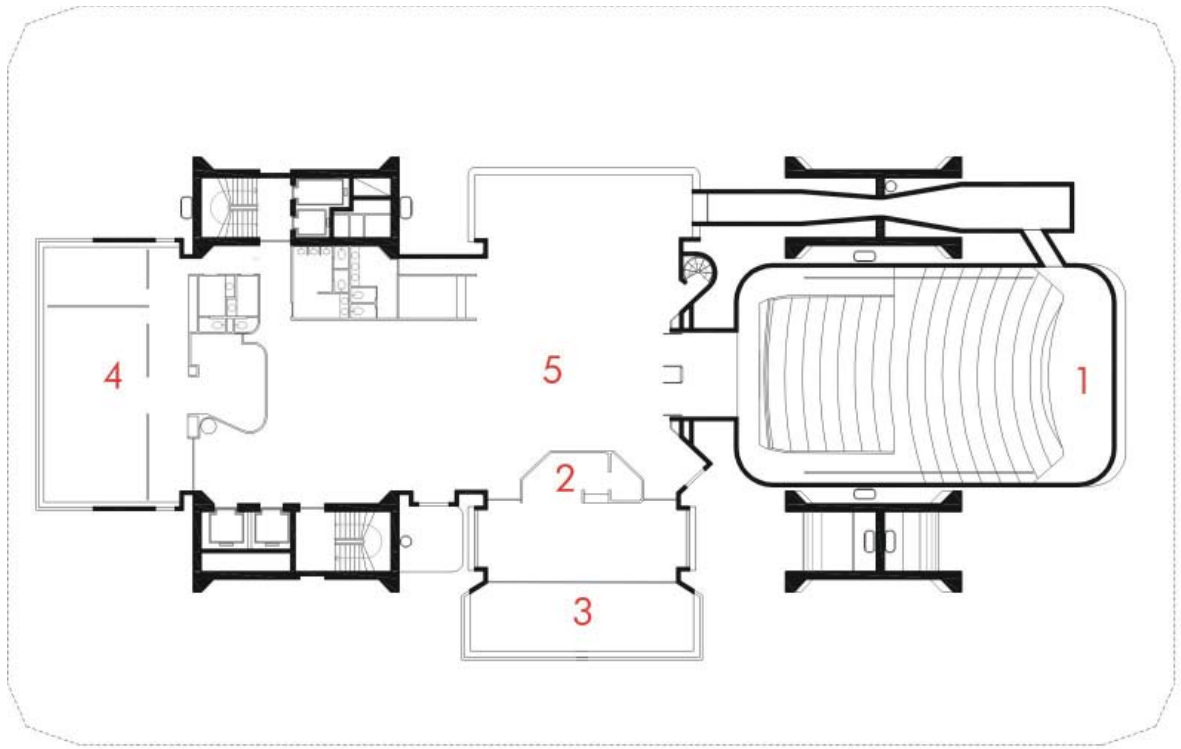
BIBLIOTECA NACIONAL_TÉRREO

- 1.** Acceso Biblioteca Nacional
- 2.** Esplanada cubierta
- 3.** Esplanada sobre Escola de Bibliotecários
- 4.** Acceso Av. Del Libertador
- 5.** Acceso R. Agüero
- 6.** Acceso R. Áustria



Fig. 62. Auditório (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

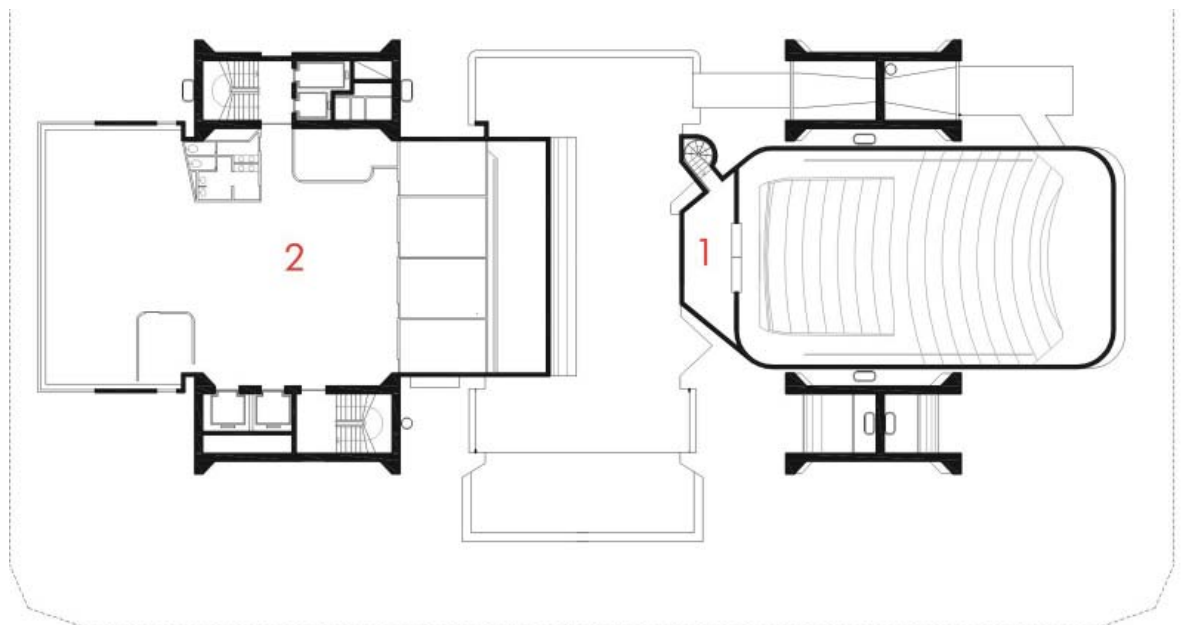
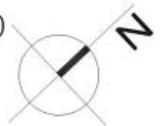
Fig. 63. Planta Baixa 1º e 2º Pavimentos. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)



BIBLIOTECA NACIONAL _ 1o PAVIMENTO

1.Auditório 2.Bar 3.Terraço aberto 4.Direção 5.Sala de Exposições

0 5 10



BIBLIOTECA NACIONAL _ 2o PAVIMENTO

1.Cabine de projeção 2.Direção/Administração

0 5 10



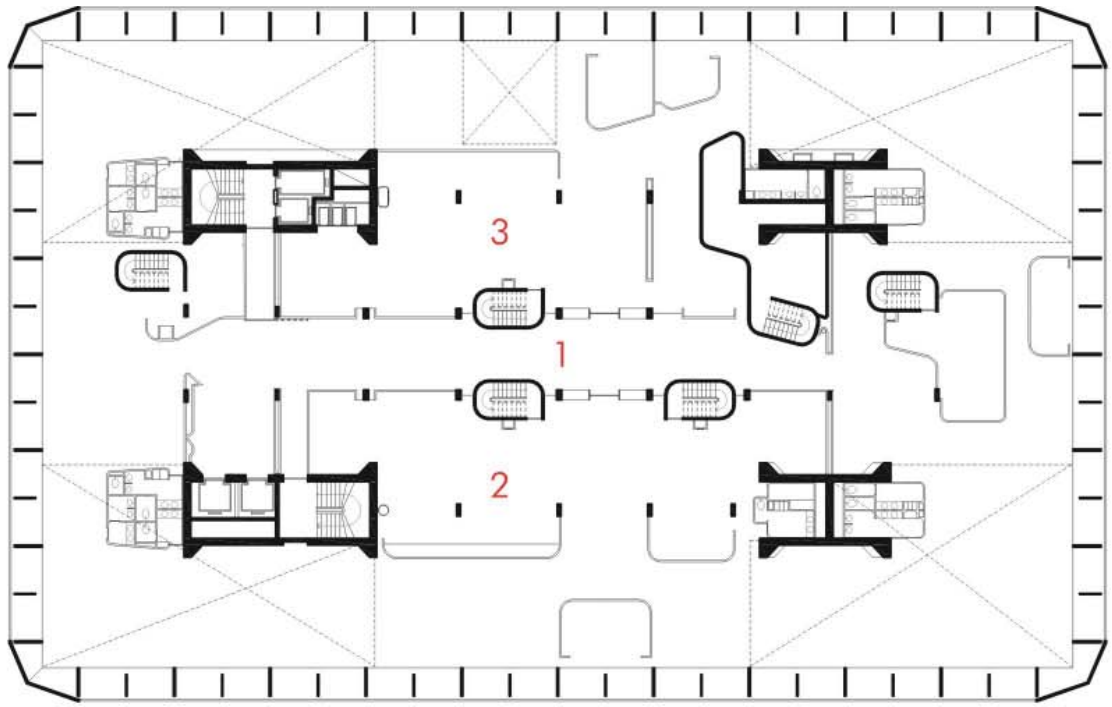


Fig. 64. Sala do Tesouro. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 65. Corredores do 3º Pavimento. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 66. Planta Baixa 3º e 4º Pavimentos. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

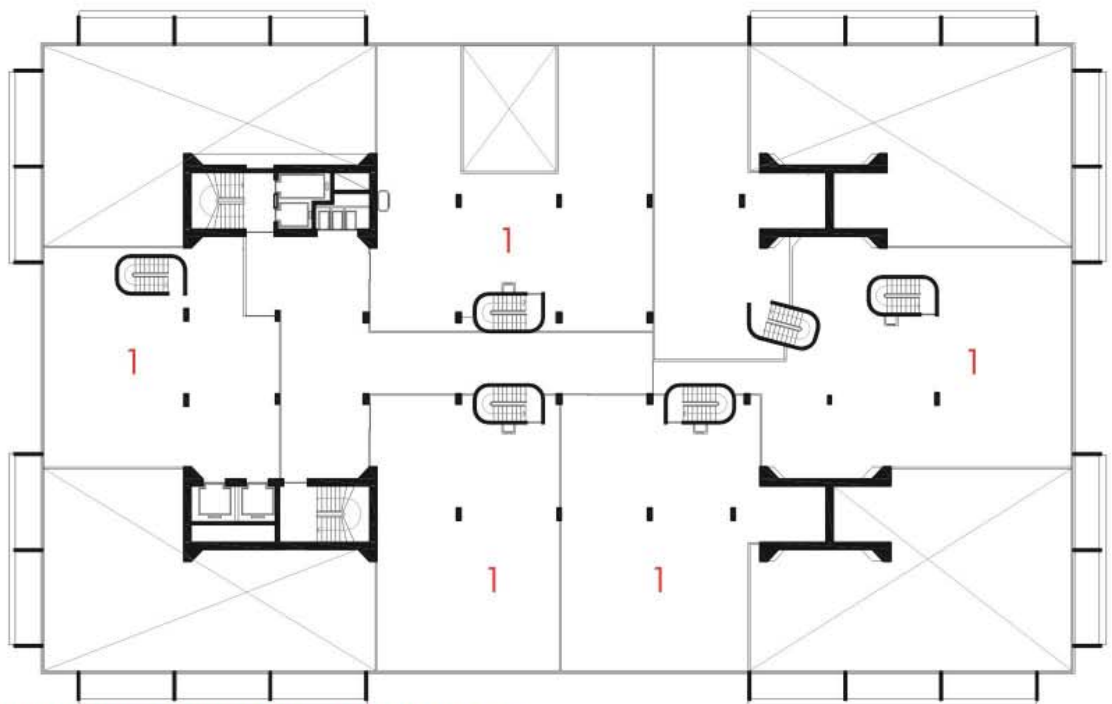
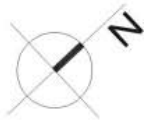




BIBLIOTECA NACIONAL _ 3o PAVIMENTO

1.Circulação 2.Sala do Tesouro 3.Salas Especiais/Multiuso

0 5 10



BIBLIOTECA NACIONAL _ 4o PAVIMENTO

1.Salas Especiais/Multiuso

0 5 10





Fig. 67. Sala de Leitura. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 68. Sala de Leitura. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 69. Planta Baixa 5° e 6° Pavimentos. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

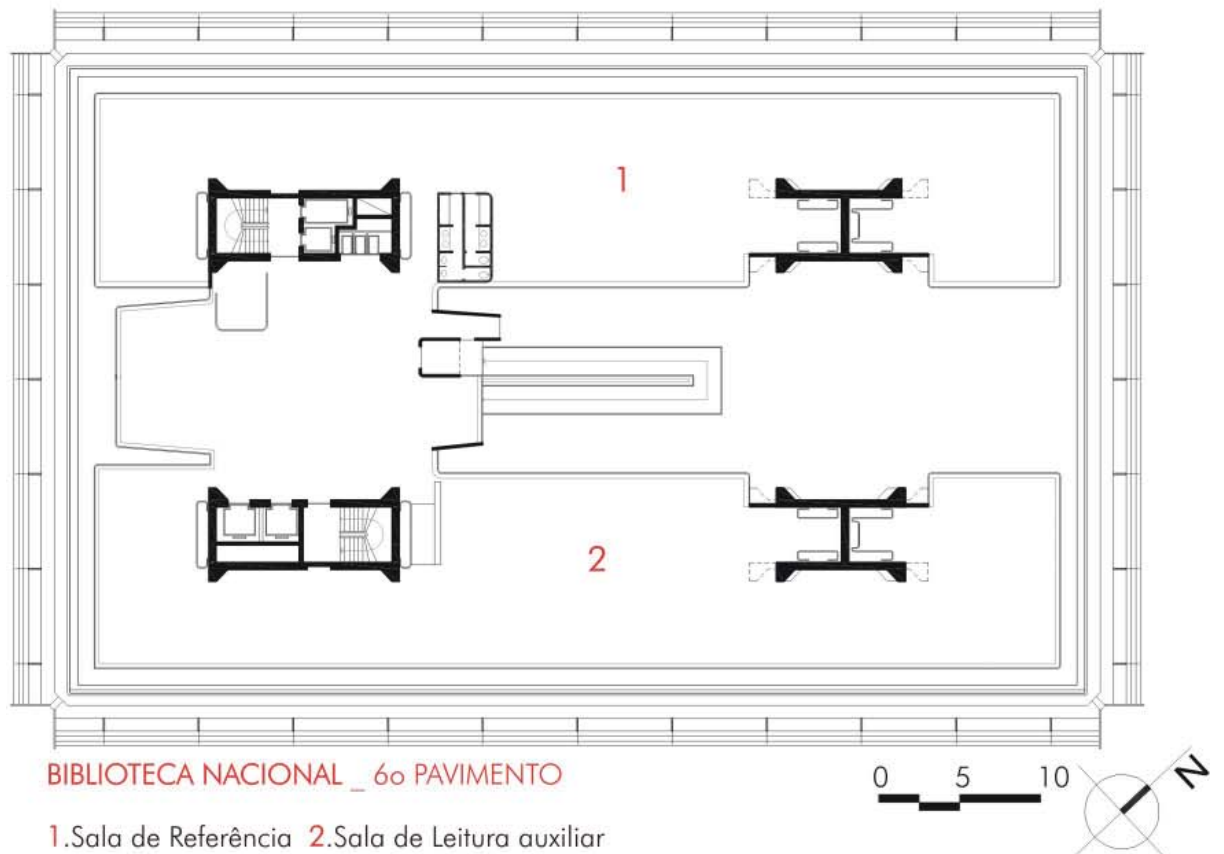
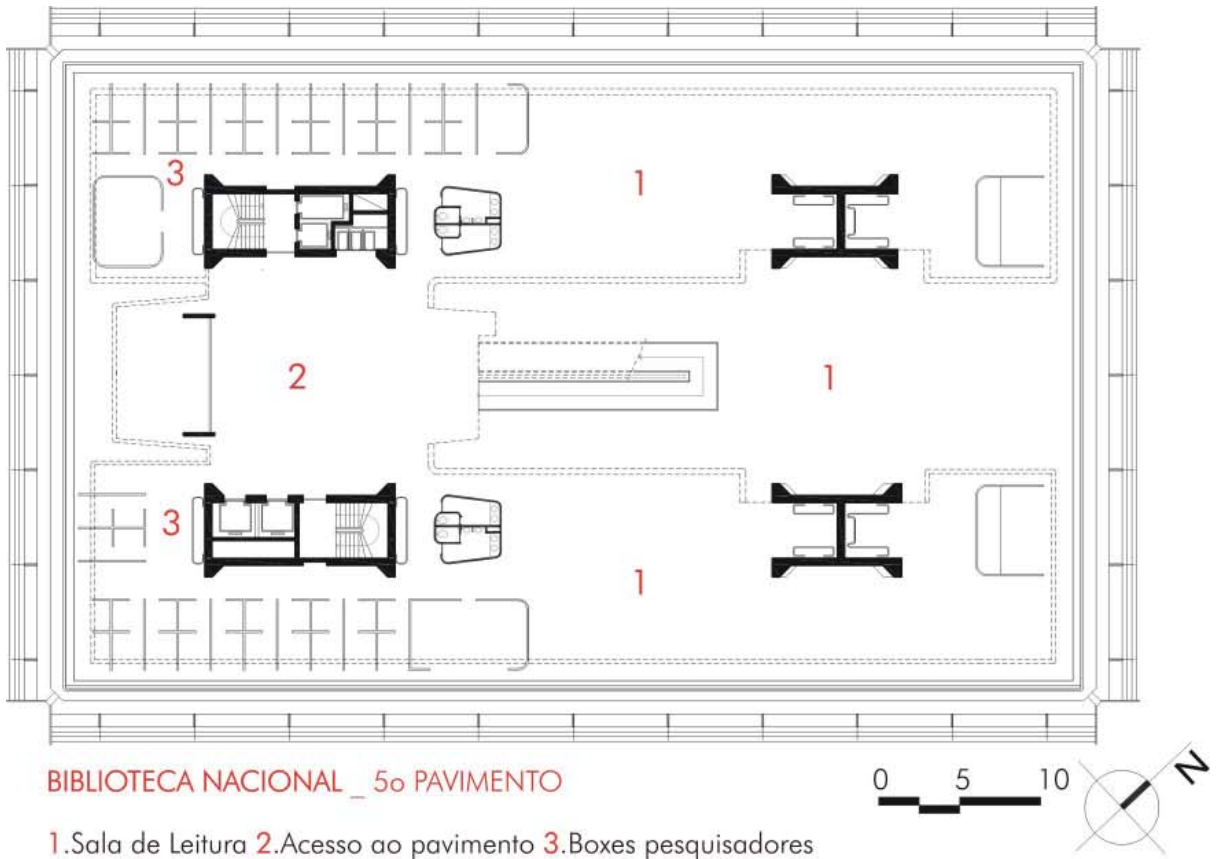
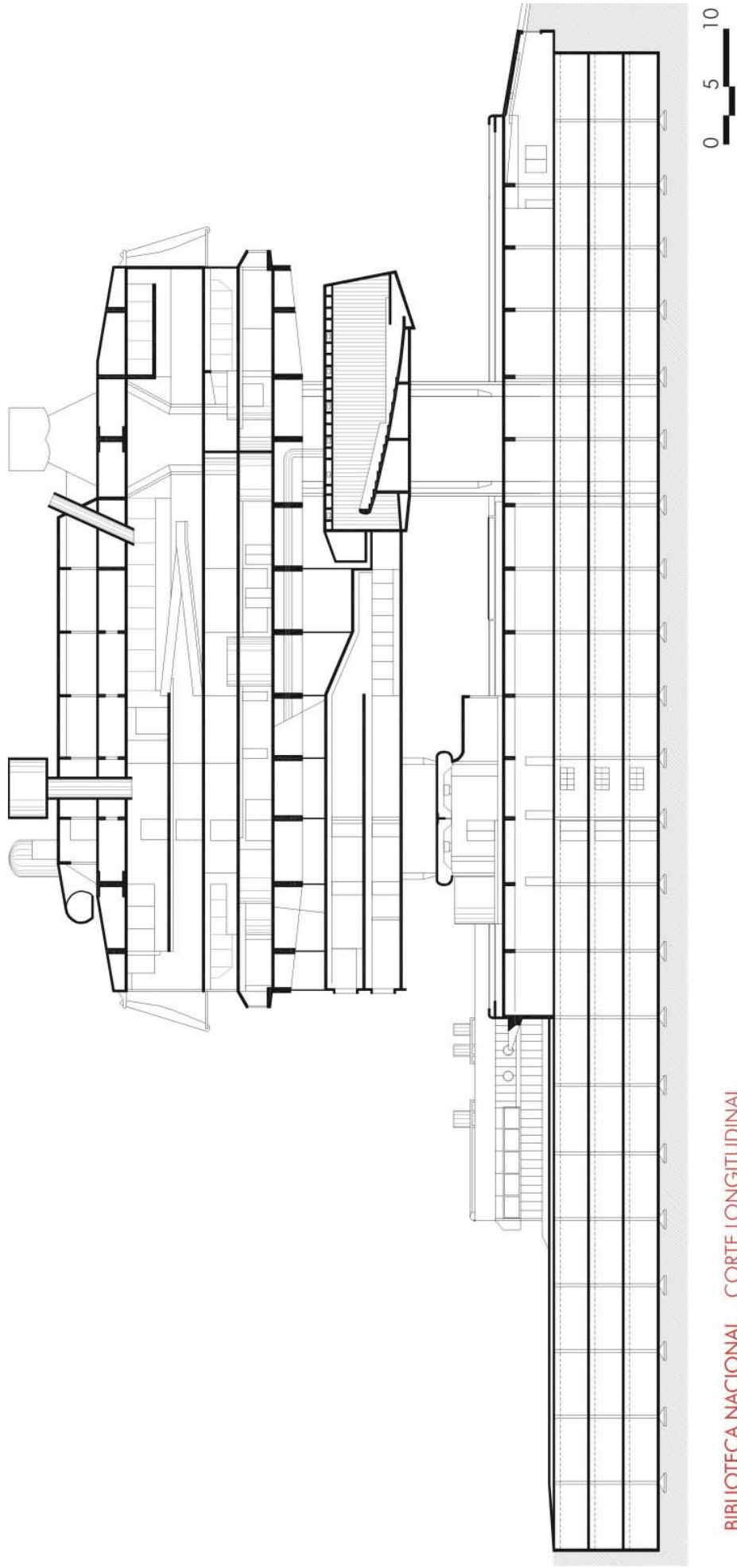




Fig. 70. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 71. Corte Longitudinal. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

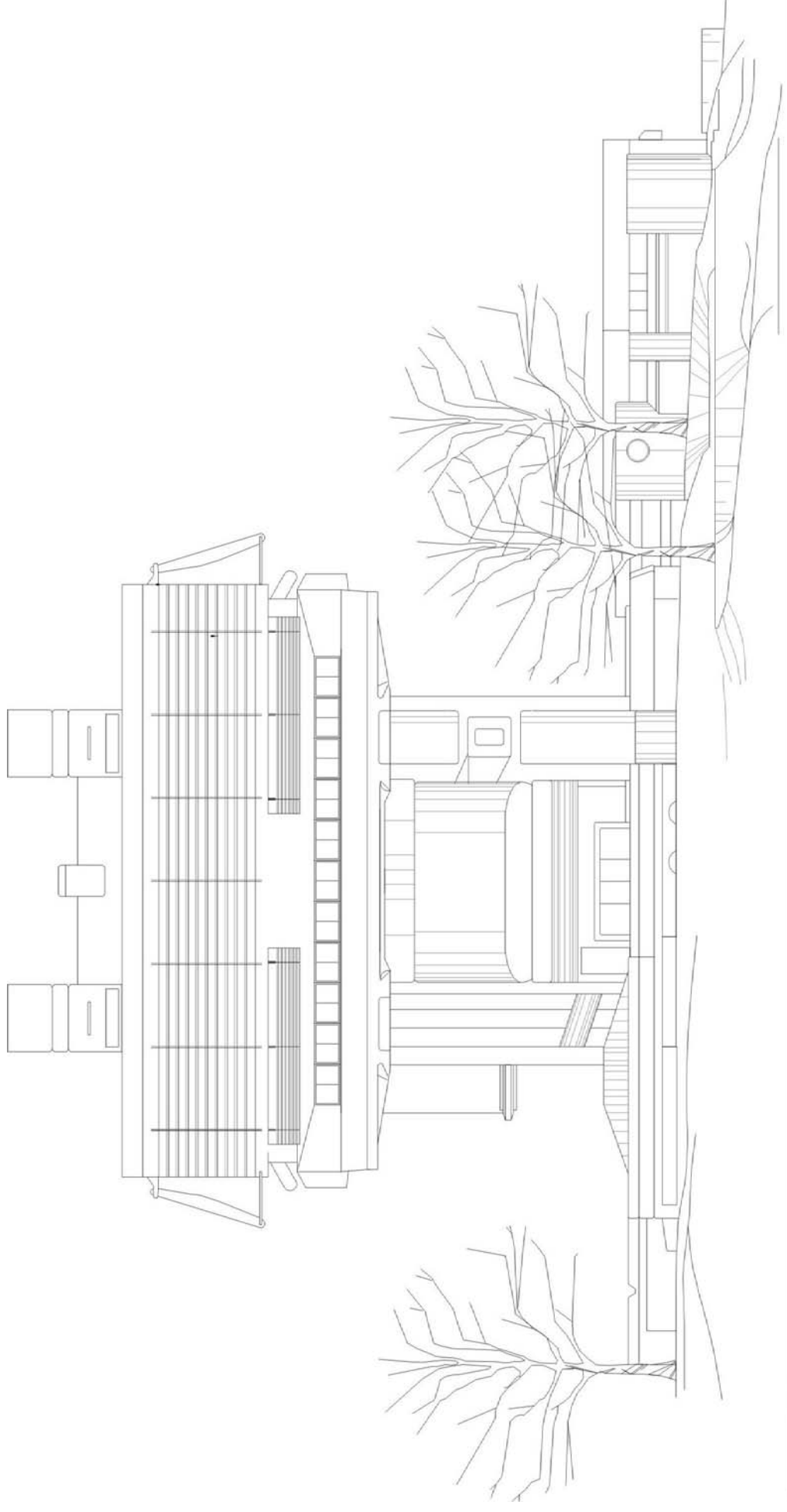


BIBLIOTECA NACIONAL _ CORTE LONGITUDINAL



Fig. 72. Biblioteca Nacional. (Fonte: Desenho da autora. Maio 2009.)

Fig. 73. Elevação Nordeste. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



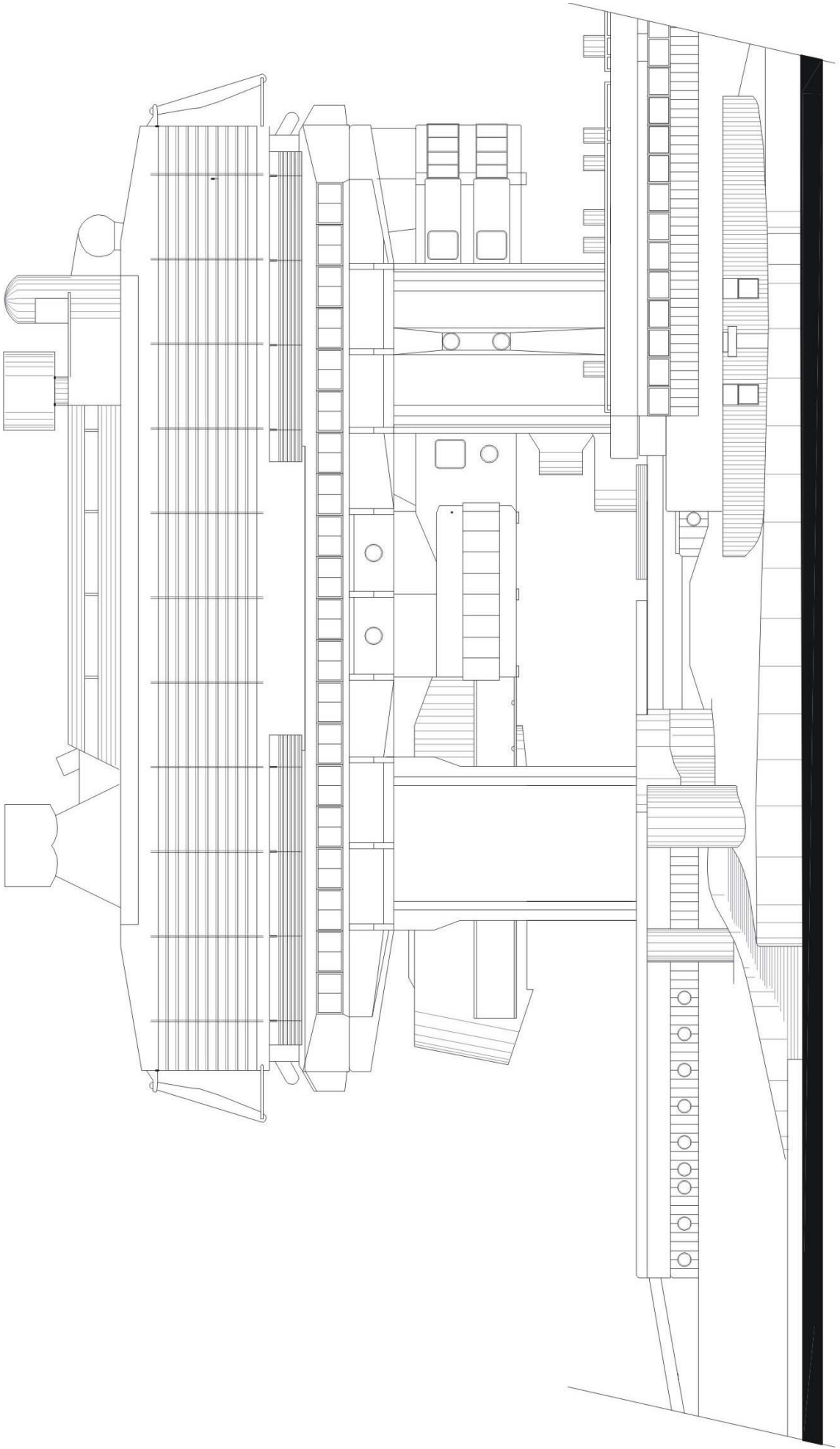
BIBLIOTECA NACIONAL _ ELEVACÃO NORDESTE





Fig. 74. Biblioteca Nacional. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 75. Elevação Noroeste. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



BIBLIOTECA NACIONAL _ ELEVAÇÃO NOROESTE



Fig. 75. Detalhe Auditório. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

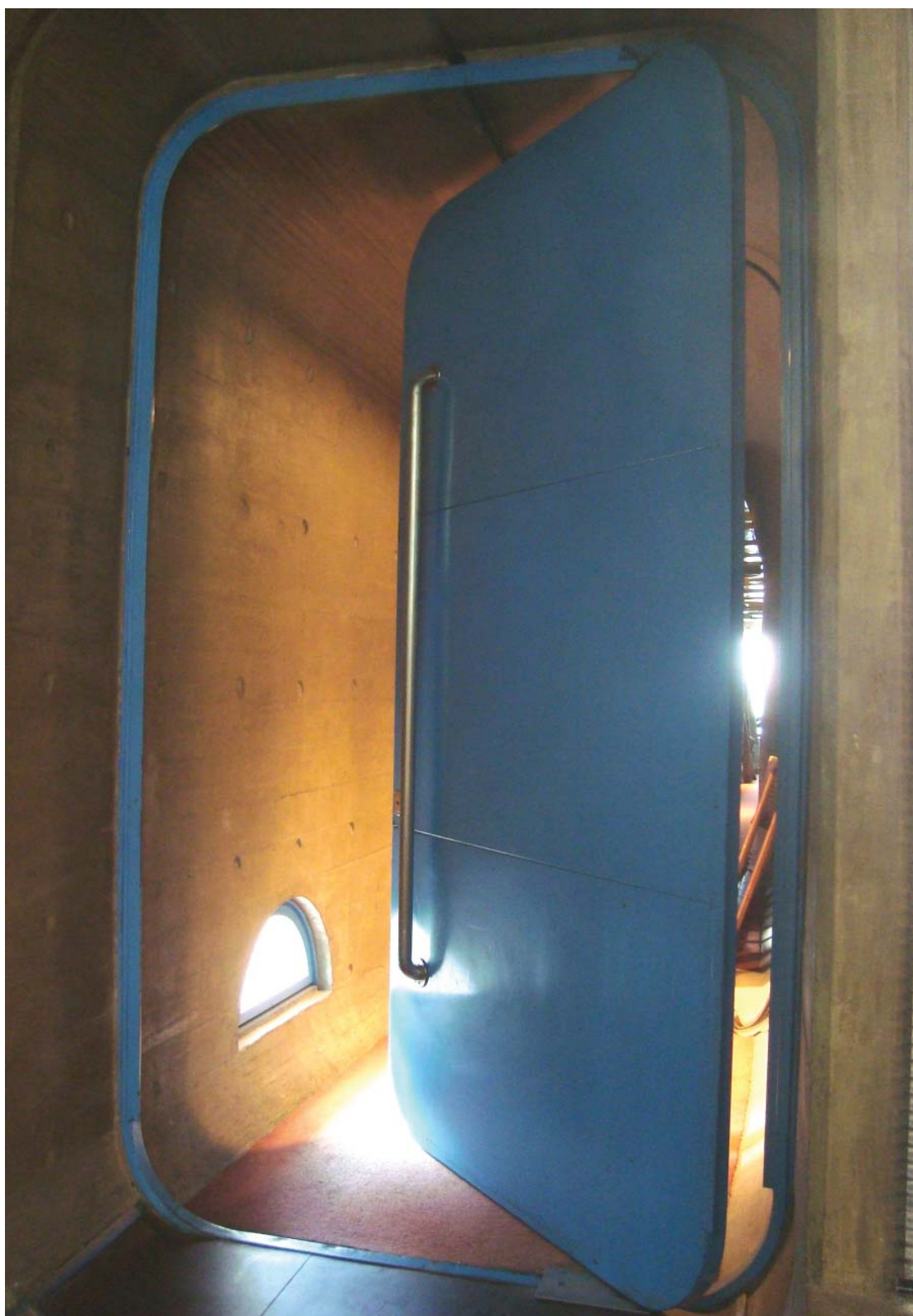


Fig. 76. Detalhe Auditório. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

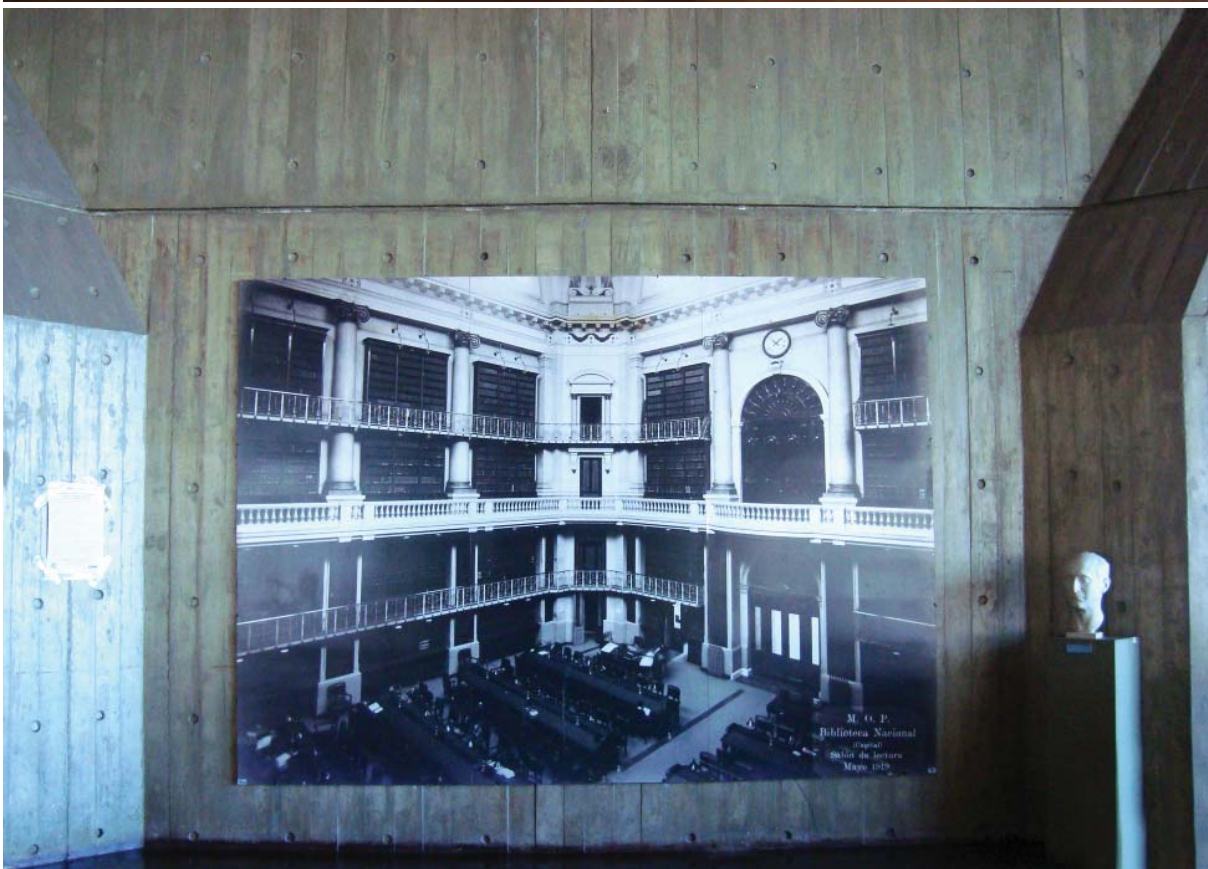


Fig. 77. Porta do Auditório. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 78. Imagem da antiga sala de leitura, no casarão da Rua México, sobre o pilar da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 79. Sala de Leitura. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 80. Sala de Leitura. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 81. Tensores para sustentação da rampa da Sala de Leitura. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora, Maio 2009.)

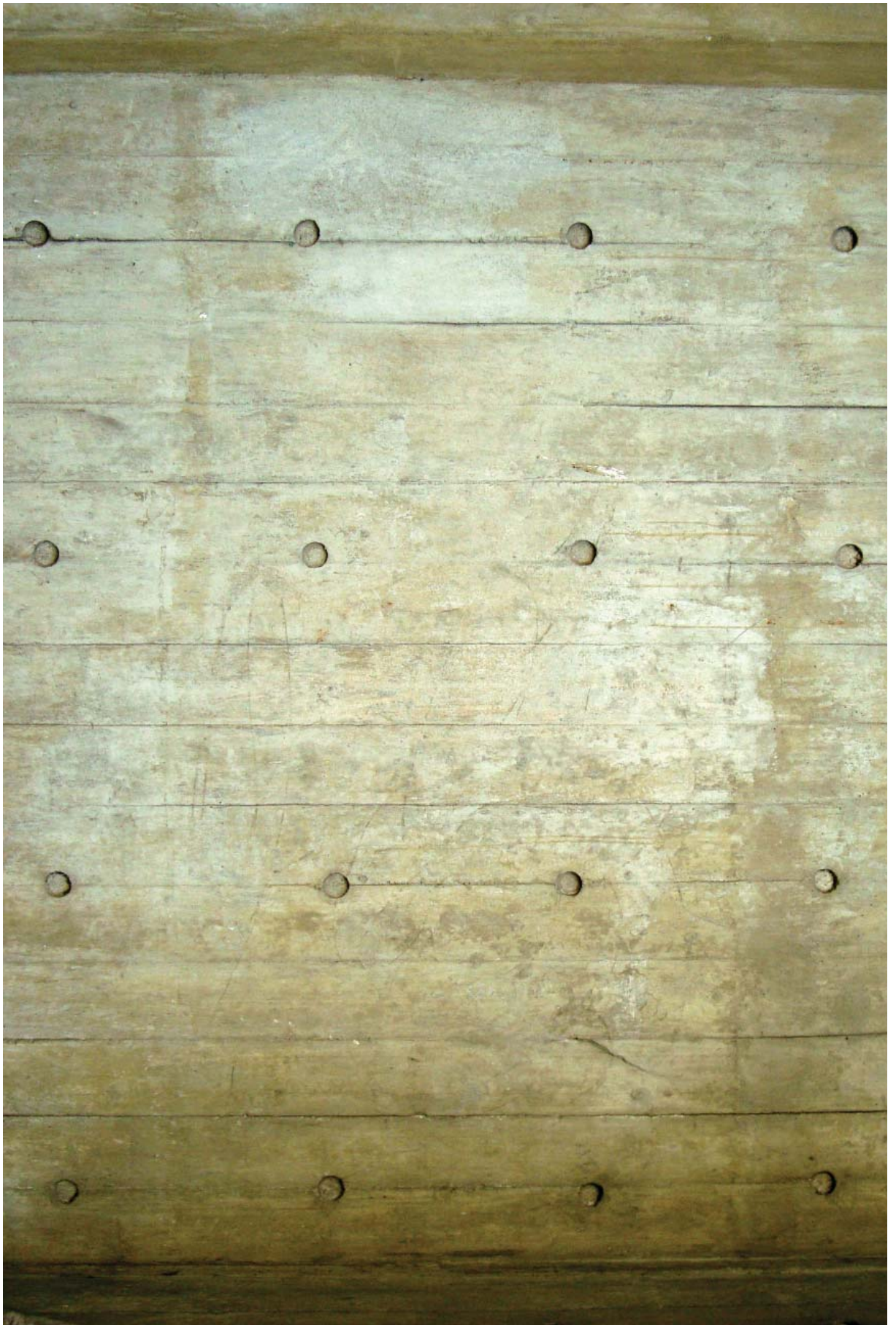


Fig. 82. Imagem de um dos apoios. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Um elemento construtivo que chama atenção são as rampas presentes no projeto. Sendo elas externas ou internas, promovem um passeio pela edificação, de modo a proporcionar aos transeuntes visuais interessantes, além de estarem dispostas de maneira escultural e explorando ao máximo as características técnicas do material que as compõem, o concreto. Na rampa de acesso externa, posicionada paralelamente à Rua Agüero, Testa vale-se de uma grande viga, que é apoiada somente em um ponto, além das extremidades dos ingressos. Para garantir a estabilidade transversal, os guarda-corpos foram moldados na própria base da viga de sustentação. Além disso, ela recebe um reforço estrutural em seu eixo longitudinal, conformando uma caixa de concreto vazada. Sobre essa viga são apoiadas placas de concreto, que mantêm, entretanto, um espaçamento entre elas para escoamento da água. Essa mesma solução de drenagem é utilizada em toda a esplanada coberta.



Fig. 83. Rampa de acesso, paralela à Rua Agüero. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

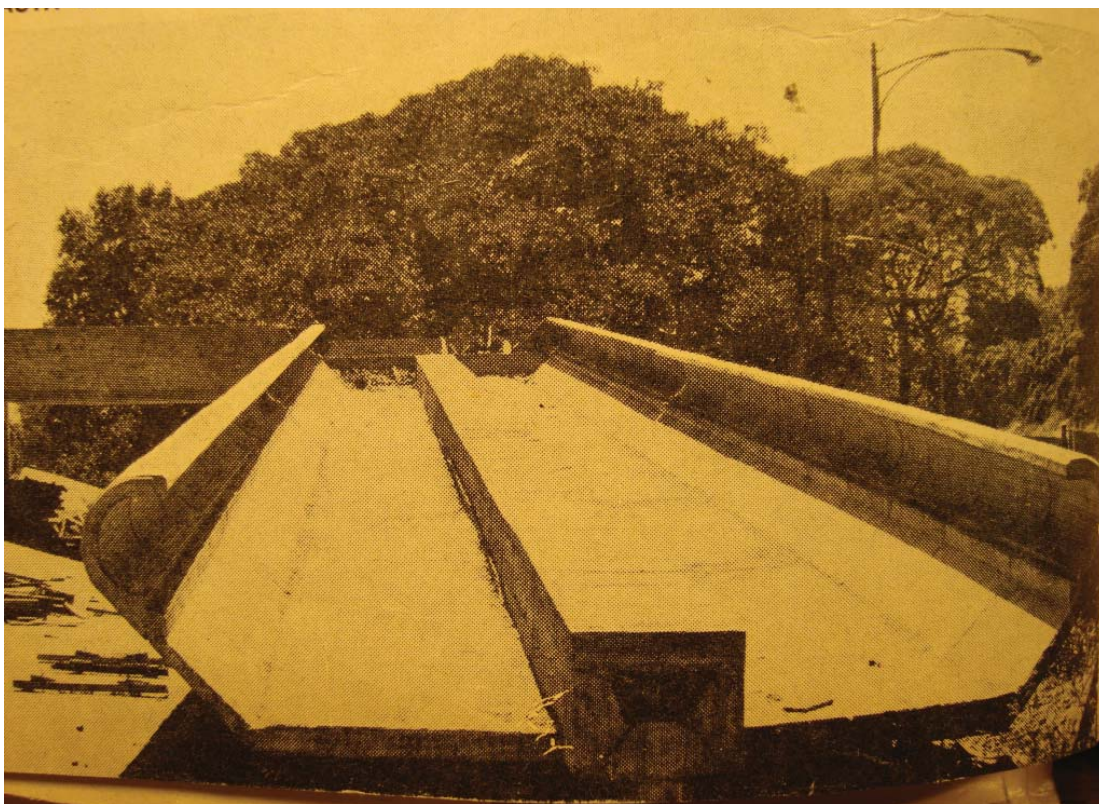


Fig. 84. Rampa de acesso, paralela à Rua Agüero. Biblioteca Nacional. (Fonte: **Construcciones**, Buenos Aires: n.262, nov. dez. 1976.)

No interior, destaca-se a rampa que liga os pavimentos da sala de leitura. Totalmente suspensa por tensores metálicos, possui um patamar - que serve mais para um mirante da bela paisagem natural visualizada através das amplas esquadrias de fechamento da sala de leitura - iluminado por uma abertura zenital. Cabe lembrar que a utilização desse detalhe construtivo, composto por tensores metálicos para suspensão de um volume, não se encerra nesta rampa: todo o 2º pavimento da sala de leitura - 6º pavimento da Biblioteca - se encontra suspenso, tocando o piso somente do 5º pavimento os quatro grandes apoios.

O uso de elementos zenitais para captação da iluminação está presente também nos corredores da Escola de Bibliotecários. Todos os desenhos dos "domus" são variações de círculos e elipses, cujos corpos de concreto se prolongam nas coberturas - extensão da forma -, são cobertos por uma superfície acrílica curva.

Para captação da luz, Testa vale-se, também, de diferentes tipos de esquadrias, sejam elas circulares, elípticas, em fita ou, até mesmo, retangulares, e as dispõem ordenada-



mente em cada ambiente da biblioteca, embora algumas, presentes no terceiro e quarto andar, gerem certos desconfortos por ofuscamento, dada a intensidade de luz que adentra o recinto. Para sanar esse inconveniente, foi necessário aplicar uma película adesiva que refletisse parte da luz incidente, deixando permear uma iluminação menos intensa. No entanto, destaca-se que desde o partido arquitetônico, esses pavimentos não foram propostos com o sistema de brises externos, diferentemente do caso da sala de leitura.

Enaltece-se, principalmente, o cuidado no detalhamento das plantas executivas e os desenhos dos pormenores do projeto desenvolvido por Testa, citados anteriormente. Além dessas características, ao acrescentar as semelhanças formais e o caráter funcional, declara-se a sua inspiração pela obra de Le Corbusier pós Segunda Guerra Mundial.

Reforça-se que a localização da sala de leitura no ponto mais alto do terreno elege a paisagem do Rio da Prata como principal comunicabilidade com o exterior. Além disso,

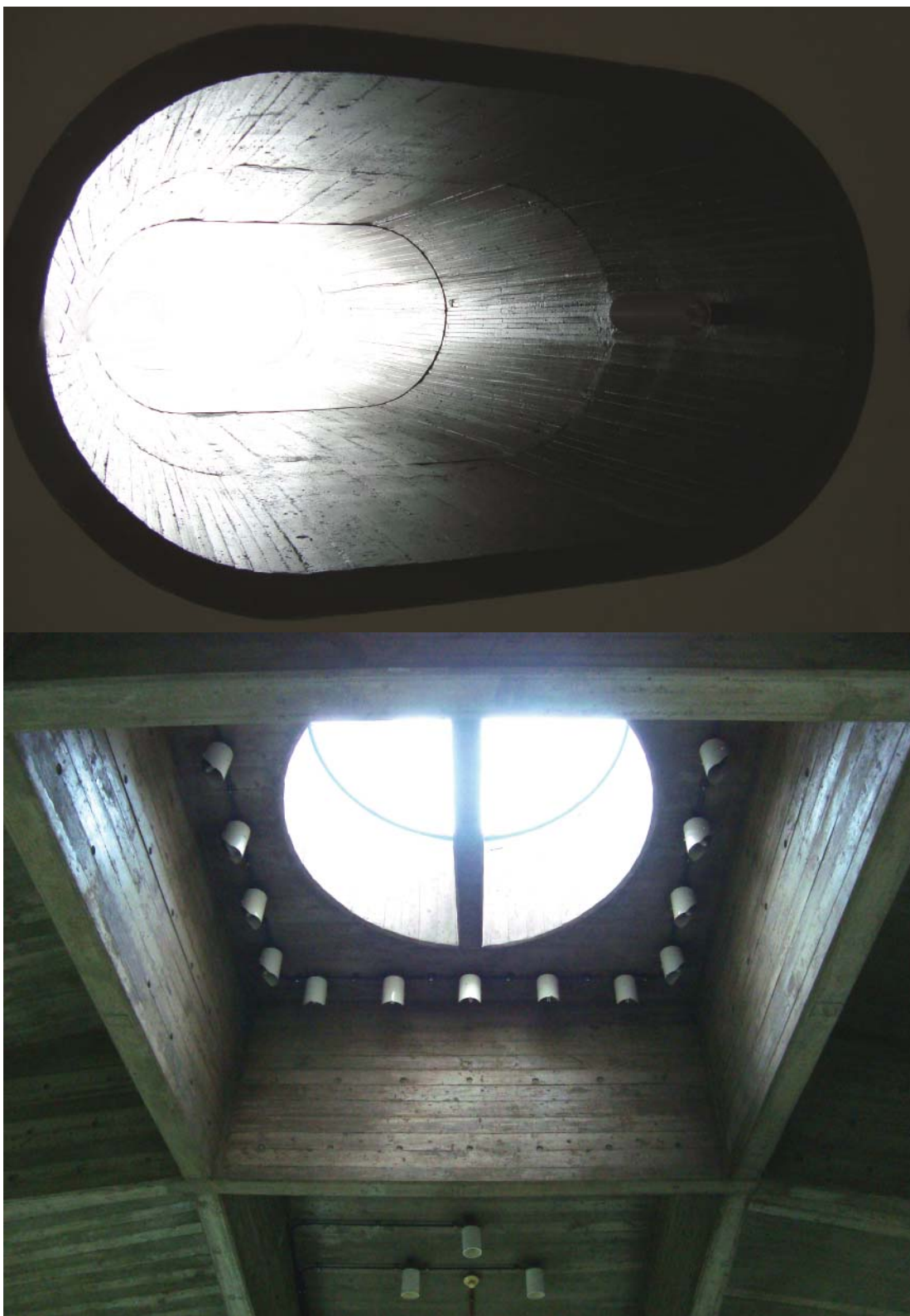


Fig. 86. Sala de Leitura. Iluminação zenital. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

Fig. 87. Hemeroteca. Iluminação zenital. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 88. Sala de Leitura. Iluminação zenital. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 89 e 90. Cobertura da Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora, Maio 2009.)

permite que o volume seja avistado desde diversos pontos de aproximação do sítio, reforçando a máxima “ver e ser visto”.

Dadas as devidas proporções no que tange às diferenças do entorno, aproxima-se a forma de implantação e as preocupações desde a apreensão das visuais da edificação, entre o projeto da biblioteca e os projetos desenvolvidos por Le Corbusier para a Capela de “Notre-Dame-Du-Haut Ronchamp” e o Convento de “La Tourette”. Contudo, no último, pode-se verificar uma maior valoração das relações internas, dada



Fig. 92. Biblioteca Nacional. Croqui de Clorindo Testa. (Fonte: Acervo do arquiteto Clorindo Testa.)

a forma em U – do mosteiro -, acrescido de um I – da igreja – que justapostos conformam um pátio interno, garantindo a condição primordial do projeto: a privacidade dos monges. Já no caso do projeto para a Capela, cuja prioridade de uso vincula-se ao abrigo do público, - neste sentido, igualmente à biblioteca – a edificação prioriza as relações exteriores e sua conexão com paisagem do horizonte.

No entanto, apesar das familiaridades na composição da implantação e das relações exteriores entre os projetos da capela e da biblioteca, pode-se perceber uma maior aproximação desde a composição formal entre a última e o Convento, dada a contundência do “betón brut”, e a representatividade de seus planos ortogonais, volumes, e texturas. No que concerne aos volumes implícitos no conjunto das obras, destaca-se o uso de elementos para captação de iluminação natural.

Le Corbusier vale-se de elementos que se pronunciam externamente no Convento de *La Tourette* -1957-1960. Dessa mesma maneira, Testa propõe o uso de elementos externos para condução da iluminação natural de modo zenital na Biblioteca. Contudo, diferentemente do projeto de Corbu, que utiliza os elementos zenitais no santuário e a sacristia do convento, na biblioteca, as iluminações ficam destinadas aos espaços de circulação e não em recintos de estar. Outro elemento construtivo que relaciona ambas as edificações são os sistemas de brises acrescidos às esquadrias.

No que tange aos sistemas de brises, pontua-se



Fig. 93. Convento La Tourette. Le Corbusier. (Fonte: disponível em www.skyscraperlife.com)



Fig. 94. Capela de Notre Dame du Haut (Fonte: disponível em br.franceguide.com)



Fig. 95. Detalhe do entremeado de vigas. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 96. Detalhe dos brises da Escola de Bibliotecários. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

a exclusão contundente do sistema projetado para proteção do Salão Principal de Leitura. Em entrevista à SCA – “Sociedad Central de Arquitectos” – Clorindo Testa e Francisco Bullrich mencionam e condenam a decisão, por parte das autoridades, de excluir do projeto tal sistema. Segundo Bullrich⁴⁴:

“O problema dos brises – ou de sua exclusão – surgiu na segunda licitação da quarta etapa de execução das obras. O General Galtieri enviou a documentação ao Comando em Exercício do Exército, onde uma comissão interna, seguindo suas orientações de reduzir ao máximo os custos da obra decidiu “mano militari”, suprimir o sistema de brises. Tal fato nos foi informado somente em meio ao processo de licitação. “

Na mesma entrevista, Bullrich afirma que ele e Testa propuseram uma reunião com

44. “Entrevista”. *Revista SCA – Sociedad Central de Arquitectos*. Buenos Aires: n.160, set.out. 1992. p.74.



Fig. 97. Detalhe da esquadria. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

o então ministro Cayetano Licciardo para discutir sobre a exclusão dos brises. Sendo assim, para reduzir custos, almejando um possível retorno do sistema de brises projetados, os arquitetos se propõem a aceitar a troca das esquadrias de aço inox por esquadrias de alumínio; dos pisos de “linóleo battleship” por um piso de borracha e os rodapés metálicos por outros de marcenaria. *“Estas modificações acabaram se praticando, mas cada vez que se falava do tema dos brises, cujo custo variava entre U\$ 1.000.000 e U\$ 1.800.000, a decisão se adiava e adiava.”*⁴⁵

Constata-se que as autoridades tratavam o sistema em questão como um acessório à edificação, que este não seria importante para a realização da mesma. Contudo, segundo Testa, *“nunca foi um acessório agregado, formava parte da concepção global do edifício, e tão pouco era uma coisa gratuita desde o ponto de vista funcional (...)”*⁴⁶

Os brises nunca foram produzidos e, atualmente, para conter a incidência dos raios do sol no salão principal de leitura, foram colocadas películas adesivas nos vidros das esquadrias. No entanto, ao utilizar as dependências da Biblioteca, pode-se perceber que se os brises tivessem sido executados, auxiliariam no conforto térmico da edificação e, assim, demandaria menor esforço do sistema de ar condicionado.

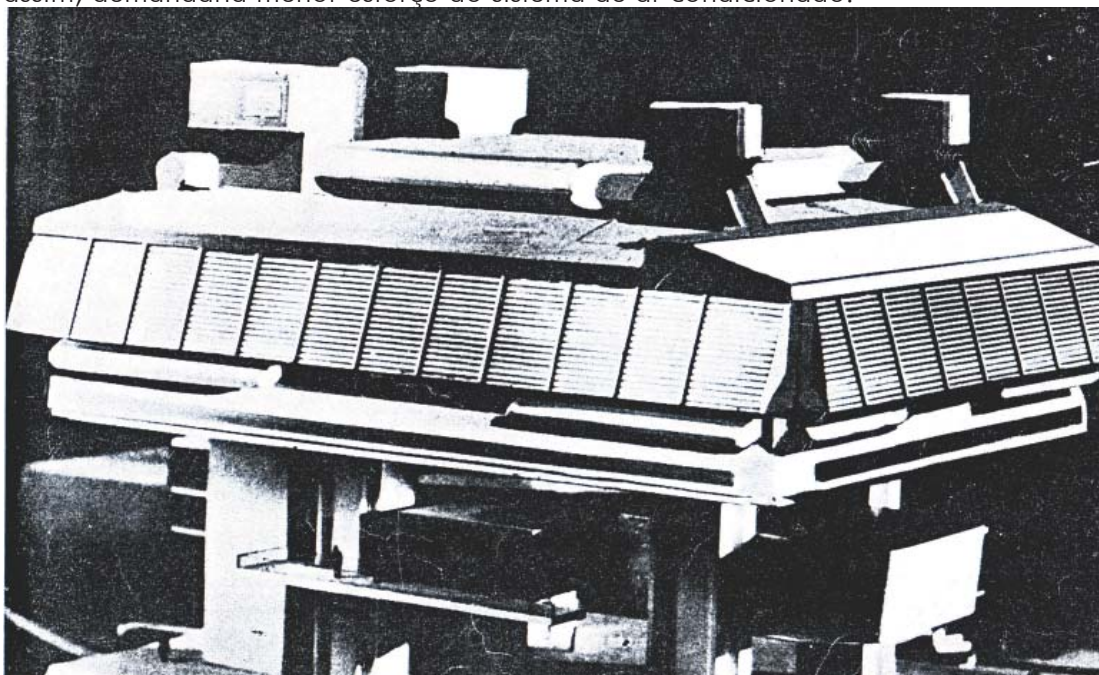


Fig. 98. Maquete apresentada no Concurso Nacional de Anteprojetos para a Biblioteca Nacional. (Fonte: Construcciones, Buenos Aires, n. 262, 1976.)

45. Idem

46. Idem.

3.2.3. O INÍCIO DAS OBRAS

Concomitantemente ao trabalho de revisão projetual e elaboração do projeto executivo, inicia-se o processo de medição do terreno para a correta execução da edificação. Sendo assim, em 25 de novembro de 1964, o Centro Argentino de Engenheiros propõe o “Concurso de Antecedentes sobre Registro de profissionais Especializados em agrimensura”, a pedido da Direção Geral de Arquitetura e Trabalhos Públicos do Ministério de Educação e Justiça da Nação. Em março do ano seguinte, elege-se o Agrimensor Alberto Jorge Frumento como responsável técnico da execução dos trabalhos. Entre janeiro e março de 1967, coloca-se em execução a medição do terreno. Contudo, somente em 1971 é colocada a pedra fundamental, onde estavam presentes o Ministro da Cultura e Educação, Dr. Gustavo Malek; o diretor da Biblioteca Nacional, Jorge Luis Borges; entre outros políticos e o público em geral. E, no ano seguinte, é firmado o contrato para a escavação do terreno.⁴⁷

Vale lembrar que entre os anos 1976 e 1982, a Argentina passa por uma fase marcada pelo regime militar. Neste período as obras da Biblioteca Nacional ficaram praticamente paradas. Para agilizar a construção, a Direção Geral de Arquitetura e Trabalhos Públicos propõe, em 1980, visitas guiadas para o público em geral, assim como para as empresas interessadas no processo licitatório referente a 4º etapa da obra.

Ressalta-se que o concurso para o projeto da Biblioteca é proposto em 1962, sua obra teve início em 1971 e, por volta de 1981, apenas um terço da edificação havia sido construída.⁴⁸ Sobre este atraso, Testa expôs:

“Não importa, para mim e para Bullrich, o fato de que a obra esteja sendo realizada com lentidão. Até as obras arquitetônicas requerem seu tempo de criação, e isso que importa. Não tem importância se atrasar 20 anos, pois segue sendo uma obra válida.”⁴⁹

47. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. “Un edificio para la biblioteca nacional”. **Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos**. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.

48. GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.42.

49. TESTA, C. in GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.43.



Fig. 99. Placa da Obra. 4º Etapa. 1980. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

É seguiu o pensamento, em entrevista a Petrina:

“(...) da mesma maneira que continuo acreditando na minha pintura dos anos 60, também considero válido o projeto da Biblioteca, seja qual for o tempo que levar sua construção. Em outras palavras: um quadro feito em 1960 ou 1962 foi um instante meu, já está feito, e para mim segue conservando sua importância. Se o objeto arquitetônico continua sendo construído através do tempo não tenho vontade de alterá-lo, pois é um projeto de 1962. Da mesma forma seria modificar um quadro “in aeternum”. Na Biblioteca, Francisco (Bullrich) e eu sempre respeitamos este aspecto e, quando tivemos que acrescentar ou modificar algo, fizemos como consequência direta do desenvolvimento da obra e sempre dentro do espírito do projeto original.”⁵⁰

Em maio de 1987, o subsecretário de Coordenação Administrativa do Ministério da Educação, o Dr. Rolando Bonachi, comenta que, por volta de 1984, a obra estava em um bom ritmo de desenvolvimento, mas, por dificuldades econômicas, foi suspensa.

50. TESTA, C. in PETRINA, A. “Entrevista al arquitecto Clorindo Testa”. *Summa*. Buenos Aires: n.164, 1981. p.72.

Na mesma data, Bonachi afirma que as obras da Biblioteca seriam retomadas mais uma vez, e que estariam concluídas em 430 dias.⁵¹ Contudo, o que estava programado para terminar em pouco mais de um ano, leva cinco anos.

51. *La Nación*. 23.05.1987.

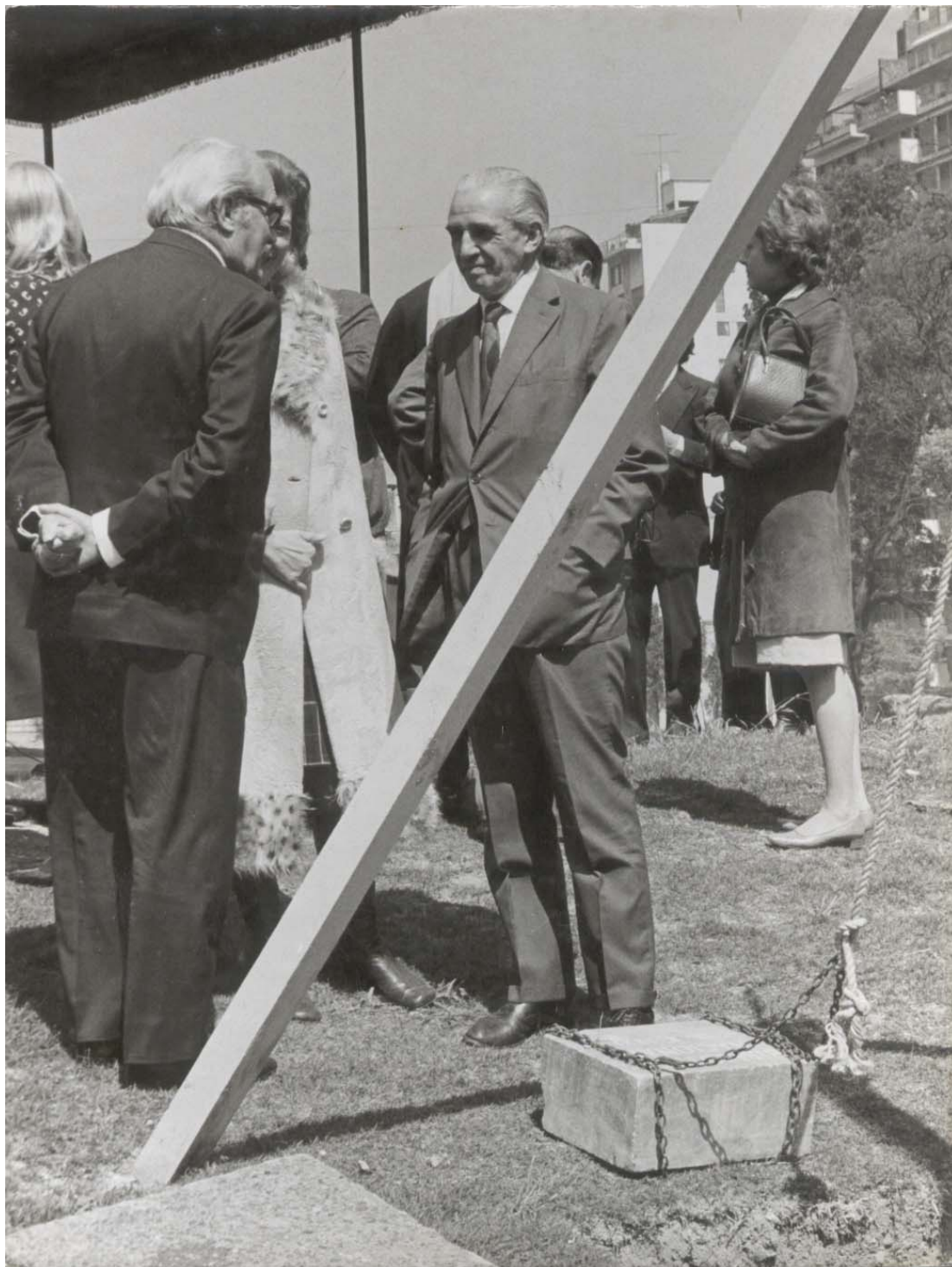


Fig. 100. Pedra Fundamental. 13 de Outubro de 1971. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



Fig. 101. Pedra Fundamental. 13 de Outubro de 1971. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 102. Construção da Biblioteca Nacional, escavações em novembro 1971. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



Fig. 103. Construção da Biblioteca Nacional, escavações em novembro 1971. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 104. Construção da Biblioteca Nacional, escavações em novembro 1971. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



Otra perspectiva de las BASES DE COLUMNAS donde se aprecian sus gigantescas dimensiones - Obras de la nueva BIBLIOTECA NACIONAL - Foto: 06.03.1973.



PERPECTIVA de las obras de cimentación - Los hierros que se destacan en la parte superior de las bases marcan los comienzos de las columnas maestras. Foto: 06.03.1973.

Fig. 105. Bases dos pilares. Março de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 106. Bases dos pilares. Março de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

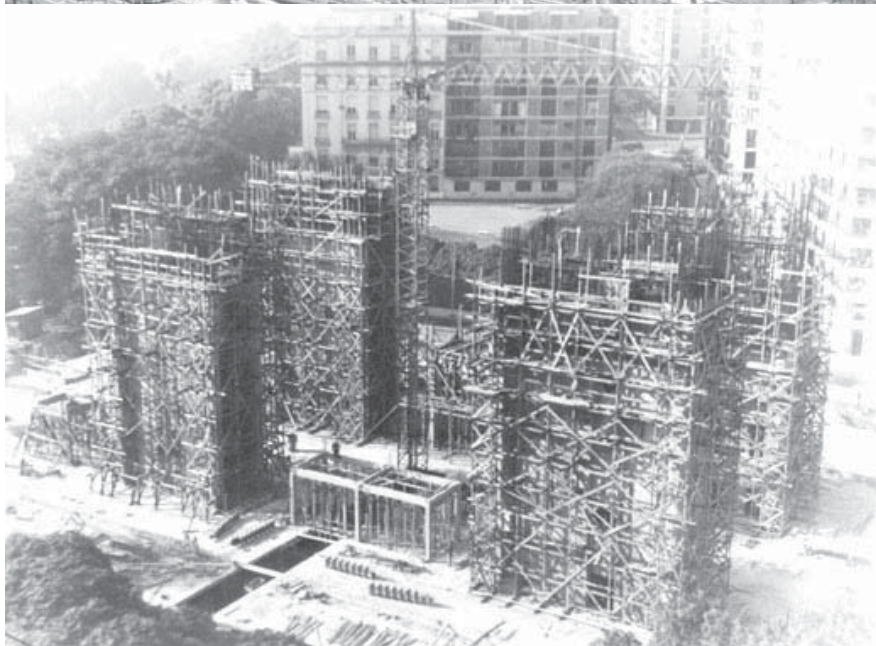
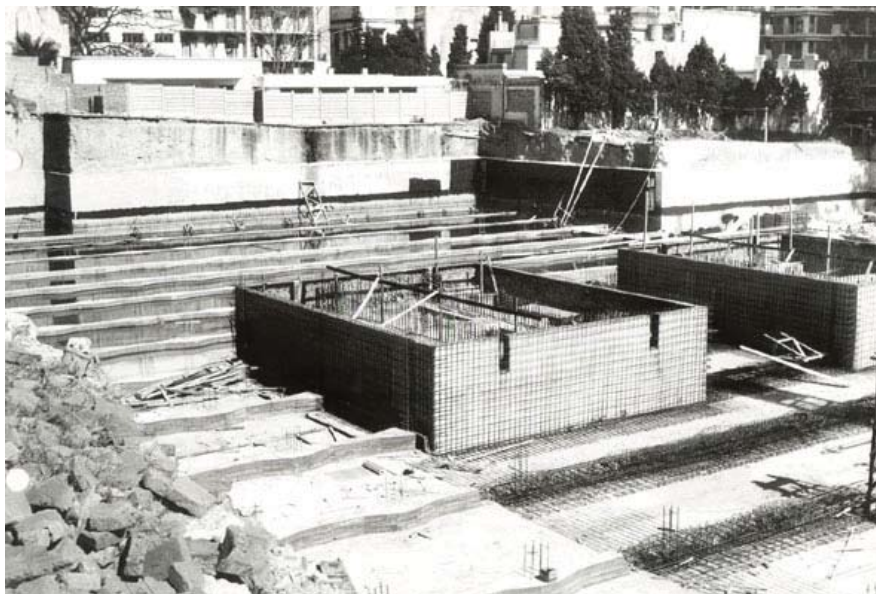


Fig. 107. Construção da Biblioteca Nacional, 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 108. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 109. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

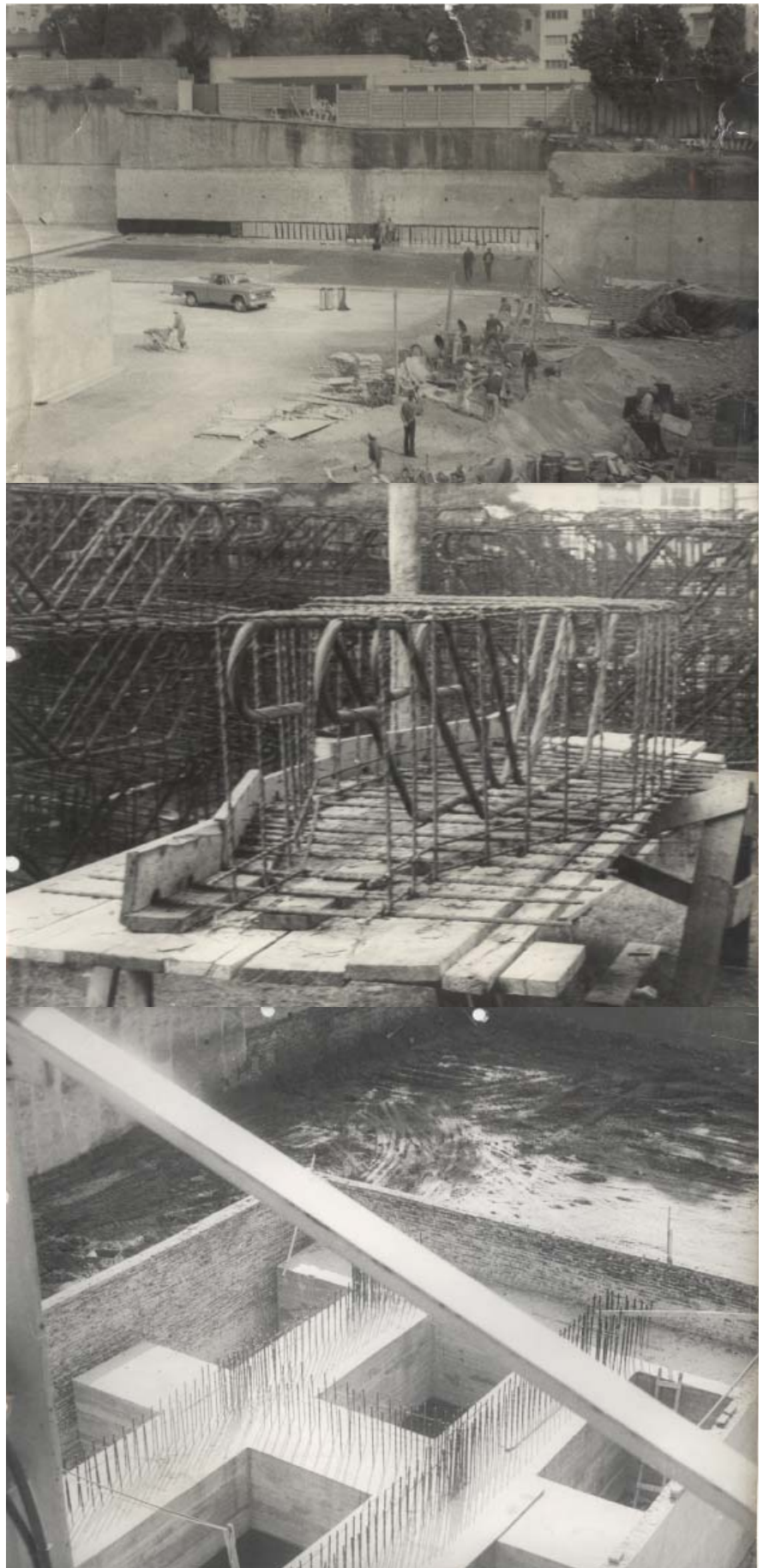


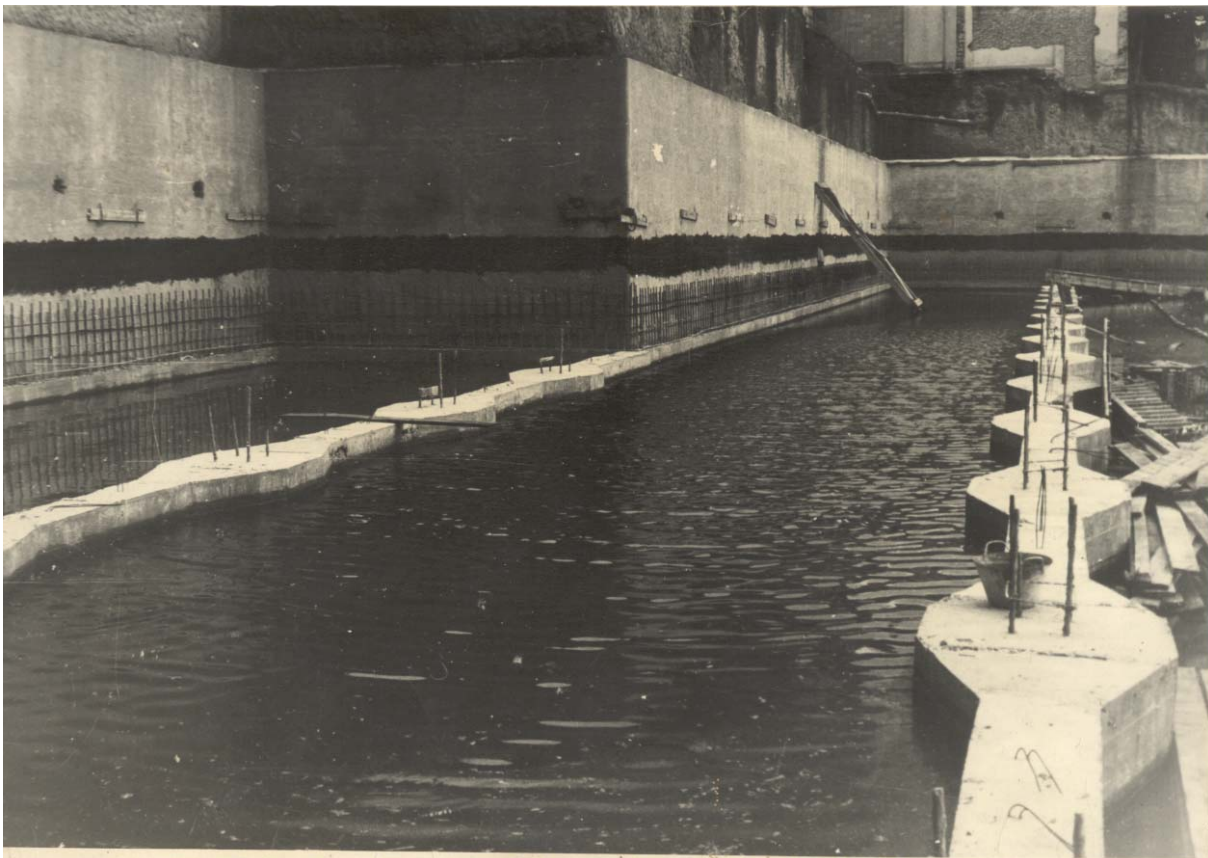
Fig. 110. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 111. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 112. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



07 1973 - HORMIGONADO DE VIGAS "c" Y "d"



JULIO 1973 - LOSA DE FUNDACION HORMIGONADA CON SOBRECARGA ZONA SUR.

Fig. 113. Construção da Biblioteca Nacional, 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 114. Construção da Biblioteca Nacional, Julho de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

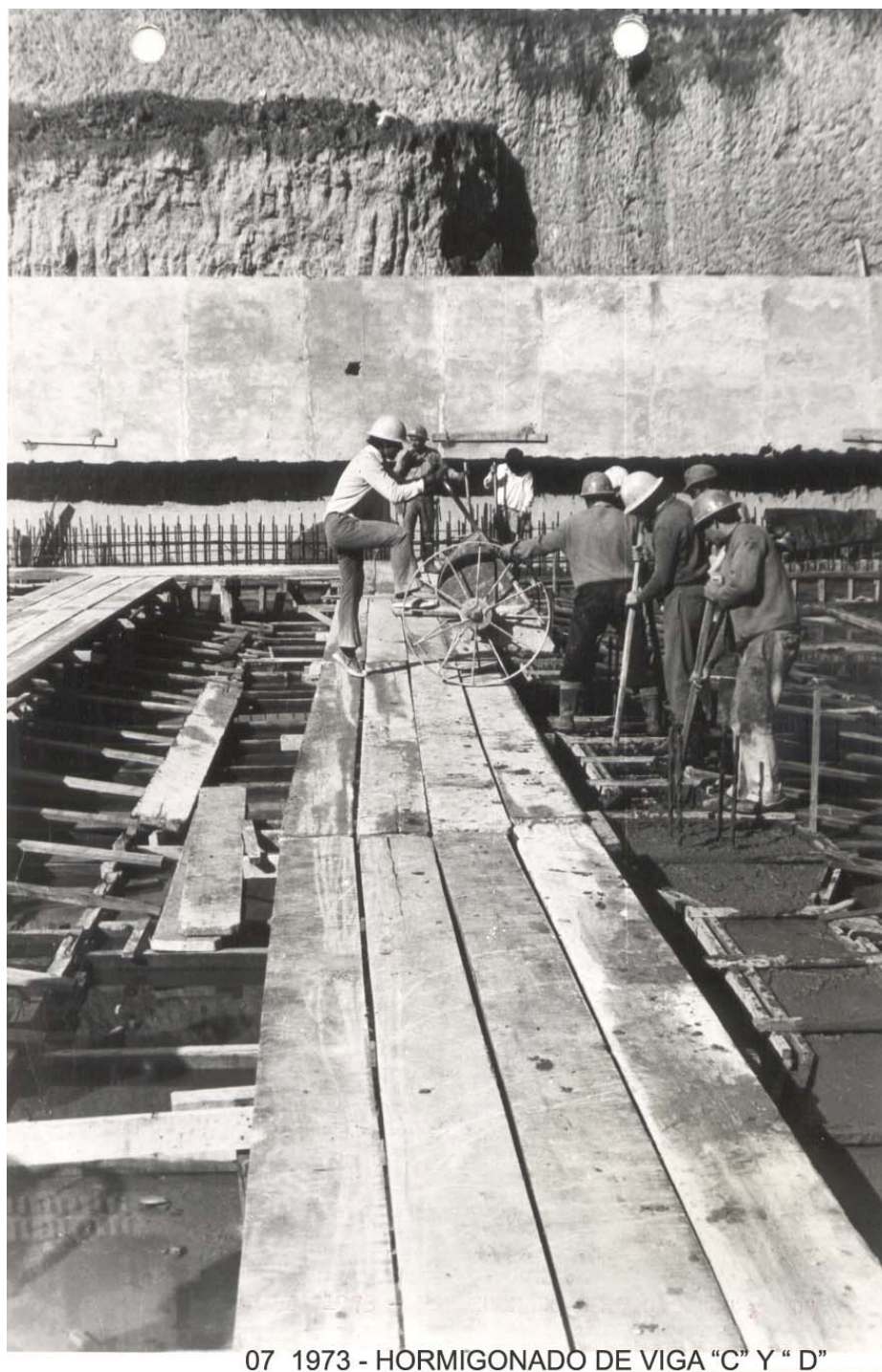


Fig. 115. Construção da Biblioteca Nacional, 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

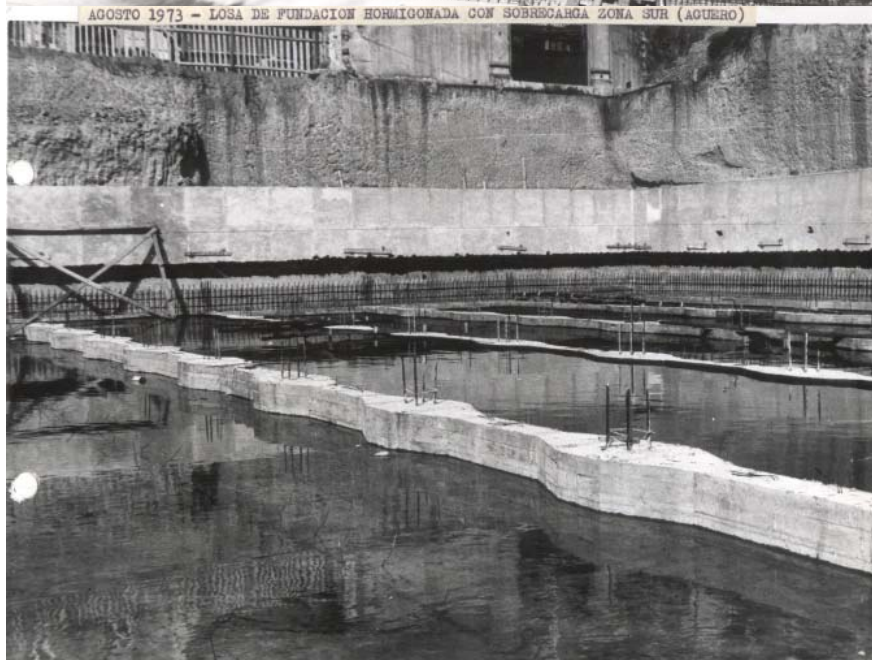
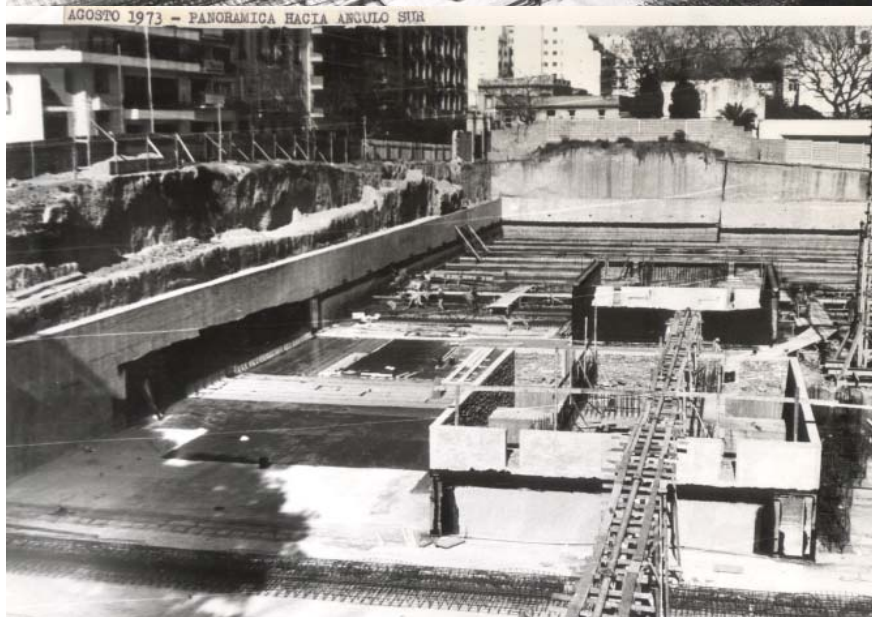
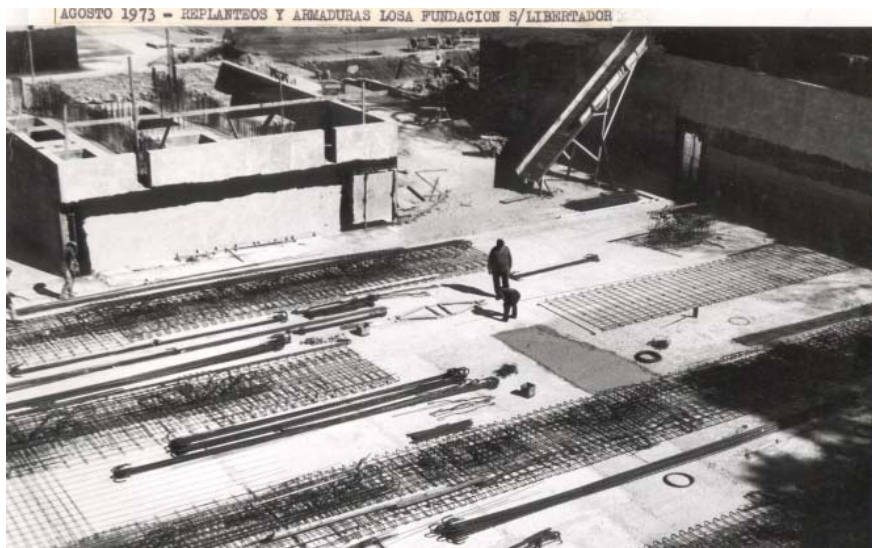


Fig. 117. Construção da Biblioteca Nacional, Junho de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 118. Construção da Biblioteca Nacional, sem data. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 119. Construção da Biblioteca Nacional, Agosto de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

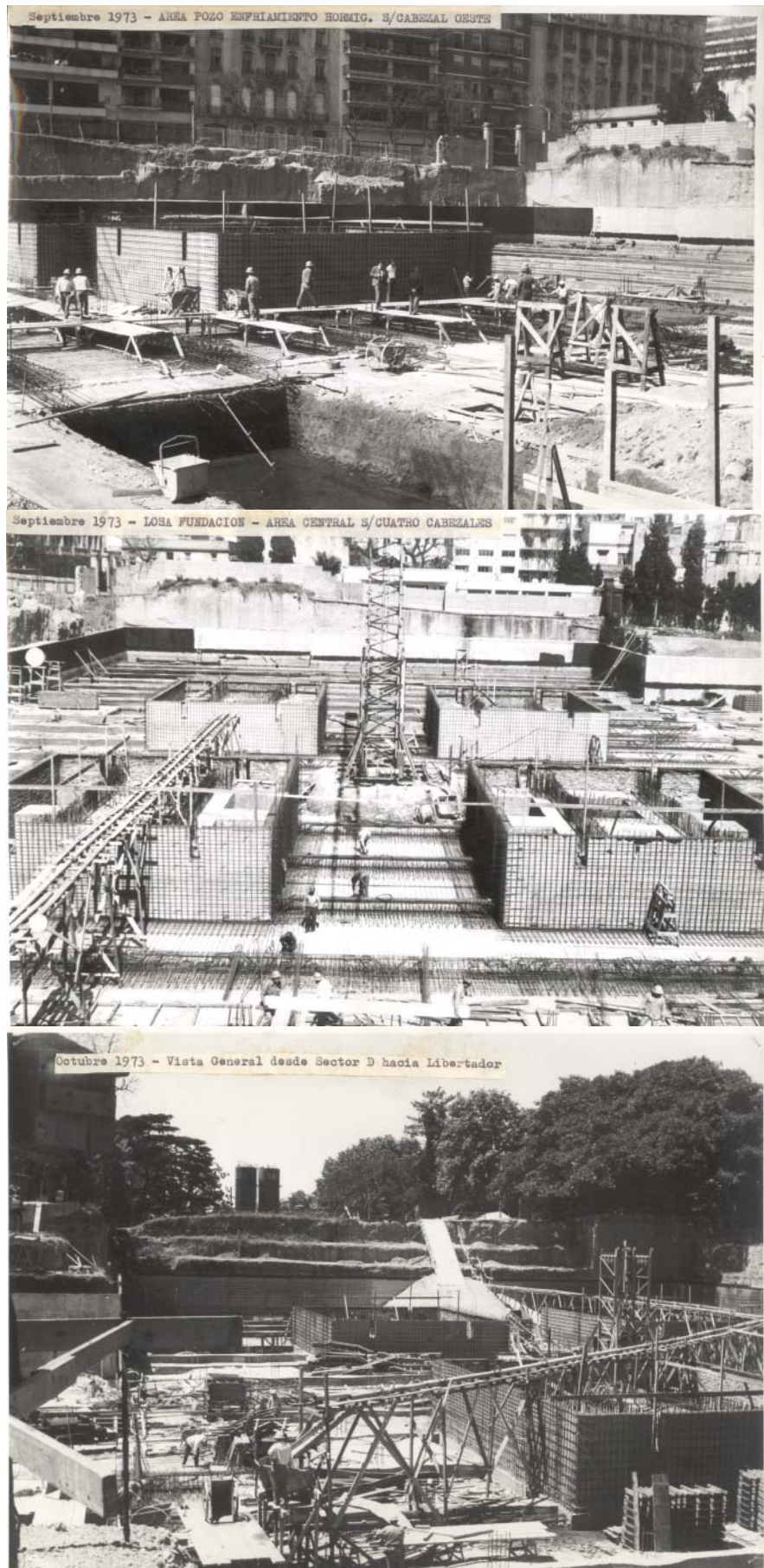


Fig. 120. Construção da Biblioteca Nacional, Setembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 121. Construção da Biblioteca Nacional, Setembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 122. Construção da Biblioteca Nacional, Outubro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



Fig. 123. Construção da Biblioteca Nacional, Outubro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 124. Construção da Biblioteca Nacional, Outubro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 125. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 126. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

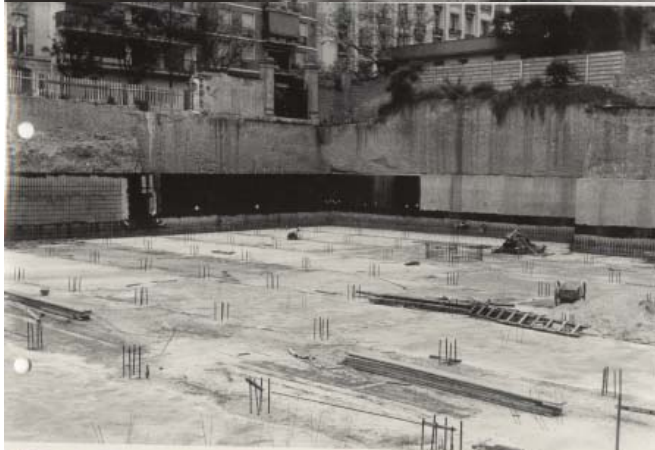


Fig. 127. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 128. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 129. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

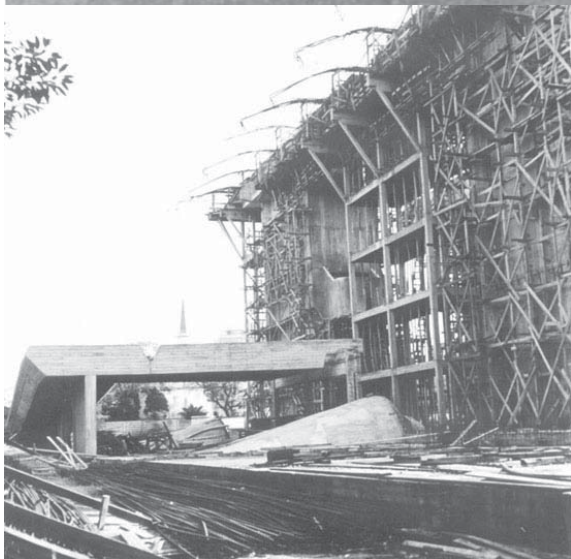
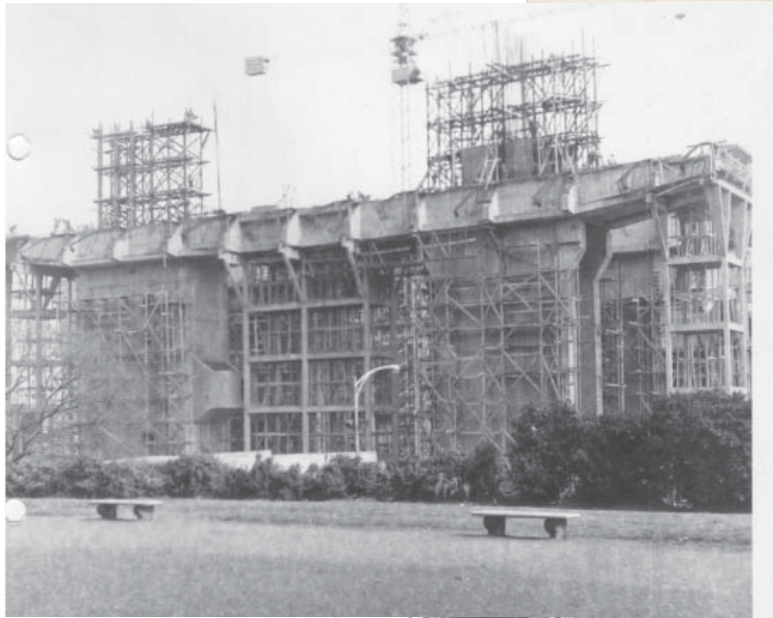


Fig. 130. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 131. Construção da Biblioteca Nacional, Novembro de 1973. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 132. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 133. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

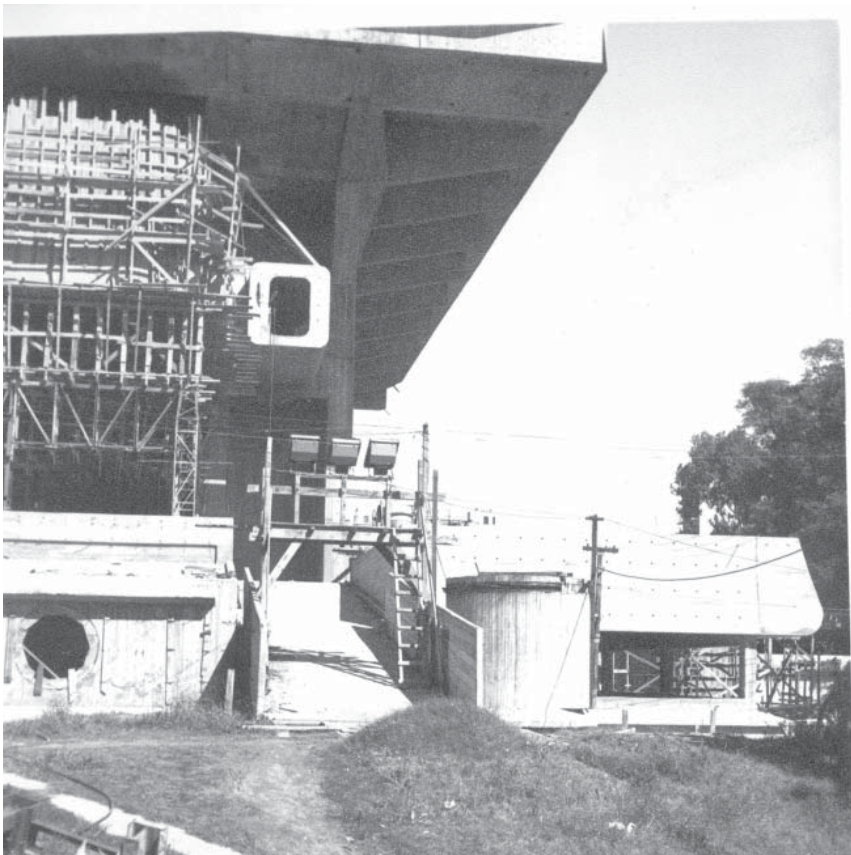


Fig. 134. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

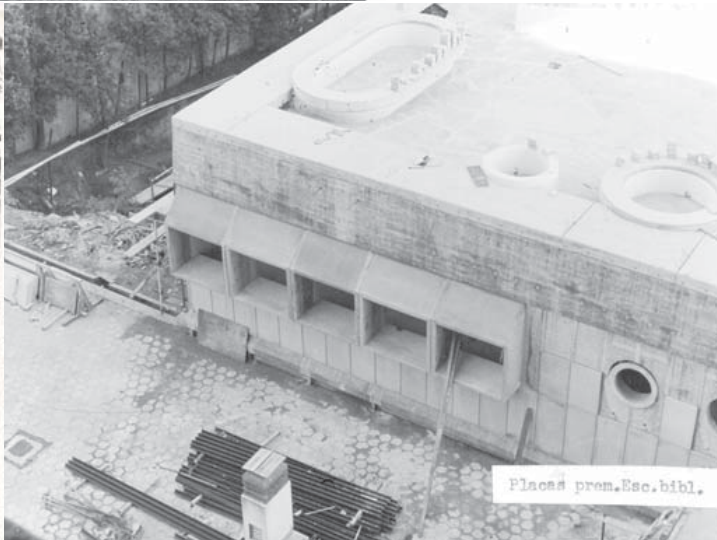
Fig. 135. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 136. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 137. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)



OTO 1976 - Baillón, Francisco José, director



Placas prem. Esc. bibli.



NOVIEMBRE 1976 - Vista parcial de viga de jana sobre mano y pila izquierda

Fig. 138. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 139. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 140. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

Fig. 141. Construção da Biblioteca Nacional, 1976. (Fonte: Biblioteca Nacional.)

3.2.4. O TÉRMINO DA CONSTRUÇÃO

Ao assumir a presidência da Nação Argentina, o Dr. Carlos Saul Menem, em 1989, coloca a frente da Direção de Arquitetura Escolar - antiga Direção Geral de Arquitetura e Trabalhos Públicos - o arquiteto Zenón Molina, com o objetivo prioritário de concluir as obras da Biblioteca Nacional. O Ministro da Educação e Justiça, Antonio Salonia, cria uma comissão de obra e projeto para a Biblioteca, presidida por Julio Bárbaro, entre outros funcionários do Ministério e da própria Biblioteca Nacional. Neste período, também são reiniciadas as tramitações pelo crédito quisto pelo governo anterior, junto ao Governo Espanhol, que se encontrava paralisado. Foi obtido um crédito de cinco milhões de dólares, com facilidades para o pagamento do mesmo.⁵²

A pedido da presidência da Nação, a Fundação "Antorchas" é encarregada de organizar uma equipe de arquitetos e especialistas com o intuito de promover um plano de trabalho que abarca desde a atualização do programa do projeto arquitetônico e sua funcionalidade, além de uma estimativa de custos para a conclusão do edifício, cuja obra iniciou em 1971.⁵³ Sendo assim, além da equipe responsável pelo acervo bibliotecnológico, é formada uma equipe de quatro arquitetos que trabalham conjuntamente em busca das adequações necessárias, haja vista a funcionalidade da Biblioteca Nacional, que foi projetada em 1962. Ressalta-se que, com o passar dos anos, foram agregados ao programa de uma biblioteca outras necessidades, tais como: espaço para um centro de conservação, instalações contra incêndio, instalações de informática, instalações de ar condicionado e para controle de umidade, principalmente para os depósitos.

A equipe de arquitetos redistribui algumas funções da biblioteca e agregam outras, mas sem exceder os 44 mil m² de superfície previstos pelo projeto executivo. Em suma, as principais intervenções que surgem em seis meses de trabalho são: garantir a acessibi-

52. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. "Un edificio para la biblioteca nacional". **Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos**. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.

53. CLUSELLAS, M.L. "Diagnóstico y tratamiento para nuestra Biblioteca Nacional". **Summa**. Buenos Aires: n.276, 1990. p.10.

lidade universal por meio de acessos e circulações verticais; acessos alternativos para o traslado de livros do depósito para a sala de leitura; expansão da área de restauração e preservação do acervo; redistribuição das estantes nos depósitos para otimização do espaço – alcançando a capacidade de 3.600.000 volumes, ao invés dos 2.000.000 originais -; melhoramentos nas instalações de ar condicionado e do controle de umidade, conquistando uma melhora na conservação do acervo; instalação de autoclaves na área de catalogação dos livros para evitar contaminações no interior da edificação; por fim, foi ampliada a área da direção e reunido, no mesmo pavimento, as subdireções e secretarias de coordenação que conduzem os trabalhos da Biblioteca.

O plano de trabalho é entregue pelos profissionais responsáveis pelo estudo: arquitetos Federico Sleboz, Adriana Ten Hoeve, Cláudia Gola e Rodolfo Hasse. Para adequação do mobiliário, a Associação Civil Protetores da Biblioteca Nacional contrata o grupo UBATEC⁵⁴.⁵⁵ Além das reestruturações expostas, é definido como novo objetivo da Biblioteca, funcionar como centro de uma rede de informática entre bibliotecas públicas, assim como cumprir sua função essencial de armazenar e conservar o Patrimônio Bibliográfico da Nação Argentina.⁵⁶

Para a inauguração da edificação, foi proposto um “Plano de Habilitação” dividido em duas etapas. Na primeira, habilita-se a Escola Nacional de Bibliotecários, contando com três salas de aula, totalizando 110 lugares; duas salas de trabalhos práticos; uma sala de leitura; sala da direção e gerência; sala de professores; sala de reprografia; sala de informática; e sala multimídia. Na segunda etapa, finalizada em 10 de abril de 1992, é habilitada a área da hemeroteca; área de processos técnicos; área de depósitos gerais; espaços destinados ao “Tesouro da Biblioteca Nacional”, “UNESCO”, “Auditório Jorge Luis Borges”; área de “Exposições Bibliográficas Leopoldo Marechal”; Praça de acesso; bar; área da direção e administração da Biblioteca Nacional, assim como área de serviços técnicos, instalações telefônicas e áreas verdes de uso público.⁵⁷

Durante quatro anos, a utilização da biblioteca, propriamente dita, por parte do público em geral, fica vinculada ao espaço físico da Hemeroteca, uma vez que ainda não

54. UBATEC é uma empresa vinculada à Universidade de Buenos Aires, cuja atribuição principal é de prestar consultoria e gestão de projetos de investigação e desenvolvimento tecnológico.

55. CLUSELLAS, M.L. “Diagnóstico y tratamiento para nuestra Biblioteca Nacional”. **Summa**. Buenos Aires: n.276, 1990. p.11.

56. MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. “Un edificio para la biblioteca nacional”. **Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Públicos**. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.

57. Idem.



Fig. 142. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

havia sido inaugurada como Salão Principal de Leitura a área localizada no 5° e 6° pavimentos. Somente em 16 de dezembro de 1996, o espaço é destinado à comunidade, pois, anteriormente a isso, é utilizado como sede da “Asamblea de representantes del electorado de la Ciudad de Buenos Aires”, cuja responsabilidade é redigir o “Estatuto Organizativo do Governo Autônomo” da cidade. Contudo, para tornar-se possível a realização da “Asamblea Estatuyente”, foi necessária a instalação de um anfiteatro no espaço de pé-direito duplo, localizado no 5° pavimento; execução de divisórias para instalação de salas em ambas as alas do 6° pavimento, no 5° e 3° pavimentos.

Tal fato gera desconforto e divergentes opiniões, pois a Sala de Leitura da Biblioteca Nacional estava pronta para uso quando se permite a utilização de sua área para a Assembléia. Neste momento, já haviam sido instaladas as mesas de leitura, os sistemas internos de busca de livros, o cabeamento dos equipamentos de informática, etc. Foi preciso utilizar o depósito do 4° pavimento para armazenar todos os móveis anteriormente dispostos no Salão. Além disso, as adaptações da sala de leitura para receber a assembléia implicariam em um gasto de aproximadamente 2.000.000 de pesos. Estes valores foram enviados pelo Tesouro Nacional, sendo utilizado: 1.000.000 de pesos para mobiliário; 400.000 pesos em sistemas de comunicações, telefonia e segurança; 150.000 pesos para luzes de segurança e eletricidade; 50.000 à 70.000 em equipamentos de computação e impressão; e 250.000 pesos em elevadores e pressurização de escadas.⁵⁸

A utilização do Salão Principal de Leitura da Biblioteca para outro fim, nas vésperas de sua inauguração é apenas um fato que exemplifica as adversidades que a construção da edificação atravessou.

Desenvolvida em um período político marcado pela transição de governantes⁵⁹, a obra se estende por mais de 30 anos e se desenvolve sem o rigor que merecia tal projeto. Testa confia que, nesta obra, não houve um rigor construtivo quando comparada com a obra do Banco de Londres, por exemplo. Ele menciona que a construção do Banco foi muito mais criteriosa e desenvolvida juntamente com o Sr. Enrique Kempfer, mestre de obras da construção, cuja excelência no trabalho foi comentada tanto por Testa⁶⁰ quanto por Horacio Reggini⁶¹.

58. **Clarín digital**. 06.07.1996.

59. Ver em anexo: Breve contexto político e econômico na Argentina entre os anos 50 e 80.

60. Entrevista realizada com Clorindo Testa e Alfredo Reggini em maio de 2009.

61. Engenheiro civil responsável pelo cálculo estrutural da maioria das obras de Clorindo Testa, juntamente com Fernández Long.

Apesar de alguns quesitos - principalmente funcionais - abalados, dado o intervalo temporal de sua proposição até o término da construção, os arquitetos não propuseram qualquer alteração de cunho formal e compositivo na edificação proposta na ocasião da entrega do projeto executivo de 1966 durante essas três décadas de construção.

Sendo assim, apesar das adversidades encontradas, vê-se uma biblioteca formada e, acima de tudo, sendo valorizada pela população. Nos diversos momentos em que foi visitada a edificação, viu-se a intensa utilização da sala de leitura e das salas de apoio; a escola de bibliotecários possui um corpo discente bem desenvolvido e, inclusive, as áreas externas, propostas para deleite público, são desfrutadas tanto por usuários da edificação quanto por transeuntes das ruas adjacentes. Neste sentido, vê-se um projeto de uma edificação - que mais parece o projeto de um espaço urbano - que abriga não somente uma parcela da população interessada na produção intelectual produzida no país, mas também de pessoas em busca de um espaço para estar, descansar e aproveitar o que a natureza fornece.



Fig. 143. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora, Maio 2009.)

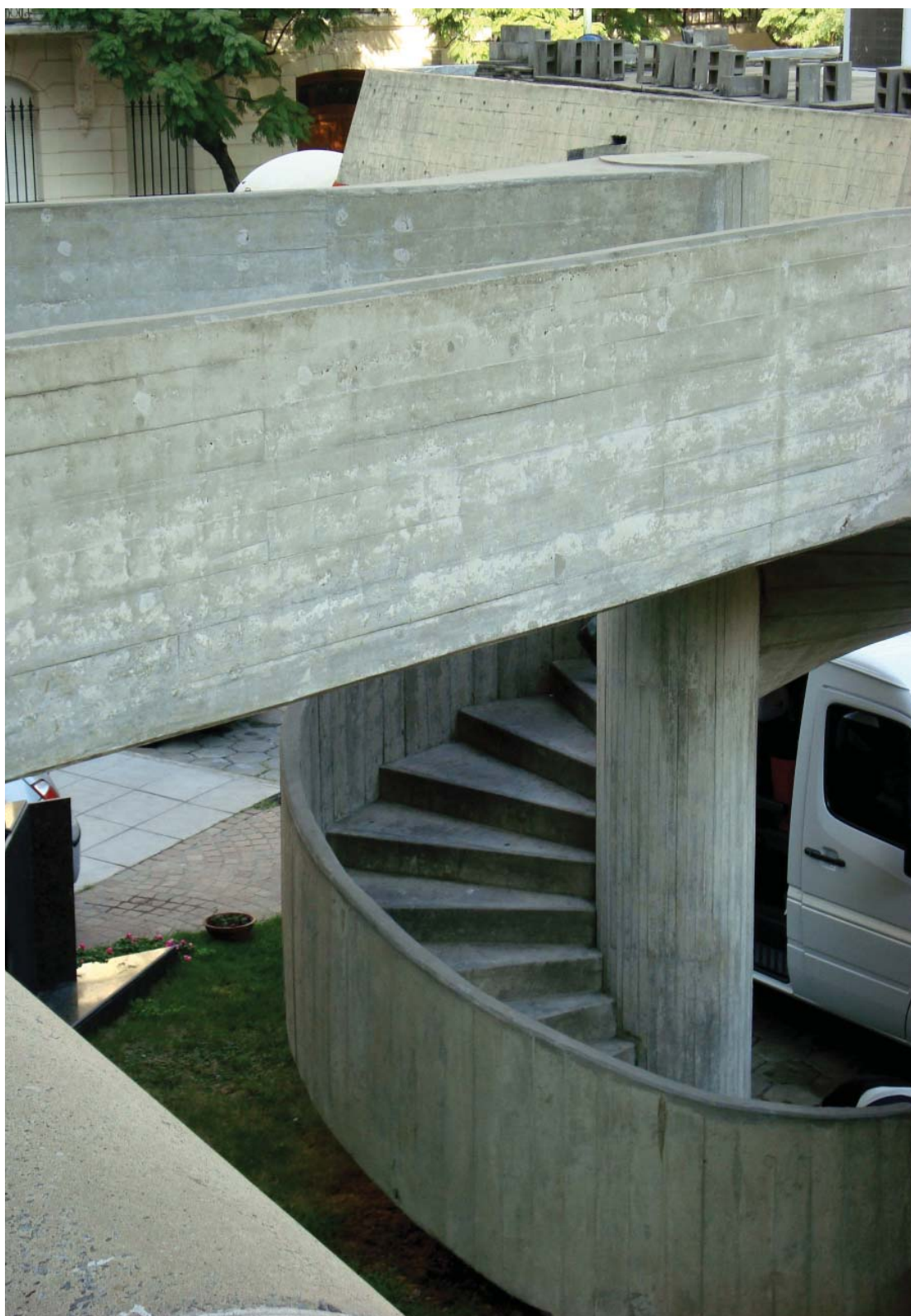


Fig. 144. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 145. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)



Fig. 146. Biblioteca Nacional. (Fonte: Acervo da autora. Maio 2009.)

4. CONCLUSÃO

Em meados do ano de 1960, inicia-se o processo para a construção de uma sede efetivamente elaborada para a Biblioteca Nacional. Tendo sido escolhido o terreno e apresentada a proposição do concurso de anteprojetos para a solução arquitetônica do edifício, elaboram-se as suas bases. Estas apresentavam, além de um programa de necessidades, um breve histórico da biblioteca, e expressavam alguns anseios e posicionamentos por parte dos promotores do concurso. Pode-se citar, principalmente, a preocupação existente com a futura disposição da edificação no terreno. Almejava-se que a implantação valorizasse e aproveitasse as características urbanísticas e arquitetônicas do local, assegurando a manutenção dos valores botânicos existentes. Além disso, o projeto deveria ser encarado como um organismo em crescente evolução, portanto, previa-se a necessidade de futuras ampliações, principalmente dos depósitos de livros.

Acredita-se que o projeto escolhido para a edificação da Biblioteca absorve as forças do lugar em que se insere, através do partido arquitetônico adotado. Os arquitetos valem-se da topografia do terreno e dos espaços verdes que o rodeiam quando elevam a edificação, permitindo, assim, que os jardins do entorno penetrem sob a massa edificada, proporcionando um terraço coberto para deleite público. Além disso, pode-se afirmar que a esplanada estabelece uma pródiga relação entre a edificação e o entorno, através de um diálogo entre a arquitetura e a paisagem. Neste sentido, percebe-se a intenção de preservar as características paisagísticas do local, assim como valorizar as linhas urbanas gerais, e ao enterrar os enormes depósitos, ocupam menor superfície do terreno com construções sobre o mesmo e garantem a possibilidade de ampliações futuras, sem que haja alteração dos aspectos formais e compositivos da edificação.

No que tange à forma do projeto construído, em uma primeira aproximação, sem conhecimento prévio dos conceitos da proposta, poder-se-ia percebê-la como uma edificação calcada mais em uma imaginação formal do que desenvolvida através de um processo lógico. No entanto, pensando na necessidade de futuras ampliações dos depósitos, no desejo de manter o uso da praça existente, e na intenção de diferenciar

esse “monumento cultural”, constitui-se uma base conceitual coerente com o resultado apresentado.

Além das relações traçadas entre a edificação e seu entorno imediato, se destaca a conexão dos espaços internos da Biblioteca com os horizontes exteriores. Neste sentido, internamente, o ambiente que mais evidencia tal colocação é a sala de leitura, elevada a uma altura que proporciona ampla visual para o Rio da Prata, assim como possibilita a interação do leitor com a densa massa vegetal presente nas mediações do terreno. Destacam-se, também, as pequenas aberturas dispostas no transcorrer da edificação, que emolduram a paisagem e apresentam imagens específicas do entorno urbano.

No entanto, relembra-se aqui a frase citada no decorrer do texto, quando defende-se que a Biblioteca vale-se da máxima: “Ver e ser visto”. A imponência, assim como o caráter artístico empregado na proposição dessa edificação, atrai os olhares das pessoas que se encontram nas mediações do terreno. Podem-se capturar imagens da Biblioteca desde pontos distantes da mesma, reforçando, assim, a noção de mega estrutura inserida no plano urbano, em um terreno franco e aberto.

A utilização do concreto armado aparente como material estrutural e compositivo surge nas obras do arquiteto Clorindo Testa, principalmente, nos primeiros anos de sua carreira. Reforça-se a colocação exposta por Liernur referente à intensa utilização do concreto nas obras desenvolvidas nesses anos. Segundo ele, com a consolidação da produção do material nas terras argentinas, o concreto se torna uma saída viável para países – como a Argentina - com uma economia em desenvolvimento.

Nestes tempos, ao desenvolver o Centro Cívico de Santa Rosa (1955-76), o Banco de Londres (1960-1966) e a Biblioteca Nacional (1961-1996), Testa vale-se da maleabilidade do material para compor formas inovadoras, além da exploração da estrutura resistente como elemento compositivo da forma arquitetônica. Neste sentido, o próprio projeto estrutural seria a sua arquitetura. Essa afirmação se demonstra ainda mais evidente nos casos da Biblioteca e do Banco de Londres.

Na Biblioteca, os quatro grandes pilares sustentam dois entremeados de vigas. O primeiro suspende, mediante tensores metálicos, um volume - que comporta, basicamente, o auditório, administração, bar e sala de exposições – localizado sob o corpo prismático elevado, que também é sustentado pelo primeiro conjunto de vigas. Este volume principal comporta os 3º, 4º, 5º e 6º pavimentos. No entanto, a última laje fica suspensa por tensores metálicos ao segundo entremeado de vigas, localizado na

cobertura da edificação. Os 3º e 4º andares correspondem às salas de uso múltiplo, enquanto o 5º e 6º, ao grande salão de leitura.

No caso do Banco de Londres, também faz-se uso de um entremeado de vigas, localizado na cobertura. Este é apoiado nos dois volumes de circulação vertical existentes no interior da edificação, em um pórtico localizado no extremo sul da fachada interior - responsável pela estabilidade transversal da edificação -, e na colunata perimetral que conforma as fachadas voltadas para as ruas Bartolomé Mitre e Reconquista. Esta estruturação produz um grande espaço unificado, que recebe seis bandejas, dispostas em dois grupos paralelos, sendo que os quatro níveis superiores se encontram suspensos por tensores metálicos ao conjunto de vigas da cobertura. As demais, se estruturam mediante vigas tubulares que se posicionam nos eixos longitudinais das bandejas, criando, assim, um balanço de sete metros para cada lado da viga tubular.

Outro aspecto relevante sobre o projeto da Biblioteca Nacional é fato da mesma ter sua história distribuída ao longo de trinta e cinco anos. Entre o concurso de anteprojetos e a apresentação do projeto executivo da edificação, passaram-se cinco anos. Destaca-se que, apesar das alterações projetuais requeridas no anteprojeto apresentado em 1961 - para a então formulação do projeto executivo -, o partido arquitetônico manteve-se o mesmo. As modificações foram focadas, principalmente, no ajuste dos ambientes às medidas consideradas ideais e em um acerto entre a proposta arquitetônica e as questões estruturais, apesar de já terem sido estudadas na ocasião da apresentação do anteprojeto.

O projeto executivo entregue em 1966 é, basicamente, a imagem da construção finalizada. No entanto, além do sistema de brises da Sala de Leitura - que foram simplesmente abolidos, apesar da relutância dos arquitetos em mantê-los -, houve a necessidade de alguns ajustes de ordem funcional, principalmente no que concerne às questões relacionadas à informatização e logística da biblioteca, que, lembrando, foi projetada em 1961 e disponibilizada completamente para a população apenas em 1996. No entanto, os arquitetos não propuseram qualquer alteração de cunho formal e compositivo do projeto executivo durante essas três décadas de construção.

Sendo assim, vê-se a riqueza e validade do projeto desenvolvido por Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga, pois mesmo atravessando os tempos, o projeto se mantém válido em sua extensão. As bases conceituais se reforçam a cada ano

de utilização da Biblioteca propriamente dita, assim como de seu entorno, composto por extensas áreas verdes, e, neste sentido, pode-se afirmar que o projeto desenvolvido para a Biblioteca Nacional mais parece o projeto de um espaço urbano. Sendo assim, vê-se nessa proposta projetual a riqueza de uma arquitetura calcada em ideais próprios, no entanto, respeitando as características implícitas em seu lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACUÑA, V. "Centro Cívico de Santa Rosa", em Berto Gonzalez Montaner, ed., **Vanguardias Argentinas. Obras y movimientos en el siglo XX**. Arquitectura Contemporanea I, vol. 3, Buenos Aires, Clarín, 2005.
- ALIATA, F. "Simbolismo y Modernidad". **Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982.
- BALLENT, A. "El sistema de concursos". **Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982.
- _____. "Banco de Londres y America del Sur". **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966.
- BALLENT, A. "Para una crítica: Concurso Nacional de Anteproyectos – La Biblioteca Nacional". **Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982.
- _____. "Banco de Londres y América del Sur, casa central Buenos Aires, Argentina, 1959-66". **GA Books**, n°65, abr. 1984.
- _____. "Banco de Londres y América del Sud". **Summa**, Buenos Aires, n°6/7, dez. 1966.
- BANHAM, R. **The new brutalism: ethic or aesthetic?** Londres: Architectural Press, 1966.
- _____. **Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional**. Buenos Aires: junho de 1961.
- BAYON, Damián. **Panorámica de la arquitectura latino-americana**. Barcelona: Blume, 1977.
- BIANCO, F. "La imaginaria de la Memoria." Buenos Aires: Revista **3 – Revista de Teoría, Historia y Crítica de la arquitectura**, nov/diz.1993.
- _____. Biblioteca legislatura de la Pampa. Disponível em: www.arqa.com/profesional-arquitectura/
- _____. **Boletín de la Sociedad Central de Arquitectos**. n. 5, mar.1956.
- BOHIGAS, O. "Un profesional sin angustia: Entrevista a Clorindo Testa". **Summa**. Buenos Aires: n.183/184. jan/fev. 1983.
- BROWNE, E. **Otra arquitectura en America Latina**. México: Editorial Gustavo Gilli, S.A., 1988.
- BULLRICH, F. **Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana**. Barcelona: Editorial Blume, 1969.
- CABRAL, C., CORADIN, C. **Clorindo Testa: os projetos para o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa (1955-2006)**. In: VII Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. Anais

do VII Seminário Docomomo Brasil. O moderno já passado, o passado no moderno. Reciclagem, requalificação, rearquitectura. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CABRAL, C. **Matéria Bruta. Clorindo Testa e o Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa, 1955-1963**. In: II Seminário Docomomo Sul, 2008, Porto Alegre. Concreto. Plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul americano. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2008.

CABRAL, C. **Notes on the Unfinished Modern Monument: Clorindo Testa's Civic Center in Santa Rosa, La Pampa**. In: Proceedings of the 10th International Docomomo Conference. The Challenge of Change. Dealing with the Legacy of the Modern Movement. Rotterdam, IOS Press, 2008.

_____. "Casa de Governo de La Pampa". Memorial descriptivo del projeto. **Summa**. Buenos Aires: n.2, out. 1963.

_____. "Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa". **Summa**, Buenos Aires, n. 183/184, jan/fev.1983.

_____. "Centro Cultural del Centro Cívico de Santa Rosa". **Revista SCA – Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires, n. 146, mar. 1990.

Clarín digital. 06.07.1996.

CLUSELLAS, M.L. "Diagnóstico y tratamiento para nuestra Biblioteca Nacional". **Summa**. Buenos Aires: n.276, 1990.

COLL, Roxana. Testa y las tres décadas del Centro Cívico Pampeano. DANA, Documentos de Arquitectura Nacional y Americana, n. 24, 1987.

COMAS, C. E. "Memorandum latinoamericano: la ejemplaridad arquitectónica de lo marginal - La selva de piedra: Banco de Londres, Buenos Aires, Argentina, 1958-1966". **2G**. Barcelona: n. 8, 1998.

_____. "Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional". **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963.

_____. "Concurso de Anteproyectos para la Casa de Gobierno. Ministerio de Gobierno y Obras Públicas." Gobierno de la Provincia de La Pampa. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**, 1955.

CUADRA, M. **Clorindo Testa Architects**. Rotterdam: NAI Publishers, 2000.

DIEZ, F. "Viaje al interior de Clorindo Testa". **ARQTexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 8, 2006.

_____. "Exponentes del potencial de nuestra industria de construcción. La nueva sede del Banco de Londres y América del Sur". **Construcciones**. Buenos Aires: n.191, 1964.

_____. "Edificio de la Biblioteca Nacional". **Summa**, Buenos Aires: n.11, abr. 1968.

_____. "Edificio para la Biblioteca Nacional". **Construcciones**, Buenos Aires: n.262, nov.dez. 1976.

_____. "Entrevista". **Revista SCA – Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.160, set.out. 1992.

_____. "Exponentes del potencial de nuestra industria de construcción. La nueva sede del Banco de Londres y América del Dud". **Construcciones**, Buenos Aires, nº191. 1964.

GARCÍA, P. R. "Genealogía y transformaciones del trazado de Santa Rosa, La Pampa, entre 1881 y 1931". **Registros**. Revista de Investigación del Centro de Estudios Históricos Arquitectónicos-Urbanos, Mar del Plata, n. 1, nov. 2003.

GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999.

GONZALEZ, M.B. **Guías de Arquitectura Latinoamericana - Buenos Aires**. Buenos Aires: Clarín, 2008.

La Gazeta de Buenos Ayres, 13.09.1810.

LIERNUR, P. "Alpargatas no.Libros si. Para una critica: Concurso Nacional de Anteproyectos – La Biblioteca Nacional". **Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982.

LIERNUR, J. F. **Amérique latine: Architecture 1965-1990**. Paris, Editions du Moniteur, 1991.

LIERNUR, J. F. **Arquitectura en la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad**. Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001.

MIYNO, A.M.E.S., JAVIER, P. "Un edificio para la biblioteca nacional". Primer Concurso de Investigación Histórica de nuestros Edificios Publicos. Buenos Aires: UPCN, agosto, 2005.

JÁUREGUI, J.M. "Entrevista com Clorindo Testa". **PROJETO Design**. São Paulo: n.273, nov. 2002.

Jornal La Nación. Buenos Aires, 23.05.1987.

MELE, J. "El proyecto tardo-romantico de la cultura em la Argentina moderna". **Materiales**. Buenos Aires: n.1, 1982.

PEDREGAL, J.M. "Sobre la concepción estructural del Banco de Londres". **Summa**. Buenos Aires, n. 6/7. dez. 1966.

PETRINA, Alberto. Entrevista al arquitecto Clorindo Testa. Summa, Buenos Aires, n. 164, 1981.

PEVSNER, N. **Historia de las tipologias arquitectonicas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S.A., 1979.

RIAL, H. V. **Buenos Aires 1880- 1930 – La capital de um império imaginário**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1996.

SEGRE, R. "O realismo mágico na arquitetura argentina". **Revista Arquitetura & Urbanismo**. São Paulo: jan. 2003.

____. "Un armadillo gigante para La Pampa". 23.05.2006. Disponível em: www.clarín.com/Arquitectura.

ZEIN, R. V. **Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)**. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc084/arc084_00.asp

ZEIN, R. V. **A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 193-1973**. Tese de doutorado, PROPARG-UFGRS, 2005.

WAISMAN, M. "La obra de Testa: Propuesta para una lectura". **Summa**, Buenos Aires, n. 183/184, jan/fev. 1983.

FONTES DE PESQUISA:

- Biblioteca Nacional

Agüero, 2502. Buenos Aires. Argentina.

- FADU - Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo - Universidad de Buenos Aires

Intendente Güiraldes, 2160. Pabellón III Ciudad Universitaria - Buenos Aires. Argentina.

- CPAU - Consejo Profesional de Arquitectura y Urbanismo

25 de Mayo 484-486. Buenos Aires. Argentina.

- SCA - Sociedad Central de Arquitectos

Rua Montevideo, 938. Buenos Aires. Argentina.

- BFARQ - Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Sarmiento Leite, 320. Porto Alegre. RS. Brasil

- Biblioteca Central Irmão José Otão – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 16 . Porto Alegre. RS. Brasil

- **Biblioteca Dr. Romeu Ritter dos Reis - Centro Universitário Ritter dos Reis**

Rua Orfanotrópio, 555. Porto Alegre. RS. Brasil

ANEXOS

BASES E PROGRAMA DO CONCURSO

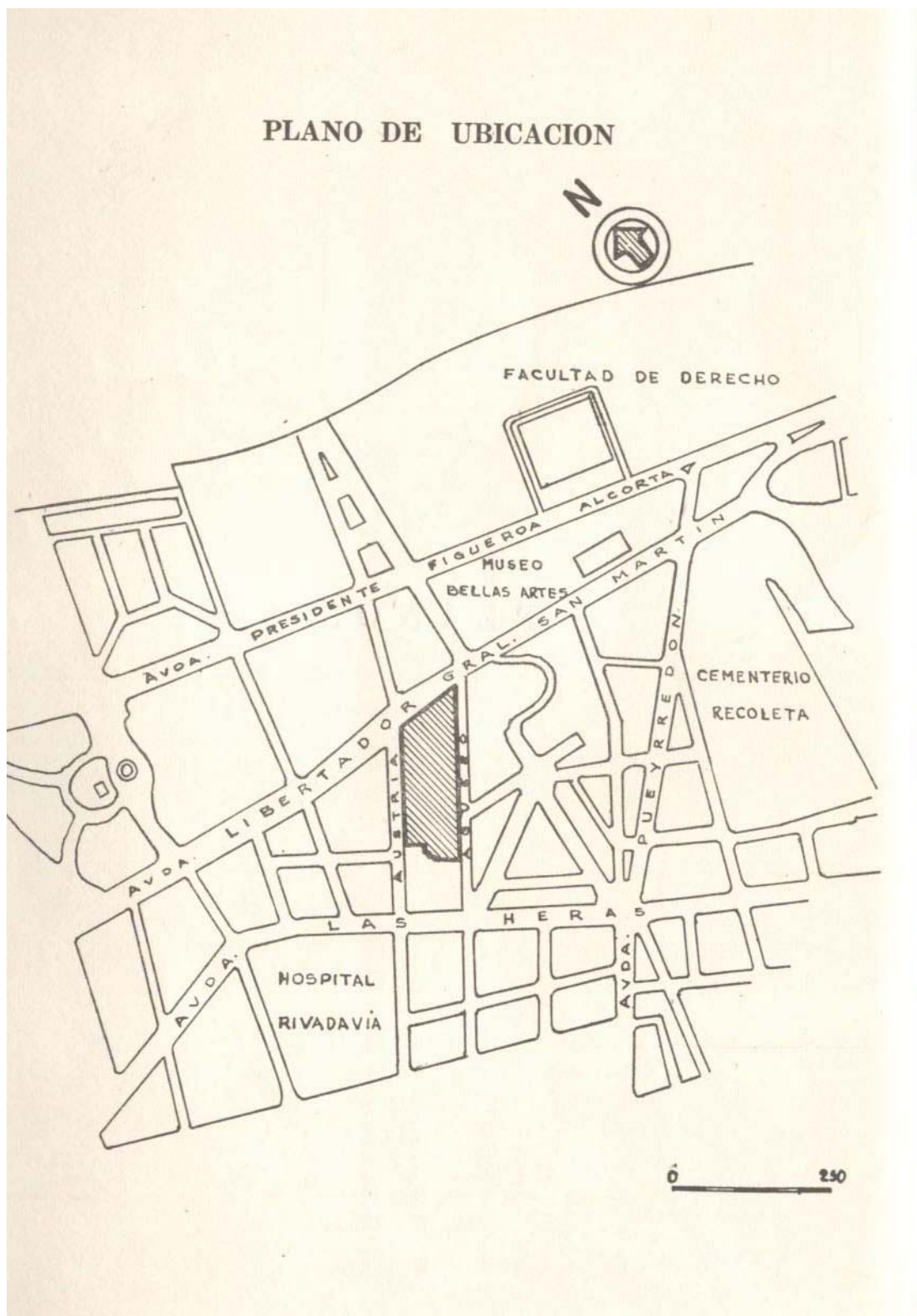
**BASES Y PROGRAMA
DEL CONCURSO DE ANTEPROYECTOS PARA
LA CONSTRUCCION DEL EDIFICIO DE LA
BIBLIOTECA NACIONAL**

*Este folleto se terminó de imprimir
en la segunda quincena de
junio de 1961, en los
Talleres
Gráficos del Ministe-
rio de Educación y Justicia,
calle Directorio 1801, Buenos Aires*

Tirada: 2.700 ejemplares

INDICE

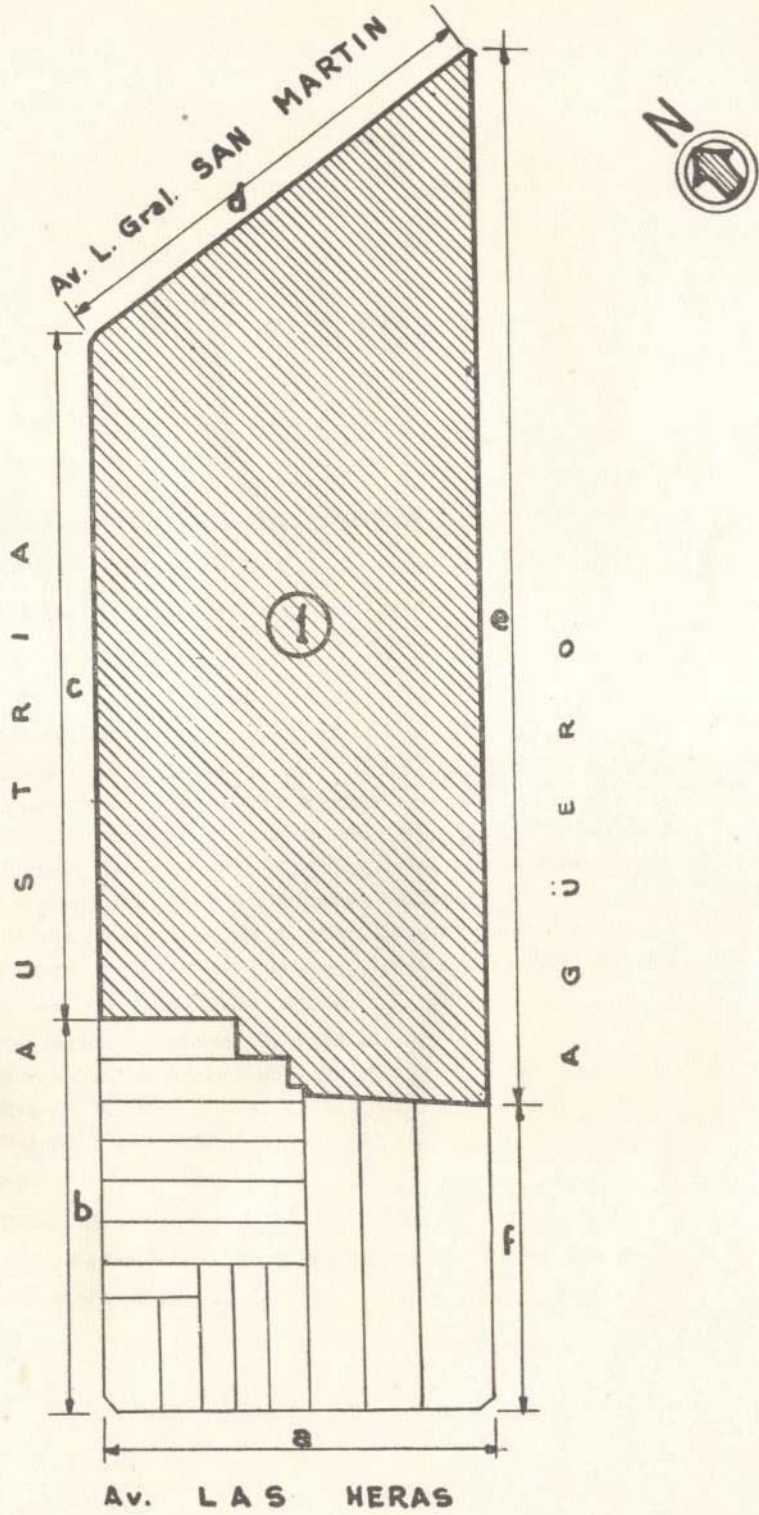
	<u>Pág.</u>
BREVE RELACION DE ANTECEDENTES	5
OBJETO DEL CONCURSO	6
BASES DEL CONCURSO	7
PROGRAMA	15
ANEXOS	
—Reseña histórica	25
—Decreto N° 6.123/60	33
—Resolución Ministerial N° 5.033/60	34
—Discurso pronunciado por el señor Ministro de Educación y Justicia, doctor Luis R. Mac'Kay, en el Acto celebratorio del Sesquicentenario de la Biblioteca Nacional	37
—Charla pronunciada por el señor Director General de Arqui- tectura y Trabajos Públicos, Arquitecto Adolfo Enrique Storni, por LRA Radio Nacional	43
—Resolución Ministerial N° 5.452/60	49
—Resolución Ministerial N° 5.539/60	49
—Ley N° 15.796	51
—Decreto N° 3.661/61	53
PLANOS	
—Plano de ubicación	58
—Fracción reservada para emplazamiento del edificio de la Biblioteca Nacional	59



(1) Fracción reservada para emplazamiento del edificio de la Biblioteca Nacional

MEDIDAS APROXIMADAS

- a. 96,34 m.
- b. 99,64 „
- c. 176,00 „
- d. 120,00 „
- e. 274,45 „
- f. 78,40 „



2. — OBJETO DEL CONCURSO

El presente concurso de anteproyectos tiene por objeto concebir y proyectar el edificio específico de la Biblioteca Nacional, encarado funcionalmente y con las previsiones lógicas de un uso en permanente crecimiento y evolución; así como obtener un adecuado aprovechamiento urbanístico-arquitectónico del emplazamiento determinado, asegurando la salvaguarda del espacio verde, de la barranca y de los valores botánicos existentes.

A tales fines se invita a participar en este concurso a todos los arquitectos legalmente habilitados a efectos de permitir, previa la selección del caso, proceder a un análisis de los trabajos que resulten mejores. De dicho análisis y de su confrontación con edificios similares existentes y su adecuación a los criterios funcionales-constructivos que sustente el Gobierno Nacional surgirán las directivas finales que servirán de base definitiva para el proyecto.

3. — BASES DEL CONCURSO

El Poder Ejecutivo por intermedio de la Dirección General de Arquitectura y Trabajos Públicos del Ministerio de Educación y Justicia llama a concurso de anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional. Este concurso cuenta con el patrocinio de la Federación Argentina de Sociedades de Arquitectos y de la Sociedad Central de Arquitectos, y se ajustará a las disposiciones de las presentes Bases y Programa y del Reglamento de Concursos de la Sociedad Central de Arquitectos sancionado por la Asamblea General Extraordinaria del 22 de octubre de 1958. Todas esas disposiciones tendrán el carácter de un contrato entre el Promotor y cada participante.

a) *De la categoría:*

Este concurso de anteproyectos es a una prueba y de carácter "nacional" de acuerdo con las categorías adoptadas por la Sociedad Central de Arquitectos.

b) *De los participantes:*

Es requisito indispensable y suficiente para participar en el Concurso ser arquitecto con título expedido o revalidado por Universidad Nacional. Los profesionales universitarios oficialmente habilitados para ejercer la profesión en otros países podrán intervenir asociados o en equipo con quien o quienes cumplan los requisitos establecidos anteriormente, con los mismos derechos y obligaciones.

c) *De la entrega de los trabajos:*

La documentación autorizada y completa que integre cada trabajo deberá entregarse en la sede de la Dirección General de Arquitectura y Trabajos Públicos (Talcahuano N° 1261 - Buenos Aires) o lugar que se indique hasta las 18 horas del día que fije el Promotor.

d) *De las consultas:*

Todas las consultas se harán por escrito y deberán cursarse a la sede de la Dirección General de Arquitectura y Trabajos Públicos. El Asesor las contestará por cualquiera de los dos procedimientos previstos en el Inciso d) del Artículo 16 del Reglamento de Concursos de la S. C. de A. y dentro de los treinta (30) días de recibidas. Cuarenta (40) días antes de la fecha que se fije para la entrega de los trabajos se clausurará la recepción de consultas.

e) *Del Jurado:*

El Jurado estará integrado por siete (7) miembros, a saber:

- dos (2) designados por el Ministerio de Educación y Justicia, los cuales serán propuestos respectivamente por la Dirección General de Arquitectura y Trabajos Públicos y por la Dirección de la Biblioteca Nacional;
- uno (1) designado por la Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires;
- tres (3) arquitectos designados por sorteo entre los miembros del Colegio de Jurados ad-hoc de la Federación Argentina de Sociedades de Arquitectos;
- uno (1) elegido por los participantes.

f) *Del terreno:*

En gráficos y demás documentación anexa a las presentes Bases y Programa se ilustra sobre dimensiones, orientación, niveles y demás particularidades del terreno.

g) *Del programa:*

Por separado se fija el programa del edificio objeto del concurso. Dadas las características del mismo no se establecen dimensiones interiores máximas o mínimas; pero se señala como objetivo el lograr la mejor funcionalidad dentro de una adecuada economía espacial.

h) *De la presentación:*

Cada trabajo se integrará exclusivamente con:

- Esquema de ubicación a escala 1:200; mostrando la relación de los volúmenes proyectados con la totalidad de la fracción y las limitaciones espaciales determinadas según plano e incluyendo el cuadro demostrativo de superficies cubiertas.
- Planta de conjunto a escala 1:200; mostrando los accesos y vinculaciones con el exterior y la jardinería circundante cuya remodelación podrá incluirse.
- Plantas a escala 1:200; de todas las superficies funcionales del proyecto.
- Cortes a escala 1:200; mostrando las secciones verticales más características del proyecto (no menos de dos y no más de cuatro).
- Fachadas a escala 1:200; mostrando en geometral los planos verticales exteriores del proyecto, los elementos que resultan subterráneos y las superposiciones que puedan darse; se las definirá según los rumbos dominantes (se presentarán no menos de cuatro y no más de ocho fachadas).
- Fachadas principales a escala 1:100; mostrando sin perjuicio de lo indicado anteriormente, las dos fachadas de características principales a juicio del participante, con exclusiva indicación de lo visible por encima del terreno y con exclusión, si se lo considera del caso, de elementos que aunque visibles correspondan a distintos planos; las fachadas principales se completarán con indicaciones de sombras.
- Láminas optativas a escala libre (no más de dos) cuyos elementos quedan librados al criterio exclusivo del participante.
- Memoria descriptiva.

Las láminas y escritos que integren cada trabajo deberán entregarse en tres (3) juegos. Las láminas se presentarán en copias heliográficas o electrográficas bien nítidas y en líneas negras que podrán ser retocadas con tintas de igual color, los espesores de muros debe-

rán llenarse y las fachadas principales se sombrearán en el calco. Los escritos se harán en original y copias sobre papel obra tamaño oficio, escrito a máquina en tinta negra y doble espacio, con un máximo de cinco (5) carillas a un solo lado.

El juego original se conformará de la siguiente manera: las láminas pegadas sobre cartones simples u otro material similar y resistente al manipuleo (el Asesor fijará oportunamente normas de presentación uniformes para estos paneles y las hará conocer a los interesados con no menos de sesenta días de anticipación al cierre del concurso) y los escritos dentro de una carpeta de cartulina a un solo color. Las láminas correspondientes a fachadas principales y láminas optativas podrán colorearse.

Los dos juegos duplicados se conformarán de la siguiente manera: Las láminas dobladas según normas del Código de Edificación de la Ciudad de Buenos Aires y junto con los escritos dentro de sendas carpetas de cartulina iguales a la anterior, todo puesto por su orden y foliado.

En las tapas de las tres carpetas se pondrá la leyenda "BIBLIOTECA NACIONAL" y la indicación de "ORIGINAL", "DUPLICADO" o "TRIPLICADO" según corresponda, escritas a tinta negra.

i) *De las remuneraciones:*

Los premios y tareas emergentes del presente concurso serán remunerados de acuerdo con el siguiente detalle:

PREMIOS

Un primer premio de	m\$.n.	1.200.000.—
Un segundo premio de	m\$.n.	600.000.—
Un tercer premio de	m\$.n.	200.000.—
Un cuarto premio de	m\$.n.	150.000.—
Cinco (5) menciones, cada una de ..	m\$.n.	60.000.—

HONORARIOS

Sociedad patrocinante	m\$n.	72.000.—
Asesor	m\$n.	72.000.—
Miembros del Jurado, cada uno	m\$n.	36.000.—

Los pagos serán hechos dentro de los noventa (90) días corridos desde la fecha de expedido el fallo por el Jurado, salvo el honorario correspondiente a la Sociedad Patrocinante cuyo plazo de noventa (90) días se computará desde la fecha de apertura del Concurso.

j) *De los plazos del Jurado:*

El Jurado deberá ser convocado a reunión constitutiva dentro de los treinta (30) días de cerrado el concurso en cuya oportunidad el Asesor hará entrega de los trabajos "original" y "triplicado" de todos los participantes y el informe correspondiente. El Jurado deberá producir su fallo dentro de un plazo máximo de sesenta (60) días desde su reunión constitutiva, término que podrá ampliarse hasta noventa (90) días en caso de tener que calificar más de treinta trabajos.

k) *De la exposición:*

Los anteproyectos premiados serán expuestos públicamente en la sede de la Sociedad Central de Arquitectos o lugar que determine la Dirección General de Arquitectura y Trabajos Públicos por no menos de quince (15) días hábiles y la apertura de la exposición se realizará dentro de los noventa (90) días de producido el fallo por el Jurado. A juicio del Asesor integrarán la exposición una selección de trabajos no premiados. En todos los anteproyectos expuestos se dará a conocer el nombre del (de los) autor(es) y colaborador(es).

l) *De las obligaciones recíprocas:*

El Poder Ejecutivo encomendará al (a los) autor(es) del anteproyecto que obtenga el primer premio el desarrollo del proyecto de-

finitivo del edificio de la Biblioteca Nacional en un todo de acuerdo con lo establecido en el punto 2. *Objeto del Concurso.* El Poder Ejecutivo, asimismo, se reserva el derecho de utilizar parcial o totalmente los demás trabajos premiados previo acuerdo con el (los) autor(es). Para el caso de no concretarse la iniciación de la obra dentro de un año (1) desde el fallo del Jurado o no formalizarse el contrato de locación de servicios en un plazo de seis (6) meses desde igual fecha, el (los) ganador(es) tendrá(n) derecho a cobrar una suma igual a la fijada como primer premio como honorario total por el anteproyecto presentado, quedando el Poder Ejecutivo autorizado a utilizarlo en momento y forma que considere oportuno. El (los) autor(es) del anteproyecto ganador deberá(n) entregar dentro de los sesenta (60) días subsiguientes al fallo del Jurado una maqueta del conjunto a escala 1:200 para ser exhibida en la exposición pública de los trabajos premiados, reconociéndose la suma única y global de \$ 40.000.— m|n. (CUARENTA MIL PESOS MONEDA NACIONAL), como costo de la misma y que será abonada dentro de los noventa (90) días de recibida de conformidad. Los concurrentes mantendrán a disposición del Promotor sus trabajos hasta tres (3) días después de clausurada su exposición pública y los no premiados podrán retirar los originales dentro del plazo posterior que se les fije; vencido dicho plazo el Promotor procederá a destruirlos. Duplicados y triplicados quedarán en poder del Promotor.

m) *Deben considerarse como parte integrante de estas Bases los artículos 9 al 12, 14, 17, 19 al 21, 27 al 34, 36, 37, 44 al 50 y 52 al 55 del Reglamento de Concursos de la Sociedad Central de Arquitectos, así como todas las indicaciones que se agreguen al programa, planos y planillas anexas. En caso de discrepancias o contradicciones tendrá valor definitorio lo expresado en letras respecto de lo expresado en números y lo expresado en los distintos elementos según el siguiente detalle:*

- 1º) Aclaraciones e instrucciones complementarias que produzca el Asesor por orden inverso al de su emisión.
- 2º) Gráficos y planos anexos por orden inverso a su numeración.
- 3º) Programa.
- 4º) Bases.
- 5º) Reglamento de Concursos de la S. C. de A.

4. — PROGRAMA

Las construcciones a proyectar deberán resolver las necesidades que a continuación se enumeran y analizan.

I. — BIBLIOTECA

a) *Depósito General:*

Constituye el elemento básico de la Biblioteca por excelencia que debe asegurar la conservación y custodia del patrimonio cultural que encierra integrando con Referencia y el Salón Principal de Lectura una unidad funcional completa que dará carácter y sentido al edificio. Debe comunicarse con Referencia y con el Departamento Técnico.

Consta de: local(es) para estanterías metálicas de altura 2,20 m. sistema a cremallera para libros (3 millones iniciales hasta 6 millones de volúmenes); montacargas o sistemas transportadores rápidos hasta Referencia; salita(s) y locales sanitarios (ambos sexos) en piso o sectores adecuados para el personal interno. La iluminación natural debe evitar la entrada de rayos solares y la instalación eléctrica debe ser a prueba de incendios; la entrada del personal al Depósito Central se hará a través de partes comunes del edificio y controles adecuados.

b) *Referencia:*

Constituye la clave funcional del edificio, siendo su misión controlar y dar referencias al público, entregar y recibir todas las obras depositadas en la casa. Antecede en el orden de entrada al Salón Principal de Lectura y a las otras salas de lectura, teniendo comunicación con el Depósito Central.

Consta de: local para el fichero general (20 millones de fichas) que es utilizado por el público; local para el fichero general (con igual capacidad de fichas) reservado para uso del personal de la casa; oficina para el jefe de turno, con acceso directo de público; locales para entrega y recepción de obras al público y terminal del montacarga o línea de comunicación que los una con el Depósito Central.

c) *Salón Principal de Lectura:*

Constituye la parte mas noble del edificio porque es allí donde la Biblioteca presta el servicio de difusión cultural que tiene asignado.

Consta de: local (único, parcializado, subdividido, independizado) para 400 lectores simultáneamente que pueden permanecer durante todo el día y gran parte de la noche, con 10 aparatos de lectura para microfilm; sala de diccionarios (5.000 volúmenes de uso directo por el público); salón(es) de fumar; locales sanitarios (ambos sexos). Estos últimos anexos funcionarán como elementos internos del Salón Principal de Lectura a fin de que el público no salga del mismo por esos motivos.

d) *Sala de Investigadores:*

Constituye una sala de lectura reservada para investigadores, estudiosos, escritores y demás público que requiera una comodidad especial.

Consta de: local para 50 lectores simultáneos y adecuadamente independizados, con estantería para 3.000 obras de consulta directa y 5 aparatos de lectura para microfilm; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

e) *Sala Argentina:*

Constituye en sí una pequeña biblioteca especializada en obras de historia y geografía referidas a nuestro país.

Consta de: local para 50 lectores, 5 aparatos de lectura para microfilm; fichero especializado (150.000 fichas); depósito de libros (50.000 volúmenes) con mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

f) *Sala Braille:*

Constituye un servicio especial de obras impresas para no videntes, debiendo tener muy fácil y cómodo acceso.

Consta de: local para 50 lectores y aparato para audición de libros grabados; fichero especializado (50.000 fichas); depósito de libros (10.000 volúmenes especiales) con mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

g) *Sala de Música:*

Constituye un servicio especializado en música impresa y grabada.

Consta de: local para 60 personas con mesas provistas de audífonos para escuchar grabaciones y 2 aparatos de lectura para microfilm; fichero especializado (500.000 fichas); depósitos de música impresa (30.000 cajas) y de música grabada (100.000 discos) con 10 cabezas de sonido para transmitir música grabada y mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

h) *Sala de Mapas:*

Constituye un servicio especializado en mapas.

Consta de: local para 50 personas con mesas especiales y 2 aparatos de lectura para microfilm; fichero especializado (100.000 fichas); depósito de mapas (15.000 entelados y arrollados y 15.000 hojas sueltas) con mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

i) *Sala de Estampas:*

Constituye un servicio especializado en estampas y láminas sueltas.

Consta de: local para 30 personas y 2 aparatos de lectura para microfilm; fichero especializado (100.000 fichas); depósito de láminas (20.000 hojas sueltas) con mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

j) *Sala de Reservados:*

Constituye un lugar reservado para la custodia y consulta de incunables, libros raros y obras de valor especial.

Consta de: local para 30 lectores en mesas individuales y 2 aparatos de lectura para microfilm; fichero especializado (150.000 fichas); depósito de seguridad (30.000 volúmenes) con mesa de entrega y recepción de obras; salita de fumar y locales sanitarios (ambos sexos).

II. — SERVICIOS TECNICOS

Departamento Técnico:

Constituye el sector de trabajo donde se lleva a cabo el proceso catalogación, clasificación, etc., de las obras que ingresan a la biblioteca. Los distintos servicios que se cumplen en este Departamento tienen continuidad funcional en el orden de la enumeración por que convendrá desarrollarlos con esa correlación, salvo el caso de oficina de Restauración y Conservación de Libros que puede ubicarse algo alejada pero con adecuadas conexiones. El Departamento técnico remite las obras una vez procesadas al Depósito Central.

Consta de: oficina del Jefe Técnico (1 persona); oficina de Tractores (5 personas); oficina de Inventario (2 personas); oficina de catalogación (10 personas); oficina de Mapas (3 personas); oficina de Música (3 personas); oficina de Libros Raros (2 personas); oficina de Clasificación (5 personas); oficina de Topografía (3 personas); oficina de Impresión de Fichas (3 personas); oficina de Catálogos (5 personas); oficina de Bibliografía General (3 personas y estanterías para 5.000 volúmenes de referencias especializada en bibliotecología); oficina de Restauración y Conservación de Libros (equipada para desinfección y fumigación).

Recepción:

Constituye el lugar de recepción de las obras que ingresan a la biblioteca debiendo proveerse el acceso de vehículos de carga y la devoción de los volúmenes a la oficina de Inventario del Departamento Técnico.

Consta de: accesos; Mesa de Recepción (4 personas); Depósito (con estanterías para 3.000 volúmenes).

m) *Jefatura:*

Constituye bajo la denominación de "Bibliotecario Jefe" la función superior de los servicios técnicos, teniendo asimismo jurisdicción sobre las funciones internas que se cumplen en el Depósito Central, Referencia, Salón Principal de Lectura y demás salas especiales. Debe ubicarse muy próxima a Referencia y con fácil acceso de público.

Consta de: Despacho del Bibliotecario Jefe.

III. — SERVICIOS DE EXTENSION CULTURAL

n) *División de Extensión Cultural:*

Constituye una suma de actividades que tienen por objeto la realización y difusión de los actos culturales y de las publicaciones de la Biblioteca Nacional.

Consta de: Publicaciones (1 sala); Revista (1 sala); Boletín Bibliográfico Nacional (1 sala); Imprenta (1 taller); Audiciones Radiotelefónicas (1 sala); Galería de Exposiciones (libros, pintura y escultura); Sala de Conferencias (300 personas) apta para conferencias, proyecciones cinematográficas y conciertos fonoelectricos, con salita para conferencista, cabina de proyección y de sonido.

ñ) *Canje:*

Constituye un servicio de enlace para el intercambio "por canje" de obras entre la Biblioteca Nacional y otras instituciones similares o acordes. Debe tener muy fácil conexión con Recepción por cuanto la entrada y salida del material se canaliza a través de ese servicio.

Consta de: Oficina (3 personas y fichero para 20.000 fichas); Depósito (con estantería para 3.000 volúmenes).

o) *Jefatura:*

Constituye el Jefe de Extensión Cultural, el superior jerárquico de los servicios de Extensión Cultural, debiendo ubicarse con fácil acceso de público.

Consta de: Despacho del Jefe de Extensión Cultural.

IV. — SERVICIOS ADMINISTRATIVOS

p) *Secretaría:*

Consta de: Despacho del Secretario General; Mesa de Entradas y Salidas; Personal; Contaduría con sus oficinas de Sueldos, de Gastos, de Suministros y Economato; de Inventario General; Mayordomía con sus locales de portería, de serenos, de vestuario, de material de limpieza; Intendencia con sus talleres de carpintería, de electricidad, de mantenimiento, de Bomberos.

V. — OTROS SERVICIOS

q) *Estudio Fotográfico:*

Consta de: Laboratorio de fotografía equipado para microfilm, microfotografía y fotocopia; Laboratorio de revelación.

r) *Varios:*

Prever para uso del público los siguientes servicios: Guardarropa; Cabinas telefónicas; Bar.

VI. — GOBIERNO

s) *Dirección:*

Consta de: Despacho del Director; Sala de reuniones; Antesala.

t) *Vicedirección:*

Consta de: Despacho del Vicedirector; Antesala.

u) *Vivienda del Director:*

Consta de: Comedor; Estar; Dormitorios (3); Baños (2); Cocina; Dependencias de servicio.

VII. — ESCUELA NACIONAL DE BIBLIOTECARIOS

Constituye una unidad docente completa, e independiente de los demás servicios de la Biblioteca Nacional, excepto del Director y del Vicedirector de los cuales depende directamente. El movimiento de alumnos y profesores no debe interferir las actividades generales del edificio; pero la Biblioteca del Bibliotecario deberá tener fácil acceso desde Referencia.

v) *Consta de:*

Despacho del Director de la Escuela; Secretaría de la Escuela; Sala de Profesores; Aulas (3) para 50 alumnos c|u.; Salitas (3) para trabajos prácticos (20 alumnos c|u.); Depósito para material docente; Biblioteca del Bibliotecario (50 lectores y estanterías para 10.000 ejemplares) con 3 aparatos de lectura para microfilm.

VIII. — HEMEROTECA

Constituye una biblioteca completa especializada en diarios, periódicos y revistas con todos sus elementos y servicios técnicos diferenciados pues la índole del material que reúne requiere un procesado distinto, una diferente forma de archivo y posibilidad de mayor reducción a microfilm. Por ello la Hemeroteca debe y puede concebirse funcionalmente como una unidad separada, repitiendo —con las adecuaciones del caso— los servicios de la Biblioteca.

w) *Consta de:*

Depósito (500.000 ejemplares encuadernados) con estanterías especiales para tomos de gran volumen; Referencia (10 millones de fichas para uso del público y 10 millones para uso reservado); Salón de Lectura (100 lectores) con 10 aparatos de lectura para microfilm; Sala de Publicaciones Antiguas (20 lectores) con 2 aparatos de lectura para microfilm y depósito anexo (50.000 ejemplares encuadernados); Servicios Técnicos con Recepción (conectada a la Recepción de la Biblioteca), Inventario, Catalogación, Clasificación, Topografía, Control Estadístico y Fichas, Oficina de Coordinación con el Departamento Técnico de la Biblioteca; Servicios Administrativos con Personal, Portería, Serenos y Despacho del Jefe de la Hemeroteca.

IX. — LOCALES GENERALES

Como complemento de las necesidades enumeradas precedentemente habrán de considerarse los accesos, entradas, vestíbulos, circulaciones, escaleras y ascensores, sanitarios, salas de espera, guardacoches, locales de máquinas, etc., acordes con el destino del edificio y adecuados a su jerarquía, así como las instalaciones y tratamientos técnicos que aseguren la eficiencia de sus servicios centrales (electricidad, gas, teléfonos, agua y desagües, aire acondicionado, quemador de basuras, etc.).

ANEXOS

RESEÑA HISTORICA

La Biblioteca Pública de Buenos Aires, hoy Biblioteca Nacional, fué creada por resolución de la Junta Gubernativa de las Provincias del Río de la Plata, dada a conocer en "La Gazeta de Buenos Ayres", del jueves 13 de setiembre de 1810.

Es interesante anotar ciertos pasajes de dicha noticia. Después de destacar la necesidad a que se veía reducida la Junta de crearlo todo y las graves atenciones que la agobiaban, dice textualmente: "Entre tanto que se organiza esta obra, cuyo progreso se irá publicando sucesivamente, ha resuelto la Junta formar una Biblioteca Pública, en que se facilite a los amantes de las letras un recurso seguro para aumentar sus conocimientos. Las utilidades consiguientes a una biblioteca pública son tan notorias, que sería escusado detenernos en indicirlas. Toda casa de libros atrae a los literatos con una fuerza irresistible, la curiosidad incita a los que no han nacido con positiva resistencia a las letras, y la concurrencia de los sabios con los que desean serlo produce una manifestación recíproca de luces y conocimientos, que se aumentan con la discusión, y se afirma con el registro de los libros que están a mano para dirimir la disputa".

Desde 1796, personas ilustres de Buenos Aires habían advertido ya la importancia de este proyecto y, aún antes, el progresista virrey Vértiz había tomado varias medidas tendientes a realizarlo. Las diversas luchas, entre ellas las invasiones inglesas, detuvieron el desarrollo del proyecto.

Cuando estalló el movimiento de Mayo, los hombres de la Primera Junta sintieron la necesidad de propagar sus ideas de libertad por todo el ámbito del virreynato. Y así, en medio de los inconvenientes que las luchas y la inexperiencia política provocaban, encontraron, sin embargo, momento y entusiasmo para fundar la Biblioteca Pública. Como bibliotecarios, en la noticia que se refiere más arriba, fueron nombrados, según se consigna, Fray Cayetano Rodríguez y don Satur-

nino Segurola, mientras que el secretario de Gobierno, doctor Mariano Moreno, era designado Protector de la naciente institución.

Groussac considera a Moreno el verdadero y único fundador de la Biblioteca. Es conocida la lucha continua de Moreno contra los dos enemigos de América, la ignorancia y la anarquía. Su empeño en la fundación de la Biblioteca fué uno de los más dignos y valederos actos para desterrar la primera y su idea propia asegurar para la institución naciente un destino popular.

Inmediatamente después de conocida la disposición de la Junta, comenzaron a llegar las donaciones que formaron la base de la primitiva Biblioteca y que pusieron de manifiesto el entusiasmo con que el proyecto había sido recibido. Quizá el viaje de Moreno y su muerte en altamar, demoraron en más de un año la inauguración de la Biblioteca Pública, ya que ésta recién abrió sus puertas el 16 de marzo de 1812.

De los bibliotecarios designados, el doctor Segurola, que renunció antes de la instalación, fué sustituido por el doctor José Luis Chorroarín. El primer bibliotecario, Fray Cayetano Rodríguez, miembro del Congreso de Tucumán y redactor de sus sesiones, formó a Mariano Moreno y fué colaborador abnegado y continuador de la obra de su discípulo predilecto en la Biblioteca hasta 1814.

En ese año 14, le sucedió el distinguido clérigo Oriental, Dámaso de Larrañaga, quien compartió sus funciones con Chorroarín. El establecimiento de la Biblioteca Pública de Montevideo se debe al doctor Larrañaga, después de su permanencia en Buenos Aires.

Por decreto de setiembre de 1821, el gobierno de Martín Rodríguez suprimió los cargos de primero y segundo bibliotecarios, y nombró como único director al canónigo Segurola, cuya administración duró sólo algunos meses.

El ministro de Gobierno, doctor Bernardino Rivadavia, por decreto de 5 de febrero de 1822, sustituía a Segurola por el doctor Manuel Moreno. El hermano del ex-secretario de Gobierno, de regreso a Buenos Aires, fué elegido diputado a la Junta de Representantes y nombrado director de la Biblioteca. Conservó este cargo, que se ave-

nía con sus aficiones literarias, hasta su partida a Inglaterra como ministro plenipotenciario, a fines de 1828.

Durante la dirección de Manuel Moreno, dice Groussac en el prólogo del tomo I del "Catálogo Metódico de la Biblioteca Nacional", puede decirse que la Biblioteca completó su primera organización, la cual sin más cambios notables que los debidos al natural desarrollo del Establecimiento, se prolongó hasta el año 1877, en que la iniciativa del doctor Quesada preparó la transformación actual. En marzo de 1822, ante el estado ruinoso del edificio, el gobierno cedió para la institución la parte contigua de la casa alta, "la primera de las del Estado, viniendo de la Ranchería a la Imprenta de Expositos". Las salas primitivas fueron refaccionadas, con su entrada por la calle de la Biblioteca, hoy Moreno.

El personal del establecimiento no varió mucho durante medio siglo; lo componían un director, dos ayudantes y un portero. La Biblioteca, salvo los días feriados, estaba abierta al público desde las nueve de la mañana hasta las dos de la tarde.

Según el "Registro Estadístico", de 1823, la Biblioteca contaba con 17.229 volúmenes impresos. La concurrencia de lectores, según el registro del establecimiento, en ese mismo año, fué de 3.284 personas. Cincuenta años después, el inventario comprobó la existencia total de 20.104 volúmenes en la Biblioteca y en 1872, la asistencia anual no alcanzaba a 3.000 lectores. A juicio de Groussac, que investigó a fondo el pasado de nuestra Biblioteca, el significado de tal comparación no puede desconocerse "Durante medio siglo, no había logrado el establecimiento realizar un acrecentamiento material equivalente al de un sólo quinquenio de su primera época". Quizá se debió esto a la mala administración de algunas décadas y a la formación de bibliotecas particulares. El registro de asientos muestra, asimismo, el escaso movimiento bibliográfico realizado durante la tiranía de Rosas. No obstante ello cabe señalar que la joya más preciosa de nuestra Biblioteca, el Libro de Horas de Carlos el Temerario, tuvo su entrada el 23 de noviembre de 1833.

Al abandonar Manuel Moreno la dirección de la Biblioteca, fué nombrado director en 1828, el presbítero don Ignacio Grela, quien estuvo a su frente hasta 1833. Interinamente, en 1829, lo reemplazó el doctor Valentín Alsina, quien dejó un recuerdo excelente de su administración.

El presbítero doctor José María Terrero recibió su nombramiento de director de la Biblioteca el 14 de noviembre de 1833. Durante su ejercicio una comisión compuesta de tres miembros, entre ellos Valentín Alsina, informó sobre las condiciones de aquella comprobando el estado decadente del establecimiento. Aconsejaba también, entre otras medidas plausibles, la formación de un "gran catálogo bibliográfico" sobre la base de una "exacta clasificación de los conocimientos humanos". No hay constancia de que tal trabajo se llevara a cabo, aunque su realización fue aprobada según anota Groussac.

Muerto el canónigo Terrero en 1837, le sucedió el doctor Felipe de Elortondo y Palacios, sacerdote también, destituido en 1852. El archivo de la Biblioteca contiene pocas piezas ilustrativas de su actuación, tratándose, en su mayor parte, de notas y libros recibidos.

Durante el gobierno del doctor Vicente López, fué nombrado bibliotecario don Marcos Sastre. Su administración dura sólo un año, pues nombrado el 2 de marzo de 1852, fué destituido el 10 de abril del año siguiente por el gobernador Pinto. Con el nombramiento de Sastre comienza lo que Groussac llama la "laicización" de la Biblioteca, ya que hasta entonces la dirección había sido ejercida, casi exclusivamente, por clérigos.

En la dirección del doctor Carlos Tejedor, que se prolonga desde el 14 de abril de 1853 hasta el 23 de octubre de 1858, tomamos contacto con la realidad administrativa de la institución por medio de documentos e informes anuales. Al cabo de cinco años de la administración del doctor Tejedor, las condiciones generales de decadencia de la Biblioteca se vieron superadas felizmente, tanto en lo que se refiere al material bibliográfico como a la concurrencia de lectores.

Después del jurisperito Tejedor la Biblioteca pasó a ser administrada por un poeta: don José Mármol. En su larga administración

(octubre de 1858 a setiembre de 1871), se regularizó la formación de las colecciones periódicas, así como también se enriquece el material por la doble vía de la donación y de la compra.

A la muerte de Mármol, tomó la dirección de la Biblioteca pública un ilustre polígrafo argentino, el doctor Vicente Quesada. Su laboriosa administración se destaca por haber hecho un primer ensayo de técnica bibliográfica en la institución y por las reformas sustanciales introducidas en el edificio. Amplió y modernizó las salas de lectura, prolongó hasta la esquina de Perú y Moreno la vieja casa colonial, habilitando el acceso del público por la primera arteria mencionada, hizo de la comodidad en la lectura y de la organización puesta en práctica, un motivo para el aumento progresivo de los lectores porteños. Relacionó a la Biblioteca con sus similares de Europa y obtuvo del extranjero importantes envíos de muy buen material bibliográfico.

La Dirección de don Manuel Ricardo Trelles, notable archivista nombrado el 17 de abril de 1879, se prolonga hasta la cesión del establecimiento al Gobierno Nacional en 1884. Como bibliotecario dió cima a las reformas de su antecesor, inaugurando la Sala de Lectura y clasificando las obras distribuidas en sus cuatro secciones. Hacia 1882, la biblioteca poseía 32.600 volúmenes. En 1881 la concurrencia de lectores es de 7.715 personas.

La Nación recibió la Biblioteca de manos de una doble comisión el 9 de setiembre de 1884. El 5 de octubre se nombró para director al doctor José Antonio Wilde, quien fue, pues, su primer director nacional. A partir de esta fecha en las leyes del Congreso y en el Registro Nacional figura como BIBLIOTECA NACIONAL, la antigua Biblioteca Pública de Buenos Aires.

El doctor Wilde fue director tres meses, falleciendo el 13 de enero de 1885. Su labor fue breve, pero eficaz, implantándose el servicio nocturno y dotándose a la Biblioteca de una nueva reglamentación.

El 19 de enero de 1885, fué nombrado director de la Biblioteca Nacional Paúl Groussac.

Cuarenta y cuatro años consagró a las tareas directivas su nuevo director, quien, a la par que investigador incansable, se mostró biblio-

tecario capaz. Adoptó un sistema de clasificación y catalogó, en seis volúmenes publicados sucesivamente, el material bibliográfico, después de un concienzudo estudio de que dá fé el prólogo del primero de ellos.

Del mismo modo, en 1901 publicó la Biblioteca el "Catálogo de Documentos del Archivo de Indias de Sevilla", copias conseguidas debido a la intervención personal del ministro Magnasco, y en 1905 el tomo I del "Catálogo por orden Cronológico de los manuscritos relativos a América", existentes en la Biblioteca, al que siguió luego una segunda parte impresa en 1906. Fue propósito de aquella dirección facilitar a los investigadores de la historia argentina el estudio y compulsión de los documentos existentes en la sección manuscritos de la casa. La edición se agotó y hoy día es muy raro obtenerlos en plaza.

Fundó también Groussac "La Biblioteca" y los "Anales de la Biblioteca", 1896 y 1901 respectivamente, y editó dos catálogos de revistas y periódicos, excepto —de estos últimos— los de carácter político.

El 27 de diciembre de 1900, un decreto de Roca destinó para la Biblioteca el edificio que Morra terminaba para la Lotería Nacional. Un año más tarde, cumplido el traslado, aquella se libraba al público en el local que actualmente ocupa. No se conserva en el archivo de la casa ningún antecedente oficial ni oficioso de los pasos previos a este cambio. Y del acto de la inauguración solamente se guarda el discurso del director, faltando en cambio el del ministro Serú.

Con un edificio que entonces era de tipo monumental, con salas apropiadas y un excelente auditorium, Groussac inició una era de conciertos y conferencias, dirigidos los primeros por Alberto Williams y estando las segundas a cargo de diversas personalidades. Estos actos culturales fueron patrocinados por la "Asociación Conferencias de la Biblioteca" y otra similar para los conciertos, cuyos adherentes costeaban las reuniones y su organización.

Escrupuloso para consultarlas, era Groussac poco amigo de Memorias y estadísticas. Sabemos, por el Prólogo del Catálogo I que hemos mencionado, que la Biblioteca acusaba a fines de 1884, 35.149 vo-

lúmenes, que él aumentó hasta 1893 en 27.558. A su muerte, en 1929, el caudal bibliográfico de la Biblioteca era superior a 250.000 piezas. Este gran director había previsto tal crecimiento, basado en que en sus primeros ocho años de administración, duplicó lo que había recibido, y en 1901, entregaba a la consulta del público 100.000 volúmenes.

En 1911 se reglamentó la Ley 7.092 de Propiedad científica, literaria y artística. Como consecuencia de ello se creó en la Biblioteca la sección "Depósito Legal", que fué también una vía más para el ingreso de publicaciones. Tuvo así Groussac la satisfacción de que se convirtiera en ley su antiguo deseo de ver protegidos "por la equidad nacional" los derechos de los autores, mediante un instrumento jurídico que sirvió al país hasta 1933.

Don Pablo Groussac falleció el 27 de junio de 1929, quedando a cargo de la Biblioteca el vicedirector, don José Luis Lanza, hasta la designación del doctor Carlos F. Melo, para ocupar la vacante de aquél.

El doctor Melo dictó un nuevo reglamento y obtuvo del Poder Ejecutivo la creación de la Sala de Niños, que lleva su nombre. Falleció el 1º de octubre de 1931, quedando nuevamente a cargo de la dirección el señor Lanza, quien la entregó al doctor Gustavo Martínez Zuviría, treinta días después.

Durante la administración de éste último director la Biblioteca aumentó su existencia de piezas bibliográficas hasta 670.548. Publicó el tomo VII del Catálogo, el tomo II del correspondiente de Manuscritos, los de Reales Cédulas y Papeles del Deán Funes, primero de la Mapoteca, ediciones del Quijote y varios más. Se publicó la "Revista de la Biblioteca Nacional" y, entre otras, se hicieron ediciones facsimilares de "El gaucho Martín Fierro", de José Hernández y de el "Fausto", de Estanislao del Campo, reproduciéndose las correspondientes y primeras de 1872 y 1866 respectivamente. Por el mismo procedimiento se dió al público el facsímil de la "Vera historia" de Ulrico Schmidl, sobre el ejemplar de Nuremberg (1599). El doctor Martínez Zuviría cesó en sus funciones el 30 de marzo de 1955.

Por decreto de 21 de octubre de 1955 fue designado para director de la Biblioteca Nacional don Jorge Luis Borges.

La actual dirección propició la fundación de la Escuela Nacional de Bibliotecarios, establecida por decreto de 1956; inició la publicación de la segunda época de "La Biblioteca", restableció las conferencias públicas y dió impulso a la gestión del nuevo edificio que la Repartición necesita, gestión que se ha concretado en las medidas dictadas por el P. E. para que esta obra se lleve a la realidad.

BREVE CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO NA ARGENTINA ENTRE OS ANOS 50 E 80

Entre os anos 50 e 80, a história da Argentina passa por três fases políticas e econômicas distintas, e acredita-se que esses tempos se mostram refletidos nas produções arquitetônicas do país. Pode-se citar, neste sentido, o caso do Banco de Londres – também projetado por Clorindo Testa -, cujo período de desenvolvimento projetual e construtivo é marcado por um processo desenvolvimentista e de otimismo econômico; e no caso da Biblioteca Nacional, quando na fase de adequações do anteprojeto, até a conclusão de suas obras, o país passa por um momento político conturbado.

A primeira fase se apresenta entre 1943 e 1955, que compreende a ascensão e estabelecimento do Peronismo como força política e projeto nacional, até a derrubada de Juan Perón. A segunda, entre 1956 e 1975, fica caracterizada pela disputa política entre peronistas e radicais, dentro de oscilações institucionais do ambiente político, constituindo um período denominado pela historiografia argentina como “O Empate”¹. O Golpe Militar de 1976 inicia o terceiro período da história política e econômica da Argentina, marcado pelo desmonte da estrutura industrial e organização civil dada sob a época do “Empate”. A Ditadura que resulta desse golpe dura até 1982.

No primeiro governo de Perón (1946-1951), a Argentina vive uma situação econômica favorável. Graças a guerra, a produção agropecuária foi vendida a preços elevados, e segue melhorando até 1950, devido às boas colheitas e à crescente demanda de produtos alimentícios por parte dos países que sofriam com as conseqüências da guerra.

No segundo mandato (1952-1955), são mantidas as políticas de importações e investimentos em infra-estrutura de beneficiamento da indústria. Contudo, as bases da industrialização ainda não se encontram solidamente constituídas, existe a falta de investimento nos setores tradicionais ou nas estradas de ferro construídas pouco tempo

1. ROMERO, L. Breve Historia Contemporanea de la Argentina: 1916-1991. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003

antes. A má distribuição dos frutos do progresso técnico, entre outros fatores, faz com que Juan Perón seja deposto, em 1955, em um golpe organizado por seus opositores, aliados à antiga aristocracia rural primário-exportadora, ao setor financeiro, ao capital externo e a parcelas das Forças Armadas vinculadas aos interesses desses grupos.²

Em setembro de 1955, é iniciado o governo provisório do general Eduardo Lonardi, que permanece até 1958, quando Arturo Frondizi reintegra o peronismo na cena política do país. O mesmo implementa um programa econômico desenvolvimentista, que visa retirar o país da estagnação em que se encontra desde o começo da década de 50. Tal programa privilegia investimentos do Estado na indústria de base e petroquímica, além do setor de transportes. Contudo, observado o intervalo entre 1955 e 1969, caracterizado pela alternância de poder – antiperonistas e militares x peronistas -, as variáveis em jogo nas mudanças estruturais da economia argentina indicam franco crescimento da indústria, contudo, continuam os problemas com a distribuição do produto desse crescimento. Segundo o INDEC, entre meados dos anos 50 e início dos 70, a produtividade cresce 100% e os salários caem 30%; a indústria cresce 5,5% ao ano, enquanto a agricultura 1,4%.

Em 20 de junho de 1973, Juan Perón volta do exílio, e em setembro vence as eleições com sua esposa Maria Estela -"Isabelita"- como vice-presidente. De imediato, tenta realizar um "pacto social" entre empresários e trabalhadores, implantando um programa econômico nacionalista que previa a transferência de determinados setores em mãos do capital externo para o empresariado doméstico. A promoção de investimentos públicos, o estímulo às exportações, o controle de preços domésticos através do congelamento, e o fomento do mercado interno estimulariam um crescimento momentâneo da economia, que posteriormente sofreria o forte impacto negativo da crise do petróleo. A instabilidade política na Argentina aumenta e com a morte de Perón em julho de 1974 desestrutura de maneira definitiva o governo.³

Sendo assim, em 1976, o exército argentino desaloja Isabelita Perón da Casa Rosada com um golpe de estado, e instaura o regime ditatorial. Nesses tempos, os militares adotam medidas econômicas que viriam a resultar na falência de grande parte do par-

2. SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. Alicerçando o Subdesenvolvimento: História e Política Econômica na Argentina, 1943-1983. Revista de Economia Política e História Econômica. São Paulo, junho de 2008. Nº12.

3. SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. Alicerçando o Subdesenvolvimento: História e Política Econômica na Argentina, 1943-1983. Revista de Economia Política e História Econômica. São Paulo, junho de 2008. Nº12.

que industrial argentino, no desestímulo da demanda efetiva interna e na explosão o do desemprego. Além disso, a inflação acumulada no período reduziria em 40% o poder aquisitivo da remuneração dos trabalhadores; e a baixa eficiência das exportações primárias na balança comercial, associada à alta dos juros internacionais no final dos anos 70 e início dos anos 80 conduz a dívida externa argentina à estratosfera. Dessa maneira, a economia do país, cuja industrialização inconclusa regredira na última década, encontrava-se com a estrutura comprometida.

Entre 1983 e 1989, na presidência de Raúl Ricardo Alfonsín, se restabelece na Argentina a plena vigência instituições republicanas e dos direitos e garantias constitucionais. Contudo, os graves problemas econômicos que afetavam o país fazem com que o presidente renuncie. Sucede-lhe a Presidência Carlos Saúl Menem que assume em meio a uma grande crise econômica que incluía hiperinflação e recessão.

PROJETOS PREMIADOS E MENÇÕES HONROSAS DO CONCURSO DE ANTEPROJETOS PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA NACIONAL.

1° Prêmio: Arquitetos Alicia D. Cazzaniga, Francisco Bullrich e Clorindo Testa.

2° Prêmio: Arquitetos Javier Sanchez Gómez e Justo Jorge Solsona, colaboradores arquitetos Carlos Libedinsky, Flora Mantcola e Antonio Diaz.

3° Prêmio: Arquitetos Raúl Rodolfo Rivarola e Mario Francisco Soto.

4° Prêmio: Arquiteto Mario Roberto Alvarez, colaboradores Arquitetos Eduardo T. Santoro, Leonardo S. Kopiloff e Engenheiro Atílio D. Gallo.

Menção: Arquitetos Carlos Enrique Robledo e Pedro José Prioris.

Menção: Arquitetos Horacio B. Berretta, Roberto G. Boullon, Eduardo M. Bustillo e Eduardo J. Ellis, colaboradores Juan Rusiñol e Engenheiro Isaac Danon.

Menção: Arquiteto Juan M. Borthagaray, colaborador Arquiteto Horacio Baliero.

Menção: Arquiteto Macedônio Oscar Ruiz, colaboradores Ernesto Nuño e Gastón Ansuini.

Menção: Arquiteto Octavio de los Campos, colaboradores Arquitetos E. Milton Puente, Hipólito Tournier, Walter J. Bega e Daniel Montaldo.

PARECER COMPLETO DO JÚRI, PARA OS TRÊS PRIMEIROS PREMIADOS NO CONCURSO ¹:

1º Premio: Arquitetos Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga.



Fig. 01. Perspectiva de Francisco Bullrich para o anteprojeto proposto para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

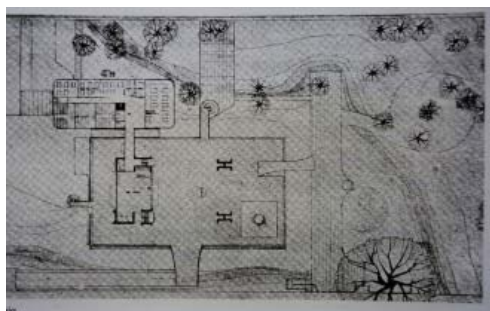


Fig. 02. Planta Baixa do pavimento térreo. Anteprojeto proposto por Testa e seus colegas para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)



Fig. 03. Maquete apresentada por Testa e seus colegas na ocasião do concurso de anteprojeto para a Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

“Anteprojeto que sobressai pelo extraordinário ajuste alcançado entre todos os componentes arquitetônicos e programáticos do problema.

Se obteve uma solução de grande equilíbrio e clareza nos aspectos funcionais, estruturais e plásticos através de um enfoque arquitetônico sintético, decidido e vigoroso.

O autor guiou-se primordialmente pelo critério de respeitar as características existentes no terreno e do entorno, valendo-se de uma impecável implantação do edifício que se localiza em um espaço sem ocupar o terreno, com uma ajustada valorização dos acessos.

O espaço exterior mantém seu caráter de protagonista da composição: atravessa livremente o edifício e esta sempre presente em todos os ambientes principais desde os quais se domina, por meio de amplas visuais, a paisagem circundante.

Essa diretriz conduziu a uma zonificação bastante clara, mas um tanto radical segundo setores independentes entre si, chegando a um conjunto caracterizado pela excessiva racionalização e separação de seus elementos.

Um setor com outro não se tocam nem se mesclam; o edifício como tal não se “sente”, porém desta forma resulta a permanente presença do lugar como espaço natural e público que recria, por sua vez, a verdadeira atmosfera unificadora do conjunto.

1. “Concurso de Anteproyectos para la construcción del edificio de la Biblioteca Nacional”. **Publicación de la Sociedad Central de Arquitectos**. Buenos Aires: n.48, 1963.

Derivado dessa diretriz projetual o público leitor deve chegar a salas de leitura por meio de elevadores, porém o júri verifica que não se caracteriza como a solução ideal, em troca não acredita que existam dificuldades ao ser uma experiência semelhante a qualquer edifício em altura. Seguindo esse conceito todo o edifício esse encontra eficazmente conectado com circulações verticais localizadas com precisão, o que gera percursos curtos para os setores internos. Não somente neste aspecto, mas também de modo geral, a solução implica grande economia, exigindo um número mínimo de pessoal auxiliar para sua atenção e funcionamento.

O desenvolvimento dos depósitos em três subsolos amplos se considerou como uma excelente solução, dado que sua máxima profundidade apenas excede o nível da calçada da Avenida Libertador e possibilita uma fácil ampliação no sentido longitudinal. Neste aspecto o júri recomenda que no projeto executivo se estude o crescimento independente do depósito da biblioteca, e da hemeroteca, dada as diferentes características técnicas que ambos serviços possuem.

O júri convém ser prudente, assim mesmo, recomendar que em sua etapa definitiva o projeto seja levemente incrementado em sua superfície geral, já que as relações das superfícies parciais são corretas, também deverá ter-se a precaução de promover a proteção visual e sonora para a zona de leitura e conseguir uma melhor vinculação do público entre a biblioteca dos bibliotecários e a principal.

Contudo, é um trabalho que evidencia a grande qualidade de desenho, em um edifício que se destacará por sua perfeita adequação ao lugar e ao meio técnico cultural de nosso país.”

2° Prêmio: Arquitetos Javier Sanchez Gómez e Justo Jorge Solsona, colaboradores arquitetos Carlos Libedinsky, Flora Mantcola e Antonio Diaz.

“Trabalho de grande vôo lírico, de acordo com a importância do tema e do lugar. Suas formas, embora pouco vistas anteriormente, destacariam o edifício com características muito singulares, alertando a sensibilidade até novos caminhos formais e estruturais.

Ocupa o terreno, em superfície, respeitando as características físicas do mesmo, porém a força da massa criada alteraria no terreno e no entorno, a escala e fisionomia que lhes era própria. Essa circunstância se acentua se colocarmos em pauta que o espaço interno se dissocia sensorialmente do meio externo, apesar do fechamento envidraçado perimetral com o qual é arrematada a cobertura.

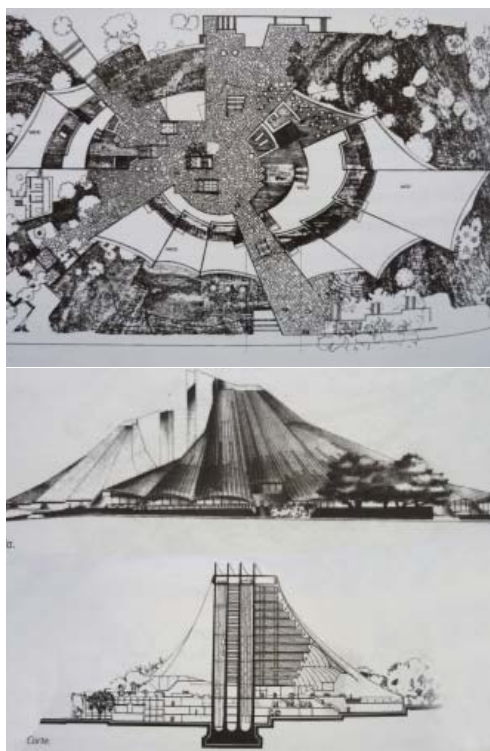


Fig. 04. 2º Prêmio do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

Os acessos do edifício foram resolvidos com um alto nível de eficácia, indicando até um espaço fortemente caracterizado como é a praça de ingresso entre os dois edifícios, muito acertada em sua concepção, uso e tratamento.

A solução se baseia em uma acertada intenção de separar em dois edifícios autônomos e caracterizados, a biblioteca e a hemeroteca, sem que percam sua vinculação interna e conseguindo em alto grau a unidade formal entre eles.

A questão da ampliação dos depósitos foi solucionada para com o tempo atingir a capacidade levada ao seu extremo (seis milhões de exemplares). Entende-se que neste caso, ao construir entre pisos em forma progressiva se originaria enormes vazios nos momentos iniciais que desequilibrariam a capacidade interna tal como foi projetada, com possível influência negativa no comportamento estrutural.

É excelente o critério de distribuição de todos os ambientes de uso público facilmente acessíveis desde um “coração” de ingresso tal como expõe o autor em seu memorial descritivo. O critério suficientemente claro de resolução dos ambientes principais não se manteve no que diz respeito à distribuição e inter relação entre as zonas de governo, administração, serviços técnicos e subsolos de serviço.

Não se entende porque o projetista demarcou o traçado das plantas do subsolo sobre as projeções dos elementos da cobertura principal que é independente, torturando assim, de modo desnecessário a conformação espacial dos mesmos.

Existe uma coerente identificação entre a concepção geral do edifício e a estrutura, e fechamentos adotados. Contudo, não escapa ao júri as graves dificuldades construtivas que sua realização teria em nosso meio.

Em síntese, é uma arquitetura livre de preconceitos e criativa que mantém, apesar da liberdade aparente de suas formas, uma poderosa coerência funcional, formal, espacial e estrutural, ainda que o júri mantém certas reservas se seria mantido a hierarquia da idéia através de sua concretização com materiais, encontros e detalhes.”

3º Prêmio: Arquitetos Raúl Rodolfo Rivarola e Mario Francisco Soto.

“A recriação quase total do terreno realizada neste trabalho é concordante com a solução geral que se propõe o projetista, porém, frente ao projeto deve-se ressaltar que esse novo terreno foi diluído em um tratamento bastante cenográfico com circulações pouco claras e onde o projetista abusou de múltiplos e pequenos efeitos.

A solução geral dos acessos se considera confusa, especialmente para o público que chega pela Rua “Austria”. O partido, de modo geral, é interessante, obtido através de uma série de volumes relacionados e conjugados com a torre central de depósitos que constitui o núcleo de distribuição de livros, porém frente a isso as circulações internas sentem a falta de clareza, tanto para o público, para os funcionários, tanto no sentido vertical como no horizontal.

Verifica-se uma solução funcional feliz dos depósitos ligeiramente enterrados, porém, deve-se assinalar o número excessivo de pisos e a localização de um mesmo bloco de depósitos para biblioteca e hemeroteca obrigaria fazer uso de um excessivo número de funcionários.

O aspecto estrutural e construtivo se considera coerente e bem organizado, no que diz respeito aos elementos portantes e suas recíprocas relações.

O trabalho tem valores plásticos e espaciais, o que constitui o fundo primordial de todo estudo, porém o júri não deixa de assinalar também que esses valores por momentos se ressentem frente a certas licenças, tal como, a grande altura de alguns espaços para o simples efeito de manter um friso contínuo no bloco; ou o singular tratamento e cobertura propostos para o salão de atos, o qual, nestas condições não cumpriria com suas verdadeiras funções.

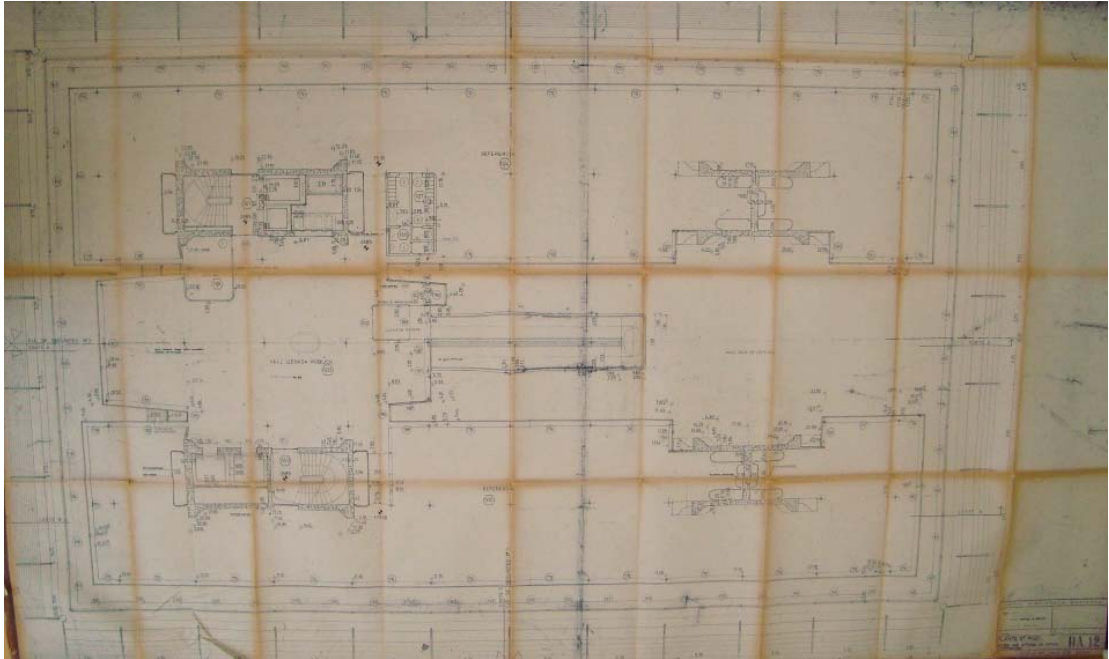
Seguindo esse pensamento, cabe ressaltar que o elemento distributivo como o hall de acesso é bastante amplo e geraria dúvidas no uso das circulações verticais.

Em suma, o valor primordial desse trabalho se fundamenta em sua forte expressão plástica externa, com características fortes, que o singularizaria dentro do aglomerado urbano por seu posto de manifesto em forma suficientemente clara.”

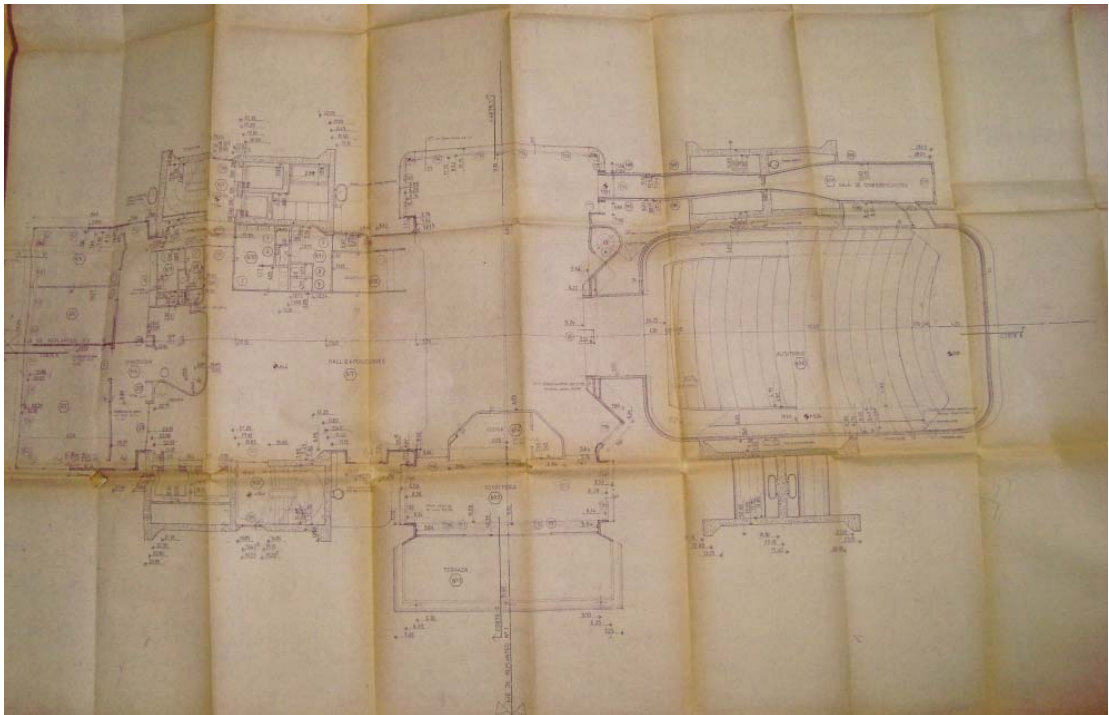


Fig. 05. 3º Prêmio do Concurso de Anteprojetos para a construção do edifício da Biblioteca Nacional. (Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.)

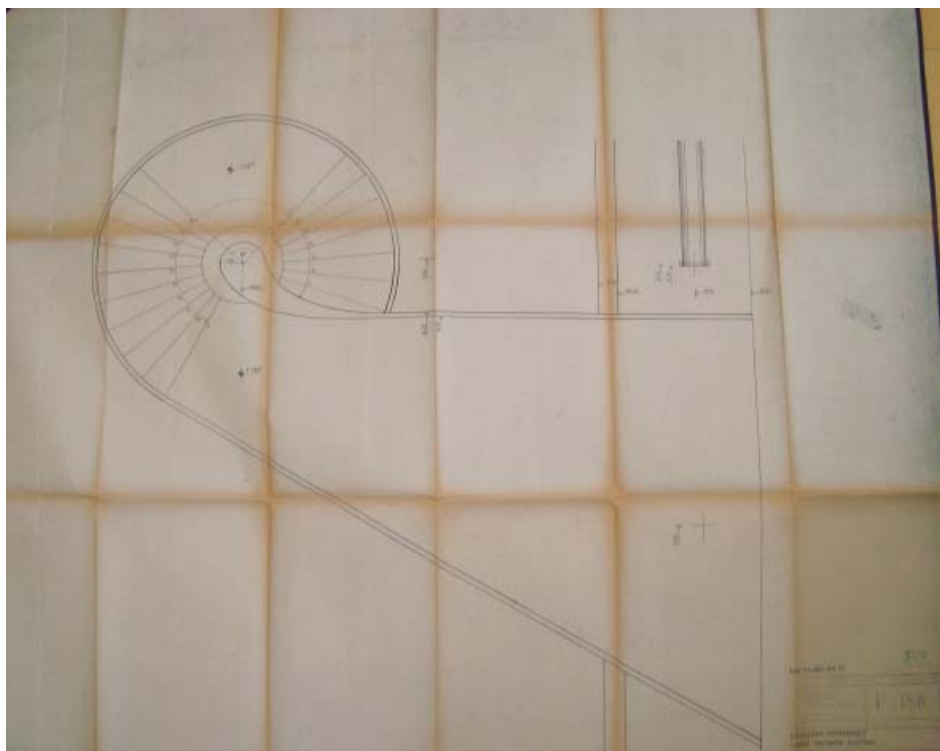
ALGUMAS IMAGENS DAS PLANTAS BAIXAS DO PROJETO EXECUTIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL



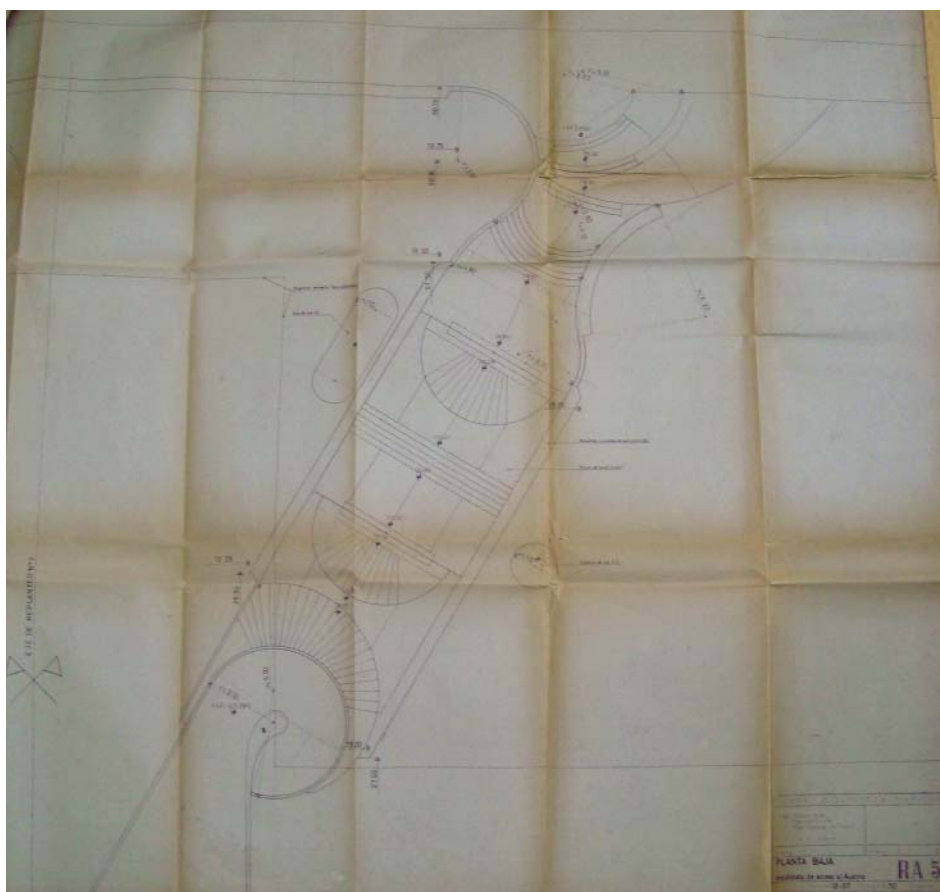
Planta Baixa 6º Pavimento.

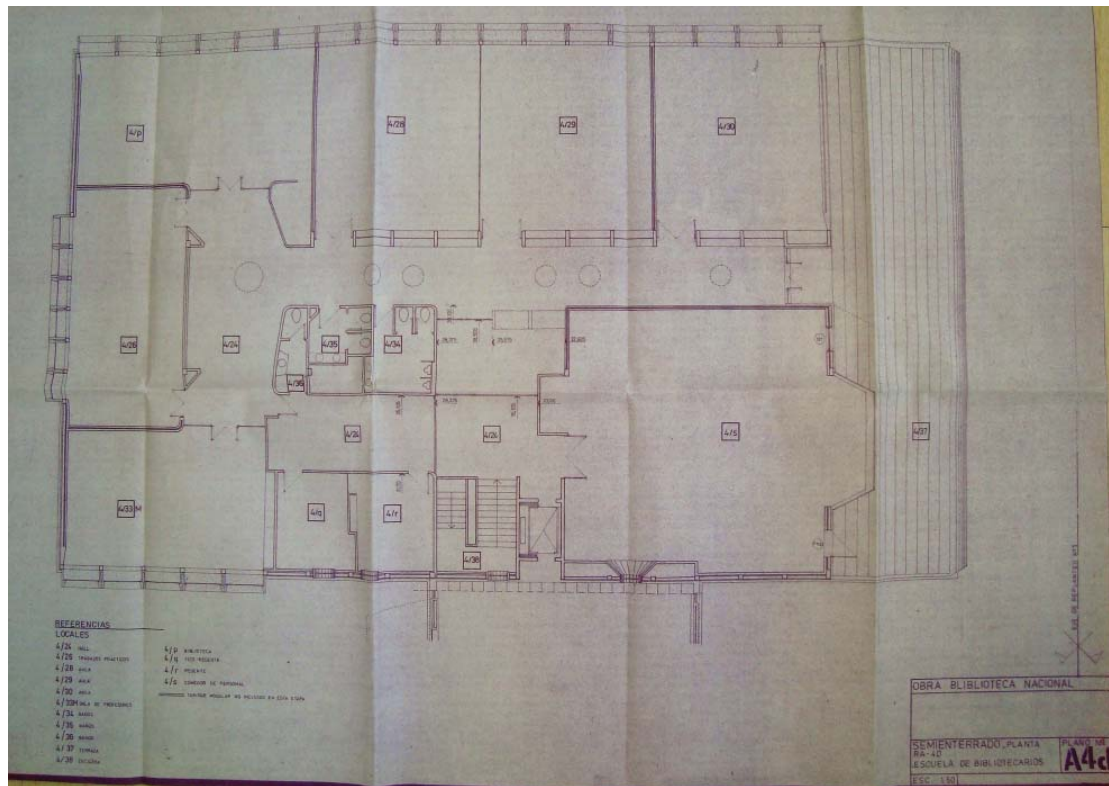


Planta Baixa 1º Pavimento.

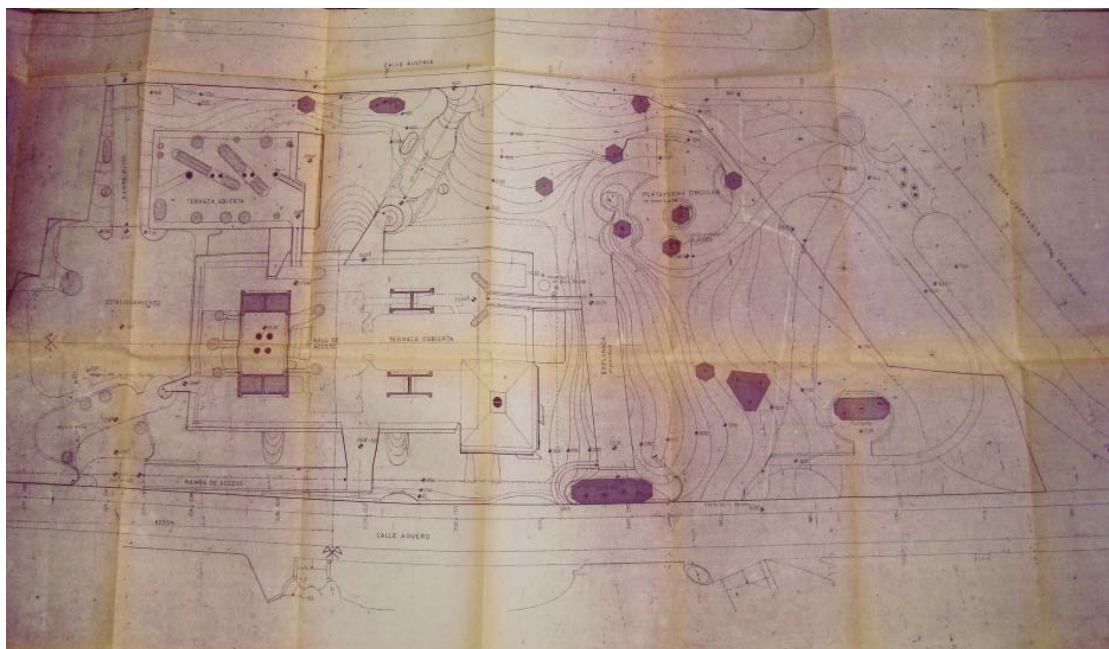


Planta Baixa da escada de acesso à esplanada pela Rua Áustria.





Planta Baixa da escola de bibliotecários.



Planta Baixa Têrreo com entorno.

OBRAS/PROJETOS DE DESTAQUE DE CLORINDO TESTA NOS PRIMEIROS ANOS DA SUA CARREIRA

1951/1960

Câmara Argentina de la Construcción

Concurso Nacional de Anteprojetos, 1° Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Paseo Cólón, 823 – BsAs

Área total de projeto: 11.000m²

1953

Centro de vacaciones para 5000 personas

Concurso Nacional de Anteprojetos, 3° Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Los Reartes, Calamuchita, Córdoba

Área total de projeto: 25.000m²

1954

Municipalidad de Córdoba

Concurso Nacional de Anteprojetos, 4° Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: La Cañada, Caseros, Paseo Sobremonte y 27 de Abril, Córdoba.

Área total de projeto: 15.000m²

1955/1956

Terrazas y templetas de acceso a los panteones subterráneos de los cementerios de la Chacarita y Flores

Projeto como membro da Comissão de Urbanismo da cidade de BsAs.

Localização: Cemitérios da Chacarita e Flores, BsAs

1955/1963

Centro Cívico de Santa Rosa. Casa de Gobierno, Ministerios e Estación Terminal de ómnibus

Concurso Nacional de Anteprojetos, 1º Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Centro Cívico de Santa Rosa, La Pampa

Área total de projeto: 25.000m²

1956/1957

Comisarías em Misiones

Concurso Nacional de Anteprojetos, 1º Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Cinco diferentes localizações, Misiones

Área total de projeto: 500m²

1956/1957

Unidades sanitarias em Misiones

Concurso Nacional de Anteprojetos, 1º Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Sete diferentes localizações, Misiones

Área total de projeto: 350m²

-
- 1957** Escuelas em Misiones
Concurso Nacional de Anteprojetos, 2° Prêmio
Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi
Localização: diversas localizações, Misiones
Área total de projeto: 1.000m²
- 1957/1959** Paradores turísticos em Misiones
Concurso Nacional de Anteprojetos, 1° Prêmio
Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi
Localização: Três diferentes localizações, Misiones
Área total de projeto: 1.050m²
- 1958** Plan Regulador de Mar del Plata
Concurso de Antecedentes
Equipe: Grupo UR. Ernesto Arancibia, Juan Duprat, Sergio Fernández Pico, Francisco García vázquez, Manuel Paz, Eduardo Sarrailh, Odília Suárez.
Localização: Mar del Plata, BsAs
- 1958** Unidades de vivienda en torre para el Banco Hipotecario Nacional
Concurso Nacional de Anteprojetos, 2° Prêmio
Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi
Localização: La Boca, BsAs
Área total de projeto: 30.000m²

1958

Edificio Flota Fluvial del Estado

Concurso Nacional de Anteprojetos, 2º Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Avenida Leandro N. Alem y Viamonte, BsAs

Área total de projeto: 10.000m²

1959

Monumento a Batlle y Ordóñez

Concurso Internacional, 3º Prêmio

Equipe: SEPR. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Colaborador: Manuel Ignacio Net

Localização: Montevideo, Uruguai

1959/1960

Urbanización de Catalinas Norte

Projeto como membro da Organização do Plano Regulador.

Equipe: Francisco Garcia Vázquez, Jorge Goldemberg, Eduardo Sarrailh, Odilia Suárez, Ítala Fulvia Villa

Localização: Catalinas Norte, BsAs

1959/1966

Banco de Londres y América del Sur, casa central

Concurso Privado de Anteprojetos, 1º Prêmio

Equipe: SEPR. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Rua Bartolomé Mitre e Reconquista, BsAs.

Área total de projeto: 28.000m²

1961/1996

Biblioteca Nacional

Concurso Nacional de Anteprojetos, 1° Prêmio

Equipe: Francisco Bullrich, Alicia Cazzaniga de Bullrich

Localização: Plaza Rubén Darío, BsAs

Área total de projeto: 40.000m²

1963/1964

Instituto Torcuato Di Tella

Equipe: Francisco Bullrich

Localização: Florida, 940 - BsAs

Área total de projeto: 3.000m²

1964

Urbanización de la Zona Sur del Gran Buenos Aires

Equipe: Túlio Martini, Eduardo Sarrailh, Odília Suárez, Eduardo White

Colaboradores: Berardo Dujovne, Oscar Fisch

Localização: Zona Sur del Gran Buenos Aires

1964

Universidade de La Pampa

Concurso Provincial de Anteprojetos, 1° Prêmio

Equipe: Boris Dabinovic, Augusto Gaido, Francisco Rossi

Localização: Santa Rosa, La Pampa

Área total de projeto: 6.500m²

1964

Campus de la Fundación Bariloche

Equipe: Francisco Bullrich, Alicia Cazzaniga de Bullrich

Localização: Llao Llao, Rio Negro

Área total de projeto: 16.620m²

1964/1965

Banco de Londres y América del Sur, sucursal Avenida Santa Fe y Junín

Equipe: SEPRA. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Av. Santa Fé e Junín, BsAs.

Área total de projeto: 1.300m²

1965

Campus de la Universidad de Dublin

Equipe: Francisco Bullrich, Alicia Cazzaniga de Bullrich

Localização: Dublin, Irlanda

Área total de projeto: 40.000m²

1966

Câmara de Diputados de la Nación, anexo

Concurso Nacional de Anteprojetos, Menção Honrosa

Equipe: SEPRA. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Av. Rivadavia e Riobamba, BsAs.

Área total de projeto: 45.000m²

1967

Banco de Londres y América del Sur,

Sucursal Harrods

Equipe: SEPRA. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Harrods, BsAs.

Área total de projeto: 1.300m²

1967/1968

Casa Michel-Robirosa

Colaborador: Raúl Marconi

Localização: Lomas de San Isidro, BsAs

Área total de projeto: 400m²

1968

Pabellón Argentino en la Feira del Campo

Medalha de ouro – Melhor pavilhão estrangeiro

Equipe: SEPRA. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Feira del Campo, Madrid, Espanha.

Área total de projeto: 800m²

1968

Hotel em Bariloche

Equipe: Francisco Bullrich

Localização: San Carlos de Bariloche, Rio Negro

Capacidade: 200 a 300 unidades de habitações

1969

Edifício Unión Industrial Argentina

Concurso Nacional de Anteprojetos, 2º Prêmio

Equipe: SEPRA. Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos, Alfredo Agostini.

Localização: Catalinas Norte, BsAs.

Área total de projeto: 32.000m²**1969**

Edifício Olivetti, sucursal Rosário

Equipe: Miguel Angel Césari, Héctor Lacarra, Manuel Ignacio Net

Localização: Boulevard Oroño e Córdoba, Rosário, Santa Fe.

Área total de projeto: 3.100m²**1969**

Facultad de Leyes, Universidad Nacional de Córdoba

Concurso Nacional de Anteprojetos, 3º Prêmio

Equipe: Francisco Bullrich

Localização: Cidade Universitário, Córdoba

1969

Hospital San Vicente de Paul

Concurso Nacional de Anteprojetos, 2º Prêmio

Equipe: Héctor Lacarra

Localização: Óran, Salta.

Área total de projeto: 13.500m². Nº de leitos: 250

1969

Hospital Nacional de Odontología

Concurso Nacional de Anteprojetos, 4° Prêmio

Equipe: Héctor Lacarra

Localização: Complejo Hospitalario Rivadavia – Peralta Ramos, BsAs.

1969/1970

Casa Guido Di Tella

Equipe: Hevia Paul, Irene van der Poll

Localização: Arribemos 1360, BsAs

Área total de projeto: 700m².

1969/1971

Hospital Italiano, ampliação

Equipe: Félix Aleman, Raúl Servente

Localização: Cangallo y Gascón, BsAs

Área total de projeto: 6.000m². N° de leitos: 400

